



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E SABERES NA AMAZÔNIA  
- PPGLSA

ANTONIA EDYLANE MILOMES SALOMÃO

**Estudo Terminológico das Plantas Medicinais da Comunidade  
Remanescente de Quilombola de Pimenteiras, Santa Luzia do  
Pará - PA**

BRAGANÇA-PARÁ  
2015

**ANTONIA EDYLANE MILOMES SALOMÃO**

**Estudo Terminológico das Plantas Medicinais da Comunidade  
Remanescente de Quilombola de Pimenteiras, Santa Luzia do  
Pará - PA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, da Universidade Federal do Pará - Campus de Bragança, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raimunda Benedita Cristina Caldas

BRAGANÇA-PARÁ  
2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFPA

---

Salomão, Antonia Edylane Milomes, 1978 –

Estudo terminológico das plantas medicinais da comunidade remanescente de quilombola de Pimenteiras, Santa Luzia do Pará - PA / Antonia Edylane Milomes Salomão. - 2015.

Orientadora: Raimunda Benedita Cristina Caldas.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Campus de Bragança, Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, Bragança, 2015.

1. Linguagem e Línguas. 2. Plantas medicinais -Terminologia. 3. Palavras e expressões. 4. Quilombos - Santa Luzia do Pará(PA). 5. Quilombolas - Santa Luzia do Pará(PA). I. Título.

CDD 23. ed. 401.4

---

ANTONIA EDYLANE MILOMES SALOMÃO

**Estudo Terminológico das Plantas Medicinais da Comunidade  
Remanescente de Quilombola de Pimenteiras, Santa Luzia do  
Pará - PA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação  
em Linguagens e Saberes na Amazônia, da Universidade Federal do  
Pará - Campus de Bragança, como requisito para obtenção do título de  
Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia.  
Área de concentração: Leitura e Tradução Cultural

Aprovada em: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

Parecer Final: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raimunda Benedita Cristina Caldas (UFPA-Campus de Bragança)  
Orientadora

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Elias Maurício da Silva Rodrigues (UFRA-Campus Capanema)  
Membro Externo

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tabita Fernandes da Silva (UFPA-Campus de Bragança)  
Membro Interno

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Lúcia Reis Rodrigues (UFPA-Campus de Castanhal)  
Suplente

Dedico este trabalho ao meu esposo, Haroldo Jorge, e minha filha, Maria Lorena, pelo apoio incondicional e constante incentivo. Aos meus familiares e amigos, pela paciência, incentivo e amizade.

## AGRADECIMENTOS

A DEUS,

Ele colocou pessoas tão especiais a meu lado, sem as quais não conseguiria alcançar e nem superar as dificuldades dessa caminhada. Meu eterno louvor e gratidão ao Senhor de minha alma. Obrigada sempre!

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raimunda Benedita Cristina Caldas,

Por acreditar em mim, me mostrar o caminho da ciência, por ser exemplo de profissional e de mulher, a qual sempre será modelo na minha vida. Muitíssimo obrigada!

Aos Professores,

Profa. Dra. Raimunda Benedita Cristina Caldas, Prof. Dr. Günter Karl Pressler, Profa. Dra. Sylvia Maria Trusen, Profa. Dra. Carmen Lucia Reis Rodrigues, Profa. Dra. Tabita Fernandes da Silva, Profa. Dra. Roberta Alexandrina da Silva, Prof. Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes, Prof. Dr. Pedro Petit Peñarrocha, Profa. Dra. Georgina Negrão Kalife Cordeiro, Prof. Dr. Flavio Leonel Abreu da Silveira, Prof. Dr. Luis Junior Costa Saraiva, Prof. Dr. Salomao Antonio Mufarrej Hage, Profa. Dra. Nilsa Brito Ribeiro, Profa. Dra. Maria do Perpetuo Socorro Galvão Simões, pelas contribuições nas disciplinas ministradas e no curso em geral. Obrigada a todos!

Ao Prof. Dr. Elias Maurício,

Pela amizade que transcende ao tempo, pelo incentivo e contribuição para que eu pudesse realizar esse sonho. Meu sincero e especial obrigada!

Ao Prof. Dr. Jair Cecim,

Que me fortaleceu e me fez tentar, não ser a melhor, mas fazer o melhor de mim. Obrigada!

À senhora Domingas Alves,

Suas contribuições foram basilares nesse estudo. Sempre disponível e disposta a ajudar com seus saberes, a senhora me fez enxergar que existe um mundo infinito de conhecimentos que ultrapassam gerações, através das lutas e das conquistas alcançadas pela força de um povo. Muito obrigada por tudo!

À senhora Nazaré Guirard,

Que se mostrou incansável e atenciosa, contribuindo significativamente com informações fundamentais nos trabalhos com as plantas e respeito à natureza. Sempre obrigada!

Aos moradores quilombolas de Pimenteiras,

Por me receberem e acolherem na comunidade, respeitando e contribuindo espontaneamente para que o trabalho demonstrasse sua história e identidade. Todos merecem meu eterno agradecimento!

Aos meus pais, Zaqueu Alves e Lucia Salomão,  
A quem amo muito, obrigada pelo carinho, paciência e incentivo. Meu infinito agradecimento... Amo muito vocês!

Aos meus irmãos, José Weliton e Maria Helem,  
Pela dedicação e auxílio nos momentos difíceis vividos em nossas vidas. Obrigada!

Ao meu esposo Haroldo Jorge,  
Meu amor que sempre acreditou em minha capacidade, meu companheiro que se dedicou espontaneamente a me acompanhar, ajudar e me equilibrar nos momentos de dificuldades. Devido ao seu companheirismo, amizade, paciência, compreensão, apoio, alegria e amor, este trabalho pôde ser concretizado. Obrigada por ter feito do meu sonho o nosso sonho. Te amo!

À minha pequena e amada filha, Maria Lorena,  
Sua presença em minha vida trouxe um incentivo a mais para continuar. Não é por mim, mas por você, meu amor, que sempre busco alcançar e ser o melhor. Amo você, meu cheirinho!

As amigas Alaíce Pereira, Alcilene Morais, Sara do Socorro,  
Que diretamente fizeram parte desses momentos, sempre me ajudando e incentivando. Meu eterno agradecimento pela amizade. Valeu meninas!

As amigas do Mestrado,  
Pelos momentos divididos juntos, especialmente à Myrceia, à Michelly, Adriana, Elizabete e Aldilene, que se tornaram verdadeiras amigas e tornaram mais leve meu trabalho. Obrigada por dividir comigo as angústias e alegrias, e ouvirem minhas bobagens. Foi bom poder contar com vocês!

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia,  
Por abrir as portas para que eu pudesse realizar este sonho, que é a minha Dissertação de Mestrado. Vocês proporcionaram-me mais que a busca de conhecimento técnico e científico, mas uma lição de vida. Ninguém vence sozinho... OBRIGADA A TODOS!

“Há um casamento que ainda não foi feito no Brasil: entre o saber acadêmico e o saber popular. O saber popular nasce da experiência sofrida, dos mil jeitos de sobreviver com poucos recursos. O saber acadêmico nasce do estudo, bebendo de muitas fontes. Quando esses dois saberes se unirem, seremos invencíveis.”

Leonardo Boff (1938)

## RESUMO

O presente trabalho traz um levantamento dos termos sobre as plantas de uso medicinais catalogados e utilizados pelos moradores remanescentes de quilombola da comunidade de Pimenteiras, pertencente à cidade de Santa Luzia do Pará, no Estado do Pará, cujo procedimento de análise parte de conhecer as práticas dos saberes no fazer uso das plantas medicinais nessa comunidade. Foram elencados aspectos relacionados com a comunidade, suas origens e seus saberes sobre as plantas medicinais que se tornaram símbolo de identificação cultural dos moradores quilombolas. Assim, nosso propósito é mostrar que a linguagem é algo que identifica e marca as características de um grupo ou de um indivíduo, do mesmo modo que a língua de especialidade sobre as plantas de uso medicinal utilizada pelos moradores quilombolas revela uma identidade cultural forte desse grupo. Os estudos terminológicos de Krieger e Finatto (2004) serviram de base para analisarmos os termos e suas especificidades no contexto particular da linguagem, assim como a abordagem socioterminológica de Faulstich (1994, 1995, 1996, 2001, 2003, 2006) propiciou observar, por meio dos termos, suas construções, variações e definições no que concerne ao conhecimento repassado entre as gerações. Construimos este trabalho utilizando uma metodologia com instrumentos usados antes, durante e após a pesquisa para a análise dos dados coletados. Os recursos da informática, entrevistas, transcrições de diálogos orais, fichas terminológicas e registro de imagens foram alguns dos métodos usados na construção do trabalho. Em suma, observamos que o saber da cura por meio das plantas medicinais está preservado na memória e na língua dos moradores quilombolas da comunidade de Pimenteiras.

**Palavras-chave:** Plantas Mediciniais. Saber Tradicional. Identidade Cultural. Terminologia. Socioterminologia. Termo.

## ABSTRACT

This paper presents a survey of the terms on the medicinal use of plants cataloged and used by the remaining residents of Pimenteiras community maroon belonging to the city of Santa Luzia do Pará in the state of Para, whose analysis procedure of knowing the practices of knowledge to make use of medicinal plants in this community. Aspects of the community were listed, their origins and their knowledge about medicinal plants that have become a symbol of cultural identification of quilombo residents. So our purpose is to show that language is something that identifies and marks the characteristics of a group or an individual, just as the specialty of language on the medicinal use of plants used by the quilombo residents reveals a strong cultural identity of this group. The terminology studies Krieger and Finatto (2004) formed the basis for reviewing the terms and their specificities in the particular context of language, as well as socioterminological approach Faulstich (1994, 1995, 1996, 2001, 2003, 2006) led to observe through terms of their buildings, variations and definitions concerning the knowledge passed on between generations. We developed this work using a methodology tools used before, during and after searching for the analysis of the collected data, computer's resources, interviews, oral dialogue transcripts, terminology records, image recording these were some of the methods used in the development of the work. In short, we see that the knowledge of healing through herbs are preserved in memory and language of the quilombo residents in Pimenteiras community.

**Keywords:** Medicinal Plants. Traditional knowledge. Cultural identity. Terminology. Socioterminology. Term.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01 – Início da cerimônia na casa do morador mais antigo da comunidade.....	33
Fotografia 02 – Procissão pela comunidade de Pimenteiras.....	33
Fotografia 03 – Imagem coberta de fitas coloridas pelas graças alcançadas.....	34
Fotografia 04 – Devoção e Fé renovada.....	35
Fotografia 05 – Resultado da colheita em oferenda.....	36
Fotografia 06 – Bênçãos com águas e plantas aromáticas.....	37
Fotografia 07 – Nossa Senhora do Livramento.....	37
Fotografia 08 – Centro Popular Biosaúde Pornusena.....	44
Fotografia 09 – Local de realização dos trabalhos com o bioenergético.....	44
Fotografia 10 – Desenhos da anatomia e fisiologia para conhecer os pontos do exame e o funcionamento do organismo.....	45
Fotografia 11 – Salsa dissecada.....	45
Fotografia 12 – Canela dissecada.....	46
Fotografia 13 – Vinagreira dissecada.....	46
Fotografia 14 – Mucuracá.....	95
Fotografia 15 – Folha do Mucuracá.....	95
Fotografia 16 – Erva de Jabuti.....	98
Fotografia 17 – Folha da Erva de Jabuti.....	98
Fotografia 18 – Noni.....	100
Fotografia 19 – Folha do Noni.....	100
Fotografia 20 – Pataca.....	102
Fotografia 21 – Folha da Pataca.....	102
Fotografia 22 – Pau-de-muquem, Assa-peixe ou Mata Pasto .....	105
Fotografia 23 – Folha do Pau-de-muquem.....	105
Fotografia 24 – Vassoura de botão.....	108
Fotografia 25 – Folha de Vassoura de botão.....	108
Fotografia 26 – Nambu Tutano.....	110
Fotografia 27 – Folha do Nambu Tutano.....	110
Fotografia 28 – Paratudo.....	115
Fotografia 29 – Folha do Paratudo.....	115
Fotografia 30 – Gergelim Branco.....	118
Fotografia 31 – Folha do Gergelim Branco.....	118
Fotografia 32 – Urucum Vermelho.....	121
Fotografia 33 – Folha do Urucum Vermelho.....	121
Fotografia 34 – Erva de Passarinho.....	123
Fotografia 35 – Folha da Erva de Passarinho.....	123

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ficha terminológica do termo Mucuracá.....	96
Quadro 2 – Ficha terminológica do termo Erva de Jabuti.....	98
Quadro 3 – Ficha terminológica do termo Noni.....	100
Quadro 4 – Ficha terminológica do termo Pataca.....	103
Quadro 5 – Ficha terminológica do termo Pau-de-Muquem.....	105
Quadro 6 – Ficha terminológica do termo Vassoura de Botão.....	108
Quadro 7 – Ficha terminológica do termo Nambu Tutano.....	110
Quadro 8 – Ficha Terminológica do termo Quebra Pedra Roxo.....	112
Quadro 9 – Ficha terminológica do termo Paratudo.....	115
Quadro 10 – Ficha terminológica do termo Gergelim Branco.....	118
Quadro 11 – Ficha terminológica do termo Urucum Vermelho.....	121
Quadro 12 – Ficha terminológica do termo Erva de Passarinho.....	123

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
2	<b>PIMENTEIRA: OS SABERES NA IDENTIDADE DA COMUNIDADE QUILOMBOLA</b> .....	18
2.1	A ORIGEM DO TERMO QUILOMBOLA.....	19
2.1.1	<b>Remanescentes: o que restou?</b> .....	22
2.1.2	<b>Os Remanescentes de Quilombolas de Pimenteiras</b> .....	25
2.2	COMUNIDADE DE PIMENTEIRAS: AS RAÍZES DE UM POVO.....	28
2.2.1	<b>Ladainha à Nossa Senhora do Livramento</b> .....	31
2.2.2	<b>AQUAFAP: O desenvolvimento e valorização da comunidade quilombola nos saberes das plantas medicinais</b> .....	39
2.2.3	<b>Como tudo começou: o trabalho com o Bioenergético</b> .....	42
2.3	SABER E/OU CONHECIMENTO: AS PLANTAS MEDICINAIS EM PIMENTEIRAS.....	47
2.3.1	<b>Comunidade Tradicional: sujeitos de saberes</b> .....	51
2.3.2	<b>A presença do gênero nos saberes das plantas medicinais</b> .....	53
2.3.3	<b>Domingas: a relação com a comunidade e com os saberes</b> .....	55
2.3.4	<b>A Identidade Cultural no saber sobre as plantas medicinais</b> .....	58
3	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	61
3.1	A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA NA IDENTIDADE CULTURAL.....	62
3.1.1	<b>Plantas Medicinais: conhecimento científico e popular</b> .....	65
3.2	A IMPORTÂNCIA DA TERMINOLOGIA NOS ESTUDOS ESPECIALIZADOS.....	68
3.2.1	<b>A variação dos termos na linguagem especializada</b> .....	70
3.3	SOCIOTERMINOLOGIA: A LINGUAGEM NO ÂMBITO SOCIAL.....	73
3.3.1	<b>A valorização e popularização do conhecimento popular à luz da Socioterminologia</b> .....	76
3.3.2	<b>Termo: a base do estudo Socioterminológico</b> .....	79
4	<b>METODOLOGIA</b> .....	85
4.1	PLANEJAMENTO DA PESQUISA DE CAMPO NA COMUNIDADE DE PIMENTEIRAS.....	86
4.2	A PESQUISA DE CAMPO.....	87
4.3	PROCEDIMENTOS UTILIZADOS PARA O TRATAMENTO DOS DADOS.....	89
4.3.1	<b>Entrevistas</b> .....	89
4.3.2	<b>Recursos de análise dos dados</b> .....	90
4.3.3	<b>Termos Catalogados</b> .....	90
5	<b>ANÁLISE DOS TERMOS DE PIMENTEIRAS: A IDENTIDADE DE UM POVO</b> .....	92
5.1	MUCURACÁ.....	94
5.2	ERVA DE JABUTI.....	97
5.3	NONI.....	100
5.4	PATACA.....	102
5.5	PAU-DE-MUQUEM.....	104
5.6	VASSOURA DE BOTÃO.....	107
5.7	NAMBU TUTANO.....	109
5.8	QUEBRA PEDRA ROXO.....	112
5.9	PARATUDO.....	114

5.10	GERGELIM BRANCO.....	117
5.11	URUCUM VERMELHO.....	120
5.12	ERVA DE PASSARINHO.....	122
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>127</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>132</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>143</b>

## 1 INTRODUÇÃO

“Sou apenas um escritor. Um cultivador. Um jardineiro. Um florista. A minha felicidade flutua entre o estrume que deponho na raiz das palavras e o aroma que me excita quando acabo de as colher”.

Joaquim Pessoa (1948)

A língua traz em seu contexto a identidade cultural de um povo? A partir desta questão procuramos discorrer na presente dissertação sobre o “Estudo Terminológico das Plantas Medicinais da Comunidade Remanescente de Quilombola de Pimenteiras, em Santa Luzia do Pará – PA”. As experiências vividas em grande parte de minha vida na cidade de Santa Luzia do Pará me fizeram conhecer diversas comunidades próximas à região, comunidades com características fortes que marcam a identidade dos moradores e de toda sociedade luziense.

Por conhecer e vivenciar os saberes e a cultura das comunidades de Santa Luzia do Pará, escolhemos, particularmente, a comunidade de Pimenteiras, por ser uma região rica em sua biodiversidade, e por querer mostrar os saberes que os moradores quilombolas possuem sobre a terra, suas origens e seus saberes medicinais. Contribuiu para o levantamento da pesquisa a receptividade dos moradores de Pimenteiras, que permitiram conhecer melhor sua cultura, diversidade na natureza e seus anseios de conseguir a titularidade da terra quilombola.

A comunidade de Pimenteiras fica localizada na região rural de Santa Luzia do Pará, a cerca de 30 km de distância da cidade, em uma estrada sem asfalto, com caminho de difícil acesso, o que inviabiliza à população desta comunidade assistência às suas necessidades básicas. Formada por moradores de origem quilombola, muitas famílias chegaram a este local há muitos anos, tendo saído da comunidade de Narcísea, na cidade de Capitão Poço – PA, em busca de melhorias para o sustento de suas famílias. Pimenteiras é uma comunidade cujos moradores buscam, por meio do conhecimento e valorização de suas raízes, fortalecer seus vínculos com a terra e a natureza a sua volta. Deste contato especial com a natureza, os moradores conhecem e utilizam seus saberes na área da medicina tradicional.

O saber da cura por meio da medicina popular continua preservado no falar dos moradores remanescentes de quilombolas, pelas informações sobre a influência negra e, também, indígena. A manipulação, os cuidados com as plantas, a forma de cultivo, as relações associativas nos nomes das plantas medicinais, vêm de longas gerações que sofreram e

sobreviveram com a ajuda da natureza. É diante do saber preservado na língua dos moradores quilombolas que desenvolvemos este estudo sobre os termos das plantas medicinais.

Com o intuito de conservar o saber das gerações mais antigas, um pequeno grupo da comunidade quilombola registrou amostras de plantas medicinais da região em que vivem, cada espécie com os nomes de uso popular que os moradores conhecem, pois observamos que, dentre os nomes registrados, para uma mesma espécie de planta ocorrem variações na nomenclatura.

Entender como uma comunidade guarda e preserva seus saberes por meio da língua é de suma importância para o andamento deste estudo, de cunho popular e científico. Compreender como a língua se mistura e se reinventa nos usos de um povo é o que mais chama nossa atenção nos aspectos dos estudos do termo. Levando em consideração que nenhuma Língua é homogênea, efetivamos um pequeno estudo sobre a língua, suas relações e interferências na sociedade. Percebemos que a utilização das plantas medicinais é uma prática universal na medicina popular, pois é o resultado do acúmulo de conhecimentos empíricos sobre a ação dos vegetais por diversos grupos étnicos.

No decorrer dos estudos, observamos que há diversas expressões populares direcionadas ao uso dos vegetais para a saúde, tais como ervas caseiras, folhas medicinais, vegetais medicinais, ervas medicinais e plantas medicinais. Estas diferentes expressões dos termos ocorre por questões culturais, que variam de uma comunidade para outra. De modo particular, utilizamos neste trabalho os termos “plantas de uso medicinal” ou “plantas medicinais”. Por fazer parte do falar de uma comunidade, os termos catalogados sobre as plantas medicinais da comunidade de Pimenteiras foram analisados no contexto da linguagem de especialidade, que é campo de estudo da Terminologia.

Dentre as ciências que estudam o léxico, a Terminologia<sup>1</sup> estuda um subconjunto da língua relacionado a uma área específica do conhecimento humano; esse subconjunto é composto por signos especializados, que chamamos de termos. Quando o uso da língua passa por um processo de transformação no qual certas palavras adquirem uma significação dentro de um domínio de conhecimento particular entre um grupo de falantes que compartilham da mesma área de conhecimento, essa particularização é de domínio da linguagem de especialidade e o termo é seu objeto de uso.

É nesse contexto que a Terminologia direciona seu olhar ao fator social na análise dos dados linguísticos. Com isso, surge a Socioterminologia como um campo teórico e

---

<sup>1</sup> Há uma tendência a convencionar que Terminologia, grafada com T maiúsculo, é indicativa de campo de conhecimento e, com t minúsculo, é referente ao conjunto de termos de uma especialidade. (KRIEGER, 2004).

aplicado que, segundo Faulstich (1995), é uma releitura da terminologia tradicional que incorpora aos estudos do termo o aparato social, considerando, nesse aspecto, os fatores de variação linguística. Gaudin (1993) também edificou seus estudos terminológicos por meio de outras áreas de conhecimento, como a Sociolinguística e a Sociologia, campos amplamente estudados pela Socioterminologia, que observa a dimensão social na comunicação especializada, sem estar separada dos discursos em que os termos emergem.

O estudo do termo diante da perspectiva socioterminológica traz o registro e análise das variantes da linguagem de especialidade. De acordo com Faulstich (1995, p. 285) “o princípio subjacente da pesquisa socioterminológica é o registro da(s) variante(s) que leva em conta os contextos social, situacional, espacial e linguístico em que os termos circulam [...]”.

Em consideração ao que foi explanado, este trabalho tem o propósito de verificar os registros dos termos, analisando e identificando os usos de domínio dos mesmos sobre as plantas medicinais que, por conseguinte, distinguem a comunidade de Pimenteiras. Assim, selecionamos como objeto de estudo os termos sobre as plantas medicinais de Pimenteiras que foram catalogadas pelos moradores quilombolas quando criaram o projeto do Bioenergético na região. Muitos dos termos alistados possuem nomenclatura diferenciada em relação aos usos comuns da língua. Essas particularidades vieram de geração em geração, com o repasse dos saberes entre famílias e amigos, principalmente entre as mulheres. Sob o prisma dos pressupostos da Terminologia e da Socioterminologia, daremos enfoque no processo de constituição do léxico semântico conceitual dos termos sobre as plantas medicinais de Pimenteiras, observando se este saber especializado sobre as plantas traz traços da identidade cultural dos moradores quilombolas.

Por uma questão didática, nosso trabalho dissertativo foi organizado em cinco capítulos. No primeiro capítulo oferecemos uma visão geral sobre o presente estudo a ser direcionado para a análise dos dados registrados nessa dissertação, explicando alguns conceitos básicos que serão fundamentais para situar a localidade, os sujeitos envolvidos no estudo dos termos relativos à comunidade e as plantas medicinais da comunidade de Pimenteiras.

No segundo capítulo apresentamos os aspectos relacionados à comunidade de Pimenteiras, suas origens – quilombola e da comunidade –, os remanescentes de Pimenteiras, a cultura religiosa, ao lado de suas lutas pela terra. Em seguida, apresentaremos o trabalho com o Bioenergético e o início do processo de catalogação dos termos, analisando as relações entre o saber e o conhecimento para a construção dos sujeitos de saberes. Demarca-se, também, a presença do gênero feminino, preponderante nas relações com o conhecimento

tradicional, nesse contexto, representado por Domingas Alves do Nascimento como uma grande personalidade na comunidade e responsável por buscar sempre ampliar os saberes que possui sobre as plantas, fazendo com que a comunidade de Pimenteiras tenha como identidade cultural seus saberes preservados e utilizados entre as gerações afrodescendentes.

No terceiro capítulo expomos a base teórica deste trabalho, ancorada nos estudos Terminológicos e Socioterminológicos verificando, assim, questões sobre a importância da língua na identidade cultural de um povo. Em seguida reconhecemos o valor das plantas medicinais para o conhecimento científico e popular, como também nos aspectos relacionados às ciências do termo, tais como a Terminologia e a Socioterminologia, fundamentais para compreendermos a importância da terminologia nos estudos especializados da língua, assim como o estudo do Termo como base para o estudo socioterminológico.

No quarto capítulo abordamos sobre os procedimentos utilizados na pesquisa de campo na comunidade remanescente de quilombola de Pimenteiras, apontando os objetivos gerais e específicos do trabalho, relatando sobre as entrevistas, a catalogação dos termos sobre as plantas medicinais, os recursos utilizados para o tratamento dos dados e, em seguida, o organograma do conhecimento sobre a cultura das plantas medicinais.

Todo o processo de estudo percorrido nesta dissertação culminará no quinto capítulo, no qual apresentamos a análise Socioterminológica dos termos de Pimenteiras. Nesse capítulo, seguimos algumas etapas na análise do termo no contexto da variação terminológica, observando a linguagem como representação dos saberes da comunidade de Pimenteiras e os aspectos relacionados à variação dos termos sobre as plantas medicinais. Mostramos como os termos variam de acordo com as associações ocorridas entre seus elementos, além de analisar se os termos sobre as plantas são ou não de domínio de especialidade medicinal, verificando, por meio da definição de cada termo, sua descrição dentro do conjunto de ocorrência do saber especializado.

Diante das variações dos termos e, portanto, das diversas definições, utilizamos no processo de análise o modelo de ficha terminológica postulado por Enilde Faulstich, uma amostra para melhor visualização das informações sobre os termos, verificando o aspecto da funcionalidade do termo dentro da linguagem especializada. Com isso, observamos que o conhecimento sobre as plantas medicinais da comunidade de Pimenteiras é a marca de seus antepassados, sua identidade, sua história, de sua linguagem especializada diante da diversidade na natureza.

A partir de agora iniciamos os estudos não apenas dos termos sobre as plantas medicinais, mas, sobretudo, sobre a história de um povo que busca viver e vencer as

dificuldades históricas passadas entre as gerações, para que hoje seus registros sejam marcados pelas conquistas alcançadas e as futuras.

## **2 PIMENTEIRA<sup>2</sup>: OS SABERES NA IDENTIDADE DA COMUNIDADE QUILOMBOLA**

“Podemos dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução em si.”

Michel Pollak (1992).

Desde os primeiros focos de resistência dos africanos contra a escravidão colonial, os estudos sobre os negros constitui assunto relevante, principalmente na formação de comunidades afrodescendentes, mais conhecidas como Quilombos<sup>3</sup>.

No que diz respeito aos afrodescendentes<sup>4</sup>, a comunidade de Pimenteiras é uma das muitas comunidades formadas por famílias quilombolas; os moradores da região chegaram há muito tempo da comunidade de Narcísea, localizada na região de Capitão Poço – PA.

Pesquisas da Fundação Cultural Palmares<sup>5</sup> apontam que o maior número de associações quilombolas se encontra nas regiões do Pará e Maranhão, chegando a cerca de 100 comunidades existentes nessas áreas. Sabe-se que não há comunidades em isolamento total, existe sempre uma relação contínua entre os sujeitos e com o meio em que vivem. No caso da comunidade de Pimenteiras isso não é diferente: próximas à região existem outras comunidades que também vivenciam a falta de recursos que possam melhorar a vida dos moradores no campo. As comunidades como Broca, Piquiá, Cantam, Fuzil, não têm

<sup>2</sup>O termo Pimenteira, no singular, refere-se à terra em que vivem os moradores remanescentes de Quilombo. Pimenteiras, no plural, refere-se à comunidade. Tabela sobre a comunidade no site: [http://www.cpisp.org.br/terras/asp/ficha\\_territorio.aspx?terra=i&TerraID=2501](http://www.cpisp.org.br/terras/asp/ficha_territorio.aspx?terra=i&TerraID=2501)

<sup>3</sup>Quilombo é o nome dado no Brasil aos locais de refúgio dos escravos fugidos de engenhos e fazendas durante o período colonial e imperial. Nesses locais, os escravos passavam a viver em liberdade, criando novas relações sociais. Muitos quilombos existiram no Brasil e centenas deles ainda existem, formando o que hoje é chamado de comunidades quilombolas.

<sup>4</sup>Afrodescendente é aquele que é ou que descende de família ou indivíduo vindo do negro africano.

<sup>5</sup>A Fundação Cultural Palmares é uma entidade pública brasileira vinculada ao Ministério da Cultura. A entidade teve seu Estatuto aprovado pelo Decreto nº 418, de 10 de janeiro de 1992, e tem como missão os preceitos constitucionais de reforços à cidadania, à identidade, à ação e à memória dos segmentos étnicos dos grupos formadores da sociedade brasileira, além de fomentar o direito de acesso à cultura e à indispensável ação do Estado na preservação das manifestações afro-brasileiras. No artigo 1º, a Lei institui que se promova a preservação dos valores culturais, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira. Preocupada com a igualdade racial e com a valorização das manifestações de matriz africana, a Palmares formula e implanta políticas públicas que potencializam a participação da população negra brasileira nos processos de desenvolvimento do País. Foi o primeiro órgão federal criado para promover a preservação, a proteção e a disseminação da cultura negra. Pesquisa feita no dia 10/01/2015, as 11:55h, no site: <http://www.palmares.gov.br/>.

moradores com descendência quilombola, mas, assim como em Pimenteiras, os moradores não permanecem “estáticos” no tempo, todos possuem características particulares que distinguem suas identidades, pois a vida é dinâmica.

O negro se mostra figura atuante, isto está presente nos estudos de Salles (1988, p. 67 apud WAGLEY, 1977 e GALVÃO, 1955) que expõe:

Encontraram o negro solidário com o índio nas vicissitudes sociais. Não importa se *negro autêntico* ou se *índio autêntico*. O passaporte da autenticidade, naquele contexto, já havia perdido toda ou quase toda importância. Ambos despojados dos seus padrões culturais, quebrados definitivamente, amalgamados numa nova cultura, resultante da fusão de três componentes étnicos. O processo de desenvolvimento dessa cultura, visto superficialmente, é pouco acelerado. Visto porém em profundidade, mostra-se extremamente ativo. Sobretudo no que diz respeito às convergências culturais.

Visualizando, por este ângulo, a figura do negro, observaremos no tópico seguinte as origens e significados dos termos Quilombola e Remanescente para que possamos identificar as marcas de um povo que lutou e alcançou sua liberdade. Em seguida verificaremos com mais sagacidade os estudos de Vicente Salles e Ilka Boaventura Leite sobre o negro, observando sua história, suas conquistas e as influências do negro no Pará e na comunidade de Pimenteiras, em particular.

## 2.1 A ORIGEM DO TERMO QUILOMBOLA

Iniciamos este assunto com a pergunta que muitos ainda hoje fazem e nem todos respondem: – Quem são os negros? Entretanto, de forma mais profunda, responderemos à seguinte pergunta: – Quem são os Quilombolas?

Alguns autores constituem uma análise do termo e com isso explicam que a palavra quilombo se refere a um tipo de instituição sociopolítica militar conhecida na África Central, principalmente na região constituída pela atual República Democrática do Congo (Zaire) e Angola, conforme expõe o professor Kabengele Munanga<sup>6</sup> (1995). Para ele a expressão

---

<sup>6</sup> KabengeleMunanga é Graduado em Antropologia Cultural pela UniversitéOfficielle Du Congo à Lubumbashi (1969) e Doutorado em Ciências Sociais (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo (1977). Atualmente é professor titular da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia das Populações Afro-Brasileiras, atuando principalmente nos seguintes temas: racismo, identidade, identidade negra, África e Brasil.

quilombo vem de “ochilombo”, em um dialeto de Angola; a professora Leite<sup>7</sup> (2000), por sua vez, apresenta que sua etimologia significa “banto” e exprime “acampamento guerreiro na floresta”, e foi difundida no Brasil pela administração colonial, em suas leis, relatórios, decretos e atos, visando referir-se às integrações de apoio mútuo criadas pelos “rebeldes” ao sistema escravocrata e às suas reações, lutas e organizações pelo fim da escravidão no país. Não obstante, esta palavra significou libertação e conquistas para os libertos, alcançando amplas dimensões e conteúdos.

No decorrer da história, diversas circunstâncias envolvendo o negro demonstraram grandes lutas contra os vários artifícios de expropriação de seus corpos, bens e direitos. É nesse contexto de servidão do negro diante do homem branco que Salles (1988, p. 203) expõe:

O processo tradicional da busca de liberdade consistiu invariavelmente na fuga para os matos, onde os negros se reuniam, solidários entre si, e formavam os quilombos. A fuga deve ter sido, no começo, solução bastante difícil e arriscada, além de empreitada individual. Na floresta o negro se achava sozinho. Às vezes, conseguia chegar a alguma aldeia indígena e, por sorte, acabava vivendo amistosamente com os silvícolas. Bandeava-se desta forma para grupos totalmente estranhos e que, com ele, só tinha um traço comum: o ódio ao branco dominador. Há na crônica da escravidão muitos casos ilustrativos e que destroem o mito da incompatibilidade étnica.

Os negros enfrentaram muitos questionamentos sobre a legitimidade de se acomodar num lugar, cujo espaço pudesse ser organizado conforme suas condições, valores e práticas culturais. A repressão ao negro fez com que ele fosse segregado das práticas sociais. Hoje esta exclusão está demonstrada nos censos econômicos e nos mais recentes levantamentos socioeconômicos realizados no país (HASENBALG; SILVA, 1988). Somente no Brasil, após a abolição em 1888, os negros sofrem com a desqualificação de sua cor, sendo ignorados pelo poder público nos lugares em que habitam desprovidos das necessidades básicas de todo ser humano. É diante desta realidade que Leite (2000) expõe que os descendentes de africanos, nos últimos vinte anos, têm procurado se organizar em associações quilombolas, reivindicando o direito à permanência e ao reconhecimento legal de posse das terras ocupadas e cultivadas para moradia e sustento da família, bem como o livre exercício de suas práticas, crenças e valores apreciados em sua especificidade. Diante disto Leite (2000, p. 335) prossegue:

---

<sup>7</sup> Ilka Boaventura Leite é professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina, fundadora e coordenadora do NUER (Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas). Suas pesquisas estão situadas nas áreas de teoria antropológica, literatura de viagem, relações interétnicas, etnologia afro-brasileira, arte e etnicidade. Tem publicado artigos sobre literatura de viagens, cultura e identidade negra, quilombos, direitos étnicos, políticas de identidade, arte e diáspora africana, perícias antropológicas.

Tudo isto se esclarece quando entra em cena a noção de quilombo como forma de organização, de luta, de espaço conquistado e mantido através de gerações. O quilombo, então, na atualidade, significa para esta parcela da sociedade brasileira sobretudo um direito a ser reconhecido e não propriamente e apenas um passado a ser rememorado. Inaugura uma espécie de demanda, ou nova pauta na política nacional: afrodescendentes, partidos políticos, cientistas e militantes são chamados a definir o que vem a ser o quilombo e quem são os quilombolas.

O simples ato de apropriação da terra para viver passou a significar um ato de luta e guerra. Assim, pensar na questão territorial faz discorrer, também, na definição sobre o termo “Quilombo” – que reporta à visão distorcida de negros fugitivos – e abordar as diferentes situações que cobriram a existência de Terras de Quilombos no Brasil. Para isto, Almeida (1998, p. 14) expõe que é necessário que “nos libertemos da definição arqueológica associada ao termo Quilombo”. Segundo o autor, as comunidades Quilombolas sempre estabeleceram uma clara rede de interação com as sociedades locais, contestando o estereótipo do isolamento geográfico. A qualidade e intensidade da interação foi o que possibilitou a construção de uma configuração social, cuja autonomia tinha também suporte nessa dinâmica de relações sociais e nas formas de usar e ocupar a terra (ALMEIDA, 1988, p. 18).

Na conceituação e significação da palavra Quilombo, Siqueira e Nascimento (1987) apud Leite (1999, p. 15) explicam que, no Brasil, a tradição popular apresenta muitas variações no significado da referida palavra,

[...] ora associado a um lugar (“quilombo era um estabelecimento singular”), ora a um povo que vive neste lugar (“as várias etnias que o compõem”), ou a manifestações populares, (“festas de rua”), ou ao local de uma prática condenada pela sociedade (“lugar público onde se instala uma casa de prostitutas”), ou a um conflito (uma “grande confusão”), ou a uma relação social (“uma união”), ou ainda a um sistema econômico (“localização fronteira, com relevo e condições climáticas comuns na maioria dos casos”).

Para Leite (2000) a quantidade de significados faz com que o uso do termo demonstre uma grande variedade de experiências que generalizam o fenômeno enquanto dimensão política de uma formação social diversa, em que evidenciam a persistência das mais diversas manifestações de resistência e luta que os negros delinearão em toda a nossa história. É nesse contexto que Leite (2000, p. 338) assim conclui:

[...] inicia-se a longa etapa de construção da identidade destes grupos, seja pela formalização da diferenciação étnico-cultural no âmbito local, regional e nacional, seja pela consolidação de um tipo específico de segregação social e residencial dos negros, chegando até os dias atuais [...].

A variação de significados para o termo quilombo traz a construção de um povo que busca constantemente por seus direitos, contudo o que significa o termo remanescente? Verificaremos no tópico seguinte, especificamente as discussões em torno do significado da palavra “remanescente” no contexto do negro.

### 2.1.1 Remanescentes: o que restou?

No que concerne ao significado do termo remanescente, a autora Leite (2000, p. 9) nos apresenta o seguinte contexto.

A expressão “remanescente das comunidades de quilombos”, que emerge na Assembléia Constituinte de 1988, é tributária não somente dos pleitos por títulos fundiários, mas de uma discussão mais ampla travada nos movimentos negros e entre parlamentares envolvidos com a luta anti-racista. O quilombo é trazido novamente ao debate para fazer frente a um tipo de reivindicação que, à época, alude a uma “dívida” que a nação brasileira teria para com os afro-brasileiros em consequência da escravidão, não exclusivamente para falar em propriedade fundiária.

A expressão “remanescente” surge como forma de reivindicação por uma época em que a nação brasileira teria certo dever com os afrodescendentes pela grande escravidão e sofrimento vivido no período da abolição; contudo, segundo os estudos de Leite (1996, p. 341), o termo remete, também, a algo em extinção, que está em processo de desaparecimento. Mas foi principalmente porque a expressão não correspondia à autodenominação destes mesmos grupos, e por se tratar de uma identidade ainda a ser politicamente construída, que tantos questionamentos foram suscitados. É nesse impasse da significação e nomeação dos remanescentes de quilombolas que Associação Brasileira de Antropologia<sup>8</sup> (ABA), convocada pelo Ministério Público, reuniu em outubro de 1994 o Grupo de Trabalho sobre Comunidades Negras Rurais e elaborou um conceito de “remanescente de quilombo”, ficando assim definido:

---

<sup>8</sup>A Associação Brasileira de Antropologia (ABA) é a mais antiga das associações científicas existentes no país na área das ciências sociais, ocupando hoje um papel de destaque na condução de questões relacionadas às políticas públicas referentes à educação, à ação social e à defesa dos direitos humanos. No decorrer de sua história, ela tem sido voz atuante em defesa das minorias étnicas, dos discriminados e posicionando-se consistentemente contra a injustiça social. Pesquisado em 11/01/2015, as 23:45h, no site: <http://www.portal.abant.org.br/index.php/institucional/features>.

[...] contemporaneamente, portanto, o termo não se referia a resíduos arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Tratava-se de desfazer a idéia de isolamento e de população homogênea ou como decorrente de processos insurrecionais. O documento posicionava-se criticamente em relação a uma visão estática do quilombo, evidenciando seu aspecto contemporâneo, organizacional, relacional e dinâmico, bem como a variabilidade das experiências capazes de serem amplamente abarcadas pela ressemantização do quilombo na atualidade. Ou seja, mais do que uma realidade inequívoca, o quilombo deveria ser pensado como um conceito que abarca uma experiência historicamente situada na formação social brasileira (LEITE, 2000, p. 341-342).

No que diz respeito aos direitos sobre a terra, o Brasil, em comparação com outros países que claramente obtiveram conquistas políticas e territoriais, talvez seja o único que não resolveu formalmente a questão dos direitos territoriais das suas comunidades negras tradicionais. O direito à terra que as comunidades atribuem é vital, pois a concepção da terra enquanto território socialmente ocupado é a chave para a vida desses grupos. Sobre isso, Chagas (2001, p. 228) informa que a aplicação do direito constitucional se dá, também, através da titulação dessas áreas.

[...] para estar em consonância com a viabilização de um padrão de existência que seja compatível e que assegure a vida nos seus próprios termos, significaria menos quantificar ou traçar meramente um espaço físico esvaziado de seu sentido social, e mais justamente recuperar a idéia de que estes espaços sociais estão qualificados e atravessados por redes de relações que, postas em curso, garantem a própria permanência do grupo neste território.

No trecho citado por Chagas (2001) é demonstrada a preocupação no que se refere aos remanescentes das comunidades dos quilombos, que vêm sofrendo com o processo de reconhecimento dos direitos assegurados constitucionalmente; nota-se o quanto é necessário um diálogo com as práticas culturais de cada grupo envolvido, auxiliando as comunidades no autorreconhecimento das populações remanescentes de quilombola. É a busca pelo direito à terra, direito à vida no campo, de um grupo étnico racial que por anos foi explorado e deixado à margem da vida em sociedade.

Completando este diálogo com Marques (2004), confere-se que o modo de vida dos povos do campo é entendido como uma configuração bastante dinâmica e que só pode ser compreendida a partir de sua inserção na sociedade – que hoje inclui as relações sociais que ocupam as comunidades camponesas na sociedade moderna capitalista – percebendo a relação entre tradição e modernidade e qual lugar ocupam os povos de vidas tradicionais.

Os quilombos reforçavam as lutas contra a escravidão, mostrando um tipo de organização social mais justa, cuja resistência se manifestou de diversas formas, entre greves de fome, violência e fugas. Segundo Freitas (1982, p. 210) essas fugas, mais organizadas e coletivizadas, deram origem ao Quilombo dos Palmares.

O “Quilombo dos Palmares” foi a manifestação mais eloquente do discurso anti-escravista dos negros brasileiros nos quase três séculos da escravidão, representando um marco na resistência negra. A resolução tomada na Serra da Barriga “de morrer antes de aceitar a escravidão”, demonstra a essência da mensagem que os negros de Palmares deixaram. Retomando a reflexão hegeliana: “O Amo não é Amo senão pelo fato de que possui um Escravo que o reconhece como tal.”

Freitas (1982, p. 43) explana que os escravos que se refugiavam em Palmares, após algum tempo escondidos nas serras, deixaram de viver escondidos e reconquistaram sua dignidade como seres humanos. O autor prossegue expondo:

Os escravos plantavam milho, feijão, mandioca, cana-de-açúcar, batata, legumes. Duas semanas antes do plantio preparavam o terreno com grandes queimadas. A preparação das terras, a sementeira e a colheita era realizada de maneira coletiva. Celebravam o término da colheita com uma semana inteira de festejos em que todos folgavam, dançavam, comiam e bebiam. Mantinham muitos pomares com uma variedade de árvores frutíferas (1982, p. 45).

Durante minhas visitas à comunidade remanescente de quilombolas de Pimenteiras, o contato com os moradores levantou muitos questionamentos sobre o entendimento e significação do termo quilombola. Os mais velhos guardam na memória recordações de um período no qual seus antepassados viveram e sofreram os açoites do chicote da escravidão; os adolescentes, por sua vez, vivem o embate entre aceitar ou não a descendência. Aceitando suas origens, alcançam direitos reservados aos negros, como o direito de cotas nas universidades; já nos momentos em que os sentimentos de exclusão, discriminação e rejeição se tornam maiores nos espaços sociais, os mais jovens não se veem e não se orgulham de sua origem afrodescendente.

Na análise do contexto vivido na comunidade, o sentimento que se faz presente nos mais jovens é o fato de que ser homem negro significa ser excluído e discriminado pelos colegas da escola. Muitos relataram situações de desrespeito, não apenas pela cor da pele, mas pelo termo “quilombola”. A respeito da discriminação racial sobre os quilombolas, Leite (2000, p. 349) comenta que:

O ato de aquilombar-se, ou seja, de organizar-se contra qualquer atitude ou sistema opressivo passa a ser, portanto, nos dias atuais, a chama reacesa para, na condição contemporânea, dar sentido, estimular, fortalecer a luta contra a discriminação e seus efeitos. Vem, agora, iluminar uma parte do passado, aquele que salta aos olhos pela enfática referência contida nas estatísticas onde os negros são a maioria dos socialmente excluídos. Quilombo vem a ser, portanto, o mote principal para se discutir uma parte da cidadania negada.

Diante das discussões feitas, seguiremos abordando sobre os remanescentes de quilombola da comunidade de Pimenteiras, sua localização e os problemas sobre a titularidade da terra, que se tornou algo de extrema importância aos moradores dessa região.

### 2.1.2 Os Remanescentes de Quilombolas de Pimenteiras

É importante frisar que, na atualidade, a dimensão de luta dos homens negros pela liberdade foi muito importante para que a cultura afrodescendente se desenvolvesse com maior fruição. Na Amazônia, a presença do negro é assunto desprezado, em termos da importância insignificante que teria essa mesma presença. Segundo Salles (1988) a mão-de-obra fácil era abundante e era a única que poderia mobilizar com sucesso imediato a mão-de-obra dos índios<sup>9</sup>.

Nos estudos sobre a Amazônia, Salles (1988) expõe sobre a substituição do índio pelo negro na lavoura, que não foi tão necessária na região como no restante do Brasil; a presença insistente do índio em muitos trabalhos com a terra deu ao negro a possibilidade de influir profundamente na civilização brasileira, criando um tipo de economia em que o indígena teve grande participação (CHAMBOULEYRON, 2006). No entanto, os escritos do autor não abandonam a significação do negro na Amazônia: durante o regime da escravidão, o negro deixou sua personalidade, sua etnia e sua cultura na constituição da economia agrária.

Diante disso, discorrer sobre os quilombolas no cenário político atual é conversar sobre luta política, uma reflexão científica em processo de construção. Hoje, cerca de três mil comunidades quilombolas<sup>10</sup> vivem, não apenas na Amazônia, mas em todo o território

<sup>9</sup> Em tempos do descobrimento do Brasil a necessidade de braços para cortar e transportar o pau-brasil para o litoral fez com que os portugueses impusessem aos índios o trabalho compulsório. Em meados de 1550, a decisão de incrementar o tráfico da África para o Brasil tornou a escravidão do negro mais interessante e econômica para a Coroa portuguesa. Apesar de ter sido tão forte e cruel a escravidão do negro africano, a escravidão do índio teve pouco conhecimento e historicamente ficou em segundo lugar. Pesquisa feita no dia 10/02/2015 as 10:01hs no site: <http://www.klickeducacao.com.br/conteudo/pagina/0,6313,POR-1245-9282-00.html>.

<sup>10</sup> Até hoje não há certeza sobre o número de comunidades quilombolas existentes no Brasil, mas estima-se que há, pelo menos, três mil em todo o território nacional, localizadas principalmente nos estados do Amazonas, Alagoas, Amapá, Bahia, Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Tocantins e outros. Os estados brasileiros que possuem a maior quantidade de comunidades quilombolas são a Bahia, o Maranhão, Minas Gerais e o Pará. Segundo dados oficiais da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), órgãos responsáveis pela identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas pelos quilombolas, existem atualmente mais de setecentas comunidades oficialmente registradas pela Fundação Palmares, do Ministério da Cultura e mais de duzentos processos de regularização fundiária em andamento, envolvendo mais de trezentas comunidades espalhadas por 24 estados brasileiros. Retirado do texto de GASPARI, Lúcia. *Quilombolas*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em 15/02/2015 as 12:30hs.

nacional, no entanto, muitas terras não possuem ainda o reconhecimento devido. No estado do Pará, segundo dados pesquisados, são reconhecidas duzentos e quarenta (240)<sup>11</sup> comunidades remanescentes de Quilombo.

As conquistas para alcançar o direito pela titulação de terra de quilombo vêm do cumprimento do Artigo 68 do Ato das Disposições Transitórias da Constituição Federal<sup>12</sup>, cuja redação expõe o seguinte: “Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988).

Com a instituição deste, Leopoldo e Morais (2005, p. 3) explanam, em seu artigo sobre territorialidade, que muitas lutas e manifestações políticas têm apoiado ou desprovido as comunidades quilombolas do seu direito à terra. Leopoldo e Morais (2005, p. 1) ressaltam que “os critérios adotados para o reconhecimento das comunidades quilombolas têm sido alvo de constantes críticas entre esses diferentes atores.”. Embora pareça pertinente equiparar a questão do direito às terras de quilombos com as terras indígenas, ambas são semelhantes apenas quanto aos desafios e embates já visíveis, na questão da identificação e na definição dos sujeitos de direito.

No diagrama da fronteira étnico-cultural, o Brasil esteve sempre marcado pela preservação do território invadido e ocupado por inúmeros conflitos de terra que remontam aos dias atuais.<sup>13</sup> Não muito distante de uma realidade de lutas pelos direitos dos negros, os moradores remanescentes de quilombolas da comunidade de Pimenteiras lutam há muito tempo pelo reconhecimento da terra. Localizada na região rural da cidade de Santa Luzia do Pará<sup>14</sup>, a comunidade fica situada em local de difícil acesso, situação que piora muito nos períodos de chuva, causando transtornos aos moradores, que veem limitadas suas necessidades humanas básicas.

Vejam os abaixo o mapa da Região do Guamá onde fica localizada a cidade de Santa Luzia do Pará. Rodeada por outras cidades como Capanema, Ourém, Capitão Poço, Garrafão do Norte, Cachoeira do Piriá, Nova Esperança do Piriá e também Terras Indígenas ocupadas pelos índios Tembé, a comunidade de Pimenteiras fica no centro da região da cidade de Santa Luzia do Pará, como mostra a figura:

---

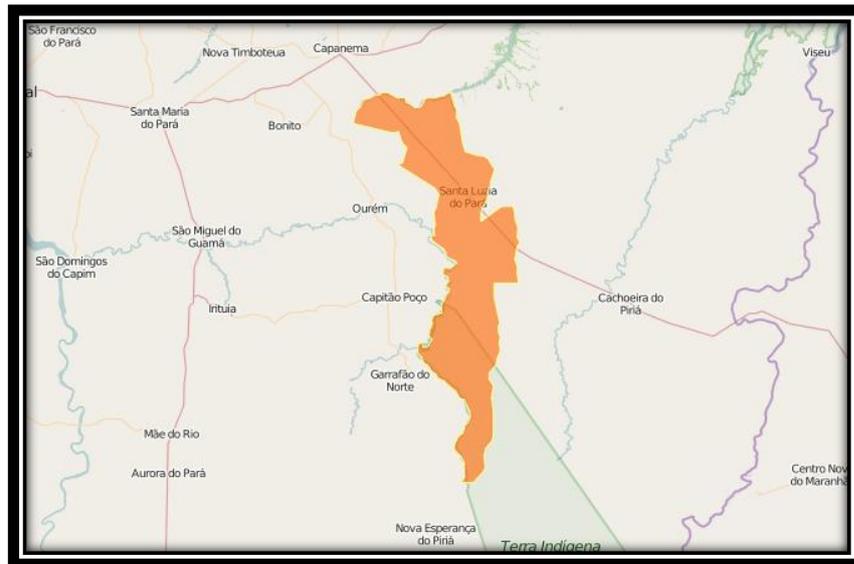
<sup>11</sup> Disponível em: [http://www.cpsp.org.br/comunidades/html/i\\_brasil\\_pa.html](http://www.cpsp.org.br/comunidades/html/i_brasil_pa.html). Pesquisado dia 01/05/2013, as 19:33 h.

<sup>12</sup> Pesquisa no site [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) em 16/12/2014, as 16:33hs.

<sup>13</sup> Atualmente, destaca-se a luta do MST – Movimento dos Sem Terra no Brasil – que constitui um dos maiores movimentos sociais do país, com 15 anos de existência, nos 23 estados da federação. Maiores informações, consultar o site: <http://www.mst.org.br>.

<sup>14</sup> Santa Luzia do Pará é uma cidade brasileira localizada no estado do Pará, na microrregião do Guamá e na mesorregião do Nordeste Paraense.

Mapa 01 – Região do Guamá, Cidade de Santa Luzia do Pará, Comunidade de Pimenteiras.

Fonte: IBGE<sup>15</sup>

Com relação à titularidade da terra como Quilombola, o processo continua em trâmite nos órgãos responsáveis. Os moradores da comunidade de Pimenteiras vivem à espera da validação do processo de identificação e reconhecimento de suas origens, valorização de sua cultura e direito ao território quilombola. Segundo relatos dos moradores, um dos motivos para o impasse no processo seria a presença de pecuaristas e agricultores não remanescentes de quilombo que vivem na região e cultivam nas terras. Estas pessoas devem ser indenizadas pelos espaços de terra que possuem, a fim de que o direito dos quilombos tenha garantia de integralidade das terras. Logo a seguir, encontram-se as informações de forma resumida sobre o andamento do pedido de reconhecimento da terra em Pimenteiras.

Tabela 1 – Titulação da terra da comunidade de Pimenteiras

<b>FICHA RESUMO DO TERRITÓRIO</b>	
<b>Nome da Terra</b>	Pimenteira
<b>Nome da(s) Comunidade(s)</b>	Pimenteiras
<b>Município</b>	Santa Luzia do Pará
<b>Unidade da Federação</b>	Pará
<b>População</b>	24 famílias
<b>Dimensão Territorial</b>	-
<b>Etapas do processo de titulação</b>	Certidão Fundação Cultural Palmares
<b>Superintendência Responsável</b>	SR 01 Pará
<b>Data da Última Atualização</b>	30/05/2014

Fonte: Comissão Pró-Índio de São Paulo<sup>16</sup>.<sup>15</sup> Disponível em:

<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=150655&search=||infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>

Os moradores da comunidade de Pimenteiras sofrem com o processo de reconhecimento de seus direitos, que são assegurados constitucionalmente. Para eles, reconhecer a terra é importante pois reconhece a existência de uma população remanescente quilombola, de um grupo étnico racial que por anos foi explorado e deixado à margem da vida em sociedade, que busca mais do que o direito à terra, busca o direito à vida no campo.

Conhecer a cultura de um povo faz com que ele seja reconhecido e valorizado por suas características em particular. Diante disso, conheceremos no tópico seguinte um pouco da história da comunidade de Pimenteiras, além de sua tradicional manifestação cultural, que é a Ladainha a Nossa Senhora do Livramento, uma cerimônia em agradecimento pelas preces atendidas do povo daquela comunidade.

## 2.2 COMUNIDADE DE PIMENTEIRAS: AS RAÍZES DE UM POVO

Nos encontros ocorridos na comunidade de Pimenteiras, nos deparamos com alguns moradores que, há pouco tempo, não conheciam sua descendência negra e, tampouco, os significados que cercam o termo Quilombola. Por meio das histórias transmitidas de seus antepassados e de pesquisadores envolvidos com o Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará (CEDENPA)<sup>17</sup>, os moradores passaram a se reconhecer como remanescentes de quilombo de forma orgulhosa, no entanto confusos. Isto se deve ao fato de que a comunidade de Pimenteiras vive hoje com o estigma de seus ancestrais escravizados e sem entender seus reais valores culturais e históricos.

Nesse âmbito Leite (2000, p. 339) levanta um questionamento significativo sobre o termo quilombola. Ela explica que

Desde os anos 30, algumas vozes militantes<sup>18</sup> defendem fortemente a idéia de reparação, da abolição como “um processo inacabado” e da “dívida”, em dois

---

<sup>16</sup>Disponível em: <[http://www.cpsp.org.br/terras/asp/ficha\\_territorio.aspx?terra=i&TerraID=2501](http://www.cpsp.org.br/terras/asp/ficha_territorio.aspx?terra=i&TerraID=2501)>

<sup>17</sup>O CEDENPA é uma Entidade sem fins lucrativos, sem vínculos político-partidários, fundada em 10 de agosto de 1980 e legalizada em 27 de abril de 1982, que, a partir do Estado do Pará, vem contribuindo no processo de superação do racismo, preconceito e discriminação, que produzem a desigualdades sócio raciais, de gênero e outras, prejudicando, sobretudo, a população negra e indígena, em todos os aspectos da sociedade brasileira. Pesquisado em 22/06/2015 as 9:55hs no site: <http://www.cedenpa.org.br/>

<sup>18</sup> Abdias do Nascimento, atual senador da República, reescreve suas teses na década de 80, defendidas desde os anos 30, quando inicia sua militância. O seu quilombismo reivindica uma memória anterior ao tráfico e à escravização dos africanos. Escreve: “o quilombismo busca no presente e no futuro e atua por um mundo melhor para os africanos nas Américas”. Resume suas teses do quilombismo em 16 itens. O primeiro deles define o quilombismo como um movimento político dos negros brasileiros visando a implantação de um Estado Nacional

planos: a herdada dos antigos senhores e a marca que ficou em forma de estigma, seus efeitos simbólicos, geradores de novas situações de exclusão. A exclusão como fato e como símbolo. Os militantes procuram ver o conceito de quilombo como um elemento aglutinador, capaz de expressar, de nortear aquelas pautas consideradas cruciais à mudança, de dar sustentação à afirmação da identidade negra ainda fragmentada pelo modelo de desenvolvimento do Brasil após a abolição da escravatura.

O contato com os moradores nos fez refletir sobre os diversos questionamentos a respeito do entendimento e significação que as pessoas da região tinham sobre a palavra quilombola. Os adolescentes, com o conhecimento adquirido na escola, relataram que ser quilombola significava ser negro, mas alguns não se consideravam quilombolas porque a pele não era tão escura. Ao refletir sobre isto, percebemos que o sentimento presente nos mais jovens é de exclusão; ser homem negro significa ser excluído, discriminado e rejeitado pelos colegas da escola. Esse mesmo sentimento ocorre com o termo quilombola, que traz para o contexto atual as marcas de uma época de escravidão e de maus tratos contra pessoas de pele escura. Para muitos, o sentimento com relação ao nome Quilombola traz um significado doloroso. Nesse ponto Leite (2000, p. 342) salienta:

Enquanto uma expressão da identidade grupal, o significante “negro” vai somando em seu percurso tudo aquilo que advém de tal experiência, ou seja, elementos de inclusão (que mantêm o grupo unido em estratégias de solidariedade e reciprocidade), e também de segregação (ou seja: a desqualificação, a depreciação e a estereotipia). Os sentidos do termo e as experiências nele circunscritas revelam sua ambiguidade: por um lado, a marginalização; por outro, a força simbólica demonstrada no seu persistente poder aglutinador, vindo a configurar ou expressar uma identidade social, e a nortear inclusive políticas de grupos.

De outro modo, o conceito negativo sobre a etnia quilombola perpassa também pelos moradores de Pimenteiras, que possuem um vasto conhecimento sobre os espaços que ocupam na região, com sua rica cultura, adquirida ao longo de várias gerações. Os saberes sobre a natureza são de extrema importância para as diversas áreas da ciência, conferindo na forma pela qual pensam, classificam e utilizam seus recursos.

Contudo, o acesso à comunidade é difícil: a única estrada existente para chegar à comunidade não é asfaltada e, no trajeto, visualizam-se diversas fazendas com gado, campos abertos; depois mata fechada com grandes serras que ladeiam a comunidade. Durante a viagem são percorridos aproximadamente 30 quilômetros em relevo bastante acidentado.

---

Quilombista, inspirado no modelo da República de Palmares, no século XVI e em outros quilombos que existiram e ainda existem. Esclarece que não se trata de um modelo segregacionista, mas de um movimento que advoga o poder político realmente democrático, que implica a presença da maioria afro-brasileira em todos os níveis desse poder. Veja-se Nascimento (1991: 21-26 apud Leite 2000, p.339 a 340).

Ao chegar à comunidade, percebi que a presença mais forte é da natureza, na sua biodiversidade, e das terras utilizadas para o cultivo da mandioca, feijão e pimenta. Existe, também, o plantio de Murumuru<sup>19</sup>, cuja produção ocorre devido ao interesse da empresa Natura<sup>20</sup> pela compra do fruto.

A comunidade de Pimenteiras possui uma relação, não somente com os conhecimentos agrícolas e o cultivo de plantas, mas também com os recursos naturais que estão ligados a estes, levando em consideração as informações sobre a natureza e os valores de sua cultura e tradição local. A comunidade em estudo tem na mata fechada sua principal fonte de recursos naturais. A variedade de espécies vegetais é muito grande, ocasionando uma afinidade dos moradores com a natureza de forma muito forte e antiga.

É nesse encontro entre os moradores quilombolas e a natureza que muitos saberes culturais locais foram e são desenvolvidos, sem quaisquer recursos tecnológicos ou assistência. Esta é uma das características que marcam a comunidade, identificando e classificando o ambiente em que vivem. É uma maneira de auto identificação e auto definição da própria comunidade enquanto grupo social particular, que produz saberes sobre a natureza, forjando, de maneira inconsciente, sua identidade cultural.

Mas como se originou a comunidade e o nome Pimenteira? Durante as visitas feitas à comunidade, as histórias que os moradores contam é que há muito tempo o pai de Domingas, o senhor Raimundo Cordeiro dos Santos, queria fazer as preparações de pais e padrinhos<sup>21</sup> para o batizado de uma criança. Como na comunidade não havia igreja ou qualquer representação religiosa que pudesse ajudar na preparação, ele foi até outra comunidade, chamada Fuzil, para falar com o padre, chamado Zé Doca. Devido à distância, o senhor saía às 2h da madrugada e chegava ao local às 5h. O padre, observando as dificuldades, propôs que alguém da comunidade com certo grau de conhecimento pudesse fazer os ensinamentos aos moradores.

No dia da celebração do batismo o padre foi até a casa do senhor para batizar a criança e orientar os moradores a iniciarem as celebrações e construir um local onde pudessem rezar. Assim, há cerca de 40 anos, uma igreja foi construída no local e os

---

<sup>19</sup> Originário da Região Amazônica. Ele cresce espontaneamente nas matas do Pará. É encontrado ao longo dos rios e em áreas inundadas, em formações florestais densas ou semiabertas. O fruto é um coco de coloração avermelhada. Seu caroço encerra uma amêndoa dura que fica envolta por uma polpa amarelada, comestível e levemente adocicada. O óleo extraído da semente de murumuru possui propriedades altamente emolientes.

<sup>20</sup> A Natura é uma empresa brasileira que trabalha no setor de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos e também no segmento da venda direta dos produtos.

<sup>21</sup> O encontro de preparação dos pais e padrinhos deve ser uma autêntica obra de evangelização, tendo por meta anunciar o Evangelho de Jesus Cristo para proporcionar o encontro pessoal com Cristo na Comunidade. Esses são preceitos da Igreja Católica, relatados pelo Pároco Elias, de Santa Luzia do Pará.

moradores passaram a receber visitas do sacerdote, mês a mês. A presença religiosa fez com que a comunidade de Pimenteiras fosse visualizada e tivesse, então, sua origem.

Com relação ao nome Pimenteira, o termo surgiu de histórias contadas pelos avôs do pai de Domingas, trilhando pelos rios e matas da região da Narcísea, eles saíam em busca de caça e pesca formando os ranchos<sup>22</sup> na beira do rio Guamá. Nessas viagens, levavam alguns mantimentos, necessários por passarem muitos dias caçando. Dentre os alimentos levados, a pimenta não podia faltar. Quando retornavam, deixavam à beira do rio as sementes da pimenta que traziam, elas brotavam e cresciam; quando voltavam ao mesmo local de pesca tinham como referência o pé de pimenta. Assim, começaram a chamar o local de “igarapé da pimenta” (informação verbal)<sup>23</sup>, que com o tempo passou a ser local de moradia para essas pessoas vindas da Narcísea. Surgiu assim o nome Pimenteira, que deu origem à comunidade remanescente de quilombola.

É diante dessa relação com a natureza que os moradores quilombolas vivem e reproduzem anualmente o evento cultural “Ladainha a Nossa Senhora do Livramento”, como ato de fé, agradecimento e preservação dos fazeres de seus antepassados. É o que veremos no tópico seguinte, no qual esse momento cultural da comunidade de Pimenteiras será abordado com maiores detalhes.

### 2.2.1 Ladainha a Nossa Senhora do Livramento

Em comemoração ao “Dia da Consciência Negra<sup>24</sup>”, 20 de novembro, os moradores de Pimenteiras iniciaram um processo de valorização e rememoração de suas crenças religiosas. Segundo relatos dos mais antigos, a celebração a Nossa Senhora do Livramento veio antes da existência da comunidade de Pimenteiras. Nas histórias contadas pela moradora Domingas, tudo começou com sua avó materna, a senhora Joana Pornusena dos Santos (*in memória*), que, acompanhando o marido no roçado, presenciou a existência de muitos perigos. O avô de Domingas, trabalhando na terra, solicitou em oração à Senhora do

---

<sup>22</sup> Rancho era o termo popular usado para designar a toca que eles faziam na beira do rio.

<sup>23</sup> A história sobre a origem do nome Pimenteira veio dos relatos informais da moradora Domingas. Tais histórias não puderam ser transcritas a pedido da moradora.

<sup>24</sup> O Dia da Consciência Negra é uma data celebrada no Brasil no dia 20 de novembro. Este dia está incluído na semana da Consciência Negra e tem como objetivo um reflexão sobre a introdução dos negros na sociedade brasileira. O dia 20 de novembro foi escolhido como uma homenagem a Zumbi dos Palmares, data na qual morreu, lutando pela liberdade do seu povo no Brasil. Pesquisado no site: <http://www.significados.com.br/dia-da-consciencia-negra/>

Livramento que o protegesse e, também, sua família dos acidentes e da morte que aconteciam no roçado. Como forma de agradecimento pela graça alcançada, ao final dos trabalhos com a terra, o avô prometeu que celebraria uma cerimônia religiosa em homenagem à Santa. Este gesto de agradecimento se perpetuou entre as gerações e hoje a Ladainha continua preservada nas mãos da moradora Domingas.

Passada entre as gerações da família de Domingas, a Ladainha possui forte relação com o saber das plantas medicinais. As flores colocadas sobre altar ou as plantas com cheiro agradável usadas durante a cerimônia, consideradas bentas, eram guardadas para serem utilizadas na forma de chás para a cura das doenças. Na Ladainha, plantas como manjeriço, catinga de mulata, canela e hortelã são empregadas na cerimônia, com água para as pessoas se benzerem. Este ritual não ocorria na época da avó de Domingas. Nas primeiras cerimônias a Ladainha era comemorada com o canto em latim; Adolfo era o nome da pessoa que entoava a oração sem o uso de livros.

Com o passar dos anos, ocorreram mudanças como forma de atrair os jovens para a celebração. Isto fez com que além da Ladainha, do almoço e da presença da imagem da Senhora do Livramento, fosse incluída uma procissão pela comunidade, com o uso de fitas em volta da imagem; o uso da água com as plantas aromáticas e uma festa, como forma da juventude participar na celebração. Outro aspecto importante que mudou nesses anos foi a substituição do canto em latim pela oração encontrada no livro do Catecismo da Igreja Católica, que contém a Oração à Nossa Senhora do Livramento. Isto se deve ao fato de que os jovens não tiveram interesse de aprender a Ladainha em latim. No entanto, esta possui grande significação para a comunidade, pois representa a fé sendo renovada a cada ano. É o momento em que os moradores contam suas histórias e reencontram outras comunidades, também de remanescentes de quilombolas; é o momento em que a comunidade de Pimenteiras é valorizada pela cultura e pelos saberes tradicionais das plantas.

Vejamos abaixo algumas imagens da celebração à Nossa Senhora do Livramento, que ocorre anualmente na comunidade de Pimenteiras, as quais exibem uma forma de agradecimento e comemoração pelas colheitas alcançadas durante o ano.

Fotografia 01 – Início da cerimônia na casa do morador mais antigo da comunidade



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Ano após ano, todos os moradores se reúnem numa grande festa cultural e religiosa que traz consigo as lutas de um povo que trabalha a terra e marcam profundamente a identidade da comunidade. A data foi escolhida como forma de memorizar as grandes lutas já vividas pelos negros em prol da liberdade e dos direitos dos afrodescendentes.

Fotografia 02 – Procissão pela comunidade de Pimenteiras



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Em comemoração ao Dia da Consciência Negra, outras comunidades quilombolas são convidadas e prestigiam a comunidade e a Santa reverenciada. A comunidade de Pimenteiras é também muito conhecida pelo festejo à Senhora do Livramento; alimentos e músicas são oferecidos durante o dia e a noite a todos que vêm para comemorar a data tão significativa ao povo quilombola.

Fotografia 03 – Imagem coberta de fitas coloridas pelas graças alcançadas



Fonte:Dados da pesquisa, 2014.

Fotografia 04 – Devoção e Fé renovada



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

O povo quilombola é um povo alegre, que gosta de música e de dança. O canto está sempre presente em seu cotidiano e nas festas da comunidade. A cerimônia relata a vida, as lutas e a esperança de melhorias para os moradores. É através da religiosidade que demonstram todo cuidado e respeito pela terra. Na Ladainha, a presença da fé católica vem misturada com a força dos tambores e das cordas dos violões. É nesse conjunto de movimentos que as histórias de luta de um povo são recontadas sobre a terra, a produção agrícola e a identidade dos moradores que transcorrem no festejo.

Fotografia 05 – Resultado da colheita em oferenda



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

A festa tradicional é resultado de influências negras, indígenas e católicas. A comunidade corteja a Santa do Livramento e as riquezas obtidas durante o ano. A fartura está simbolizada nas oferendas apresentadas durante a celebração, quando são colocados diversos produtos cultivados na região. O ritual festivo entrecruza e atravessa ritmos, vozes e jogos em um sistema de imagens da festa popular, no qual fim e recomeço dialogam em um estado coletivo de alegria. A festa é a passagem do tempo demarcada pela colheita, que tem uma função renovadora.

Durante a cerimônia, a senhora Libânia dos Santos Cunha é quem reza e conduz o cortejo. Considerada mais importante que o padre, a senhora vem de outra comunidade, mas seu comando direciona o canto da Ladainha. A atividade religiosa marca a passagem de tempo, do cultivo da terra, significando a oportunidade de reunir pessoas de diversas comunidades, conjugando fé, alegria, política e reencontros entre familiares e amigos. Enquanto comungam os festejos, os moradores discutem, também, o futuro da comunidade.

A festa popular é demorada e marcada por uma sucessiva e deliciosa comilança, divulgando a abundância e a fartura no ano que passou. A celebração é o momento no qual evocam o poder dos mais velhos, legitimam as famílias, abrem espaço para os mais novos e transmitem experiências profundas.

Fotografia 06 – Bênçãos com águas e plantas aromáticas



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Os antepassados são lembrados nas práticas cotidianas, a família é evocada na presença importante da mulher, que simboliza o papel de geradora. O papel feminino nas questões políticas reforça essa ideia: a senhora Domingas direciona, junto a outras mulheres, todo o ritual a Nossa Senhora do Livramento, além dos cuidados com a comida e de participação nas questões políticas da comunidade.

Fotografia 07 – Nossa Senhora do Livramento



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Vinda de origem portuguesa, a devoção a Nossa Senhora do Livramento surgiu de uma graça alcançada há cerca de 50 anos por um agricultor quilombola, que invocou o livramento de todo o mal durante os trabalhos na lavoura. A promessa é renovada todos os anos com uma homenagem à Santa. Tal culto foi tomado e seguido por todos os moradores da comunidade e hoje comemoram a fé por meio da graça alcançada. Logo abaixo segue um trecho da Ladainha utilizada na celebração à Senhora do Livramento na comunidade de Pimenteiras. A oração completa se encontra no apêndice, ao final deste trabalho.

Ladainha a Nossa Senhora do Livramento (fragmento)

Nossa Senhora do Livramento,  
Mãe de Deus, nossa Mãe  
e padroeira de nossa Paróquia.  
Com o olhar confiante vos contemplamos.

Como exemplo, guia e protetora dos filhos devotos.  
Dirigimo-nos a vós como filhos,  
porque necessitamos do vosso auxílio.  
Só em pensar que temos Mãe junto de Deus, sentimo-nos reanimados,  
apoiados e guiados pela mão materna.

Renovai-nos espiritualmente  
para que saibamos enxergar a vida mais bela.  
Levantai-nos para caminhar sem medo  
nas tribulações da vida. Dai-nos vossa mão  
para que acertemos o caminho da salvação eterna.  
[...]  
"Nossa Senhora do Livramento  
Livrai-nos de todos os perigos do corpo e da alma"  
[...]  
Rogai por nós, santa Mãe de Deus.  
Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

Oremos. Senhor Deus, nós Vos suplicamos que concedais aos Vossos servos perpétua saúde de alma e de corpo; e que, pela gloriosa intercessão da bem-aventurada sempre Virgem Maria, sejamos livres da tristeza do século e gozemos da eterna alegria. Por Cristo Nosso Senhor. Amém.

Após verificarmos um pouco da cultura religiosa dos remanescentes de quilombola de Pimenteira, abordaremos no tópico seguinte as lutas que os moradores vivenciam e as muitas conquistas alcançadas após a criação e fundação da Associação Quilombola dos Agricultores Familiares da Pimenteira (AQUAFAP).

### **2.2.2 AQUAFAP: o desenvolvimento e valorização da comunidade quilombola nos saberes das plantas medicinais**

Sabendo que uma associação<sup>25</sup> é uma iniciativa formal ou informal que reúne pessoas físicas ou outras sociedades legais com objetivos comuns que visam superar as dificuldades e gerar benefícios para os seus membros, a Associação Quilombola dos Agricultores Familiares da Pimenteira (AQUAFAP) foi criada pelos moradores da comunidade no intuito de legalizar e alcançar seus projetos. De forma geral, qualquer que seja o tipo ou os objetivos para sua criação, pode-se dizer que a associação é uma forma de legalizar a união de pessoas em torno de seus interesses, e que sua constituição permite alcançar condições melhores do que os indivíduos teriam isoladamente para a realização dos seus planos. Assim, toda associação é a forma mais básica para se organizar juridicamente um grupo de pessoas para a concretização de desígnios comuns. Seus princípios enquadram-se na doutrina de que juntos podemos encontrar soluções melhores para os conflitos que a vida em sociedade nos apresenta.

Pensando nisso os moradores remanescentes de quilombo conheceram, sonharam e concretizaram o plano de fundar uma entidade que representasse e conseguisse alcançar seus objetivos de melhoria de vida diante das muitas dificuldades enfrentadas na comunidade, ante o descaso dos governos. Historicamente os quilombolas são um grupo que, juntos, conseguiram a tão aspirada liberdade; hoje essa luta continua na busca de direitos negados no contexto histórico, como se pode conferir a respeito.

Quilombo não significou apenas um lugar de refúgio de escravos fugidos, mas a organização de uma sociedade livre formada de “homens e mulheres que se recusavam viver sob o regime da escravidão e desenvolviam ações de rebeldia e de luta contra esse sistema” (MUNANGA; GOMES, 2006).

Considerada como berço dos remanescentes de quilombolas, a comunidade Narcísea possui grande número de pessoas descendentes de negros. Nos relatos contados pela moradora Domingas, sua mãe, dona Otília, veio da Narcísea muito tempo atrás em busca de terras para o cultivo. Após muitas viagens dona Otília, junto de sua família, decidiu criar raízes na região

---

<sup>25</sup> O significado do termo foi refletido sobre pesquisa feita no site: <http://www.asaesc.org/index.php/a-associacao/o-que-e-uma-associacao>

da Pimenteira. Depois de sua instalação, representantes do CEDENPA e do MALUNGU<sup>26</sup> vieram da Narcísea para saber os motivos que levaram a senhora a se mudar da região. Segundo relatos, os motivos foram o fato de casar e desejar trabalhar na terra para viver melhor. Sabe-se que:

Muitas comunidades foram formadas após a promulgação da Lei Áurea, que extinguiu a escravidão, por uma forte razão: era a única possibilidade do negro viver em liberdade, em um espaço onde sua cultura não era desprezada, sendo possível, por isso, preservar a dignidade (MUNANGA; GOMES, 2006).

Muitas pessoas ajudaram os moradores da comunidade de Pimenteiras a conhecer suas origens. Foi com dona Otília que souberam da remanescência de quilombo; já com o padre Rafael<sup>27</sup> os moradores desenvolveram projetos via Pastoral da Igreja; mas foi com o senhor e professor Cardoso<sup>28</sup> que os moradores conheceram o que era uma associação e quais seus benefícios. Orientados por este senhor, alguns moradores conseguiram adquirir documentos de identificação que não possuíam, além disso, foram orientados a fundar uma associação quilombola para conseguir melhorias para a comunidade. Com a ajuda da senhora Nazaré<sup>29</sup>, os documentos e atas da associação foram registrados e legalizados.

Através da legalização da associação, os moradores deram início à titularidade da terra. Representantes do CEDENPA, MALUNGU e INCRA visitaram diversas vezes a comunidade com entrevistas e a verificação das limitações de terra para o processo de titularidade. Hoje o processo continua em andamento devido aos muitos impasses na região como, por exemplo, a presença de agricultores não quilombolas com terra na comunidade de Pimenteiras.

Passadas quase duas décadas da publicação do artigo 68, da Constituição Federal de 1988, e quatro anos da publicação do Decreto nº 4.887/2003, que regulamenta o processo de identificação, reconhecimento, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades de quilombolas, atualmente, a luta continua nos âmbitos jurídico e educacional (SILVA, 2000).

---

<sup>26</sup>A Palavra Malungu vem de origem africana, significa COMPANHEIRO. Assim, lado a lado, lutamos pela garantia de nossos direitos e pelo reconhecimento social dos quilombolas. A Coordenação Estadual das Associações das Comunidades Remanescentes de Quilombo do Pará foi oficialmente fundada em março de 2004, como uma organização sem fins lucrativos e econômicos para representar as comunidades quilombolas do Pará. Pesquisa no site: <https://malungupara.wordpress.com/>

<sup>27</sup> Pároco da cidade de Santa Luzia do Pará na década de 80.

<sup>28</sup> Professor que foi enviado pelo CEDENPA para orientar os moradores de Pimenteiras nos anos 90.

<sup>29</sup> Maria de Nazaré Reis Ghirard é professora, engenheira agrônoma e representante do Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará – CEDENPA, além de outros órgãos direcionados na preservação da biodiversidade de comunidades da região, além de desenvolver trabalhos de valorização da mulher e do negro.

O dia 03 de dezembro de 2007 é a data de abertura da AQUAFAP. Muitas dificuldades ocorreram para conseguir documentar: algumas pessoas da comunidade não ajudaram, mas a maioria se empenhou e buscou realizar tal objetivo. Desde então muitos projetos foram criados, dentre os quais o Bioenergético, e os trabalhos com as plantas, que surgiram via associação.

Com o auxílio da professora Nazaré e o conhecimento já existente sobre as plantas medicinais, os moradores estudaram e trabalharam na comunidade com tal saber. Futuramente os moradores desejam conseguir pela AQUAFAP um projeto de preservação e reflorestamento na região da Pimenteira direcionado ao Fundo Dema<sup>30</sup>, porém o impasse continua na definição da titularidade da terra. Hoje a associação é tida com algo de grande valor aos moradores da comunidade devido ao grande conhecimento e oportunidades de melhorias para todos. Muitos estão engajados não apenas com a associação, mas também com questões da Igreja e, principalmente, com as plantas medicinais, que mesmo tendo paralisado o trabalho com o Bioenergético, os saberes adquiridos se multiplicam e propagam uma valorização maior dos saberes sobre as plantas.

Detentores de um patrimônio cultural rico e valioso, porém, desconhecido de muitos, as comunidades remanescentes de quilombolas são formadas de grupos sociais cuja identidade étnica constitui a base de suas vivências cotidianas, bem como das ações políticas levadas a feito pelas entidades que lutam pelos seus direitos (SILVA, 2000).

É perante tamanha riqueza de conhecimento que veremos no tópico seguinte como o trabalho com o Bioenergético deixou intensos saberes sobre as plantas de uso medicinal, que marcaram profundamente a vida dos moradores da Pimenteira, e se tornaram uma identidade para a comunidade e seus moradores.

---

<sup>30</sup>O Fundo Dema Quilombolas do Pará ou Fundo Dema de Apoio às Comunidades Quilombolas do Pará, surgiu em 2008, numa dinâmica interativa entre a Coordenação das Associações das Comunidades Remanescentes de Quilombolas (Malungu), Fase Amazônia/Fundo Dema e Fundação Ford, para a constituição de uma linha de ação e financiamentos voltada exclusivamente para as comunidades quilombolas do Pará. Sua criação respondeu a uma demanda específica, por entender que essas comunidades demonstram uma dinâmica emancipatória única, além de se constituírem como um segmento importante das populações tradicionais da Amazônia Paraense. Tem por objetivo promover a conquista dos DhESCA's (Direitos Humanos Econômicos, Sociais, Culturais e Ambientais) das comunidades quilombolas, e contribuir para a consolidação da articulação estadual da Malungu na conquista e garantia destes direitos. Pesquisa no site: <http://www.fundodema.org.br/>.

### 2.2.3 Como tudo começou: o trabalho com o Bioenergético

Buscar a natureza para sanar as enfermidades é um procedimento antigo que até os dias atuais persiste, especialmente em comunidade e grupos étnicos distantes dos recursos das cidades, tais como a saúde. É comum vermos pessoas fazendo uso de plantas medicinais em rituais religiosos, como também no tratamento de doenças; por vezes, é o único recurso terapêutico usado. Em muitas regiões, e até mesmo nas grandes cidades, as plantas medicinais são comercializadas em feiras livres, comércio popular e nos quintais de nossas casas. Em Belém, por exemplo, no mercado do Ver-o-Peso, temos o banho de cheiro<sup>31</sup> que é preparado com o uso de diversas plantas aromáticas e muito procurado pelas pessoas para melhorar aspectos da vida, amor, dinheiro e a cura de doenças.

Observando a cultura popular quanto à eficácia das plantas medicinais percebemos que há uma divulgação dos valores terapêuticos das plantas, mesmo não tendo informações das propriedades químicas. Assim pessoas de todo o mundo mantêm a prática do consumo fitoterápico, validando as informações terapêuticas que foram acumuladas ao longo dos séculos sobre as plantas medicinais. Segundo Pinheiro (2002, p. 16):

a grande procura pelas Terapias Alternativas é resultado de vários aspectos. O que chama mais a atenção é que grande parte das pessoas já passou pelo tratamento da medicina tradicional e não tiveram os resultados que esperavam. Mas quando se fala em Terapia Alternativa no Brasil, é preciso esclarecer que se trata, na maioria dos casos, de práticas proibidas pelo Conselho Federal de Medicina. Apenas a homeopatia e a acupuntura são reconhecidas como especialidades médicas. Mas, alguns ramos das Terapias Alternativas cobrem áreas que a medicina convencional despreza e que, em muitos casos, podem ser uma única e útil complementação ao tratamento convencional.

Para Levi Strauss (1970, p. 51) “quando uma ação terapêutica não alcança o resultado esperado, a fé e a crença no sistema permanecem, pois elas são sempre coletivas.” O que persiste nesses saberes é a crença de que haverá a melhora ou cura das doenças por meio dos medicamentos naturais. Dentre as práticas alternativas de saúde, uma muito conhecida é a Bioenergética<sup>32</sup>. Esse método requer alguns requisitos importantes para seu uso: segundo Barbieri (2008, p. 18),

<sup>31</sup> As principais plantas usadas para fazer o banho de cheiro, segundo seus nomes populares são: catinga de mulata, chama, abre caminho, vindica, manjeriçã, manjerona de angola, alecrim de angola, trevo da sorte, trevo do mar, japana branca, priprioça, além de óleos de jasmim, uirapuru e patchouli.

<sup>32</sup> Bioenergética é a energia da vida. É uma nova técnica de diagnóstico e tratamento de doenças, baseada na sabedoria do inconsciente humano. Esta sabedoria, segundo garantem eminentes psicólogos, é inata e igual para todos, portanto não depende de nenhum estudo, mas nos foi infundida por Deus no momento da concepção. É

O praticante deve ter um bom conhecimento de anatomia e fisiologia para conhecer os pontos do exame, bem como o funcionamento do organismo. Ter conhecimento da energia e de como ela age e reage no organismo; conhecer os princípios básicos da energia e exercitar-se energeticamente; treinar com os dedos para ter domínio do campo energético; fazer parceria com um companheiro (a) como o (a) qual estabelece uma sintonia energética, possibilitando segurança nos testes.

O método da Bioenergética, originário do processo de desintoxicação do corpo pelo Biosáude, é um procedimento realizado através do bioteste – ou o teste do anel – que revela problemas de saúde presentes no paciente. O teste possibilita que a pessoa qualificada tenha uma visão específica de todos os pontos a serem cuidados. O tratamento é feito a base de plantas medicinais, argila, alimentação saudável e banhos. O Biosáude, ou método do Bioenergético, trata o corpo por completo<sup>33</sup>.

Conhecendo os benefícios que o Bioenergético pode trazer, a senhora Nazaré propôs para os moradores da Pimenteira criar um projeto que pudesse realizar esse trabalho na comunidade, pois alguns moradores já possuíam conhecimento sobre o uso das plantas medicinais. Assim o Bioenergético foi um dos projetos criados pela AQUAFAP. Alguns ficaram com receio desse trabalho, outros moradores receberam bem a proposta e valorizaram o trabalho, que durou em média um ano.

Muitas plantas nativas e caseiras foram cultivadas e catalogadas nesse período. As pessoas que foram preparadas por meio do curso de Bioenergético ficaram cerca de dois anos estudando pelo CEDENPA; eram elas a irmã da Domingas, Maria Ilene Alves do Nascimento, a senhora Maria Valdenira de Sousa Zacarias e a senhora Maria Zenir dos Santos Castro. Estas pessoas foram a Belém para fazer o curso do Bioenergético, com orientação da senhora Nazaré, e adquiriram diversos conhecimentos, dentre os quais saber qual doença havia no corpo de alguém.

Contudo, com o passar dos trabalhos ocorreram desavenças e as pessoas à frente do projeto foram perdendo o interesse e, por fim, não continuaram em busca de melhorar e ampliar esse saber e, aos poucos, pararam de executar o Bioenergético na comunidade. Hoje,

---

um método simples que se utiliza apenas dos dedos das mãos entrelaçadas em forma de anel, feito por duas pessoas examinadoras. Também usa uma vareta de metal para encostar na pessoa a ser examinada. Pesquisado no dia 03/12/2014 as 23:11hs no site: [http://www.jaimebruning.com.br/bio\\_saude.php](http://www.jaimebruning.com.br/bio_saude.php)

<sup>33</sup> Durante a consulta, o paciente é submetido ao teste bioenergético no qual um profissional da equipe faz um elo usando os dedos polegar e indicador, enquanto outro da equipe também faz um anel em cada uma de suas mãos, entrelaçando os dedos do outro. Com um arame ou metal que conduza corrente, um deles vai tocando os pontos de checagem, a mão reagirá de forma diferente em cada novo toque. Quando tocar um órgão sadio, o imã será mais forte. Pesquisado no dia 30/07/2015 as 17:34hs no site: <http://www.curapelanatureza.com.br/2011/03/biosaude-desintoxicacao-e-energizacao.html>

muitos na comunidade sentem a falta e tem a necessidade de serem tratados por esse saber, mas as pessoas foram instruídas a não transmitirem esse saber para outros e pararam os trabalhos. O local era chamando de “Centro Popular Biosaúde Pornusena”, em homenagem à avó da senhora Domingas. Vejamos abaixo a imagem do local onde antes era realizado o trabalho com o bioenergético e que hoje é lugar de encontros para os associados da AQUAFAP.

Fotografia 08 – Centro Popular Biosaúde Pornusena



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

O centro popular é equipado com geladeira, armário, fogão, mesas e, principalmente, o catálogo com as amostras e os nomes das plantas colhidas pelos moradores da comunidade para a realização do trabalho com o Bioenergético. As imagens a seguir são do local onde ocorriam os trabalhos e também a mesa que contém os desenhos da anatomia e fisiologia do organismo humano.

Fotografia 09 – Local de realização dos trabalhos com o bioenergético



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Fotografia 10 – Desenhos da anatomia e fisiologia para conhecer os pontos do exame e o funcionamento do organismo



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

O catálogo com amostras das plantas nativas e caseiras da comunidade de Pimenteiras é um acervo rico de informações relacionadas com a biodiversidade da região. Os nomes estão escritos de acordo com o saber que os moradores possuem sobre a língua escrita, o que traz maior qualidade nos estudos sobre os termos das plantas escritos pelos moradores da comunidade quilombola. Observemos abaixo algumas plantas dissecadas de forma tradicional e nomeadas no catálogo.

Fotografia 11 – Salsa dissecada



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Fotografia 12 – Canela dissecada



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Fotografia 13 – Vinagreira dissecada



Fonte: Dados da pesquisa, ano 2013.

Observamos que o trabalho com o Bioenergético proporcionou grande riqueza de dados, os quais objetivamos analisar e conhecer mais profundamente, no intuito de contribuir

para os estudos científicos da Língua por meio dos saberes tradicionais. Entretanto, o que é conhecimento e o que é saber? Esse e outros aspectos serão observados no capítulo seguinte, no qual abordaremos as diferenciações entre Conhecimento e Saber.

Apontando na comunidade tradicional os sujeitos de saberes, bem como a presença do gênero nesses saberes sobre as plantas medicinais, incluindo, especificamente, a detentora do saber das plantas, que é a senhora Domingas, para finalmente observarmos como tais saberes constituem a identidade cultural da comunidade quilombola de Pimenteiras.

### 2.3 SABER E/OU CONHECIMENTO: AS PLANTAS MEDICINAIS EM PIMENTEIRAS

A partir da compreensão dos saberes como práticas discursivas, Michel Foucault (2009)<sup>34</sup> depreende que nesse discurso os termos Saber<sup>35</sup> e Conhecimento<sup>36</sup> geralmente são palavras utilizadas no senso comum como sinônimas. Analisamos que a palavra “saber” significa ter conhecimento de algo teórico ou prático; é uma habilidade resultante da experiência, da prática, da sabedoria e da cultura. O saber é uma relação entre o sujeito que sabe e o objeto a ser conhecido; é um sentimento de segurança que se produz quando se tem consciência dessa relação posta em movimento numa dada realidade. Já o termo

<sup>34</sup> Michel Foucault foi um filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo e crítico literário. Suas teorias abordam a relação entre poder e conhecimento como eles são usados como uma forma de controle social por meio de instituições sociais.

<sup>35</sup> Saber - Verbo. Transitivo direto, transitivo indireto e intransitivo 1.conhecer, ser ou estar informado; ter conhecimento de 2.ter conhecimentos específicos (teóricos ou práticos) 3.estar convencido de; ter a certeza de (coisas presentes e futuras); prever; pressentir 4.ter força, mérito, meio, capacidade ou possibilidade de 5.ter habilidade, jeito etc. para 6.poder explicar; compreender 7.ser capaz de; conseguir 8.guardar na memória; decorar 9.indagar, perguntar 10.julgar, considerar, ter como 11.fazer jus a; merecer 12.ter gosto de, lembrar o sabor de; ter sabor, ser sávido 13.soma de conhecimentos adquiridos; sabedoria, cultura, erudição 14.prudência e sensatez ao agir; experiência 15capacidade resultante da experiência; prática

<sup>36</sup>Conhecimento- Substantivo masculino. Ato ou efeito de conhecer 1. O ato ou a atividade de conhecer, realizado por meio da razão e/ou da experiência 1.1ato ou efeito de apreender intelectualmente, de perceber um fato ou uma verdade; cognição, percepção 1.2Derivação: por extensão de sentido. Fato, estado ou condição de compreender; entendimento 2. Derivação: por metonímia. A coisa conhecida 2.1Derivação: por extensão de sentido. Domínio, teórico ou prático, de um assunto, uma arte, uma ciência, uma técnica etc.; competência, experiência, prática 3. Derivação: por metonímia. Faculdade de conhecer 4. Derivação: por extensão de sentido. Intuição, pressentimento ou outra forma de cognição 5. Fato de reconhecer uma coisa como adrede sabida ou conhecida; reconhecimento 6. Familiaridade (com uma coisa ou uma pessoa), adquirida pela experiência 7. Derivação: por extensão de sentido. Ato ou efeito de estabelecer uma relação com alguém, em grau de intimidade variável, mas ger. menor que na amizade 8. Derivação: por extensão de sentido. Pessoa com quem se estabeleceu uma ligeira relação pessoal ou que, pelo menos, se sabe de quem se trata 9. Derivação: por extensão de sentido. Uso: formal. Diacronismo: antigo. Relação carnal do homem e da mulher 10. Derivação: por extensão de sentido. Uso: formal. Diacronismo: antigo. Noção que cada um tem de sua própria existência e das pessoas familiares, coisas, fatos do dia-a-dia; consciência, lucidez 11. Derivação: por extensão de sentido. Fato ou condição de estar ciente ou consciente de (algo) 12. Derivação: por metonímia. A coisa que se conhece, de que se sabe, de que se está informado, ciente ou consciente [...]

“conhecimento” é o ato de conhecer algo por meio da razão ou da experiência, é, portanto, o domínio de um assunto teórico ou prático a ser adquirido (SILVA, 2009, p. 263).

Observamos que as palavras Saber e Conhecimento sugerem uma relação do sujeito com o objeto conhecido ou a ser conhecido. Essa relação do sujeito com o objeto ocorre pela familiarização do sentido com o componente a ser compreendido, assim Saber e Conhecimento são palavras tomadas no dicionário como sinônimas. Ambas significam experiência, ciência, percepção, informação e ato de conhecer.

Entretanto, no que diz respeito às plantas de uso medicinal da comunidade de Pimenteiras, as palavras saber e conhecimento não terão significação semelhante. Isto se confirma nos estudos de Foucault (1987) sobre a relação de poder e saber. O autor ressalta a ideia de que na produção dos saberes há sempre uma dependência mútua entre estas categorias. Para ele não há saber sem estar tocado pelas complexas relações de poder, mas essas relações se constituem em conjunto com a produção dos saberes (FREITAS, 2005).

É nesse contexto de poder que Foucault diferencia o conceito de saber e de conhecimento. Para o pesquisador, o conhecimento é a constituição de discurso sobre classe de objetos passíveis de se conhecer, ou seja, cognoscíveis, que são construídos pelo processo de racionalização, identificação e de classificação dos objetos. Já o saber, segundo o pesquisador, é um processo flexível que sofre mudanças durante o trabalho de conhecer, enquanto o conhecimento é carregado e estagnado.

Foucault ainda explica que o sujeito cognitivo é marcado por sua cultura, pelos aspectos externos e de uma memória que atravessa o tempo através das significações, pensamentos e desejos no âmbito do conhecimento (ALMEIDA, 2012). Com base nesses estudos, compreendemos que os saberes dos moradores da comunidade de Pimenteiras são construídos constantemente nas relações sociais em que estão inseridos culturalmente.

Observamos que a palavra conhecimento é uma verdade pré-construída, linear, imóvel, independente do contexto no qual será processada. No decorrer dos questionamentos, compreendemos que a palavra conhecimento se refere a situações objetivas e teóricas que, devidamente sistematizadas, dão lugar à ciência. A palavra saber, por sua vez, pode referir-se a situações tanto objetivas como subjetivas, tanto teóricas quanto práticas; é como se a palavra conhecimento coubesse dentro da palavra saber, e não o contrário.

Para nos ajudar na compreensão desses termos, citamos Zubiri (1974) que, em seus estudos, mostra que o homem tem um modo de experiência com as coisas de uma maneira simples e única. É um saber que toca no íntimo de cada coisa; não é a percepção de cada uma de suas características, é uma espécie de sentido do ser. É a experiência que temos com o

objeto colocando-o no espírito. Desta forma Monteil (1985 apud Charlot, 2000, p. 61) assim distingue:

O conhecimento é o resultado de uma experiência pessoal ligada à atividade de um sujeito provido de qualidades afetivo-cognitivas; como tal, é intransmissível, está “sob a primazia da subjetividade”. Assim, como a informação, o saber está “sob a primazia da objetividade”; mas, é uma informação de que o sujeito se apropria. Desse ponto de vista, é também conhecimento, porém, desvinculado do “invólucro dogmático no qual a subjetividade tende a instalá-lo”. O saber é produzido pelo sujeito confrontado a outros sujeitos, é construído em “quadros metodológicos”. Pode, portanto, “entrar na ordem do objeto”; e torna-se, então, “um produto comunicável”, uma “informação disponível para outrem.

Saber não é só entender a veracidade das coisas desde os seus princípios, há necessidade de se conquistar realmente a posse da “realidade”. Esta posse da “realidade” permite colocar o conhecimento em ação num determinado contexto, o que ocasiona a construção do saber, pois, não basta apreendermos a “verdade da realidade” (conhecimento), é necessário construirmos a “realidade da verdade” (saber) (MOTA, 2008).

Para Schlanger (1978 apud Charlot, 2000), saber e conhecimento mantêm uma pertinente relação de interação entre o sujeito e o objeto. Para ele, a análise parece pertinente ao dizer que não há “saber” sem relação entre sujeito e objeto, outros sujeitos e outras realidades. A confrontação pessoal do sujeito apropriado de conhecimentos numa realidade específica e singular implica na atividade do sujeito de produzir saberes. Schlanger (1978, apud CHARLOT, 2000, p. 22) expõe que “O saber é uma relação, um produto e um resultado, relação do sujeito que conhece com seu mundo, resultado dessa interação”. Enquanto o conhecimento, para o pesquisador, é exatamente a obtenção de uma imagem cognitiva interna, de uma verdade independente de uma realidade, estabelecida pela relação cognitiva interna e ativa do sujeito sobre o objeto. Assim, o objeto de conhecimento é qualquer realidade externa ao indivíduo que através do ato intelectual, torna-se interna.

O saber, por sua vez, necessita de uma relação, não só interna do indivíduo sobre o objeto, mas uma relação entre esse sujeito, seu conhecimento e uma dada realidade ou contexto. Por conta disso, vemos o saber como o movimento do conhecimento em contato com um determinado contexto, numa dada realidade, confrontando suas múltiplas faces, transcendendo o conhecimento já consolidado, reinventando-o, recriando-o e traduzindo-o, conforme as necessidades imperadas pelas circunstâncias (SCHLANGER, 1978 apud CHARLOT, 2000).

O saber e o conhecimento são formas de relacionamento com a realidade, formas de dizer, de pensar, de ser e de estar no mundo e com o mundo. É com estas explanações sobre o que individualiza o saber, que entenderemos os saberes da comunidade de Pimenteiras,

saberes de um povo que durante séculos lutou para alcançar sua liberdade, seu direito à terra e seu espaço na sociedade. É pertinente ao ser humano a sobrevivência, por isso para Brandão (1993, p. 20, apud PELAES, 2010),

Há a necessidade de sobrevivência do homem que cria mecanismos para se adaptar aos desafios da natureza. Com isso o homem desenvolve meios de sobrevivência, bens de uso e bens de troca, dentro de um cenário de interações. Tais homens atuam como indivíduos, sujeitos do mundo da cultura, pessoas que, segundo o autor, são agentes culturais e atores sociais, convivendo em cenários da cultura.

Em vista da necessidade de sobrevivência, os remanescentes de Quilombola da comunidade de Pimenteiras possuem e utilizam os saberes que foram adquiridos de seus antepassados sobre a manipulação das plantas medicinais, a fim de alcançar a cura de doenças. Tendo em vista as dificuldades de acesso aos recursos de saúde, eles buscaram na natureza as espécies vegetais mais apropriadas para sua alimentação ou para a cura de seus males entre as gerações.

Apesar de muitas plantas serem úteis ao homem, existem aquelas que produzem substâncias tóxicas ou venenosas, assim é preciso saber bem as características de cada planta para poder usá-la como remédio. É comum se ouvir dizer que o uso das plantas medicinais “se não fizer bem, mal não fará”, porém não é bem assim. Do ponto de vista científico, o saber sobre as plantas ainda é um campo pouco estudado e difundido no país. Apesar da riqueza da flora brasileira, os estudos na área ficam mais restritos à antropologia.

O uso inadequado das plantas poderá trazer efeitos indesejados e, por vezes, até a morte do indivíduo. É imprescindível ter conhecimento não somente das plantas, mas também das doenças, para fazer a seleção correta da planta a ser utilizada, de acordo com a forma de uso, a frequência, a quantidade, a idade e o metabolismo de cada pessoa. Enfim, os saberes das plantas e os conhecimentos científicos podem, juntos, contribuir para a saúde e bem estar dos moradores da comunidade de Pimenteiras, além de preservar sua cultura como identidade cultural de um povo.

Da distinção entre saber e conhecimento iremos ao tópico seguinte, no qual abordaremos a comunidade tradicional e os sujeitos de saberes sobre as plantas medicinais: Quem são e o que caracteriza as comunidades tradicionais? Que aspectos marcam sua identidade como sujeitos de saberes? Ou seja, é a construção do sujeito através do saber adquirido entre as gerações.

### 2.3.1 Comunidade Tradicional: sujeitos de saberes

Entendemos que o conhecimento é construído a partir do acúmulo de experiências vivenciadas no âmbito físico e social. Nas populações tradicionais<sup>37</sup>, que são estas constituídas por grupos comunitários humanos, os quais na sua maioria vivem no meio rural, habitando determinado território com seus hábitos, usos e costumes, o conhecimento é construído a partir da relação com o meio em que vivem, inserindo no ecossistema preservação, significação, ressignificação, valores e saberes que serão transmitidos de geração em geração por procedimentos educativos tradicionais.

Alguns aspectos diferenciam as populações tradicionais das populações não tradicionais, tais como pouca acumulação de bens, apropriação do espaço natural, estratégias de sobrevivência a partir do conhecimento de fontes naturais adquiridas entre as gerações e vivências com o meio, além da construção de um modo de vida de acordo com os ciclos dos recursos que a natureza oferece.

As comunidades tradicionais se reconhecem como pertencentes a um grupo social particular que se estabelece pela identidade, construção e reconstrução de cada grupo. Assim, as sociedades tradicionais se apresentam mais homogêneas do que as comunidades não tradicionais, pois ocupam áreas de pouca densidade populacional, com atividades agrícolas, festas culturais e cultos religiosos que funcionam como fator de aglutinação social.

Estas comunidades desenvolvem seus saberes na relação com o outro e com a natureza, fazendo cultura e garantindo a sobrevivência de seu grupo. Castro (2000, p. 169) compreende que as ações praticadas pelo homem e os mecanismos de intervenção na natureza são frutos do acúmulo de experiências vivenciadas no meio e de saberes reelaborados no meio social, através das gerações.

Nesse contexto observamos que a comunidade tradicional de Pimenteiras contém saberes conduzidos entre as gerações e preservado de acordo com os costumes culturais que os moradores quilombolas adquiriram com o passar do tempo, tais saberes são denominados de conhecimento popular.

O conhecimento popular, às vezes denominado senso comum, não se distingue do conhecimento científico nem pela veracidade, nem pela natureza do objeto a ser conhecido. O que os diferencia é a forma, o modo ou o método do conhecer (LAKATTOS; MARCONI,

---

<sup>37</sup> Art. 3º, Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, presidente Luís Inácio Lula da Silva instituiu a Política Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT).

1991). Saber que determinada planta necessita de uma quantidade de água pode ser um conhecimento verdadeiro e comprovado, contudo isso não o torna científico. Para haver cientificidade é necessário ir mais além; é preciso conhecer a natureza dos vegetais, sua composição, seu ciclo de desenvolvimento e as particularidades que distinguem uma espécie da outra. Assim, demonstra-se que a ciência não é o único caminho de acesso ao conhecimento e à verdade, e que um mesmo objeto como uma planta, um mineral ou uma comunidade, pode ser objeto de estudo tanto para a ciência quanto para o homem comum, ou seja, o que caracteriza o conhecimento científico do saber popular é a forma de observação (BUNGE, 1974).

É a partir da observação que os saberes sobre as ervas e plantas foram adquiridos entre as gerações e, hoje, muitas comunidades tradicionais utilizam os recursos caseiros para curar e amenizar as doenças. Segundo Bunge (1974, p. 20), a Ciência aspira pela racionalidade e objetividade, isto só é atingido de forma muito limitada. O conhecimento popular, por sua vez, busca o comum, o corrente e o espontâneo de conhecer, algo que só se adquire no trato direto com as coisas e com os seres humanos. Para o autor, o conhecimento popular caracteriza-se pelo superficial, sensitivo, subjetivo, assistemático e acrítico (ANDEREGG, 1978).

No campo do conhecimento popular sobre o uso de plantas medicinais, este é um saber que acompanha o movimento histórico e cultural da humanidade. Transmitido oralmente de geração a geração, esses conhecimentos sobre as plantas medicinais, constituíram o alicerce do conhecimento tradicional. Com a industrialização e urbanização, o saber tradicional sobre as plantas medicinais passou a ser desvalorizado, fato que, conseqüentemente, causou a desvalorização cultural das comunidades tradicionais que as utilizavam.

Assim, valorizar esse conhecimento está intimamente ligado ao fortalecimento cultural e identitário de uma dada comunidade. Segundo Gallois (2006) o saber tradicional é um conhecimento que deve ser respeitado, pois é transmitido oralmente, entre as gerações, com práticas e inovações e não como um simples repositório de conhecimentos do passado. A prática de uso das plantas medicinais, tanto para cura física quanto espiritual, faz parte das relações que os moradores da comunidade de Pimenteiras apreenderam ao longo do tempo na observação da natureza, consigo mesmos e com o mundo que os cerca. Os saberes e práticas de cuidado com a saúde, atrelados ao uso das plantas medicinais, dizem respeito à estreita relação existente entre aspectos socioculturais e ambientais.

Conhecer as práticas ancestrais de utilização das plantas medicinais ainda existentes na comunidade de Pimenteiras, além de conduzir a uma reflexão sobre a relação do saber tradicional com o conhecimento científico, é aspecto relevante para fortalecer a identidade de um povo. A comunidade utiliza o saber tradicional sobre as plantas medicinais nas suas práticas cotidianas, cuidando da saúde; apesar disso, ela ainda necessita compreender a importância deste saber para o fortalecimento da sua identidade cultural e construir um diálogo entre os saberes existentes na região com o conhecimento científico.

Os saberes existentes sobre as plantas são, sem dúvida, uma forte marca na comunidade de Pimenteiras. Sobretudo, vale destacar que, na grande maioria das famílias, tal saber é transmitido pelo gênero feminino. As mulheres, adultas e idosas, são as que mais se destacam no acervo de conhecimento sobre as plantas. Com isso, observamos que o conhecimento das plantas medicinais é ancestral e natural entre as gerações femininas, ou seja, as pessoas mais velhas são consideradas as “guardiãs” dos saberes de cura por meio das plantas medicinais, são elas que conhecem os usos das plantas e perpetuam esse conhecimento às gerações posteriores.

Em consideração às moradoras quilombolas da comunidade de Pimenteiras que perpetuaram tão valioso conhecimento e proporcionaram preservar os saberes das plantas medicinais, trataremos no tópico seguinte os aspectos referentes à presença do gênero feminino nos saberes sobre as plantas da comunidade de Pimenteiras.

### **2.3.2 A presença do gênero nos saberes das plantas medicinais**

As plantas medicinais sempre fizeram parte da história de muitos povos na antiguidade. Muito antes de frequentar as farmácias para buscar o alívio de alguma dor, buscamos em nossos quintais ou nas matas uma determinada planta que, por conselho dos mais velhos, poderia resolver o problema. Com o passar dos tempos, diversos povos utilizaram as plantas medicinais de diferentes formas. Os portugueses, quando chegaram ao Brasil, já desfrutavam o poder das plantas medicinais; os indígenas, por sua vez, contribuíram muito com o conhecimento que já possuíam das plantas usadas como remédio e alimento.

Desse modo, existem muitas maneiras de empregar as plantas no uso medicinal, tais como chás, garrafadas, xaropes, defumadores e banhos, e nessas diferentes formas de uso das

plantas a grande diversidade de espécies vegetais na Amazônia traz marcas da presença feminina no domínio dos saberes sobre as plantas. Segundo Rodrigues (2008, p. 2):

Diante dessa sociodiversidade nos contextos amazônicos, nosso recorte de apreensão da realidade busca perceber as afirmações quanto aos papéis sociais empregados a mulheres e homens no domínio de um saber, o das plantas medicinais; apreender diante desse contexto como se apresentam as relações de poder em relação ao conhecimento; e, demonstrar a visão mercadológica sobre os conhecimentos tradicionais que se apropria da ótica patriarcalista reafirmadora de estereótipos que naturaliza as relações sociais; e, portanto, como tais aspectos influem diretamente nas questões sócio-culturais da saúde popular/coletiva e no âmbito de políticas sociais.

As plantas medicinais são usadas há milênios como fonte de cura. Apesar de a Idade Média ser conhecida como Idade das Trevas, foi uma época em que a Europa Medieval sofreu uma forte mudança nos hábitos alimentares. Nessa época os vegetais passaram a ser pouco consumidos, havendo preferência para as carnes, pães e frutas. Com isso, o conhecimento sobre as plantas ficou armazenado nas mãos da Igreja Católica, que utilizava-os apenas para a medicina e a prática espiritual.

As mulheres desse período que possuísem certo conhecimento sobre as plantas medicinais para curar as enfermidades nos familiares eram fortemente rejeitadas, julgadas e condenadas como pecadoras e hereges; eram mortas à fogueira, pois, na visão da Igreja, quem tivesse tal conhecimento enganava as leis divinas com rituais que iam contra os seus preceitos. Assim, várias mulheres foram perseguidas e acusadas de bruxaria e, por conseguinte, foram assassinadas pela prática de suas crenças e cultura.

As mulheres foram, em grande número, acusadas de bruxaria e, em conseqüência, desmoralizadas, ou tiveram que aceitar como espúrios e ilícitos os seus saberes, aqueles que compartilhavam com outras mulheres, na convivência entre mães e filhas, uma geração após outra. (TELLES apud RAGO; FUNARI, 2008, p.81)

Ao observarmos a relação entre a presença feminina com o saber sobre as plantas, verificamos que a autoridade no conhecimento pode revelar mais que uma prática cultural e histórica predominante às mulheres. Esta prática revela um contexto doméstico no qual o trabalho das mulheres é revestido pelas relações de poder. Em casa, o saber, o uso e o manejo das plantas medicinais é algo predominante ao gênero feminino. Essa observação está relacionada com as diferenças entre gêneros e na divisão social e sexual. Pelo fato de ser “obrigada” a cuidar dos filhos, a mulher tem, por extensão, a preocupação maior em saber dos usos de plantas medicinais, por estar diretamente ligada ao sentimento de zelo, saúde e bem estar da família.

Nesse contexto as plantas medicinais normalmente são manejadas em quintais, espaço considerado parte do ambiente doméstico e feminino, assim como o cuidado com os filhos, que não é visto como “trabalho”. Nas observações de Gonçalves, a ação de trabalhar com as plantas está relacionada ao seguinte conceito: “Trata-se da forma como cada cultura lida com as diferenças entre os sexos, alocando a cada um deles determinados atributos e à maneira como estes atributos são valorados socialmente” (GONÇALVES, 1998, p. 51).

Assim, pode-se afirmar que é comum ao gênero feminino conhecer e saber utilizar as plantas medicinais como forma de prevenção e bem estar próprio e comunitário. Para a mulher, ter propriedade no conhecimento das plantas medicinais está relacionado com o cuidado aos filhos, afinal, isto representa o principal motivo para ter aprendido com a mãe, a avó, a tia, ou a vizinha: é uma “herança de saber”, da transmissão frequente entre as gerações e de transmissão entre as mulheres.

Como bem menciona Tosi (1998), o fato de que as bruxas eram mulheres que detinham conhecimentos, eram mulheres sábias de conhecimentos empíricos que praticavam desde épocas ancestrais, demonstra um pouco desse trajeto sobre o saber das plantas medicinais que passou por gerações femininas, as quais foram tidas como guardiãs do saber.

Nas comunidades tradicionais, as mulheres também guardam tais saberes medicinais das plantas. Assim, seguiremos no tópico seguinte tratando, especificamente, sobre uma moradora da comunidade de Pimenteira, uma mulher que até os dias atuais traz saberes de suas ancestrais como forma de perpetuar e preservar um conhecimento que hoje identifica um povo.

### **2.3.3 Domingas: a relação com a comunidade e com os saberes**

A confiança em alcançar a cura de diversas enfermidades do corpo por meio do uso medicinal de plantas é um conhecimento conservado entre as gerações femininas na região da Pimenteira. Avós, mães, filhas e netas constituem um círculo, no qual os saberes têm sido repassados entre as gerações.

As mulheres da comunidade de Pimenteiros vivem o costume de cuidar da casa, educar os filhos e ajudar os maridos nos trabalhos da roça. Elas são encarregadas de muitas atividades, dentre as quais, o manejo da terra para auxiliar o marido nas atividades da agricultura é bastante comum. No entanto, o contrário não ocorre, ou seja, os homens não

cuidam dos filhos, não preparam as refeições e nem manipulam as plantas para o uso medicinal.

A herança do saber sobre o uso das plantas medicinais é puramente feminina, devido aos cuidados que as mulheres quilombolas possuem com os filhos, com a casa e com a terra. Rodrigues (2008, p. 4) expõe sobre a importância dos saberes tradicionais guardados pelas mulheres nas comunidades para a preservação da cultura de um povo:

[...] na medida em que o conhecimento da natureza, a partir dos conhecimentos tradicionais sobre o uso de plantas medicinais, é manipulável tanto por mulheres e homens, ambos têm um reconhecimento de uma cultura próxima da natureza que não os menospreza, pelo contrário, em suas localidades são considerados importantes pelo saber que detêm, primordialmente no que tange a saúde coletiva/popular [...].

Os remanescentes de quilombolas da comunidade de Pimenteiras vivem e lutam pelo direito à terra e à preservação dos valores e saberes da região. Sabemos que cerca de oito milhões de brasileiros fazem parte de comunidades tradicionais, dentre as quais uma média de dois milhões<sup>38</sup> correspondem a remanescentes de quilombo. De acordo com o Decreto de nº 6.040<sup>39</sup>, de 07 de fevereiro de 2007, os povos e comunidades tradicionais são grupos culturalmente diferenciados que se reconhecem como tais, possuindo formas próprias de organização social, ocupando e usando os recursos naturais como condição de sobrevivência da sua reprodução cultural, social e religiosa, com inovações nas práticas geradas e transmitidas pela tradição. Nos relatos da senhora Domingas, ser quilombola é algo relacionado com a natureza e a terra, conforme se pode observar em um trecho transcrito de sua fala:

[...] mas ser quilombola ...acho que é ser:: ... vem dessa descendência ... e: assim das (coisas)/ tradicional ... as coisas da natureza. aprender ... e viver com a natureza. eu acho que é porque eu ... eu assim ... fiquei ... sempre assim vendo os índios. porque os índios ele vive muito da natureza/ das coisas natural ... e eu acho que ser quilombo é a mesma coisa também. é viver da natureza. aprender (viu?) o clima da natureza porque ... a gente sendo assim/ parando pra pensar ... a natureza ensina as coisas pra gente neh? ... a gente .... a gente ficar no silêncio da gente a gente aprende as coisas com a natureza. eu acho que é isso que vem de/ de quilombola porque aquele tempo dos dos ... dos negros eles não tinham conhecimento de nada de leitura. (nada nada) MAS ... com a natureza eles aprendiam alguma coisa. (informação verbal)<sup>40</sup>

<sup>38</sup>Informação contida no Centro de documentação Eloy Ferreira da Silva. (CEDEFES, 2008). Site: <http://www.cedefes.org.br/#>

<sup>39</sup> Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT).

<sup>40</sup> Depoimento da senhora Domingas transcrito de forma grafemática em Pimenteiras, outubro de 2014.

É fato que nem todos os moradores fazem uso do conhecimento sobre as plantas, mas os que preservam este saber são referência na comunidade para as demais localidades da região, como é o caso da senhora Domingas Alves do Nascimento<sup>41</sup>. Moradora de origem quilombola, ela é conhecedora do poder medicinal das plantas, vivendo da agricultura e das vendas dos produtos feitos com as plantas como a garrafada, multimistura e pomadas. Devido à forte relação com a terra, ela cultiva suas ervas e plantas em casa, como meio de proporcionar a saúde de seus familiares e de seu povo. A senhora Domingas é uma pessoa desinibida, trabalhadora e ávida pelo conhecimento medicinal das plantas. Na entrevista a moradora escolheu seu quintal como espaço para conversar, o local possui muitas plantas, árvores, sombra e vento forte. De forma acolhedora e sorridente, algo marcante em sua personalidade, Domingas demonstrou grande acolhimento e bem estar durante a conversa, pois. Apesar de sua pouca escolaridade é uma grande contadora de histórias com força e determinação no que diz.

Domingas luta pelos direitos de seu povo, buscando recursos que viabilizem melhorias para a comunidade; sua relação com a terra veio de seus ancestrais, que vieram da comunidade de Narcísea para por suas raízes na comunidade de Pimenteiras<sup>42</sup>. Durante a conversa Domingas falou de suas origens, sua família, da Associação, da titulação da terra, de seu trabalho na lavoura e do saber sobre as plantas. Este aspecto é o que mais chama a atenção, devido ao grande conhecimento demonstrado a respeito das plantas medicinais.

A moradora de Pimenteiras vive na comunidade rural há cerca de cinquenta anos. Durante esse tempo, muitos saberes de seus antepassados sobre as plantas medicinais foram repassados. Sua avó materna – senhora Joana Pornusena dos Santos – e sua mãe – senhora Otilia Alves do Nascimento – eram sabedoras do uso de chás para a cura de males do corpo e da alma. Com o passar dos anos, o conhecimento da senhora Domingas sobre as plantas passou a ser muito importante para a comunidade local e visualizado por cooperativas e organizações, como o CEDENPA, e pela Rede Bragantina de Economia Solidária<sup>43</sup>. A partir

---

<sup>41</sup> Em entrevista realizada em 19 de outubro de 2014 a moradora de Pimenteiras, Domingas, em seu discurso apresentou saberes de um povo que se mantém com os recursos da natureza, procurando preservar o ambiente em que vive. Para realizar esta pesquisa foi necessário registrar a conversa com a senhora Domingas através de fichas com perguntas variadas sobre sua história, a comunidade e o uso medicinal das plantas. Depois foi indispensável a gravação do som e imagem da entrevistada para, na sequência, analisar seu discurso, que foi transcrito de forma grafemática. Com esse material transcrito fizemos análise de um discurso repleto de saberes de um povo historicamente deixado à margem social.

<sup>42</sup> Pimenteiras possui este nome devido às grandes plantações de pimenta existente na época dos avôs de Domingas.

<sup>43</sup> A Rede Bragantina reúne atualmente vinte e sete organizações membros que trabalham por uma cultura de sustentabilidade a partir de novas relações econômicas, afetivas, de gênero e etnia, no sentido da existência humana. Rede Bragantina de Economia Solidária Artes & Sabores tem o objetivo de produzir com respeito às

desse contexto, a moradora foi orientada para aprimorar seus saberes sobre as plantas, fazendo cursos de aproveitamento e utilização dos alimentos para a saúde.

Conhecer mais e aprimorar o conhecimento sobre as plantas medicinais vai ao encontro dos saberes adquiridos entre as gerações de mulheres com quem Domingas conviveu. O trabalho com as plantas é muito importante para a moradora, a ponto que hoje o saber sobre as plantas é algo que identifica a comunidade de Pimenteiras. No tópico seguinte veremos como a comunidade atualmente é conhecida pela forte relação dos moradores com a terra, com as tradições e suas práticas culturais próprias e, portanto identitárias.

### **2.3.4 A Identidade Cultural no saber sobre as plantas medicinais**

Tudo aquilo que é construído pelo ser humano, incluindo os mitos, os símbolos, os ritos, todas as crenças, todo o conjunto de conhecimentos e todo o comportamento de um povo é o que marca as especificidades de cada comunidade, ou seja, sua Cultura. A definição do conceito de cultura atualmente se tornou difícil, pois ela pode ser estudada sob diversos pontos de vista. É necessário, portanto, escolher uma perspectiva para poder defini-la.

Desse modo, analisamos os estudos de Cuche (1999), que descreve o processo evolutivo como uma questão de adaptação do homem, de acordo com a genética, do meio ambiente natural para uma adaptação cultural dos primeiros homens. Segundo o pesquisador, a noção de cultura era compreendida no seu sentido amplo e, desde seu aparecimento no século XVIII, suscitou constantes debates contraditórios com a ideia moderna da cultura da época, fazendo oposição com a noção de sociedade no mesmo campo significativo.

Nesse aspecto, Cuche (1999, p. 10) relata que “A cultura permite ao homem não somente adaptar-se a seu meio, mas também adaptar este meio ao próprio homem, as suas necessidades e seus projetos. Em suma, a cultura torna possível a transformação da natureza.”

Conhecer profundamente a comunidade de Pimenteiras trouxe forte significação no campo dos estudos científicos e, principalmente, no campo dos saberes populares, pois permitiu analisar os aspectos culturais que permeiam e identificam a região. A partir disso, conhecer a cultura de um povo significa conhecer e valorizar a nossa cultura como autoafirmação do que somos. Examinar como foi formada a palavra, o conceito científico que

dela depende, localizar sua origem e evolução semântica, evidenciam, assim, os laços que existem entre a história da palavra cultura e a história das ideias. Se, pensada como um conjunto de ideias, valores e conhecimentos, cultura traz dentro de si, em primeiro lugar, a dimensão do passado. Muitos conhecimentos foram herdados de outras gerações e, a cada tempo que passa, mais conhecimento é acumulado. É extraordinário como a nossa memória fica cada vez mais enriquecida, pois o tempo passa e a memória cresce proporcionalmente (CUCHE, 1999). Logo, é sensato valorizar a identidade cultural de um povo, pois através dela alcançamos as diversas histórias de nossos antepassados. (CUCHE, 1999).

Frente a tudo que foi explanado, compreendemos que a comunidade de Pimenteiras pode ser definida como comunidade tradicional, pois é culturalmente diferenciada. Assim, nessa construção da identidade coletiva do grupo, os símbolos, os saberes, as tradições estão ligados à reprodução cultural, social e econômica da comunidade que, além de tudo, tem como consequência a proteção da biodiversidade local. Ao compreenderem que os recursos naturais são esgotáveis e valiosos para a saúde, os moradores da comunidade de Pimenteiras buscam preservar e proteger os saberes sobre as plantas medicinais, a ponto de construir sua identidade cultural nesse domínio.

É assim que a comunidade tradicional de Pimenteiras é conhecida e se reconhece: como pertencente a um grupo social particular que se estabelece pela identidade, construção e reconstrução de um grupo. A comunidade remanescente de quilombola desenvolve seus saberes na relação com o outro e com a natureza, fazendo cultura e garantindo a sobrevivência de seu grupo (CASTRO, 2000). Por isso é necessário conhecer e respeitar os saberes preservados na memória de um povo, juntamente com o ambiente natural em que vivem.

A valorização do conhecimento popular está intimamente ligada ao fortalecimento cultural e identitário da comunidade de Pimenteiras que, por sua vez, faz da prática de uso das plantas medicinais a simbólica relação que os moradores desenvolveram, ao longo do tempo, com a natureza, com eles mesmos e com o mundo que os cerca. Os saberes e práticas de cuidado com a saúde, atrelados ao uso das plantas medicinais, dizem respeito à estreita relação existente entre aspectos socioculturais e ambientais que constituem a identidade cultural de um povo (BADKE, 2008).

Observando os aspectos que marcam a identidade cultural da comunidade de Pimenteiras passaremos, no capítulo seguinte, à fundamentação desse estudo sobre os termos catalogados das plantas medicinais da comunidade, analisando a importância do legado de identidade e cultura popular. Para isto serão consideradas as especificidades das plantas medicinais diante do saber científico e da sabedoria tradicional, analisados por meio da árvore

de domínio. Em seguida, daremos continuidade aos estudos sobre as ciências do termo e a terminologia nas especialidades da nomeação das plantas medicinais. Junto a este estudo, abordaremos as particularidades da Terminologia até a Socioterminologia como fundamentos essenciais para o estudo do termo das plantas medicinais da comunidade de Pimenteiras.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo apresentamos os fundamentos teóricos deste trabalho, buscando os conhecimentos sobre Língua, Terminologia, Socioterminologia e Termo. Segundo Perini (2010, p. 01-02) a língua é “um sistema programado em nosso cérebro que, essencialmente, estabelece uma relação entre os esquemas mentais que formam nossa compreensão do mundo e um código que os representa de maneira perceptível aos sentidos”. A língua é caracterizada como sistema de grande complexidade que envolve regras, léxicos, expressões e clichês que se encontram enraizados na cultura. É por meio dela que manifestamos exteriormente nossa capacidade humana de utilizar a linguagem.

A terminologia, por sua vez, é a ciência que “toma o léxico especializado ou temático, que é composto pelos termos técnico-científicos como seu objeto principal de estudos e de aplicações. É uma área que recorta do universo léxico os termos técnico-científicos” (KRIEGER, 2011, p. 443). Os estudos terminológicos atuais têm enfatizado a perspectiva social dos termos, assim a Socioterminologia é, também, parte de tais estudos da Terminologia. Faulstich (1995) explica que a socioterminologia é uma disciplina descritiva que estuda o termo na perspectiva linguística da interação social, “é a disciplina que se ocupa da identificação e da categorização das variantes linguísticas dos termos em diferentes tipos de situação de uso da língua” (FAULSTICH, 1995, p. 1).

Para Sager (1998 apud DIAS, 2000, p. 90), a terminologia tida como teoria “é um conjunto de premissas, argumentos e conclusões necessário para explicar o relacionamento entre conceitos e termos especializados”. Já como prática, a terminologia “é um conjunto de métodos e atividades voltado para coleta, descrição, processamento e apresentação de termos; como produto, é um conjunto de termos, ou vocabulário, de uma determinada especialidade.”

O termo, por sua vez, apresenta três concepções. Segundo os estudos de Cabré (1995 apud DIAS, 2000, p. 90) tem-se a concepção linguística de que os termos são uma forma de saber, ou seja, “os termos são o conjunto de signos linguísticos que constituem um subconjunto dentro do componente léxico da gramática de determinada pessoa.” No campo da filosofia o termo é uma forma de conhecer, em que “a terminologia é um conjunto de unidades cognitivas que representam o conhecimento especializado.” Finalmente, o termo é uma forma de transferir e comunicar, pois “a terminologia é o conjunto das unidades de expressão e comunicação que permitem transferir o pensamento especializado.”

Cada área de conhecimento aborda seus termos de forma diferente e especializada. Assim, na primeira parte desse capítulo, apresentaremos algumas compreensões sobre a importância da Língua na identidade cultural dos moradores da comunidade de Pimenteiras, cuja cultura conhecemos por meio da análise da linguagem especializada sobre as plantas medicinais. No tópico seguinte, verificaremos os aspectos sobre o conhecimento científico e popular a respeito das plantas de uso medicinal, considerando que estas marcam e identificam a comunidade quilombola. Para isto utilizamos um organograma expondo as particularidades de saber sobre as plantas medicinais no âmbito científico e popular.

Na sequência, apresentamos a contribuição do conhecimento científico para o saber popular sobre as plantas medicinais da comunidade de Pimenteiras, trazendo os aspectos sobre a importância da Terminologia nos estudos especializados da nomeação. Seguimos a discussão apresentando os pontos relacionados à variação dos termos na linguagem especializada, de grande interesse nos estudos socioterminológicos. Com isso notamos a importância de analisar a variação terminológica dos termos sobre as plantas medicinais da comunidade de Pimenteiras.

Em seguida examinamos os assuntos que passaram a ser considerados importantes nos estudos terminológicos – a língua no social – e compreendemos o funcionamento da linguagem especializada no contexto social da comunidade, tendo para isto a contribuição da Socioterminologia nos estudos dos termos sobre as plantas medicinais de Pimenteiras.

Logo depois, seguimos com o assunto trazendo discussões sobre a necessidade de valorizar os termos no ambiente discursivo, pragmático e social, propondo um diálogo entre as áreas do conhecimento, uma vez que, por meio dos estudos Socioterminológicos, é possível valorizar e popularizar o conhecimento sobre as plantas medicinais de Pimenteiras.

Em seguida apresentamos o foco principal deste estudo: o termo. Observamos que os estudos Socioterminológicos são fundamentais no processo de análise da natureza e da descrição das particularidades pertencentes aos termos, que é a base do estudo Terminológico sobre as plantas medicinais da comunidade de Pimenteiras.

### 3.1 A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA NA IDENTIDADE CULTURAL

Ao refletirmos sobre os aspectos da Língua na comunidade remanescente de quilombola de Pimenteiras, observamos que conhecer a língua de um povo é também

conhecer sua identidade. Ressaltamos que a língua é um sistema complexo e para entendê-lo é indispensável primeiro conhecer o léxico, pois ele reflete as heranças, dialetos, marcas sociais e culturais dos seus falantes. Para Coelho e Mesquita (2013, p. 25), a língua nasceu da necessidade de comunicação entre os homens, e “permitiu ao ser humano interagir verbalmente com o outro, exteriorizando seus pensamentos, expressando-se, comunicando-se, por meio da fala, da escrita e de outras formas de linguagem.” Segundo as autoras, “as relações sociais estreitaram-se e as ideias, a cultura, as ideologias e os conhecimentos puderam ser amplamente difundidos” (COELHO; MESQUITA, 2013, p. 25). A Língua facilita a comunicação entre as pessoas e contribui para a realidade que temos hoje, marcada pela troca de conhecimento e disseminação de informações, pois pessoas de uma localidade podem conhecer a cultura de outras.

A língua envolve todas as ações e pensamentos humanos e possibilita ao indivíduo exercer influências ou ser influenciado pelo outro, desempenhar seu papel social na sociedade, relacionar-se como os demais, participar na construção de conhecimentos e da cultura (COELHO E MESQUITA, 2013, p. 25).

No campo da língua percebemos que os moradores quilombolas da comunidade de Pimenteiras apresentam grande saber sobre o uso medicinal das plantas devido ao vasto conhecimento que seus antepassados possuíam sobre a flora e a fauna. Diante disso, ao nomear as coisas e o meio que os rodeiam os moradores de Pimenteiras formam e expressam a sua história, sua cultura, sua língua e sua identidade. É a língua que, ao carregar valores e ideologias, imprime na ação de nomear, que é cercada de escolhas sociais e culturais, a marca de identidade do falante (LEIRO, s/d). É, a partir, principalmente, dessas concepções, que se desenvolve uma reflexão acerca das relações ideológicas que as denominações de algumas plantas de uso medicinal podem possuir.

O nome não é dado de forma aleatória, sempre quer dizer algo; nomear é uma relação complexa com a significação que denota grande polêmica e inquietação entre os pesquisadores. Assim, quando pensamos em nomear e no que o nome significará, logo imaginamos alguma qualificação que sirva para marcar as coisas, pessoas e lugares que lhes sejam exclusivos, pois os significados dos nomes organizam e classificam as formas de perceber a realidade, além de estarem ligados diretamente com a cultura de uma dada comunidade (MOREIRA, 2012).

Coelho e Mesquita (2013) explicam que, na língua, entram constantemente léxicos novos enquanto que outros caem em desuso, devido à língua estar sujeita a mudanças. O conhecimento em relação às plantas medicinais da comunidade de Pimenteiras chama a

atenção, porque é um modo de preservá-las, já que muitas das plantas utilizadas como medicamento já se perderam por não existir nada escrito. Para Coelho e Mesquita,

Os indivíduos são inseridos na teia social por meio da língua. É ela quem vai possibilitar-lhes o contato com a cultura, com as ideologias, com as identidades, tornando-se um instrumento para que eles possam interagir linguística e socialmente com seus semelhantes (2013, p. 27).

A língua tem grande importância para a sobrevivência da cultura de uma localidade, visto que é através dela que se faz a inserção dos indivíduos na sociedade (COELHO; MESQUITA, 2013).

A transmissão, de geração em geração, do conhecimento sobre o uso das plantas medicinais na comunidade de Pimenteiras só foi possível graças à linguagem oral. Apesar disso, muitos jovens deixam de lado o conhecimento sobre as plantas. Esse posicionamento deprecia o saber local e a identidade cultural dos habitantes de Pimenteiras, fator que justifica a persistência de muitos moradores antigos na preservação deste saber.

Desde já compreendemos que a identidade cultural coletiva, na qual um grupo compartilha as mesmas atitudes, as mesmas crenças e os mesmos comportamentos, formados no tempo e no espaço, é forjada pela interação de segmentos étnicos e sociais. Carvalho (2003, não paginado), aponta três sentidos de identidade cultural:

Na percepção objetiva, a identidade cultural de um indivíduo ou grupo define-se a partir de um conjunto de critérios determinantes: a origem comum, a língua, a cultura, a religião, a psicologia coletiva, a ligação a um território, etc. e um grupo sem estes critérios não pode reivindicar uma identidade cultural autêntica. Na percepção subjetiva, a identidade etnocultural não é mais que um sentimento de pertença ou uma identificação com uma coletividade mais ou menos imaginária. Na percepção mais lata, a identidade de cada indivíduo não se restringe ou circunscreve à identificação com um grupo determinado, mas é sim o somatório de todos os valores adquiridos ao longo da existência e está em constante construção e transformação.

É pela coletividade que podemos observar que a comunidade de Pimenteiras busca preservar sua identidade e conhecimento pelas plantas medicinais, por meio dos moradores mais antigos. Mas é também por meio dos mais jovens que novos saberes são inseridos na comunidade, como forma de renovação da cultura quilombola e, conseqüentemente, da língua, pois, segundo Hjelmslev (1975, p. 1),

A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana.

Diante disto, entendemos que a identidade cultural define cada um de nós e, particularmente na comunidade de Pimenteiras, é o que diferencia e distingue os moradores da região. Nesse contexto, o conhecimento popular sobre as plantas medicinais é algo que traz a marca de um povo que preserva e utiliza seus saberes. Assim apresentamos na seção seguinte os aspectos relacionados ao conhecimento das plantas medicinais no âmbito do conhecimento científico e popular, utilizando como recurso de melhor visualização o organograma sobre as plantas medicinais.

### **3.1.1 Plantas Medicinais: conhecimento científico e popular**

Ao utilizarmos as plantas para fins diversos, relembramos de nossos antepassados mais distantes que usavam as plantas como recurso para a cura de doenças. Sabemos das inúmeras funções que elas podem assumir, desde alimentação até o uso em construções, vestuário e, como já foi citado, para fins medicinais. Por muito tempo as antigas civilizações usufruíram o grande poder que as plantas possuem. Segundo relatos de Tomazzoni et al., (2006, não paginado), os hebreus, egípcios e assírios cultivavam plantas medicinais desde o ano 2.300 a.C., adquirindo, durante suas expedições, várias espécies das quais se produziam medicamentos para males diversos.

Com o passar dos tempos, o conhecimento tradicional sobre as plantas medicinais foi transmitido de geração em geração e, hoje, mesmo com o avanço na medicina moderna, muitos ainda utilizam desse saber sobre as plantas no tratamento de doenças. Por isso, não se pode deixar à margem o conhecimento tradicional sobre as plantas de uso medicinal, pois essa forma de conhecimento faz parte da nossa cultura. Construimos e desenvolvemos o conhecimento em nossas práticas diárias, assim denomina Borda (1984, p. 48) “conhecimento prático, empírico, que ao longo dos séculos tem possibilitado, enquanto meios naturais diretos, que as pessoas sobrevivam, criem, interpretem, produzam e trabalhem”.

Todas as informações acumuladas ao longo do tempo por uma determinada comunidade em relação às suas práticas, seus valores e sua cultura vivenciada e experimentada são consideradas em contexto do conhecimento tradicional. Sendo variável e abalável, o saber popular é modificado e reformulado pela comunidade em que estão inseridos (KOVALSKI et al, 2010). Segundo Diegues et al. (2000, p. 30), o conhecimento tradicional é

“como o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração”.

Para Dickmann e Dickmann (2008, p. 70) “o saber popular é entendido como aquele adquirido nas lutas, que não está escrito nos livros, aquele que é fruto das várias experiências vividas e convivas em tempos e espaços diversos na história do povo”. O conhecimento popular está relacionado com o povo, com o individual, que é transmitido entre as gerações por experiências próprias; recebe este nome, popular, por não haver uma explicação, digamos, “lógica” de como as coisas funcionam, de como uma pessoa sabe que tem de ser feito assim porque viu alguém fazendo e deu certo, sem saber explicar “cientificamente” como funciona.

O conhecimento popular seria uma espécie de educação informal e suas principais características são a superficialidade, sensibilidade, subjetividade e independência do valor do conhecimento crítico. Já o conhecimento tradicional está relacionado com a tradição de um grupo envolvendo saberes empíricos com práticas, crenças e costumes passados de pais para filhos dentro desse grupo (KOVALSKI et al, 2010).

Diante dos conceitos apresentados podemos compreender que a valorização dos conhecimentos tradicionais e populares de um determinado grupo é muito importante, pois, além de resgatar os saberes quase esquecidos no tempo, proporciona, também, o fortalecimento e a difusão destes saberes para a sociedade. Assim, vale citar uma passagem de Chassot, na qual o autor resgata tais saberes e técnicas utilizadas por pessoas simples, mas que possuem um valor inestimável:

[...] o pescador solitário, que encontramos em silenciosas meditações, sabendo onde e quando deve jogar a tarrafa, também tem saberes importantes. A lavadeira, que sabe escolher a água para os lavados, tem os segredos para remover manchas mais renitentes ou conhece as melhores horas de sol para o coaro. A parteira, que os anos tornaram doutora, conhece a influência da lua nos nascimentos e também o chá que acalmará as cólicas do recém nascido. A benzedeira não apenas faz rezas mágicas que afastam o mau-olhado, ela conhece chás para curar o cobreiro, que o dermatologista diagnostica como herpes-zoster. O explorador de águas, que indica o local propício para se abrir um poço ante o vergar de sua forquilha de pessegueiro, tem conhecimentos de hidrologia que não podem ser simplesmente rejeitados (2006, p. 221).

Outras formas de conhecimento foram por muito tempo ignoradas pelos cientistas, hoje a situação é diferente. Para Marconi e Lakatos (2005), “[...] a ciência não é o único caminho de acesso ao conhecimento e à verdade”; nos estudos de Posey (1987) e em pesquisas feitas pelos Etnoecólogos<sup>44</sup> e Etnobiólogos<sup>45</sup> sobre as comunidades tradicionais,

---

<sup>44</sup> A Etnoecologia é uma nova disciplina híbrida, transdisciplinar e pós-normal que valoriza os conhecimentos milenares das comunidades sobre a natureza. Para maior conhecimento pesquisar no site:

observamos que há um resgate e valorização dos saberes populares, que chamam cada vez mais a atenção com novas reflexões sobre os paradigmas já existentes, provocando com isso resultados positivos para o conhecimento científico.

O fato é que os estudos recentes sobre o conhecimento popular têm ganhado importância para o nosso próprio benefício. Assim, Silva (2002, p. 26) expõe que “[...] os estudos do conhecimento tradicional, em especial a medicina popular, têm merecido atenção cada vez maior devido ao contingente de informações que vêm oferecendo às ciências do homem”.

No que concerne ao conhecimento científico, este é consagrado por passar por inúmeras experimentações até ser considerada ciência. Nas palavras de Lopes (1999) o conhecimento científico trata-se de

Todo conhecimento objetivo, verdadeiro em termos absolutos, não ideológico por excelência, sem influência da subjetividade e, fundamentalmente, descoberto e provado a partir dos dados da experiência, adquiridos por observação e experimentação (1999, p.106).

Nas explicações de Cunha (2007) os saberes populares podem acolher, com a mesma intensidade, explicações diversas de um mesmo fenômeno, por um mesmo grupo de pessoas ou comunidade, pois é através da observação que as diferenças se fazem tênues entre o conhecimento popular e o científico.

No que concerne ao conhecimento referente ao mundo vegetal, o uso de plantas com propriedades terapêuticas vem de geração em geração devido ao contato com o meio ambiente que as famílias possuíam. Segundo Newall (2002) os fatores que influenciam o uso das plantas com fins terapêuticos vêm do baixo nível de vida da população, junto ao alto custo dos medicamentos. Com isso, os saberes acumulados durante séculos são mantidos na prática fitoterápica.

Contudo, o uso popular das plantas não é suficiente para legitimar sua eficácia e segurança como medicamento. Este uso tem de passar pela experimentação comprovada diante dos benefícios que possam conter (BADKE, 2008).

No entanto, o uso medicinal das plantas é uma das práticas mais antigas no trato de enfermidades no homem e, isso provém do conhecimento popular. Para Diegues e Arruda

---

<http://www.antropologiasocial.com.br/a-etnoecologia-uma-ciencia-pos-normal-que-estuda-as-sabedorias-tradicionais.pdf>

<sup>45</sup> A Etnobiologia é o estudo científico da dinâmica de relacionamentos entre as pessoas e seus grupos culturais e o meio ambiente, desde o passado até o tempo presente. Para maior aprofundamento no assunto visitar o site: <http://www.etnobiologia.org/index.php>

(2001) o conhecimento tradicional só pode ser interpretado dentro do contexto cultural em que é gerado. Entretanto, vemos que a modernidade traz novos modos de vida que estão desvinculados das tradições populares. Com as grandes mudanças entre as realidades culturais, o contato com o outro passa a ser visto de forma diferente; o outro pode ser percebido como superior e a cultura de um grupo pode ser desvalorizada, omitida, negada e esquecida (CASTELLS, 1999).

Na comunidade de Pimenteiras, os únicos recursos medicinais vêm do conhecimento tradicional, do saber das plantas, que além de proporcionar benefícios à saúde do corpo e também da alma, possui um significado cultural para a comunidade. No entanto, a continuidade dessas práticas está ameaçada por diversos fatores ligados ao dinamismo social, à economia e à cultura externa.

Contudo, é necessário indagar qual a contribuição do conhecimento científico para o saber popular sobre as plantas medicinais da comunidade de Pimenteiras? O que é Terminologia? Buscamos no tópico seguinte responder tais questionamentos direcionados ao campo de conhecimento científico na seara dos estudos terminológicos a serem explanados sobre as plantas medicinais.

### 3.2.A IMPORTÂNCIA DA TERMINOLOGIA NOS ESTUDOS ESPECIALIZADOS

Segundo a análise de Vygotsky (1896-1934), uma palavra que não representa uma ideia é algo morto, da mesma forma que uma ideia não incorporada em palavras não passa de uma sombra. Nomear significa, pois, dar vida ao ser nomeado. Há muito tempo o homem cria e utiliza as palavras para nomear conceitos, objetos e processos nas diversas áreas do conhecimento. Ao nomear as realidades que nos cercam, cria-se um universo que passa a ser desvendado pela linguagem. Nessa construção do real, a língua revela aspectos que marcam os sujeitos, produzindo distinções que particularizam os objetos e identificam os traços da cultura de um povo.

Refletindo sobre os aspectos da linguagem de um povo, podemos analisar diferentes termos utilizados para nomear e particularizar o objeto nomeado. Nesse âmbito, os estudos científicos direcionados à Terminologia crescem cada vez mais em pesquisas na área da linguagem especializada. O léxico de uma língua é uma forma de registrar o conhecimento do mundo a nossa volta: ao darmos nomes às coisas, identificamos as semelhanças e os traços

distintivos que individualizam cada objeto a ser nomeado, por meio de estruturas que o homem cria no mundo através das palavras ou termos<sup>46</sup>. Entretanto, à medida que vivemos novas realidades surgem e são criadas, ampliando assim o léxico com novas dimensões impossíveis de serem registradas e descritas por meio de um dicionário.

Diante dos questionamentos sobre a nomeação, surge como ciência a Terminologia, inicialmente, frente à necessidade de uma padronização da linguagem, ou seja, de normatização da Língua, devido ao grande desenvolvimento científico e tecnológico ocorrido no decorrer da história humana. A Terminologia, conforme afirma Rondeau, é a linguagem especializada que há séculos faz parte da linguagem humana.

A terminologia não é um fenômeno recente. Com efeito, tão longe quanto se remonte na história do homem, desde que se manifesta a linguagem, nos encontramos em presença de línguas de especialidade, é assim que se encontra a terminologia dos filósofos gregos, a língua de negócios dos comerciantes cretas, os vocábulos especializados da arte militar, etc. (RONDEAU, 1984 apud KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 24).

Assim, observa-se que, na Língua, o ato de nomear tem sua forma natural de ser e, por isso, segue rigorosamente sua natureza de fazer. Os nomes mudam porque sempre se pode acrescentar ou tirar letras de sua forma. Contudo, todos os nomes vêm de acordos ou convenções entre os falantes, sendo que em cada grupo social e cultural os nomes variam de acordo com o que estiver convencionado pelo grupo. Deste modo, os nomes variam de povo para povo, de falante para falante, porque seguem a tradição natural de se nomear (PLATÃO, 1973).

O modo como organizamos as nossas relações e comportamentos numa comunidade específica pode ser percebido dentro do contexto social em que a linguagem é aplicada, das escolhas que fazemos, dos nossos valores culturais, das nossas normas de comportamento e até mesmo na nossa própria filosofia de vida. É através dos estudos terminológicos que podemos analisar o modo como cada pessoa, cada grupo social, cada comunidade molda a linguagem ao lado de suas bases culturais, discursos e objetivo na comunicação.

Perante às variantes dentro da Língua, a terminologia, em todo seu desenvolvimento e reconhecimento de valor, apresenta hoje um estudo sobre a comunicação especializada dentro do contexto social no qual privilegia a variação dos termos como constitutivos do discurso, este estudo recebe o nome de Socioterminologia.

---

<sup>46</sup> O termo é o elemento linguístico que constitui a expressão lexical dos saberes especializados. É a unidade terminológica constituinte da produção do saber, ou seja, a univocidade da comunicação especializada é favorecida pelo uso dos termos.

A socioterminologia, com o suposto de que deseja ultrapassar os limites de uma terminologia “de escrivão”, deve localizar a gênese dos termos, sua recepção, sua aceitação, mas também as causas do insucesso e as do sucesso, no âmbito das práticas lingüísticas e sociais concretas dos homens que empregam tais termos. Estas práticas são essencialmente aquelas que se exercem nas esferas de atividade. Eis porque a socioterminologia devia reencontrar as reflexões nos laços que se criam entre trabalho e linguagem (GAUDIN, 1993, p. 216).

Diante das exposições feitas sobre a Terminologia, seguiremos no tópico abaixo com os pontos relacionados a variação dos termos na linguagem especializada, campo este de grande interesse nos estudos socioterminológicos. A partir dele, observamos qual a importância de analisar a variação dos termos na linguagem especializada sobre as plantas medicinais da comunidade de Pimenteiras.

### **3.2.1 A variação dos termos na linguagem especializada**

Sabendo que o conhecimento é construído de forma individual e coletiva num processo no qual o sujeito interage com a realidade, as pessoas e o ambiente sociocultural, Faulstich (1995, p. 281) afirma que, no campo da linguagem, “as características de variação, no universo da terminologia, revelam peculiaridades próprias a serem estudadas pela disciplina Socioterminologia, que requer método próprio para a sistematização de termos e de variantes”.

Percebendo que a linguagem especializada não é uma língua artificial, e sim uma realização da língua natural que possui todas as particularidades pertencentes a qualquer língua viva, observou-se que as diferenciações ocorridas na linguagem vêm da diversidade dos discursos na língua e na cultura de cada povo. No que concerne ao termo linguagem especializada, Finatto explica que:

Uso o termo linguagem especializada e não “linguagem de especialidade” por entender que não haveria uma “posse” estrita dessa linguagem pelo usuário ou pela área de saber/conhecimento. Entendo que é a linguagem que se faz diferenciada; ela se altera em alguns de seus formatos pela ação dos sujeitos envolvidos e pelas condições pragmático-lingüísticas e situacionais da comunicação entre profissionais (FINATTO, 2004, p. 342).

Quanto à existência de variantes terminológicas, Faulstich (2001, p. 22) defende que, dependendo da função realizada nos contextos, o termo pode assumir diversos valores.

“Consideramos mais uma vez que variantes são resultantes dos diferentes usos que a comunidade, em sua diversidade social, linguística e geográfica, faz do termo” (FAULSTICH, 2001, p. 22).

Faulstich (2001, p. 21) explica que a Socioterminologia é necessária para analisar os termos variantes dentro de uma metodologia particular. Para a autora, a Socioterminologia já era prenúncio para o desenvolvimento de uma Terminologia de cunho funcionalista e de natureza social. Em suas pesquisas, em 1995, e em estudos posteriores, em 1996 e 1998, apresenta os fundamentos teóricos e metodológicos da variação em terminologia. Contudo, é somente em 1999 que a pesquisadora propõe uma teoria da variação, com base numa nova proposição de análise do termo sob a perspectiva sincrônica e diacrônica.

Segundo a pesquisadora, as variantes terminológicas classificam-se de acordo com sua natureza linguística e “a sistematização dessas variantes é tarefa da socioterminologia, cujo estatuto fica assegurado pela análise da diversidade de termos que ocorrem nos planos vertical, horizontal e temporal da língua” (FAULSTICH, 2006, p. 29).

Seguindo um modelo funcionalista, que tem como objeto científico descrever e explicar os próprios fenômenos linguísticos, Faulstich (1996, p. 1 apud CRUZ, 2013, p. 32), explica que no exame da funcionalidade socioterminológica, no qual a base de dados é a linguagem especializada, a variação social do termo ocorre nos diversos níveis hierárquicos do discurso científico (CRUZ, 2013, p. 32).

Cruz (2013, p. 35) explica que “a variação ocorre pela ação do movimento gradual do termo no tempo e no espaço provocada pela função de uma dada variável”. Observando todos esses aspectos, Faulstich (1998, p. 13) amplia a tipologia das variantes trazendo, assim, as variantes concorrente<sup>47</sup>, as variantes coocorrentes<sup>48</sup> e as variantes competitivas<sup>49</sup>. Nesse campo Cruz (2013, p. 34) expõe que

As variantes terminológicas concorrentes no qual se inscrevem os dois grupos de tipologias apresentados anteriormente, a saber, as variantes terminológicas linguísticas e as variantes terminológicas de registro; as variantes terminológicas coocorrentes e as variantes terminológicas competitivas.

Ao compreender as diferentes variações dentro dos diversos discursos da Língua, Cruz (2013) explica que, para a construção da Teoria da Variação em Terminologia, Faulstich

---

<sup>47</sup> Também chamada de “Variante formal”, as variantes concorrentes são aquelas que podem concorrer entre si, e permanecer, como tais, no estrato, ou que podem concorrer para a mudança.

<sup>48</sup> As variantes coocorrentes ou “Sinonímias terminológicas” são aquelas que têm duas ou mais denominações para um mesmo referente.

<sup>49</sup> “Empréstimos linguísticos” ou variantes competitivas são aquelas que relacionam significados entre itens lexicais de línguas diferentes, quer dizer, itens lexicais de uma língua B preenchem lacunas de uma língua A.

(2001, p. 54) levou em conta que a unidade terminológica, o termo, “pode assumir diferentes valores, de acordo com a função que uma dada variável desempenha nos contextos de ocorrência”. Com efeito, o termo será funcional dentro de uma linguagem especializada, porque assumirá uma função específica de determinado valor, de acordo com o contexto de uso. Sob um ponto de vista socioterminológico, Faulstich restaura a ideia de que a variação é também um fenômeno terminológico e que o seu estudo deve ser desenvolvido no âmbito da terminologia (CRUZ, 2013, p. 39-40).

Compreendendo que é na linguagem que ocorre frequentemente a variação terminológica, no que diz respeito aos termos sobre as plantas medicinais, observamos que os diferentes fatores sociais, culturais e históricos interferem na variação terminológica, reafirmando um caráter específico na linguagem de uso dos moradores da região de Pimenteiras. Ao estudar as unidades terminológicas de um determinado domínio, Faulstich (2006, p. 27) explica que as condições sociais em que a comunicação dessas unidades ocorre serão estudadas pela Socioterminologia.

Para falar de terminologia em sentido mais estrito, quer dizer, de terminologia como disciplina que sistematiza termos e conceitos, é preciso falar também do discurso de onde provém. Neste caso, excetuando o linguajar corriqueiro que, como já se disse, apresenta grande quantidade de terminologias usadas no dia-a-dia, é preciso considerar que, pelo menos três discursos estão na base da produção terminológica, isso porque nenhum termo é usado fora da situação discursiva em que é criado. Assim sendo, discursos de diversas naturezas, como o científico, o técnico e o de vulgarização, são a fonte natural de onde emergem os termos usados nas comunicações entre profissionais. Muitos desses termos entram vulgarizados no léxico comum, por meio dos mais diversos recursos, como a metáfora, a elipse, a co-referência, entre outros, sem, por isso, perderem o sentido de base. É este sentido que ativa o senso comum e difunde o conceito original.

O movimento do termo na linguagem especializada é explicado pela Socioterminologia, que tem como base a variação do termo no campo social, que antes era visto como invariável. Nesse sentido, a variação e as mudanças na sociedade provocam transformações no termo que é gerado, usado e modificado.

Faulstich (1995, p. 7) valoriza a Socioterminologia como uma nova abordagem para análise do termo na comunicação científica e técnica. Contudo, adverte que a Socioterminologia, “não é, de fato, uma disciplina derivada da sociolinguística, porém não se pode negar que é a visão mais flexível da sociedade e da comunidade que conduz os especialistas em terminologia a esse novo percurso”. Diante disso, em sua análise, a pesquisadora acrescenta que,

Como ramo da terminologia, a socioterminologia é um ramo da terminologia que se propõe a refinar o conhecimento dos discursos especializados, científicos e técnicos, a auxiliar na planificação lingüística e a oferecer recursos sobre as circunstâncias da elaboração desses discursos ao explorar as ligações entre a terminologia e a sociedade (2006, p. 30).

Sabendo que os termos da linguagem especializada estão sujeitos à variação, seja no tempo, espaço ou na sociedade, a variação nos estudos terminológicos – por exemplo, os termos de uso popular sobre as plantas medicinais da comunidade de Pimenteiras – passa a ser reconhecida como fenômeno natural, descrita e analisada de forma científica pela Socioterminologia. Perceber como os termos sobre as plantas medicinais passam pela variação de seus elementos é também entender a cultura, história e identidade de um povo, pois é por meio do estudo da variação dos termos de Pimenteiras que compreendemos as constantes mudanças e evoluções que acontecem com os moradores da região, trazendo assim o entendimento sobre os domínios de especialidade na Língua que distinguem a trajetória identitária dos quilombolas.

Diante do que foi explanado até aqui, examinaremos na seção seguinte como as questões ocorridas no âmbito social passaram a ser consideradas relevantes nos estudos terminológicos, ou seja, a necessidade de compreender o funcionamento da linguagem especializada no contexto social da comunidade de Pimenteiras, tendo a contribuição da Socioterminologia nesse estudo sobre os termos das plantas medicinais.

### 3.3 SOCIOTERMINOLOGIA: A LINGUAGEM NO ÂMBITO SOCIAL

A análise dos termos catalogados sobre as plantas de uso medicinal da comunidade de Pimenteiras por via dos estudos socioterminológicos se deu a partir da necessidade de compreender como a língua funciona no contexto na comunidade, pois observamos que toda sociedade se encontra em constante transformação e, com ela, a linguagem é vista como uma das mais fortes interventoras nos comportamentos sociais.

Sabendo que a Socioterminologia privilegia os aspectos sociais da linguagem de especialidade e preocupa-se com os aspectos sociais e variacionista da língua, ou melhor, com o uso real da linguagem especializada, Faulstich apresenta a Socioterminologia como um ramo da Terminologia que

Se propõe a refinar o conhecimento dos discursos especializados, científicos e técnicos, a auxiliar na planificação lingüística e a oferecer recursos sobre as circunstâncias da elaboração desses discursos ao explorar as ligações entre a terminologia e a sociedade (2006, p. 29).

A Socioterminologia se baseia na observação do funcionamento da linguagem e no estudo das condições de produção e circulação dos termos. Com a posição de disciplina de caráter teórico, e não somente de um método analítico aplicado, a Socioterminologia contribui para o desenvolvimento de pesquisas teórico-práticas que levem em conta o termo e suas variantes. Como prática do trabalho terminológico, a Socioterminologia, segundo Faulstich (1995), fundamenta-se na análise das condições de circulação do termo no funcionamento da linguagem. Com caráter descritivo, a Socioterminologia estuda o termo sob o aspecto da lingüística na interação social, no qual sua pesquisa deve ter o auxílio dos critérios da variação e da mudança dos termos no meio social, como também dos princípios etnográficos que trazem os conceitos interacionistas entre os membros da sociedade. No contexto da variação terminológica Faulstich (1995) explica que:

O termo perde cada vez mais sua característica de entidade unívoca, em favor de uma interpretação variacionista que considera as diversidades de comunicação entre pessoal de direção, de setores administrativos, de setores de pesquisa, de produção e de comercialização dentro das empresas o meio mais adequado para a descrição dos termos científicos e técnicos.

Essa interpretação socioterminológica vem da etnografia, que tem por base o caráter interacionista, ou seja, o engajamento entre as pessoas, e a influência mútua de uns para com os outros no contexto social. Faulstich (1995) explica que, ao registrar as variações ocorridas no campo social, deve-se levar em conta os contextos social, situacional, espacial e lingüístico em que os termos circulam.

Diante dos conceitos explanados sobre os aspectos da variação, observa-se que a Socioterminologia focaliza os dados terminológicos na pluralidade da língua constituindo normas que evidenciam o uso da variação. Assim Faulstich (2006) expõe que “as variantes decorrem de uso em contextos discursivos de diferentes níveis, do movimento da língua no percurso histórico, de empréstimos, de usos regionais, entre outras categorias, desde que mantenham o significado implicado”.

Observamos, assim, que a Socioterminologia assume um caráter descritivo na linguagem especializada em uso, dando maior ênfase à comunicação que traz em seu contexto manifestações discursivas que necessitam dos elementos da variação (GAUDIN, 1993). Segundo Barros (2004, p. 69) o pesquisador Gaudin (1993) expõe que é fundamental para a

Socioterminologia levar em consideração o uso dos termos e situar a linguagem especializada em seu contexto social. Desse modo, “a prática terminológica é inseparável tanto do conhecimento do espaço da ação onde ela se dá, quanto das práticas de linguagem que visam modificar ou assegurar” (GAUDIN, 1993, p. 212 apud BARROS, 2004, p. 69).

Nas pesquisas de Faulstich (1995) o termo, em estudos anteriores, deveria ser uma unidade denotativa, sem relações sinonímicas ou polissêmicas. Hoje a prática terminológica demonstra que um mesmo conceito poderá ser expresso por termos que apresentem variações, sejam elas morfológicas, regionais ou socioprofissionais. É este o princípio subjacente à Socioterminologia, conforme exposto pela pesquisadora.

A socioterminologia é, portanto, um ramo da terminologia que se propõe a refinar o conhecimento dos discursos especializados, científicos e técnicos, a auxiliar na planificação lingüística e a oferecer recursos sobre as circunstâncias da elaboração desses discursos ao explorar as ligações entre a terminologia e a sociedade (FAULSTICH, 2006).

Nos estudos socioterminológicos, como já foi mencionado, a base é a análise das condições de funcionamento dos termos como elementos de comunicação e interação dentro de um sistema lingüístico e social. Tais elementos foram adquiridos por meio dos princípios da sociolingüística, sob a perspectiva da variação e, dos princípios etnográficos, que vem da interação e comunicação social. Com caráter descritivo e social, a Socioterminologia defende uma variação sociodiscursiva na linguagem terminológica. Segundo Faulstich (2001, p. 22), “as variantes são resultantes dos diferentes usos que a comunidade, em sua diversidade social, lingüística e geográfica, fazem do termo”. Nesse âmbito a comunicação deve ser observada *in vivo* devido à função do contexto social, pragmático e discursivo no qual os termos circulam; isto se opõe, intensamente, ao condicionamento *in vitro* imposto pela teoria wusteriana.

Analisamos assim que a base dos estudos socioterminológicos está na variação e na etnografia de ordem interativa, ou seja, os termos catalogados sobre as plantas medicinais da comunidade de Pimenteiras foram analisados nos diferentes níveis sociais e culturais em que ocorrem. Verificamos que, na linguagem especializada sobre as plantas medicinais, os termos deixam de ser uma unidade unívoca para serem meditados na interpretação variacionista, em que a comunicação entre os membros da comunidade é motivada por diferentes termos para um mesmo conceito, ou por vários conceitos para um mesmo termo.

Diante de tais aspectos precisamos conhecer e analisar os contextos sociais, religiosos, culturais, de gênero e da identidade quilombola nos quais a linguagem ocorre, tomando como foco os saberes medicinais sobre as plantas da região, respeitando e analisando

por meio dos estudos socioterminológicos os termos catalogados pelos moradores, sem interferir no estado natural desse objeto de estudo, a fim de garantir a fidelidade dos dados e dos resultados alcançados na pesquisa de campo. A Socioterminologia é, pois, uma ciência que reconhece a variação terminológica.

A socioterminologia, com o suposto de que deseja ultrapassar os limites de uma terminologia “de escrivão”, deve localizar a gênese dos termos, sua recepção, sua aceitação, mas também as causas do insucesso e as do sucesso, no âmbito das práticas lingüísticas e sociais concretas dos homens que empregam tais termos. Estas práticas são essencialmente aquelas que se exercem nas esferas de atividade. Eis porque a socioterminologia devia reencontrar as reflexões nos laços que se criam entre trabalho e linguagem (GAUDIN apud FAULSTICH, 2006, p.216).

Compreendendo que a variação é um fator universal da linguagem humana e que esse mesmo fator também está presente na linguagem especializada, verificamos em Gaudin (1993, p. 16) que “a socioterminologia pode levar em conta o real do funcionamento da linguagem e restituir toda sua dimensão social às práticas languageiras concernentes”. Após essas discussões, notamos a necessidade de valorizar os termos no ambiente discursivo, pragmático e social em que são produzidos, trazendo um diálogo entre as áreas de saber. É por meio dos estudos Socioterminológicos que podemos valorizar e divulgar o conhecimento popular sobre as plantas medicinais dos moradores da comunidade de Pimenteiras, assunto este que apresentamos no tópico seguinte.

### **3.3.1 A valorização e popularização do conhecimento popular à luz da Socioterminologia**

Compreendemos que o conhecimento é uma expressão utilizada para demonstrar toda a experiência adquirida até o presente momento na história do ser humano. Somos a soma das invenções, pensamentos, criações da mente humana. Sócrates (470-399 a.C apud PESSANHA, 1980) já dizia que o verdadeiro conhecimento vem de dentro de nós, que não é encontrado apenas nos documentos, mas também nos processos e nas práticas dos grupos humanos que, por meio das experiências acumuladas entre as gerações, aumentam a produtividade e conquista de novas oportunidades de conhecer.

Etimologicamente, a palavra conhecimento é derivada do latim *cognitio*, que significa ato ou ação de aprender. Nesse sentido, aprender é a capacidade de absorvermos, através dos sentidos, as experiências externas e, a partir delas, acrescentar novos

conhecimentos. Na medida em que evoluímos, percebemos que o conhecimento é o meio que processa o envolvimento humano com os dados e informações dessa ação de conhecer que é tão fundamental a todos nós, pois que alguém deu o conhecimento a um contexto, a um significado, a uma interpretação, que refletiu sobre o saber e acrescentou a ele sua própria sabedoria.

A abrangência que o termo “conhecimento” possui é muito importante para compreendermos nossa própria vivência de conhecer o mundo que nos rodeia. Diante desse contexto, observamos que existem definições diferentes para cada campo do conhecimento. Tomando os estudos de Marcondes (2001) percebemos os seguintes tipos de conhecimento.

O Conhecimento Científico que vem das leis e sistemas que explicam de modo racional com base na experimentação, observação, investigação e na lógica sistemática do que esta sendo observado. Lopes (1999, p. 106) escreve que o conhecimento científico é “todo conhecimento objetivo, verdadeiro em termos absolutos, não ideológico por excelência, sem influência da subjetividade e, fundamentalmente, descoberto e provado a partir dos dados da experiência, adquiridos por observação e experimentação.” Esta área do conhecimento é extremamente analítica e objetiva. Tendo relação com a racionalidade, suas análises são importantes no processo de construção do saber científico, de forma que suas características se tornam praticamente uma antítese ao conhecimento popular.

O Conhecimento Popular ou Empírico, também conhecido como tradicional, tem relação com a hereditariedade, cultura e senso comum do homem. É uma forma de reflexão passiva, acrítica e assistemática que vai além da subjetividade e superficialidade. Está baseado nas experiências vividas ou observadas pelo homem, sem técnicas ou métodos. O conhecimento ocorre pelo uso dos sentidos, podendo ser passível ao erro dedutivo, por ter mais questões pessoais do que científicas.

O Conhecimento Filosófico está relacionado à ideias e conceitos que são construídos pela busca da verdade do mundo através da indagação, priorizando assim um olhar sobre a condição humana. Existem questões que somente a capacidade humana de refletir e raciocinar podem responder, assuntos que nem a ciência consegue, pois são temas inerentes ao homem. A racionalização é o principal instrumento de uso, com isso, pode-se dizer que este conhecimento é reflexivo, lógico, crítico, racional e subjetivo.

O Conhecimento Teológico, por sua vez, esta direcionado para conhecer e provar a existência de Deus e dos textos escritos na Bíblia, tomando-os como verdades incontestáveis. Obtido através das ideias e axiomas da fé, tenta responder as questões inerentes ao homem em relação à sua existência, através da concepção divina do mundo.

Perante os tipos de conhecimentos expostos, percebemos que em todo lugar que olhamos o homem é capaz de criar métodos de entendimento de tudo aquilo que ele absorve do ambiente em que vive. Assim, observamos que na comunidade de Pimenteiras os moradores quilombolas obtiveram o conhecimento sobre as plantas medicinais por meio do conhecimento popular, através da relação com sua cultura local, seus antepassados e com sua Língua, de modo a construir experiências que até hoje comungam com sua identidade.

Nesse sentido somos a soma de nossa herança biológica, social e histórica, sendo através da linguagem e da cultura que nos constituímos em seres com a capacidade de conhecer e de adquirir conhecimento. Por isso, língua é mais do que instrumento de conhecimento, ela é constitutiva dele. Para Matos (2011, p. 3), “a língua é incubadora da identidade, reproduz significados que se deslocam afetados pela memória e é submetida ao movimento da ideologia imposto pela história, estando, portanto, atrelada a aspetos políticos e éticos.”

No que concerne à Língua, analisamos que o conhecimento sobre seu funcionamento é fundamental para nós, falantes. Esse conhecimento está implícito em nosso ser e vem de uma capacidade que nos permite apreender e dominar a língua que utilizamos. O conhecimento linguístico é parte de todos nós falantes de uma determinada língua, ou seja, é parte do nosso saber, porque nascemos com essa capacidade.

Assim como a língua, a Terminologia é também uma prática cognitiva, linguística e social. Boulanger (2001, p. 13 apud Rodrigues, 2010, p. 33) explica que a Terminologia “é uma prática cognitiva na medida em que repousa sobre o conhecimento, é uma prática linguística devido à noção, termo ou prática social especializada na medida em que o saber circula em todas as sociedades humanas”. É diante desse conhecimento da linguagem de especialidade no contexto social que a Socioterminologia surge para identificar e analisar os saberes especializados na língua.

É evidente que o conhecimento científico se faz necessário ao estudo terminológico aqui proposto sobre as plantas medicinais da comunidade de Pimenteiras. Entretanto, o conhecimento popular transmitido entre as gerações quilombolas é basilar para esta pesquisa, pois é a partir deste saber tradicional que buscamos analisar, sob o olhar Socioterminológico, os elementos relacionados aos termos sobre as plantas medicinais. Popularizar e valorizar o conhecimento tradicional por meio do saber científico é fundamental para conhecermos as diversidades em nossa língua, como também de nossa cultura.

Observamos que o conhecimento científico é aquele que pode ser provado, através de inúmeras experimentações, até que seja incorporado pela ciência. Para Marconi e Lakatos

(2003, p. 75), o conhecimento científico “[...] é transmitido por intermédio de treinamento apropriado, sendo um conhecimento obtido de modo racional, conduzido por meio de procedimentos científicos”.

Com relação ao conhecimento popular, este por um longo tempo foi ignorado pelos cientistas. Entretanto hoje a situação é diferente, pois segundo Posey (1987) é por meio do resgate e valorização dos saberes tradicionais que surgem novas reflexões que dão grande importância desses saberes para o nosso próprio benefício. Diante disso, Silva (2002, p. 26) argumenta que “[...] os estudos do conhecimento tradicional, em especial a medicina popular, têm merecido atenção cada vez maior devido ao contingente de informações que vêm oferecendo às ciências do homem”.

É fato e não desmerecemos que o conhecimento científico têm um papel muito importante para a nossa cultura, no entanto é preciso acolher com a mesma intensidade os saberes populares, para buscarmos compreender e analisar as diferentes culturas e linguagem especializadas, pois “[...] o que leva um ao conhecimento científico e outro ao vulgar ou popular é a forma de observação” (MARCONI; LAKATOS, 2005, p. 76). Para isso, a Socioterminologia, como ciência, busca analisar e fazer dialogar os diversos aspectos relacionados à linguagem especializada, levando em consideração o âmbito social em que circundam os termos sobre os saberes populares das plantas medicinais da comunidade de Pimenteiras.

Diante desse contexto percebemos o quanto é importante analisarmos os termos sobre as plantas medicinais do ponto de vista discursivo no uso concreto da linguagem técnica, com caráter variacionista, e como os estudos Socioterminológicos são fundamentais nesse processo. É por meio de seus métodos de análise e descrição das características de variação no contexto social e linguístico que seguimos no tópico seguinte nas discussões sobre o termo, base do estudo socioterminológico.

### **3.3.2 Termo: a base do estudo Socioterminológico**

Segundo os estudos de Krieger e Finatto (2004) o termo é o elemento linguístico que constitui a expressão lexical do saber especializado, é a unidade terminológica constituinte da produção dos saberes. De forma concisa, entendemos que a palavra e o termo são unidades parecidas ao serem descritas por um conjunto de características linguísticas sistemáticas,

referindo-se a um elemento da realidade. A palavra, ao tomar parte de um âmbito especializado, é considerada um termo, e a carga semântica confere, no aspecto linguístico, o que o diferencia da palavra.

O termo caracteriza-se no sentido de que para uma noção dada, há, teoricamente, uma única denominação. Esta característica do termo se funda sobre um postulado da terminologia: o da relação de univocidade entre denominação (significante) e noção (significado, relação do tipo reflexiva) (RONDEAU apud KRIEGER, 2004, p. 77).

Sendo um objeto de estudo das ciências terminológicas, o termo é investigado numa dimensão pragmática, discursiva e sociolinguística. Faulstich (2006) explica que a teoria da variação terminológica propõe uma releitura da definição do objeto de estudo da Socioterminologia, que é o termo. Para a autora (2006, p. 28) “uma unidade terminológica pode ter ou assumir diferentes valores, de acordo com a função que uma dada variável desempenha nos contextos de ocorrência.”

Nos estudos de Rodrigues (2010, p. 36), o termo pode ser apreendido como um signo que encontra funcionalidade na linguagem de especialidade, como uma entidade variante que se apoia nas situações de comunicação social e, como um item do léxico especializado, que passa por processos de evolução. Desta forma, o termo é visto como fenômeno linguístico variável que encontra na terminologia diferentes resultados de uso dos falantes nos diversos contextos sociais, geográficos e linguísticos. Diante disso, Gouadec (apud KRIEGER 2004, p. 77) expõe que “um termo é uma unidade linguística que designa um conceito, um objeto ou um processo. O termo é a unidade de designação de elementos do universo percebido ou concebido. Ele raramente se confunde com a palavra ortográfica”.

Considerando o princípio da variação em toda a sua dimensão, o pesquisador Rodrigues (2010) acrescenta que o termo passa a ser visualizado como uma unidade lexical que sofre todas as implicações sistêmicas e contextuais próprias a qualquer palavra no contexto comunicativo da língua. Para Barros (apud KRIEGER; FINATTO, 2004), o termo é uma unidade do léxico com conteúdo específico dentro de um domínio, também particular, que pode ser descrito e analisado em diferentes aspectos relacionados ao significante e significado, às relações com outros termos e ao ponto de vista sociolinguístico, com isso observamos que haverá melhor sustentação teórica ao trabalho estudado na comunidade de Pimenteiras.

Por ser um objeto de estudo da Socioterminologia, Gaudin (1993) lembra que deve haver uma aproximação discursiva dos termos pois, segundo o pesquisador, as unidades

terminológicas devem ser analisadas em sua condição de produção discursiva e de interação entre conhecimentos. No que concerne ao conhecimento, ele é, sempre foi e será uma forma móvel de cultura. De forma científica ou de saber popular, o conhecimento humano chega a cada geração, a cada comunidade, com a marca dos tempos, povos e lugares por onde passou. É através da transferência do conhecimento por meio da Língua que as sociedades se formam, as tradições dos povos sofrem mudanças ou são abolidas em troca de outras. Contudo, é pelo aparecimento de novos conceitos e pela aplicação de novos métodos que outras capacidades cognitivas se desenvolvem e formam outros conhecimentos.

Sabendo que o conhecimento pode também ser transmitido por meio da linguagem, verificaremos na análise socioterminológica dos termos sobre as plantas medicinais os aspectos relacionados à representação dos saberes da comunidade de Pimenteiras, pois compreendemos que é por meio da linguagem que criamos, expressamos e designamos os conceitos e objetos nos diversos campos de conhecimento.

Nos estudos de Cruz (2014, p. 98) ela expõe que “os termos são criados e se desenvolvem em uma língua concreta porque as ideias, processos ou objetos que esses termos designam foram criados pela sociedade que deles se utiliza.”. Ela explica que os termos são resultado de convenções ou preferências individuais, possuindo relação com as características do objeto nomeado. É nesse campo que as análises dessas características são necessárias para observar se as denominações são fruto de ideias do conhecimento da área ou por modismos (CRUZ, 2014).

No campo da linguagem percebemos que os termos sobre as plantas medicinais são utilizados na comunidade de Pimenteiras através da interação entre a cultura, a natureza e as origens de um povo que transmitiu seus conhecimentos entre as gerações por meio da língua. Através das concepções explanadas sobre a linguagem “podemos dizer que uma terminologia não se insere em uma língua, mas em uma linguagem específica, desenvolvida a partir de um universo de discurso criado por uma comunidade em um dado campo do saber” (SANTOS, 2010, p. 06).

Nesse contexto, Krieger e Finatto (2004, p.75) explicam que “o termo, ou unidade terminológica, é, simultaneamente, elemento constitutivo da produção do saber e componente linguístico, cujas propriedades favorecem a univocidade da comunicação especializada”.

Por ter um caráter natural, os termos funcionam como um elemento dos sistemas linguísticos que estão sujeitos à variação; sendo esta inerente em qualquer língua, a variação terminológica ocorre no âmbito do uso especializado. Nesse sentido Cruz (2012) expõe que a

comunicação especializada de melhor qualidade é construída a partir do reconhecimento da naturalidade e inerência da variação terminológica, como um tipo de variação linguística.

Na análise socioterminológica verificamos alguns aspectos da variação dos termos sobre as plantas medicinais de Pimenteiras, mostrando como os termos variam de acordo com as associações ocorridas entre seus elementos, observando na linguagem especializada a naturalidade e inerência presentes nos termos a serem analisados, proporcionando a particularização e identidade da comunidade.

Por ser uma unidade de conhecimento que está constantemente se relacionando com seu significado, o termo segue critérios pragmáticos e comunicativos. Assim, antes de analisar se os termos sobre as plantas são ou não de domínio de especialidade, verificamos que a definição deles é muito importante para o contexto de uso dos estudos teóricos da Socioterminologia, que descreve os termos dentro do conjunto de ocorrência do saber especializado. Segundo os estudos de Lara (2004, p. 93) “uma definição é um enunciado que descreve um conceito permitindo diferenciá-lo de outros conceitos associados.” Sager (1990 apud LARA 2004, p. 93) expõe, ainda, que “a definição é uma explanação aceita do significado especializado de itens lexicais cuja ocorrência pode ser documentada em várias fontes.” Diante disso, utilizamos no percurso da análise dos termos medicinais sobre as plantas a definição do saber subjetivo de uma moradora da região de Pimenteiras.

Nos estudos da definição terminológica dos termos, Lara (2004, p. 94) contribui expondo que “a definição terminológica é classificadora, hierarquizante, estruturante; relaciona-se à definição da coisa”, ou seja a definição não é única, ela varia de acordo com a fonte escolhida. Assim, procuramos nos estudos socioterminológicos trazer a definição dos termos sobre as plantas medicinais, pois a Socioterminologia “é uma disciplina que se ocupa da identificação e da categorização das variantes linguísticas dos termos em diferentes tipos de situação de uso da língua, nos diversos níveis e planos hierárquicos do discurso” (CRUZ, 2012, p. 100).

Cruz acrescenta que, nos estudos de Faulstich (1998), “a sistematização dessas variantes é tarefa da Socioterminologia, cujo estatuto fica assegurado pela análise da diversidade de termos que ocorrem nos planos vertical, horizontal e temporal da língua”. Perante a diversidade dos termos e, conseqüentemente, da variação em suas definições, utilizamos no processo de análise o modelo de ficha terminológica postulado por Faulstich (1996), uma amostra para melhor visualização das informações tidas sobre os termos a partir da variação terminológica que fundamenta os dados a serem analisados.

Nos estudos de Cruz (2014, p.113) sobre a variação dos termos, a pesquisadora explica que “o processo de variação se dá dentro de um construto teórico em que variáveis produzem variantes que funcionam nas línguas de acordo com as funções que elas venham a ter no discurso de especialidade ou na língua comum”. Nos estudos socioterminológicos, Faulstich (1995 apud CRUZ, 2012) propõe uma abordagem funcionalista do termo, que é a base da pesquisa socioterminológica, defendendo uma estreita relação entre termo e variação. Outro postulado defendido por Faulstich (1998; 1999) é sobre a análise do termo, que deve ser visto sob duas perspectivas, sincrônica e diacrônica, assim ela resume que:

Termos são signos que encontram sua funcionalidade nas linguagens de especialidade, de acordo com a dinâmica das línguas; são entidades variantes, porque fazem parte de situações comunicativas distintas; são itens do léxico especializado, que passam por evoluções, por isso devem ser analisados no plano sincrônico e no plano diacrônico das línguas (FAULSTICH, 1999, p. 28).

Outro aspecto importante a ser mencionado é com relação à estrutura do termo, que pode se apresentar de forma simples, complexa ou composta. Esse campo léxico-semântico e morfossintático do termo é tomado pelos estudos de Barros (2007) e Pottier (1978), que explanam sobre a estrutura simples, constituída de um radical; e por estruturas complexas e compostas, em que ocorre a presença de dois ou mais radicais, diferenciados pela presença do hífen nos termos compostos, enquanto que nos termos complexos ocorre os processos de composição formados pela aglutinação<sup>50</sup> ou justaposição<sup>51</sup> das palavras. No caso da comunicação especializada o que predomina são os termos complexos por poder assumir diferenças na quantidade de números das unidades lexicais que formam a palavra, sendo reconhecido como termo sintagmático ou sintagma terminológico.

Quando utilizamos um termo num determinado contexto por meio da inserção e permanência desse léxico, novas palavras serão internalizadas na língua que, por ser um sistema dinâmico, passa a ser enriquecida por neologismos. Assim veremos que os estudos de Pottier (1978) e de Barros (2007) sobre o termo no que concerne à sua estrutura morfossintática e léxico-semântica são caracterizadas como simples, compostas ou complexas.

Em presença das concepções explanadas sobre o termo, observamos que o conhecimento que os moradores da comunidade de Pimenteiras possuem sobre as plantas

---

<sup>50</sup> Aglutinação consiste na junção de duas ou mais palavras, com o objetivo de formar uma terceira palavra, porém uma delas, ou as duas, sofrerá alguma mudança na sua forma, ganhando ou perdendo letras, fonemas ou morfemas.

<sup>51</sup> Justaposição são as palavras apenas justapostas, uma ao lado da outra, e estando juntas formarão uma terceira palavra. Neste caso, as palavras ficam intactas, não perdendo nenhum item da sua forma.

medicinais são as marcas de seus antepassados, de sua identidade, de sua história como quilombolas, são marcas de sua linguagem diante da diversidade na natureza. Não usamos a língua sempre da mesma forma, mas adequamos nossa linguagem à situação comunicativa em que estamos inseridos. Assim, os usos que fazemos em nossa língua são o reflexo, também, da nossa própria história. Nesse contexto, damos início no capítulo seguinte sobre a metodologia utilizada para fundamentar esta pesquisa, levando em consideração os objetivos, as etapas da pesquisa, as pessoas e as dificuldades encontradas no percurso do trabalho.

## 4 METODOLOGIA

Neste capítulo apresentamos os motivos, escolhas e as etapas metodológicas feitas durante a pesquisa de campo na comunidade de Pimenteiras. As fases para a constituição deste trabalho dissertativo têm suas bases nos estudos da Socioterminologia, com o uso de instrumentos tecnológicos antes, durante e após o trabalho de campo. Dentre as ferramentas tecnológicas empregadas utilizamos diversas entrevistas, transcrições dos diálogos e registro de dados sobre os termos medicinais das plantas. As ferramentas usadas foram o Software Transana<sup>52</sup>, as fichas terminológicas, gravador de voz, máquina fotográfica e questionários usados nas entrevistas. É fato que muitas dificuldades surgiram no percurso do trabalho, apesar disso a coleta dos dados foi imprescindível para a pesquisa sobre os termos das plantas de uso medicinal da comunidade remanescente de quilombola de Pimenteiras.

### 4.1 PLANEJAMENTO DA PESQUISA DE CAMPO NA COMUNIDADE DE PIMENTEIRAS

Realizar uma investigação baseada na pesquisa de campo supõe planejar previamente o curso a seguir na construção do trabalho. É fato que o pesquisador encontra diversos imprevistos que dificultam a pesquisa a ser realizada. Compreendendo isso, optamos em conhecer, participar e analisar a comunidade remanescente de quilombola de Pimenteiras no setor das plantas medicinais. Observamos que as condições naturais do tempo influenciaram muito na pesquisa, além das dificuldades encontradas no trajeto até a comunidade. Apesar disso, a riqueza em informações, a biodiversidade da região e o consentimento dos moradores para a realização da pesquisa proporcionaram maior firmeza para a continuidade do trabalho.

Na intenção de fornecer dados confiáveis e de qualidade para esse estudo, buscamos visitar e manter contato contínuo com os moradores da comunidade de Pimenteiras. Cada

---

<sup>52</sup> O Transana foi criado por pesquisadores e para pesquisadores a fim de atender as necessidades profissionais de quem executa entrevistas com trabalhos de campo, pode ser usado em diversas áreas do conhecimento, mas nessa pesquisa de base socioterminológica nosso estudo é constituído de um corpus de língua oral. As vantagens do software é que oferece a visualização de várias janelas como o áudio, vídeo, transcrição, base de dados e visualização do material a ser transcrito, isto proporciona maior segurança e agilidade no processo.

encontro foi planejado, ora com entrevistas gravadas e filmadas, ora com registro de fotos e coleta de dados sobre as plantas. Tudo no intuito de conhecer, descrever e analisar os dados com maior segurança e veracidade, pois cada ponto foi imprescindível para a fundamentação do trabalho dissertativo.

Os dados sobre as plantas de uso medicinal foram organizados por alguns moradores da região durante os trabalhos com o Bioenergético, de acordo com o saber que possuem. Estes dados foram catalogados e analisados dentro do contexto socioterminológico da pesquisa em questão. Nosso intuito é analisar o saber popular sobre os termos catalogados das plantas de uso medicinal, levando em consideração a linguagem especializada dos termos medicinais adquiridos pelo repasse entre as gerações, pela relação com a natureza e por saberes conseguidos pelo contato com outros conhecimentos de caráter científico sobre o poder de cura das plantas.

A comunidade remanescente de quilombo de Pimenteiras está localizada na região agrícola da cidade de Santa Luzia do Pará, distante 30 km da cidade. Hoje, cerca de vinte oito (28) famílias vivem na comunidade, sobrevivendo da agricultura, criação de gado e açaí. Devido à sua localização em área rural, os moradores de Pimenteiras vivem do plantio e dos saberes que possuem sobre as plantas medicinais; devido à distância e dificuldades para conseguir tratamento médico, o saber sobre as plantas de uso medicinal tornou-se recurso indispensável no trato das muitas doenças. A partir disso, alguns moradores quilombolas trabalharam por algum tempo com o Bioenergético, nesse período foram orientados por representantes do CEDENPA para coletar amostras de plantas no trato medicinal. Junto às amostras, os moradores escreveram os nomes de cada planta de acordo com o saber que adquiriram com seus antepassados.

Além da quantidade de conhecimento que a comunidade possui, a particularidade linguística sobre os nomes de cada planta de uso medicinal é muito importante nesse estudo. Por isso, foram necessários diversos encontros com os moradores para conhecer e colher maiores informações para esse trabalho. A comunidade de Pimenteiras está constituída de expressivos elementos culturais que vêm desde a própria descendência quilombola, até o saber que possuem sobre as plantas por meio da valorização e fortalecimento de sua memória coletiva. Seus moradores, apesar das inúmeras dificuldades e preconceitos vividos, buscam preservar sua identidade e serem reconhecidos pela sociedade, pois a interação participativa entre os diferentes saberes existentes na comunidade promove um sentimento de pertencimento diante das diferenças culturais que devem ser respeitadas e apreciadas.

Entendemos que o conhecimento é algo que está em constante construção e reconstrução e que as influências que vivemos ajustam esse processo. Particularmente, o conhecimento dos moradores da comunidade de Pimenteiras está nessa frequência, que se interpõe entre os saberes vindos de gerações passadas, combinadas à presença de novos conhecimentos. Diante da imensa contribuição ao conhecimento científico, é respeitável buscar conhecer os saberes vindos dos moradores remanescentes de quilombo, para que os mesmos sejam reconhecidos como identidade cultural sobre as plantas.

Objetivamos, nesse trabalho, analisar os termos catalogados sobre as plantas medicinais da comunidade de Pimenteiras sob a perspectiva socioterminológica dos termos no contexto da linguagem especializada dos moradores remanescentes de quilombo, observando os aspectos sociais, culturais e religiosos em que estão inseridos e, assim, compreendermos a identidade do povo da região. Analisando os termos, identificamos que no campo da Socioterminologia as palavras registradas sobre as plantas medicinais fazem parte do domínio especializado da língua e expressam uma forte identidade no universo sociocultural dos moradores quilombolas de Pimenteiras, fazendo com que a comunidade adquira traços que distinguem e identificam sua cultura.

Os dados catalogados foram registrados, transcritos e definidos de acordo com o saber de um morador da comunidade de Pimenteiras. Na análise socioterminológica dos termos, todos foram definidos e estruturados por meio de fichas terminológicas para melhor visualização das unidades que compõem as palavras coletadas, junto da definição adicionamos as imagens de cada termo nomeado.

#### 4.2 A PESQUISA DE CAMPO

Registrar os termos de uma linguagem especializada requer preservar a legitimidade que cada indivíduo possui no uso da língua. Durante o processo de pesquisa, várias etapas foram executadas para que as análises fossem alcançadas. As pessoas foram muito importantes para que o estudo se desenvolvesse ao longo desse período de análise socioterminológica dos termos.

Como critério de seleção, escolhemos uma (01) moradora remanescente de quilombola da comunidade de Pimenteiras, a senhora Domingas Alves do Nascimento, pelo conhecimento popular sobre as plantas medicinais que ela detém e, também, pelo fato de ser

uma das pessoas que coletaram amostras das plantas medicinais. Além disso, Domingas é uma representante da associação AQUAFAP que sempre realizar atividades relacionadas a valorização e aos direitos dos moradores de Pimenteiras.

No aspecto religioso, ela sempre está engajada na cerimônia em homenagem à Nossa Senhora do Livramento e, mesmo com tantos trabalhos a serem executados na comunidade, a moradora está sempre disposta e atenta para fazer com que a comunidade tenha seus direitos garantidos e sua cultura e preservada.

Durante a pesquisa foram realizadas entrevistas com outras pessoas, que forneceram informações importantes sobre a história, religião e cultura dos moradores da comunidade de Pimenteiras. No entanto, a moradora Domingas foi incansável em suas contribuições. A partir dela, o interesse em pesquisar sobre os termos catalogados das plantas de uso medicinal se tornou fascinante.

Dona Domingas é uma mulher que respeita suas origens e utiliza os saberes transmitidos por sua mãe e sua avó materna, a ponto de ser conhecida na região como a “senhora das ervas”; além de trabalhar na agricultura com o marido, ela também ajuda na fabricação de produtos naturais na associação dos agricultores quilombolas de Santa Luzia do Pará, bem como realiza trabalhos relacionados com a comunidade e sua família.

Devido aos saberes que possui sobre as plantas, Domingas recebe grande ajuda de diversas pessoas que também têm interesse pela cura através das plantas medicinais, como é o caso da senhora Maria de Nazaré Reis, uma engenheira agrônoma que trabalha no CEDENPA assessorando os grupos de mulheres, associações, cooperativas de agricultores rurais e familiares dentro da Rede Bragantina, através de cursos direcionados à nutrição, alimentação saudável, agricultura familiar e uso das plantas para cura de doenças, como forma de incentivo aos pequenos trabalhadores rurais sobre a Produção Agroecológica<sup>53</sup>.

Vale ressaltar que os saberes que a moradora Domingas possui estão preservados em sua memória e que esse trabalho procura, basicamente, conhecer, registrar e analisar as palavras no contexto da linguagem especializada sobre as plantas medicinais que são de uso não apenas da senhora Domingas mas, também, dos moradores quilombolas de Pimenteiras.

No que concerne às dificuldades enfrentadas no percurso da pesquisa, inicialmente, o acesso à comunidade foi o que trouxe mais problemas, principalmente nos períodos de chuva. Em muitos momentos foi necessário modificar o percurso a ser seguido e redirecionar novos

---

<sup>53</sup> A agroecologia é uma ciência que dialoga com as diversas dimensões do convívio humano como a ecologia, a socioeconômica, a cultura e sociopolítica, é o conhecimento que vai além da produção que se insere num sistema de transformação e valorização de uma agricultura socialmente mais justa, economicamente viável e ecologicamente apropriada.

planos para que a pesquisa continuasse. É fato que esse trabalho não envolve um amplo levantamento acerca dos conhecimentos e saberes contidos nos moradores de Pimenteiras, contudo essa é uma amostra diante das inúmeras possibilidades do conhecimento popular a ser registrado.

No percurso da pesquisa, diversos instrumentos foram utilizados para registrar cada elemento relacionado à comunidade e aos informantes, como gravador de voz, máquina fotográfica para o registro de imagens, fichas com questionários a serem respondidos pelas informantes, aplicativos para a transcrição grafemática das gravações, como o Transana e, os termos catalogados sobre as plantas de uso medicinal da região, elemento esse de grande importância na pesquisa.

Diante das exposições apresentadas ressaltamos que os dados catalogados sobre os termos das plantas medicinais são a base deste trabalho, que busca analisar sob o olhar socioterminológico cerca de quarenta e dois (42) termos registrados e preservados por uma das moradoras da comunidade. Na sequência, observaremos a maneira como foram tratados os dados catalogados para essa pesquisa.

#### 4.3 PROCEDIMENTOS UTILIZADOS PARA O TRATAMENTO DOS DADOS

Considerando que o método desta pesquisa procede de forma qualitativa, em que se analisam os dados catalogados dos termos sobre as plantas medicinais da comunidade de Pimenteiras sob os estudos da Socioterminologia, passaremos a expor os principais procedimentos que foram utilizados para que os dados da pesquisa fossem registrados e analisados.

##### 4.3.1 Entrevistas

No andamento da pesquisa, diversas entrevistas formais e informais ocorreram com as informantes. As conversas formais foram registradas seguindo um fichário contendo diversas perguntas relacionadas à comunidade quilombola e às plantas medicinais. As

entrevistas foram armazenadas através da gravação de voz que, posteriormente, foi transcrita de forma Grafemática<sup>54</sup>.

As perguntas foram específicas para cada informante, de acordo com o campo de trabalho por ele/ela desenvolvido. Por exemplo, com a senhora Domingas foram direcionadas perguntas sobre a família, comunidade, descendência, saberes sobre as plantas e crença nas mesmas. Além dessa entrevista, houve, também, a gravação com a senhora Domingas sobre as definições que a moradora possui de cada termo sobre as plantas medicinais. A transcrição com tais definições foi armazenada nas fichas terminológicas utilizadas para melhor visualização dos dados registrados. Todas essas informações estão anexadas neste trabalho, mostrando os pontos relevantes que delineiam o caráter da pesquisa.

### **4.3.2 Recursos de análise dos dados**

A transcrição grafemática foi executada através do software Transana, versão 2.12<sup>55</sup> gratuita para download, que foi desenvolvido para analisar dados audiovisuais. Este recurso foi escolhido para que pudéssemos dar o tratamento adequado aos dados orais das gravações obtidas em entrevistas. Em seguida, utilizamos por base as normas de transcrição de Koch (1997); as transcrições grafemáticas foram feitas no software Transana, devido o programa permitir a conexão entre o texto transcrito, em momentos específicos do vídeo com o áudio da entrevista.

### **4.3.3 Termos Catalogados**

Com relação aos termos catalogados sobre as plantas de uso medicinal pelos moradores da comunidade quilombola de Pimenteiras, usamos o registro das imagens junto com as fichas terminológicas com as definições de cada termo. Procuramos nesse momento respeitar a forma escrita de cada termo registrado pelos moradores. As amostras das plantas

---

<sup>54</sup> Os dados registrados na Transcrição Grafemática estão nos apêndices deste trabalho.

<sup>55</sup> Pesquisado em 11 de agosto de 2015 as 22:31 hs no site: <http://www.transana.org/download/whatsnew.htm>

foram dissecadas com o uso de jornais pelos moradores na época em que trabalharam com o Bioenergético. Até hoje esse material está guardado pela moradora Domingas.

Durante a pesquisa, registramos as imagens das plantas vivas em seu habitat natural para que pudéssemos perceber as características de cada uma e, conseqüentemente, observar a relação com o nome que possuem. Ao registrarmos as imagens das plantas, outras espécies foram identificadas pelos moradores como medicinal, isto ampliou a quantidade de termos catalogados e, possivelmente, outros mais permanecem ocultos na região. Todos os termos catalogados estão nos apêndices, com as definições junto de suas respectivas imagens.

## 5 ANÁLISE DOS TERMOS DE PIMENTEIRAS: A IDENTIDADE DE UM POVO

Compreender as pessoas como seres introduzidos em redes de significados; pensar nos sujeitos da maneira como eles se identificam, entendendo as particularidades de sua cultura, vivenciando-a, acompanhando-os em muitos momentos, procurando entender o que eles fazem e como fazem: esse processo foi importante para compreender as distinções dos elementos que compõem, dentro e fora, a comunidade quanto aos saberes sobre as plantas de uso medicinal, observando que tais saberes constituem a identidade cultural dos moradores no que diz respeito à biodiversidade na comunidade de Pimenteiras.

Utilizamos uma metodologia vinda da observação das práticas sociais, das entrevistas com os sujeitos da pesquisa, da catalogação dos dados sobre as plantas e da transcrição das definições de cada termo, que se tornou fundamental para a análise dos dados catalogados na comunidade. Buscamos não apenas registrar fatos, mas analisar a relação que os termos possuem dentro dos aspectos sociais, apresentando assuntos relacionados à religião, cultura e de identidade, proporcionando, assim, o reconhecimento de conhecimentos tradicionais preciosos para o estudo científico, através dos saberes de um povo, suas lutas, sua natureza e linguagem.

Conhecida e reconhecida por sua biodiversidade, Pimenteiras é identificada pelos saberes sobre as plantas medicinais. Os moradores da comunidade são descendentes de negros escravos, conhecidos como quilombolas, e muitos adquiriram de seus antepassados conhecimentos sobre o uso das plantas para a cura dos males do corpo. Assim sendo, procuramos, nesse contexto, apresentar a análise socioterminológica dos termos da comunidade de Pimenteiras, considerando os aspectos da variação terminológica na linguagem, suas motivações no ato de nomear e as relações associativas que geram novas nomeações e, também, novas variações; por conseguinte, abordamos os termos sobre as plantas medicinais com foco na sua estrutura morfossintática, observando que na variação o termo pode ou não ser alterado em seu radical, formando novas composições, sejam elas simples, compostas ou complexas; na sequência desses estudos dos termos, chegamos à análise da definição descritiva dos termos relatados pela senhora Domingas, que, de forma subjetiva, procurou descrever cada planta nas suas particularidades.

A necessidade sociocultural humana de estabelecer relação entre língua e sociedade promove a ação de transformar o vocabulário da língua constantemente para o surgimento de novas palavras. Mas de onde vêm as palavras? Compreendendo que as palavras são criadas de

forma consciente para dar nome às coisas, entendemos que, com o passar do tempo, as palavras sofrem transformações, que trazem também a modificação no sentido. Assim, a linguagem é o campo no qual o homem exprime seus sentimentos e pensamentos em uma comunicação interpessoal ou grupal, construindo uma sociedade capaz de desenvolver sua cultura e saber, que são transmitidos de geração em geração.

No que diz respeito aos termos sobre as plantas medicinais, analisamos inicialmente se o domínio estudado pertence apenas ao campo da medicina caseira. Segundo a Norma da ISO 1087 (2000), o domínio é decidido como parte do saber cujos limites são definidos conforme um ponto de vista particular. Em seguida, acolhemos a definição descritiva da moradora Domingas, que buscou, de acordo com seus saberes, definir os termos sobre as plantas catalogados na região de Pimenteiras.

Os dados analisados nesse trabalho são constituídos no total de quarenta e dois (42) termos que foram catalogados sobre as plantas de uso medicinal da comunidade de Pimenteiras. Diante da quantidade descrita, utilizaremos alguns termos em diferentes aspectos a serem considerados. Os elementos presentes na ficha terminológica de cada termo serão analisados a partir da definição descritiva no contexto que a senhora Domingas expôs sobre as plantas, para isso utilizamos um modelo de ficha terminológica criado por Faulstich (1996), usado pela Universidade de Brasília (UNB), contendo os elementos constitutivos dos termos, para uma melhor visualização dos lexemas e de seus elementos constituintes, analisando, junto a isso, a variação de alguns termos que estão relacionados de forma associativa com certa característica da planta. Isso se faz importante para melhor compreendermos as nomeações e as significações descritas pela moradora nesse processo de nomeação, relacionado ao conhecimento de mundo dos moradores da comunidade de Pimenteiras.

Com base nos estudos socioterminológicos explanados nesse trabalho dissertativo, analisamos as particularidades de cada termo demonstrando as definições descritas sobre as características das plantas medicinais de Pimenteiras, junto a isso apresentamos as imagens das plantas registradas durante a pesquisa de campo na comunidade. Para cada termo apresentado utilizamos duas (02) imagens registradas em seu ambiente natural: uma com a imagem integral da planta e a segunda imagem com uma especialidade da planta. No total ocorreu o registro das folhas das plantas. Isso se faz importante para também verificarmos as especificidades de cada planta no seu aspecto anatômico.

Para tratar das questões da variação existente sobre os termos das plantas medicinais de Pimenteiras tomamos como contexto de análise somente os termos catalogados sobre as

plantas pesquisadas na comunidade por meio da moradora Domingas. Com o objetivo de examinar as variações destes termos foram necessários diversos encontros para catalogá-los, registrar as imagens das plantas e gravar as definições descritivas pela senhora Domingas. Assim, os objetos desse estudo são os termos sobre as plantas medicinais utilizados pelos moradores da região no seu contexto social.

A quantidade de termos sobre as plantas medicinais existentes na comunidade é enorme, entretanto dado o número de termos sobre as plantas medicinais e de suas variantes na linguagem especializada, metodologicamente, trabalhamos com um total de quarenta e dois (42) termos, que foram coletados, registrados em imagens e definidos em fichas terminológicas. Pesquisando a origem dessas variantes atribuídas aos termos sobre as plantas medicinais percebemos que o seu surgimento ocorre das mais variadas formas possíveis. O principal modo de formação das variantes é a partir da associação relacionada com a forma, tamanho, cor e função das plantas medicinais. As formações geradas por relações associativas são características que pertencem naturalmente à Terminologia.

Assim, vejamos uma sequência das análises dos termos sobre as plantas medicinais da comunidade de Pimenteiras, observando suas imagens, como também seus elementos constitutivos na ficha terminológica de cada termo descrito no contexto da moradora Domingas. Neste capítulo apresentamos doze (12) termos, de um total de quarenta e dois (42). Os demais se encontram nos apêndices deste trabalho. Por meio da ficha terminológica criada por Faulstich (1996), contendo a definição descritiva da moradora Domingas, observamos os aspectos relacionados ao clima, origem, características da espécie, formas e utilidade medicinal de cada planta catalogada. Alguns termos apresentaram variantes e, nesse âmbito, compreendemos as relações associativas do nome com as características das plantas.

Observemos, na sequência, a análise dos termos catalogados na comunidade de Pimenteiras.

## 5.1 MUCURACÁ

Há muito tempo o ser humano cria e utiliza as palavras para expressar, designar conceitos, objetos e processos de diferentes campos do conhecimento, tudo isso é feito por meio da linguagem. A linguagem verbal é uma entidade social que possui aspectos materiais e simbólicos que estão ligados à consciência e à subjetividade humana em que cada falante

compartilha seus saberes por meio da língua. A língua tem uma estrutura imutável e, apesar disso, está em constante variação; é um instrumento que pode causar emancipação e poder, um objeto do conhecimento em que inúmeros modelos teóricos surgiram com a pretensão de descrever e explicar sua essência.

Os moradores da comunidade de Pimenteiras demonstram, em sua linguagem, o saber de uma cultura rica e distintiva. Podemos perceber, na análise dos termos, as particularidades que evidenciam tal grandeza. Observemos na análise do termo “Mucuracá”, por meio da ficha terminológica, a descrição subjetiva que a moradora quilombola expôs sobre cada planta catalogada. Vejamos:

#### TERMO 01 – “MUCURACÁ”

Fotografia 14 – Mucuracá



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

Fotografia 15 –Folha do Mucuracá



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

Quadro 01 – Ficha terminológica do termo Mucuracá

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Mucuracá</b>
<b>V</b>	Variante	<i>Tipi</i>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Substantivo masculino</i>
<b>Co</b>	Contexto	<i>...éh ele é bom pra febre pra passar a febre pra dó de cabeça também e diz que pra espantar mal olhado teve uma coisa né...que não esteja dando muito certo pode plantar o mucuracá no quintau e usar isso aí o pessoal ( ) primeiro tinha aquele problema há...meu filho tá com quebrante mau olhado não sei que faz o banho do mucuracá né...isso aí é experiência dos...éh e pra isso aquela enjoação aquele aborrecimento isso tá...ele é bem pequeninho ele é uma planta também né...ele é pequeno a folha ele é que nem a japana ele é do mesmo modelo da japana assim né...ele é pequeno folhinha dele é bem escurinha bem escura assim verdinho escuro afolhinha dele né...éh da folha e do pau e da raiz ( )...ele é grande ele no máximo que tem é três palmo se ele tiver três palmo né...ele é conhecido por dois nomes mucuracá e tipi tipe sim o maranhense praticamente o maranhense só conhece po tipi nois paraense que conhece por mucuracá não só o nome que muda...num sei tambeim não tambeim não o cheiro dele tambeim é muito forte é o cheiro dele um ser cheiro assim de alho querado e com muitas horas assim tem um alho que a gente quebra com muitas horas deixa assim e vai cheirar pois assim que é o cheiro dele assim um cheiro forte mucuracá mucuracá...com cheiro muito forte parece alho usado...muitu forti...</i>
<b>Fc</b>	Fonte do Contexto	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	São usadas as folhas, a casca do caule e a raiz.
<b>Fu</b>	Formas de uso	Usada na forma de chás e para fazer banhos contra febre, dor de cabeça, mal olhado, quebrante.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	O termo é conhecido como “Tipi” (falado no Estado do Maranhão)
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, 2014.

Os dados apresentados na ficha terminológica sobre o termo “Mucuracá” explanam as características pertencentes à espécie em seu contexto social. Por ser uma planta de cheiro forte e marcante é utilizada em banhos para as enfermidades do corpo e da alma. Conhecida também pela variante “Tipi”, suas utilidades medicinais vão além dos benefícios à saúde, pois é uma planta usada para afastar problemas espirituais, como quebrante, e questões negativas contra a alma. O fato de cultivar a planta próxima à casa tem o significado de proteção espiritual aos moradores da comunidade de Pimenteiras. Observemos no contexto apresentado por Domingas:

*[...] éh ele é bom pra febre pra passar a febre pra dó de cabeça também e diz que pra espantar mal olhado teve uma coisa né...que não esteja dando muito certo pode plantar o mucuracá no quintau e usar isso aí o pessoal ( ) primeiro tinha aquele*

*problema há...meu filho tá com quebrante mau olhado não sei que faz o banho do mucuracá né...isso aí é experiência [...] (informação verbal)*<sup>56</sup>.

Além da definição descritiva do termo “Mucuracá”, utilizamos também, como análise dos termos, o modelo de ficha terminológica criado por Faulstich (1996) com as informações específicas sobre os elementos presentes em cada termo. Este formato da ficha terminológica é importante para melhor visualização dos dados analisados, pois observamos cada informação contida sobre os termos catalogados, além da definição descrita pela senhora Domingas. Os aspectos pertinentes na ficha são o Lexema (Lx), as Variantes (V), a Classificação Gramatical (Cg), o Contexto (Co), a Fonte do Contexto (Fc), as Partes de Uso (Pu), Formas de Uso (Fu), a Finalidade (Fn), os Dados do Informante (Di), os Dados do Pesquisador (Dp), Notas (Nt) e a Data da Coleta (Dc).

Observamos que, nos estudos atuais da língua, o léxico estende-se para além da Terminologia e chega aos estudos da Sociolinguística<sup>57</sup> e da Etnolinguística<sup>58</sup>, pois a língua, de modo geral, reflete marcas sociais e culturais dos falantes. Assim, observemos na sequência os demais termos e suas análises, identificando as características de um povo e de sua língua.

## 5.2 ERVA DE JABUTI

Nos estudos do termo sobre as plantas de uso medicinal da comunidade de Pimenteiras o aspecto socioterminológico é muito importante, pois o termo pode apresentar variações, por vezes dentro de uma mesma área de especialidade. Esse conceito traz um olhar novo, com perfil sócio-linguístico-cultural a respeito dos termos analisados sobre as plantas medicinais da comunidade de Pimenteiras, mostrando as influências da cultura negra na linguagem. No que compete ao aspecto da linguagem, Travaglia (2002, p. 23) expõe que “a linguagem é, pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um

<sup>56</sup>Transcrição Grafemática do termo “Mucuracá”, descrito pela senhora Domingas, ano 2015.

<sup>57</sup>Sociolinguística é o ramo da linguística que estuda as relações entre língua e sociedade e dá ênfase ao caráter institucional das línguas. É o estudo do comportamento linguístico dos membros de uma comunidade e de como ele é determinado pelas relações sociais, culturais e econômicas existentes.

<sup>58</sup>Etnolinguística é o ramo da linguística que estuda a relação da linguagem e a cultura das comunidades. A etnologia é o estudo antropológico dos povos e sua cultura, analisando sua linguagem e como ela está relacionada às peculiaridades da vida primitiva, suas crenças e folclores.

contexto sócio-histórico e ideológico”. Observemos as variações ocorrentes com o termo “Erva de Jabuti”.

#### TERMO 02 – “ERVA DE JABUTI”

Fotografia 16 – Erva de Jabuti



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

Fotografia 17 – Folha da Erva de Jabuti



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

Quadro 2 – Ficha terminológica do termo Erva de Jabuti

Lx	Lexema	<b>Erva de Jabuti</b>
V	Variantes	<i>Coração de Jabuti; Coraçõzinho; Comida de Jabuti.</i>
Cg	Classe Gramatical	<i>Sintagma terminológico feminino</i>
Co	Contexto	<i>... ela é uma planta di todü cantu tantu ambienti abertu ou fechadu ela dá ela ela é uma planta assim pequena...uma erva ( ) ela é pequena uma erva pequena a folha dela é um formatu dum coraçãu coraçãu di jabuti mesmu ... nãu ela num é num é tipu grama assim ela é piquininha mas ela ela num é rastera assim só qui ela é piquininha né ela num é dessas avres assim grandi não ela ela assim por aqui assim aí a agua dela a folhinha dela também é uma folhinha assim espelhosinha assim comu coisa cheia di água é uma folha assim ( ) ela num ela num é aquela folha seca assim durinha fina ela é uma folhinha assim bem gordinha cheinha né tantu faz a folha comu us galhinhos dela ... ela bota uma uma bajizinha uma bajizinha forma dum дума bassi di pimenta du reinu só qui é bem piquininha é naquela forma da bassi di pimenta du reinu sabi né cumé aquela baginha assim só que é bem piquininha ( ) bem zititinha porque ela ela é uma planta pequena ela tem aquela formatu da pimenta mais ela é miudinha é té que ela é uma planta nativa também ela num é assim uma planta cuidada ela é nativa e assim nos quin no quintau ela gosta muito de nascer im quintal ... éh sozinha é num precisa cultivar ela é ela é du quintau ela é assim du canteru ela nasce nu canteru assim ela nasci...friü ambiente friu ... dá mais com certeza( )...</i>
Fc	Fonte do contexto	A informante
Pu	Partes de uso	São usadas as folhas e os talos da planta
Fu	Formas de	Usada na forma de chás para Ameba.

	uso	
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	Os nomes têm relação com as características das plantas nos aspectos da função e do formato.
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, 2014.

Com o termo “Erva de Jabuti” observamos que a planta apresenta mais de uma variação para a mesma palavra. Algumas estão relacionadas com a forma e tamanho, daí suas variantes serem conhecidas como “Coração de Jabuti” ou “Coraçãozinho”; o termo variante também possui relação com a função de servir de alimento para o animal, por isso recebe a terminologia de “Comida de Jabuti”. Podemos perceber como a linguagem especializada utilizada pelos moradores quilombolas de Pimenteiras apresenta variantes formadas pela relação associativa com as características descritas sobre as plantas medicinais da região. Vejamos no contexto abaixo:

*[...] ela é pequena uma erva pequena a folha dela é um formatu dum coração coração di jabuti mesmu ... nãu ela num é num é tipu grama assim ela é piquininha mas ela ela num é ratera assim só qui ela é piquininha né ela num é dessas avres assim grandi não ela ela assim por aqui assim aí a agua dela a folhinha dela também é uma folhinha assim espelhosinha assim comu coisa cheia di água é uma folha assim [...].(informação verbal)<sup>59</sup>*

Os termos e suas variantes estão relacionados com a área de saber dos moradores quilombolas sobre as plantas medicinais. Nesse contexto, os saberes de um povo se manifestam e são preservados na linguagem especializada e, por conseguinte, marcam os conhecimentos tradicionais dos moradores de Pimenteiras. Nas relações sociais da comunidade, as pessoas vivenciam de forma individual e coletiva sua linguagem. Assim, vejamos na sequência a análise do termo “Noni”, considerado um conhecimento novo para os moradores de Pimenteiras.

<sup>59</sup>Transcrição Grafemática do termo “Erva de Jabuti”, descrito pela senhora Domingas, ano 2015.

5.3 NONI

Para a Terminologia, o termo é a denominação de um conceito, que tem no conhecimento especializado uma expressão comunicativa, cognitiva e complexa, pois não há conhecimento especializado sem uma terminologia. Assim Benveniste (1989, p. 252) expõe que “Uma ciência só começa a existir ou consegue se impor na medida em que faz existir e em que impõe seus conceitos, através de sua denominação. Ela não tem outro meio de estabelecer sua legitimidade senão por especificar seu objeto denominando-o [...]”. Notemos assim a análise do termo “Noni” e suas características na ficha terminológica.

TERMO 03 – “NONI”

Fotografia 18 – Noni



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

Fotografia 19 – Folha do Noni



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

Quadro 3 – Ficha terminológica do termo Noni

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Noni</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Substantivo masculino</i>
<b>Co</b>	Contexto	<i>...éhnoni é famoso ele ele cura o...câncer né...entau ele previne ele nem cura como prenine o câncer né...éh o suco é na garrafada eu praticamente uso na garrafada toda as minhas guarrafadas eu colo é mais não garrafada ele não fica fedorento não porque na garrafada a gente ponha ele verde e rodela a rodinha e coloca pra secar e na hora da garrafada a gente tritura ele bem bem miudinho e bota na garrafada ele não fica não tem gosto de nada agora o suco dele ele ele maduro have maria é muito ruí né...((sorriu)) éh::: mas ele é assim mas na garrafada a gente pode usar ele ninguei nem percebe se tem ele é muito assim ele é muito é um remédio que ele é</i>

		<i>muito bom e ele assim nem tanto cura como previne as doença como é bom pra inflamação pra infecção é muito ruim né...aí a inflamação ela vira infecção e aí é muito bom pra usar ele é uma planta ele é uma planta então ele é uma planta novata pra mim ele é novata pra mim ele é uma planta né...pra mim tô com quase dez anos que eu conheci ele foi no tempo da irmã amelha quando a irmã amelha tava mais trabalhando por aqui foi que ela descobriu isso daí ela é uma planta e o fruto dele a folha dele é bem grande bem grande a folha dele e o fruto dele também ele é tipo uma lagata assim dá uns olhinhos mais assim os frutos dele né...((sorriu)) pois é ((sorriu)) pois é só usa o fruto e pra isso e um da nunca ouviu falar é só e o fruto mesmo ela ela conhece éh::: que né...a gente usa né...a gente usa direito ela ajunta pra mim por que pé no meu quintau não tem também não não tem não ela sempre a gente leva daí...</i>
<b>Fc</b>	Fonte do contexto	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	É utilizado o fruto e as folhas em sucos e na garrafada.
<b>Fu</b>	Formas de uso	Corta as rodela da fruta, colocando para secar e depois triturar para usar na garrafada, serve para curar e prevenir o câncer, inflamações e infecções.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	Considerada uma planta nova foi inserida há pouco tempo no contexto da comunidade.
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, 2014.

O termo “Noni” é um substantivo masculino que tem como definição ser uma planta de fruto e folhas grandes. O fruto é descrito pela moradora de Pimenteiras com a aparência de uma “lagarta”. Segundo Domingas, “o fruto dele a folha dele é bem grande bem grande a folha dele e o fruto dele também ele é tipo uma lagata assim dá uns olhinhos mais assim os frutos dele né? ((sorriu))” (informação verbal)<sup>60</sup>.

A planta é novidade para a moradora de Pimenteiras: seu saber veio através de cursos, por meio da associação quilombola da comunidade, sobre o poder das plantas. O Noni é utilizado na garrafada como anti-inflamatório e também como aliado contra o câncer. Nesse contexto, o conhecimento sobre a planta foi absorvido pelos moradores da região e integrado como parte dos saberes sobre as plantas medicinais. Observemos abaixo:

*[...] ele é uma planta ele é uma planta então ele é uma planta novata pra mim ele é novata pra mim ele é uma planta né...pra mim tô com quase dez anos que eu conheci ele foi no tempo da irmã amelha quando a irmã amelha tava mais trabalhando por aqui foi que ela descobriu isso daí [...]. (informação verbal)<sup>61</sup>*

<sup>60</sup> Transcrição Grafemática do termo “Noni” descrito pela senhora Domingas, ano 2015.

<sup>61</sup> Transcrição Grafemática do termo “Noni”, descrito pela senhora Domingas, ano 2015.

O que motiva o surgimento de um termo é a necessidade de nomear as novas descobertas tecnológicas e científicas, direcionadas sempre a uma área específica do conhecimento. Segundo os estudos de Araujo (2006), o termo tem uma “dimensão linguística, comunicativa e cognitiva e uma estrutura complexa”. O termo adquire uma feição terminológica porque integra um saber especializado ao lado de contextos no campo das ciências e das técnicas; ele também possui uma dimensão linguística por configurar um comportamento lexical especializado e, ainda, uma dimensão cognitiva por manifestar seu conhecimento especializado.

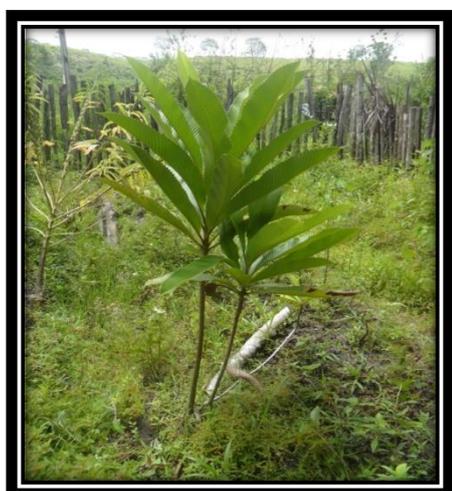
Por assim observar, o termo é parte do componente linguístico, como também é uma unidade terminológica e, ainda, é um elemento constitutivo da produção do saber. Vejamos assim o componente linguístico do termo “Pataca”.

#### 5.4 PATACA

A língua é uma estrutura que está sempre em transformação, desse modo, a variação é um elemento muito importante para entendermos a existência de diferenças no modo como uma língua é usada em uma comunidade. Assim como o “Noni”, o termo “Pataca” é um saber novo para a comunidade de Pimenteiras, adquirido por meio das relações sociais. Observemos abaixo sua análise.

#### TERMO 04 – “PATACA”

Fotografia 20 – Pataca



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

Fotografia 21 – Folha da Pataca



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

Quadro 4 – Ficha terminológica do termo Pataca

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Pataca</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Substantivo feminino</i>
<b>Co</b>	Contexto	<i>...éh essa pataca também ela é recente pra mim ela é recente né...ela me parece que ela veio da índia parasse né...ela veio da índia eu conheci que uma pessoa de bélém que quando sabia que eu fazia remédio ela me disse que ia me deixar sem uma planta sem um pé disso daí ela me deu primeiro um pedaço da raiz e agora eu tenho um pezinho lá em casa ela eu não que tamanho que o pé tá desse tamanho eu não sei se dá grande não eu dá nunca ví ela não é nem daqui né...mas ela é boa pra remautismo se buta na de álcool pra passar no lugar que tá afetado do remautismo foi essa senhora issi isso isso té agora eu eu ainda não procurei pra ela cumo é que se usa porque ela me deu tipo assim uma raiz tipo uma coisa assim nera num sei que era aquilo que ela me deu ainda falta eu conversar com ela que pra mim procurará cumé que se usa se é a folha num era o que é eu pensei de ser ou o fruto ou a raiz dela não não não tem não não veio mesmo que pra mim ela é recente né...é só folha só folha mas ela é muito remédio ela ela veio de longe essa essa pataca nós tiremos foto porque ela no meu quintau né...ela é remédio agente tirou isso isso é verdade é depois me diz hum hum...</i>
<b>Fc</b>	Fonte do contexto	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	Não sabe ao certo o que utilizar se é a folha, caule ou fruto.
<b>Fu</b>	Formas de uso	Tem a noção de usar com o álcool na região que está com reumatismo.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	A informante recebeu a planta de outra pessoa, não sabe como usar, porém sabe que serve contra o reumatismo.
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, 2014.

Sem saber o valor medicinal da Pataca, a moradora traz para o ambiente da comunidade um novo conhecimento adquirido pelo contato com outras pessoas sobre o uso da planta, que é conhecida pela sua importância contra o reumatismo.

O termo “Pataca” é considerado um substantivo feminino, com uma estrutura simples devido à presença de um único radical. No que concerne ao gênero, na definição, a moradora conduz sua fala no feminino, referindo-se ao termo como a planta, que foi inserida há pouco tempo no contexto da comunidade, segundo a senhora Domingas:

*[...] éh essa pataca também ela é recente pra mim ela é recente né? ela me parece que ela veio da índia parasse né? ela veio da índia eu conheci que uma pessoa de bélém que quando sabia que eu fazia remédio ela me disse que ia me deixar sem uma planta sem um pé disso daí ela me deu primeiro um pedaço da raiz e agora eu tenho um pezinho lá em casa [...] (informação verbal)<sup>62</sup>*

<sup>62</sup>Transcrição Grafemática do termo “Pataca”, descrito pela senhora Domingas, ano 2015.

Somos seres humanos formados pela interação, pelo contato que temos com as pessoas, com o ambiente, com a cultura, enfim, é através da ação de produção da linguagem que somos constituídos como indivíduos sociais. Ao analisarmos os termos das plantas medicinais catalogadas na comunidade de Pimenteira, pretendemos ver como essas unidades se constituem e que fatores extralinguísticos, sociais e culturais interferem e determinam essa terminologia. Barbosa (2001) expõe que “esse tipo de linguagem, usa vocabulários técnico-científicos e especializados, mostrando que eles estão no nível de uma forma não apenas linguística, mas também sociocultural.” Assim completa expondo que,

Considerando o conjunto de obras lexicográficas e terminológico-terminográficas produzidas em épocas mais recentes, diríamos que não se tem muita clareza, quanto às fronteiras conceptuais, denominativas, definicionais dos tipos desses textos, não obstante o estágio avançado em que se encontram, neste fim de século, as pesquisas das ciências da palavra, nessas áreas, não obstante, igualmente, a existência de numerosos organismos e obras de normalização terminológica em diferentes países, que não conseguiram assegurar, para certos conceitos, uma terminologia de Terminologia uniforme e consensual (BARBOSA, 2001, p. 26).

Analisamos na sequência o termo “Pau-de-muquem”, que é também conhecido pelas variantes “Assa-peixe” ou “Mata pasto”.

## 5.5 PAU-DE-MUQUEM

Diferente da palavra, o termo possui sempre relação com o significado dentro de um contexto de domínio, ou seja, está sempre contextualizado em um determinado campo de conhecimento. Nesse contexto, seu conteúdo específico encontra-se em uma situação de uso particular. Krieger (2001, p. 69) nos afirma que “o reconhecimento, sem dúvida incontestável, do componente conceitual na constituição do fenômeno terminológico responde fortemente pelas interpretações de que um termo é uma unidade de conhecimento”.

Uma unidade de conhecimento que está em contínuo relacionamento com seu significado e que segue critérios pragmáticos e comunicativos (CABRÉ, 1993). Assim caracterizamos o termo. Contudo, que critérios podemos seguir para a seleção dessas unidades de especialidades? Antes de observar se os termos sobre as plantas medicinais pertencem ou não ao domínio da especialidade, percebemos que a definição de um termo sempre será o ponto de partida, pois os contextos de uso nos estudos teóricos da terminologia tornam-se

válidos para descrever e recolher os termos dentro do campo de ocorrência do saber especializado. Observemos então como ocorre as variações no termo “Pau-de-muquem”.

TERMO 05 – “PAU-DE-MUQUEM”

Fotografia 22 – Pau-de-muquem, Assa-peixe ou Mata



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

Fotografia 23 – Folha do Pau-de-muquem



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

Quadro 5 – Ficha terminológica do termo Pau-De-Muquem

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Pau-de-muquem</b>
<b>V</b>	Variante	<i>Assa-peixe ou Mata pasto</i>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Sintagma Terminológico Masculino</i>
<b>Co</b>	Contexto	<i>...é o mesmo açapeixe sim é a mesma coisa é uma arve é uma arve nativa também ela do tempo ela é diz que ela é muito boa pra tosse tá conquela tosse né...fazer o lambedor dela o xarope o lambedor é a mesma coisa do charope né...da folha buta ela pra ferver ferver intér quando ela buta assim pro litro de água com litro de agua quando ele reduzir pra meio a gente escore a folha fora aí bota açúcar o mel dipreferente o mel pra essas coisas e preferente o mel aí faz o lambedor pra ficar toamando que é pra tosse a irmã nelha ensina até que rinte não quisesse fazer o lambedor pegasse as folhas lavasse bem lavadinho butasse pra fitar no óleo né...quando tivesse bem sequinha esfarelava na comida e comia é ela disse que...eu num sei também isso daí ((sorriu)) ela... é assim ela é grande assim ela é grande assim a ponta dela é mais larga só ( ) diferente da a potinha dela é bem larguinha a ponta dela pra ponta ela é mais larga e pro pezinho da folha é mais estretinha quase que é pois é assim também numa moita num nasce só uma ave nasce varas varas ela é boa</i>

		<i>de filhar assim a volta dela brolha muita aí também tem uns que chamam mata pasto né mata pasto tem gente que manca ela gosta de nascer meio do capinzal aí ela gosta () é tem gente que cha pasta pasto sem mas é conhecido mesmo bem por açã peixe e pau de muquém nos conhecemos por esse nome lambedor isso é pra tosse não não, ela também chama de mata pastu porque nasce assim no meio do capim...</i>
<b>Fc</b>	Fonte do contexto	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	São usadas as folhas
<b>Fu</b>	Formas de uso	Para tosse fazer o lambedor (ferver as folhas na água até apurar, depois acrescenta o mel); Para renite (fritar as folhas em óleo, triturar e colocar na comida)
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	É conhecido também como assa-peixe ou mata pasto
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, 2014.

Analisando o termo “Pau-de-muquem”, entendemos que as variantes “Assa-peixe” e “Mata pasto” também deveriam ser analisadas no aspecto gramatical, com isso observamos que os termos e suas variantes são sintagmas terminológicos masculinos. É interessante notar que as variantes apresentam a mesma composição em sua formação, podendo ser utilizadas no mesmo contexto. Nesse aspecto, Faulstich (1999) explica que há formalização da sinonímia terminológica em que as variantes são coocorrentes, ou seja, “relaciona o sentido de dois ou mais termos com significados idênticos e podem coocorrer em um mesmo contexto, sem que haja alteração no plano do conteúdo”.

No que concerne à definição descrita sobre o termo e suas variações, a planta é usada para tosses e renites, sendo que para cada situação o modo de processar é particular. Observamos que as distintas formas de nomear a planta medicinal coincidem no preparo para as diferentes enfermidades a serem tratadas, assim expõe a senhora Domingas:

*[...] é muito boa pra tosse tá conquele tosse né? fazer o lambedor dela o xarope o lambedor é a mesma coisa do charope né? da folha buta ela pra ferver ferver intér quando ela buta assim pro litro de água com litro de água quando ele reduzir pra meio a gente escora a folha fora aí bota açúcar o mel dipreferente o mel pra essas coisas e preferente o mel aí faz o lambedor pra ficar toamando que é pra tosse a irmã nelha ensina até que rinte não quisesse fazer o lambedor pegasse as folhas lavasse bem lavadinho butasse pra fitar no óleo né? quando tivesse bem sequinha esfarelava na comida e comia é ela disse que... eu num sei também isso daí ((sorriu))[...] (informação verbal)<sup>63</sup>*

<sup>63</sup>Transcrição Grafemática do termo “Pau-de-muquem”, descrito pela senhora Domingas, ano 2015.

Considerar o termo dentro do ambiente social que as pessoas utilizam a linguagem, esta é a base da Socioterminologia, que analisa a variação social do termo, antes tido como invariável. Com isso procuramos examinar como a variação ocorre dentro das mudanças na sociedade, lugar em que o termo é gerado, é usado, é modificado. Ao falar sobre Socioterminologia Faulstich (2006, p. 27) expõe que:

Para falar de socioterminologia é preciso, antes de tudo, situar a terminologia no espaço da interação social. No Brasil, por exemplo, a história da terminologia se confunde com a formação da sociedade brasileira por meio da mistura de falares dos habitantes naturais da terra e dos que para cá vieram. Vejam-se, nos dicionários, termos da fauna e da flora, como indicadores da terminologia indígena no português brasileiro (...). Assim sendo, não é novidade dizer que a diversidade da cultura brasileira aparece refletida na terminologia cotidiana.

Um dos maiores aspectos da Socioterminologia exposto por Faulstich (2006) é “ter na base da pesquisa a variação linguística dos termos no meio social e, por consequência, entender a mudança terminológica como mecanismo resultante da pragmática discursiva”. Assim, no que diz respeito às mudanças no termo, a pesquisadora explica que a “variação deve levar em consideração os diferentes níveis de comunicação de uma determinada área, que dependem das circunstâncias de emissão, dos interlocutores, do meio pelo qual se dá a comunicação, entre outros.” (FAUSLTICH, 2006 apud BLANCO, 2010, p. 4)

Vejamos, na sequência, como ocorre a análise do termo “Vassoura de Botão”.

## 5.6 VASSOURA DE BOTÃO

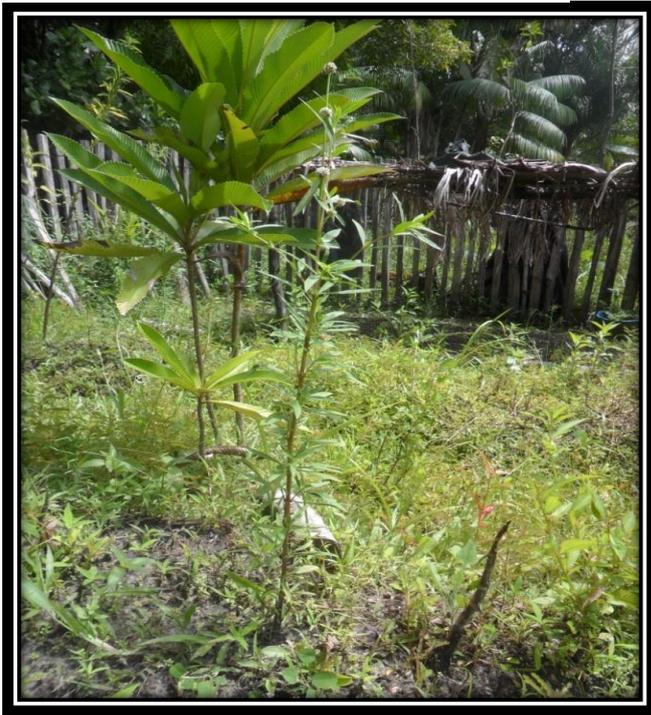
Nos estudos da linguagem humana, os usos de palavras específicas para situações em especial vêm sendo ampliados de acordo com as mudanças de uso da língua, tais palavras recebem as seguintes nomenclaturas: léxico especializado, termo técnico-científico, termo, unidade lexical terminológica, unidade lexical especializada, unidade lexical temática, unidade de conhecimento, unidade de compreensão, unidade de significação especializada ou vocabulário (ARAÚJO, 2006).

Ao utilizarmos os termos com sentido aproximado do objeto nomeado fazemos uma associação com certa característica correspondente ao nome dado. Nesse contexto, “a relação associativa é uma relação entre dois conceitos que não pertencem à mesma estrutura hierárquica, ainda que sejam próximos do ponto de vista semântico ou contextual” (TESAURO, 2006, p. 11).

Nesse âmbito, vejamos a análise do termo “Vassoura de Botão”, cujo nome, segundo a descrição de Domingas, possui relação com a planta nomeada.

TERMO 06 – “VASSOURA DE BOTÃO”

Fotografia 24 – Vassoura de botão



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa.

Fotografia 25 – Folha da Vassoura de botão



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa.

Quadro 6 – Ficha terminológica do termo Vassoura de Botão

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Vassoura de botão</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Sintagma terminológico feminino</i>
<b>Co</b>	Contexto	<i>...ela é boa pra quela... é verme... gearde né...gearde que é do estamagu que é de ameba é pra ela que ela é bom é a gente faz a gente faz também tintura piula dela de vassoura de botão...é a gente faz assim ela é que nem uma vassourinha só que ela assim a redor no dela na arvinha dela e a flozinha dela o butãozim galhim assim ao redor do tipo uns botão ne quatro é aqui isso aqui no casu aqui é a avezinha dela agora aqui no caso bota uma flozinha uma sementinha aqui a redo aqui ela bota outra aqui até três quatro assim isso hurum isso sim sim é isso isso é chamo vassoura de botão é a folha com tudo aquilo tudo tudo isso é pequeninha é isso hurum e também é e uma fez nós fizemos é pumada disseram quera era boa pra ela ela diz antiplamatório a gente fez a pumada né...catamos tudinho a folhinha butamos pra fritar nu na gordura vegetal e depois transformamos na pomada mas isso aí ninguém tem dizer assim ele foi bom porque ninguém usou a gente um pouco só pra demonstração isso foi pela pastoral da criança né...aquela pretinha que foi ensinar nós a gente fez várias mas a gente fez só um pouquinho num...</i>
<b>Fc</b>	Fonte do contexto	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	São usadas as folhas e o botão da flor

<b>Fu</b>	Formas de uso	Usada para vermes, amebas no estômago através de tintura, pílulas; anti-inflamatório (ferver as folhas e o botão em gordura vegetal para transformar em pomada)
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	A planta tem aspecto de uma pequena vassoura invertida.
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, 2014.

O termo “Vassoura de Botão” é um sintagma terminológico feminino formado pela composição de palavras. Em sua estrutura o termo apresenta uma complexidade formada pela presença de dois radicais; no âmbito da definição do termo, verificamos que há uma relação associativa do nome da planta com a aparência que ela possui, como expõe Domingas:

*[...] vassoura de botão, é a gente faz assim ela é que nem uma vassourinha só que ela assim a redor no dela na arvinha dela e a flozinha dela o botãozinho galhim assim ao redor do tipo uns botão ne quatro é aqui isso aqui no casu aqui é a avezinha dela agora aqui no caso bota uma flozinha uma sementinha aqui a redo aqui ela bota outra aqui até três quatro [...] (informação verbal)<sup>64</sup>*

Com o formato de uma vassoura invertida, o termo “Vassoura de Botão” está relacionado com o aspecto que o objeto nomeado possui. Nesse campo de estudo, Faulstich (1999) explica que nas relações associativas há uma sequência que está conectada com a experiência contínua entre o tempo e espaço. Assim a “unidade terminológica pode ter ou pode assumir diferentes valores, de acordo com a função que uma dada variável desempenha nos contextos de ocorrência” (FAULSTICH apud CRUZ, 2014, sem paginação).

Vejamos, assim, algumas plantas que apresentam relações associativas nos seus nomes quanto à forma, tamanho, cor e função medicinal, como é o caso do termo “Nambu Tutano”.

## 5.7 NAMBU TUTANO

Na Língua, podemos utilizar as palavras em diferentes relações de sentidos nos mais diversos contextos. Nesse processo, denominado polissêmico, encontramos termos que

<sup>64</sup>Transcrição Grafemática do termo “Vassoura de Botão”, descrito pela senhora Domingas, ano 2015.

possuem formações utilizadas no âmbito geral de uso da língua, assim como termos específicos no uso especializado da linguagem.

Nesse aspecto, verificamos que a comunidade de Pimenteiras apresenta variações para um mesmo termo sobre as plantas medicinais, ocorridas pela relação associativa com as características pertencentes a cada espécie nomeada. Verifiquemos a análise do termo abaixo.

#### TERMO 07 – “NAMBU TUTANO”

Fotografia 26 – Nambu Tutano



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

Fotografia 27 – Folha do Nambu Tutano



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

Quadro 7 – Ficha terminológica do termo Nambu Tutano

Lx	Lexema	Nambu Tutano
Va	Variante	Batata Roxa
Cg	Classe Gramatical	Sintagma Terminológico Masculino
Co	Contexto	... é uma planta... eli é eli é piquininhu eli dá assim eim forma di cebola di planta assim qui eli é só que eli... a folha eli nãu teim caulei nãu daqui qui eli nasci eli já nasci as folhas... nãu eli num teim qui a batata a cebola di planta né qui é assim ela já vai nascendu a folha дума folha... é qui neim a cebola дума folha já bota outra folha dotra folha já vai botandu qui né... batatinha em baixu é... nãu nãu teim cauli nãu é só folha i batata...a folha é a folha teim a folha di açazeiru né qui é assim ai teim as folinhas qui agarra nu talu du açazeiru é daqueli formatu da folha du açazeiru... nãu nãu é beim compridona é assim a folha deli mais ou menus dum palmu qui é assim a folinha deli... nãu, não sei por que ela é abertinha teim a folha di cebola porque a folha cebola é toda é inteira comu digu logu é rolicinha e ela num ela é ela é ela é folinha ela é folha assim ela é abertinha folha aberta... folha assim folha aberta folha qui tem a açazeira qui teim a folha dela qui é assim agora a dela é qui neim aquela folha di açazeiru assim qui ( )nasci daqueli talu assim pois é a folha dela... babosa num teim a babosa qui é uma folha aberta né é folha mais é aberta né assim qui é du batatãu ela num é aquela folha inteira folha roliça assim ela é uma folha aberta... não é seca qui nem di açazeiru mermu é seca mermu... é usa só a batata... não

		<i>piquininha...é piquininha menor di que uma cebola i é roxinha também batata roxa porque é roxinha essi nambu tutanu eli é roxu a batatinha deli é roxa completamenti qui neim daquela cebolinha roxa qui a genti comia...sim sim assim qui é dessi mesmu jeitu... nãu eli é mais moli é queli queli é qui neim a cebola capa sobri capa a capinha... as camadinha... tudu é roxu tudu é roxu... nãu nãu nau... é mais tudu é roxu você tira uma capinha é roxu tudu é roxu mas ela é assim de capinha... nambu tutanu isso dáí eu conhe cá a minha vó i minha mãe também nambu tutanu qui quandu eu mi criei ela já tinha né ( ) issu aqui é nambu tutanu porque as veiz quandu aparecia aquela pessoa doenti criança doenti né vai ver nambu tutanu vai arrancar aquela pesinhu ali vô fazer remédiu ai a genti ia arrancar i por issu qui deru u nomi ai eu achu qui veim dus avôs delis dus tataravó sabi lá né aprendemus com elis... é é mesmu nomi cebolinha é batata roxa nambu tutanu mesmu nomi...</i>
<b>Fc</b>	Fonte do contexto	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	A raiz em formato de batata
<b>Fu</b>	Formas de uso	Chás para diversas doenças.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	A variante Batata Roxa vem do formato da raiz que parece uma batata em camadas como cebola na cor roxa.
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, 2014.

Analisando o termo “Nambu Tutano”, observamos que possui a variante “Batata Roxa”. Na análise por meio da ficha terminológica, na definição descritiva de cada planta medicinal, verificou-se que os termos e suas variantes têm particularidades importantes para este estudo. Desta forma, no termo “Nambu tutano”, notou-se que sua variante “batata roxa” possui relação associativa com a forma, ou seja, a planta apresenta formato de uma batata de cor roxa, por isso, a presumível relação com a variante do termo. Observemos abaixo:

*[...] é usa só a batata... não piquininha...é piquininha menor di que uma cebola i é roxinha também batata roxa porque é roxinha essi nambu tutanu eli é roxu a batatinha deli é roxa completamenti qui neim daquela cebolinha roxa qui a genti comia...sim sim assim qui é dessi mesmu jeitu... nãu eli é mais moli é queli queli é qui neim a cebola capa sobri capa a capinha... as camadinha... tudu é roxu tudu é roxu... nãu nãu nau... é mais tudu é roxu você tira uma capinha é roxu tudu é roxu mas ela é assim de capinha...[...]. (informação verbal)<sup>65</sup>*

Sabemos que, na configuração atual, a Terminologia vai muito além da elaboração de dicionários na área. Muitos autores consideram o conhecimento nas línguas especializadas como um rico campo de conhecimento. Faulstich (1995) explica que o saber é construído de forma individual e coletiva, num processo no qual o sujeito interage com a realidade, as

<sup>65</sup>Transcrição Grafemática do termo “Nambu Tutano”, descrito pela senhora Domingas, ano 2015.

peças e o ambiente sociocultural. Isso nos revela que a Socioterminologia já era prenúncio para o desenvolvimento de uma Terminologia de cunho funcionalista e de natureza social, ou seja, “as características de variação, no universo da terminologia, revelam peculiaridades próprias a serem estudadas pela disciplina Socioterminologia, que requer método próprio para a sistematização de termos e de variantes” (FAULSTICH, 1995, p. 281).

Na sequência analisemos o termo “Quebra Pedra Roxo”.

## 5.8 QUEBRA PEDRA ROXO

Em seus estudos, Faulstich (1995) aborda aspectos relevantes, dentre os quais destaca a diferença entre lexema e termo. Para a pesquisadora, o lexema é “uma unidade lexical do domínio do léxico geral da língua; um termo é também uma unidade lexical, mas típico de variado domínio de vocabulário científico e técnico” (FAULSTICH, 1995, sem paginação). Por ser o lexema uma unidade da língua comum, Faulstich explica que ele é portador de conotações psicológicas e sociais que lhe proporcionam a multiplicação de significados e a presença da polissemia que, por correspondência, dá lugar à sinonímia. Diante do contexto funcional, a autora destaca que o “lexema delinea seu caráter semântico e lexicográfico a partir da estrutura paradigmática, porque são as oposições distintivas que delimitam a configuração semântica e marcam o valor do lexema” (FAULSTICH, 1994, p. 314).

Podemos observar na análise do termo “Quebra Pedra Roxo” que o sentido está relacionado ao nome. Durante as pesquisas realizadas não encontramos a espécie na cor roxa para o registro de imagens, mas a informante apresentou sua definição descritiva de forma subjetiva para que pudéssemos verificar as especificidades do termo na ficha terminológica. Assim observemos:

Quadro 8 – Ficha Terminológica do termo Quebra Pedra Roxo

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Quebra Pedra Roxo</b>
<b>Va</b>	Variante	<i>Comer de Rola</i>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Sintagma Terminológico Masculino</i>
<b>Co</b>	Contexto	<i>... comê di rola essi du roxu é porque to dizendu é eli é só um formatu du mermu jeitu qui é u brancu é só muda a cor... eli é roxihu por que teim u brancu i teim roxu essi comê di rola nós conhecemu assim comê di rola roxu u quebra pedra é quebra pedra brancu mas eli é só um formatu u formatu qui é u quebra pedra brancu é u roxu... beim piquinininha du tamaninhu... é du mesmu jeitu... mesmu jeitihu... aí porque qui</i>

		<i>eu dizia comê di rola por eli é nativu eli é assim du mermu jeitu du otru né só qui adondi nasci muito qui nu roçadu nasci muito as rolinha gostavu di tá lá a genti podia chegar adondi tinha muito assim podia chegar qui era aquela trevoada di rolinha qui levantava di lá i ai as veiz nós dizia assim porque qui essas bichinhas gosta di tá aqui porque elis gostu di tá cumendu a sementinha a folhinha né é ela gosta di tá ali é u matu é du mermu jeitu du brancu eli dá por certus tempu quando chega nu verãu eli eli morri só qui é assim quando eli nasci muito qui nu meu roçadu já nasceu muito assim chega qui eu ficava tomandu di conta assim la quasi num nascia neim um otru matu era só por conta deli mermu lá porque é beim encostadinhu dotru né assim um tipu um canteru lá quasi num nasci otru matu eu sei qui as bichinha gostavu di tá lá si alimentandu da sementinha da folhinha delis... minha vô... nois conhecemus com ela... comê di rola assim nós comu criança vovó u qui é issu comê u nomi dissu ela era uma velhinha muita pacienti isso ai é comê di rola( ) porque assim a rolinha quando chega aqui as bichinha num si levantu assim ai comê di rola pra qui servi vovó issu aqui é remédiu é é sim é remédiu( )... prus rins também né qui antis a genti fazia dessi assim quebra pedra fazia mas nós conhecemu mais por comê di rola a depois qui era quebra pedra a é remédiu pa pa quem teim pedras nu rins podi fazer u chá dela i tomar agora eu já usu comu( ) eu já usu na garrafada já bota na garrafada... u brancu... porque nois já tivemu uma oficina um treinamentu qui uma mulher vei di macapá e diz qui u u bom mermu é u brancu qui é u quebra pedra di verdadi assim pru pru pedra nu rim né porque eli já porque nois dizia assim( ) teca porque u nomi dela era teca teca nós dizia qui era u roxu ela dissu nãu u roxu nãu teim muita serventia eli servi mas u brancu porque é u quebra pedra di verdadi é u brancu porque u nomi deli é quebra pedra mermu é essi qui é bom aí eu dissu olha nós usa na garrafada ela dissu podi usari nãu teim poblema nenhuma... comi também mais é assim é porque aquela tempu tinha mais passarinho nós via mais tinha mais du roxu assim nu roçadu é mais du roxu elas tavu mais ondi tava o quebra pedra... du roxinhu é...</i>
<b>Fc</b>	Fonte do contexto	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	As folhas são usadas para problemas nos rins.
<b>Fu</b>	Formas de uso	Faz-se o chá das folhas para dores nos rins.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	Conhecido também por comer de rola, porque os pássaros preferem a rolinha que a branca.
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, 2014.

Quanto ao termo “Quebra Pedra Roxo”, sua variação ocorre com relação associativa com a função que a planta tem, ou seja, a planta serve de alimento para certa espécie de pássaro, assim o termo é também chamado pela variante “Comer de Rola”, por ser o alimento que os pássaros “rolinhas” preferem.

*[...] aí porque qui eu dizia comê di rola por eli é nativu eli é assim du mermu jeitu du otru né só qui adondi nasci muito qui nu roçadu nasci muito as rolinha gostavu di tá lá a genti podia chegar adondi tinha muito assim podia chegar qui era aquela trevoada di rolinha qui levantava di lá i ai as veiz nós dizia assim porque qui essas*

*bichinhas gosta di tá aqui porque elis gostu di tá cumendu a sementinha a folhinha né é ela gosta di tá ali é u matu [...] (informação verbal).*<sup>66</sup>

O termo “Quebra Pedra Roxo” também possui relação associativa com sua função. Na sabedoria popular a planta serve para tirar, “quebrar”, as pedras nos rins. No que se refere ao termo, Faulstich esclarece que, ao ser colocado no mundo da linguagem científica e técnica, “o termo assume o estatuto de unidade lexical definida, e é naturalmente unívoca” (FAULSTICH, 1994, p. 315). Ou seja, haveria um único conceito para um termo único, com única definição. Entretanto, se ocorressem conceitos e definições diferentes para um mesmo termo, Faulstich adverte que ocorreria o que ela denomina, posteriormente, de variação terminológica, ou seja, havendo um novo termo, um novo conceito com uma nova definição, ocorreria a variação. No entanto, “se esse mesmo termo vier a funcionar num outro contexto como equivalente gráfico de um já existente, mas não equivalente semântico, propiciará a homonímia terminológica” (FAULSTICH, 1990, sem paginação).

Observemos, na sequência, outro termo e sua análise.

## 5.9 PARATUDO

Faulstich (1990) chama a atenção para a análise do termo no discurso, pois é no discurso que se estrutura a significação semântica e terminológica. Ela destaca que a natureza epistemológica do lexema e do termo se fundamenta no alcance dos objetivos de cada um, ou seja, para a lexicologia pertence à construção de um modelo de componente do léxico da gramática; já a terminologia, devido seu caráter de intersecção com a lexicologia, morfologia e a semântica, prestigia termos da linguagem científica e técnica. Assim, o limite entre lexema e termo está amparado nos recursos metodológicos da lexicologia e da terminologia. Para Faulstich (1994, p. 317),

O resultado prático da lexicologia teórica e descritiva serve de ponto de partida para o trabalho lexicográfico na elaboração de dicionários de língua geral; o resultado prático da terminologia especializada aplica-se à terminografia na constituição de dicionários especializados.

---

<sup>66</sup>Transcrição Grafemática do termo “Quebra Pedra Roxo”, descrito pela senhora Domingas, ano 2015.

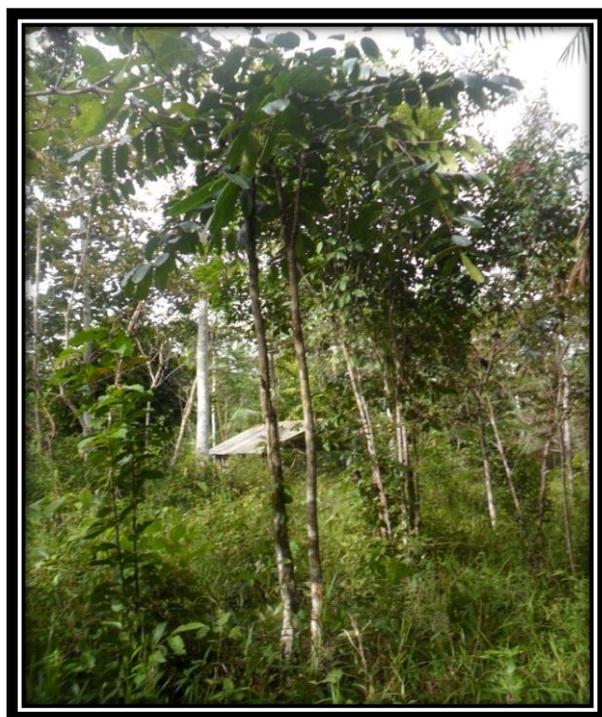
Diante desse contexto, analisamos que o termo conhecido também como sinônimo de unidade terminológica designa um conceito da linguagem de uso especial. Segundo Andrade (et al, 1998, p. 191),

Tal como as palavras do léxico geral, os termos são unidades sígnicas distintivas e significativas ao mesmo tempo, apresentando-se de forma tão natural no discurso especializado, quanto as palavras, nos discursos que se valem da língua comum como forma de expressão.

Assim observemos que o termo “Paratudo” passou por uma distinção particular, vejamos:

#### TERMO 09 – “PARATUDO”

Fotografia 28 – Paratudo



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

Fotografia 29 – Folha do Paratudo



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

Quadro 9 – Ficha terminológica do termo Paratudo

Lx	Lexema	<b>Paratudo</b>
Cg	Classe Gramatical	<i>Sintagma terminológico feminino</i>
Co	Contexto	<i>...éh paratudo paratudo isso é...uma árvore uma árvore bem grande ela é uma árvore bem grande ela é boa pra febre diprimeiro quando dava aquela febre de malária era uma febre muito antiga que chamava por outro nome conhecida por outro né...ela era só o que curava ela é amargo amargo a casca dela a casca a gente usa é a casca iai a minha mãe tirava pra gente tomar o chá mas pra febre era primeiro lugar é febre ama diprimeiro chamava febre amarela agora a pessoa diz que é a mesma malária o pessoa digo né...era a única que curava era dava um tipo de febre que dava tudo tipo de remédio ih::: num passava aí é só a gente dando tudo hé cumeçava sis má que era</i>

		<i>esse tipo dessa febre que dava né...porque a malária é assim começa dá em seguida aqueles horários o pessoal já disconfia que a malária né...e assim é era essa essa tipo dessa febre iai a mamãe fazia o chá paratudo mas ele é uma árvore ele é nativo ele é uma árvore muita bem grande bem grandona ela é nativa ela dá em qualquer canto num carece plantar paratudo eu não sei porque os antigos ( ) porque eu acho que parava a febre mesmo era pra isso né...paratudo porque essa febre amarela inha mãe contava era assim febre muito perigosa diprimeiro né...era uma febre muita perigosa que quase quando dava com febre amarela que não tinha cura essas coisas eu acho que por isso butaram esse nome que foi o único a única coisa que que que eliminava a febre aí butaru paratudo eu acho né...ela é mais alta tem umas que dá mais alta no lugar quela cresce mesmo ela é bem alta só só quela não é grossana sempre ela é fina ela não é grossa não sempre ela fina não ela é bem comprindona mas ela é fina só a casca só a casca...</i>
<b>Fc</b>	Fonte do contexto	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	Utiliza-se apenas a casca da árvore
<b>Fu</b>	Formas de uso	Usada na forma de chás para febre amarela, malária.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	O termo “Paratudo” significa que parava todos os sintomas da febre amarela
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, 2014.

Analisando a classe gramatical do termo “Paratudo”, vemos que se trata de um sintagma terminológico feminino, devido a informante se direcionar ao feminino quando descreve, chamando de árvore. O termo está escrito na forma agrupada; essa junção ocorreu na língua pelo processo de justaposição, o qual Pottier (1978) chama de composição composta. Isto provavelmente ocorreu pela significação que o termo adquiriu nas gerações anteriores, pois segundo a definição de Domingas:

*[...] porque os antigos ( ) porque eu acho que parava a febre mesmo era pra isso né? paratudo porque essa febre amarela inha mãe contava era assim febre muito perigosa diprimeiro né? era uma febre muita perigosa que quase quando dava com febre amarela que não tinha cura essas coisas eu acho que por isso butaram esse nome que foi o único a única coisa que que que eliminava a febre aí butaru paratudo eu acho né? [...]* (informação verbal)<sup>67</sup>

Na história descrita pela moradora, quando seus antepassados adquiriam a febre amarela ou malária, tinham febres persistentes, em horário programado. Dificilmente conseguiam eliminar seus sintomas, a não ser quando utilizavam a planta “Paratudo”, ou seja, “parava tudo”. Assim o termo foi absorvido com o poder de parar todos os sintomas das enfermidades contraídas.

<sup>67</sup>Transcrição Grafemática do termo “Paratudo”, descrito pela senhora Domingas, ano 2015.

[...] *porque eu acho que parava a febre mesmo era pra isso né...paratudo porque essa febre amarela inha mãe contava era assim febre muito perigosa diprimeiro né...era uma febre muita perigosa que quase quando dava com febre amarela que não tinha cura essas coisas eu acho que por isso butaram esse nome que foi o único a única coisa que que que eliminava a febre aí butaru paratudo [...].* (informação verbal)<sup>68</sup>

Nesse contexto, Faulstich (1995) considera que as “variantes são resultado dos diferentes usos que a comunidade, em sua diversidade social, linguística e geográfica, fazem do termo”, assim absorvida como medicamento que trouxe a cura de tudo, a cura de todos os sintomas da febre amarela ou da malária, o termo é conhecido e usado na linguagem dos moradores como planta que cura e para tudo, escrito na forma composta.

Seguimos na análise dos termos sobre as plantas medicinais, com a análise morfológica de alguns termos, apresentando as imagens registradas durante a pesquisa de campo juntamente com a definição descritiva dos termos relatados pela senhora Domingas, utilizando, para isso, o modelo de ficha terminológica criado por Faulstich (1996), com os elementos constitutivos dos termos para melhor visualizarmos seus dados.

Na sequência verifiquemos a análise do termo “Gergelim Branco”.

## 5.10 GERGELIM BRANCO

A partir das investigações sobre as relações associativas entre os signos linguísticos surgem teorias em direção ao campo semântico, que é considerado como o universo linguístico das palavras. Em intersecção com o campo conceitual, universo das ideias, segundo Robin (1977), o processo de conceptualização do mundo exterior, chamado de campo conceptual, surge na mente humana pelo deciframento linguístico dos conceitos e categorias abstratas que é parte do campo léxico-semântico.

Notando tais aspectos na estrutura do campo léxico-semântico e morfossintático do termo, este apresenta, em alguns casos, uma estrutura simples, complexa ou composta. Na estrutura simples o termo é constituído de apenas um radical; já nos termos complexos e compostos apresentam dois ou mais radicais. Nos termos compostos a presença do hífen diferencia-o do termo complexo – que não possui o hífen –, porém ocorrem processos de composição formados pela aglutinação ou justaposição das palavras. Na comunicação

<sup>68</sup> Transcrição Grafemática do termo “Paratudo”, descrito pela senhora Domingas, ano 2015.

especializada o que predomina são os termos complexos por serem capazes de assumir diferenças na quantidade de números das unidades lexicais que formam a palavra, sendo reconhecido como termo sintagmático ou sintagma terminológico.

Podemos observar na análise do termo “Gergelim Branco” que sua estrutura é composta por dois radicais sem a presença de hífen, senão vejamos.

**TERMO 10 - GERGELIM BRANCO**

Fotografia 30 – Gergelim Branco



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

Fotografia 31 –Folha do Gergelim Branco



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

Quadro 10 – Ficha terminológica do termo Gergelim Branco

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Gergelim branco</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Sintagma Terminológico Feminino</i>
<b>Co</b>	Contexto	<i>... éh hurum é da é a mesma da mesma mesma tipo do mesmo só muda a cor é é da semente é com certeza a arve é mesmo jeito você só vai sabe na hora que cai a sementinha dela né ... ela é média ela é é plante do rodado ela pela sementinha ( ) no rosado só vai colher ela quando é na tempo de colher que a gente vai colher ela bota pra secar aí vira ela bota pra secar ela só tem que buta ela pra secar de ponta pra cima aí ela vai ce porque ela vai vai secando e e aqueles aqueles cachopinhas aqueles frutinho dela vão vão abrindo tudinho se ele tiver de ponta pra baixo ele vai abrindo e vai caindo ele tem que que tá todo tempo né e fica guardada quando a gente vira a pontionha dele pra baixo ele derrama é ele e ele é é a semente olha dhione é ela serve pra um monte de coisa ( ) ela serve pra avece que dá pra fazer massage ela serve pra febre ela serve pra diarreia ela serve pra moragia a sementinha ela ser muito varo é vária coisa que ela não é o sumo da sementinha a gente pega bota ela pra esquentar um pouco é rápido tem que ser rápido porque ela é uma sementinha muita grágil que se demorar ela vai queimar esquenta ela quando ela tá boa ela tem um cheiro assim tão ela muda de cheiro aí tira ela e pisa hoje em dia é mais pra mais normal éo</i>

		<i>lotificador né ... bota é ti e bota um pouco de água tira o leite grosso o leite dele sai uma delícia assim o leite grosso aí você pode se for pruma febre você pode toma uma ou duas colher vai depender da idade da criança ou do da adulto sei lá moragia também e pra ai se ai tanto ele serve pra remédio cume ele é grande alimentação ele é alimentação pra mim eu uso ele cume alimentação o gergelim como alimentação e porque assim no por remédio ougaque é mais o gergelim preto pra remédio pra remédio mas pra mim tanto faz pra mim tanto faz com certeza agora cume eu tô dizendo pode usar o preto mas de preferencia o preto de preferencia o preto mas num tendo o preto o branco também serve ele é a mesma coisa mas agora comu eu tô dizendo eu uso o gergelim lá em casa quando eu tenho eu uso pra minha pra mim tomar meu café de mnã comu ele é muito gostoso quando eu tiver um pouquinho que agora eu tenho a minha roça quando tiver um poquim eu vou trazer um poquim da paçoca pra ((sorriu)) ele tem caço é () anram sim urum isso é né pois é sim sim hurum ((sorriu)) acho que sim não não sei dizer não mas eu acho que é pelo tamanhinho dele né... que é uma semente muito é vou tomar poquim é isso...</i>
<b>Fc</b>	Fonte do contexto	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	A sementinha contida na flor é usada para diversos problemas de saúde e também como alimento
<b>Fu</b>	Formas de uso	A sementinha secada e triturada para retirar o leite serve para derrame cerebral, hemorragias, febre, diarreia, massagens e como alimento.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	Segundo a informante o gergelim preto é melhor, mas ela utiliza também o gergelim branco.
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, 2014.

No termo complexo Gergelim Branco aconteceu a formação de termos pela composição sintagmática, ou seja, o termo é formado por duas ou mais palavras, que são independentes entre si no processo de formação e que, juntas, formam um novo significado, uma nova palavra. Quanto ao estudo gramatical dos termos complexos, eles são formados por um elemento base, que é o substantivo, e, em seguida, por outra palavra que demonstra a qualidade ou especificidade do primeiro, podendo ser um adjetivo. Por exemplo, em “Gergelim Branco” o substantivo é “Gergelim”, e “Branco” é a particularidade na cor que esse substantivo tem, ou seja, é um adjetivo.

Observando as particularidades do termo “Gergelim Branco”, vejamos na sequência a análise do termo “Urucum Vermelho”.

## 5.11 URUCUM VERMELHO

Tomando os estudos de Barros (2007) e Pottier (1978) sobre a estrutura do termo, percebemos que cada um a seu modo explana sobre o mesmo conceito. Na explanação de Barros (2007, p. 399) ela apresenta que:

Termo simples: unidade terminológica constituída por um único lexema, independente do processo de formação deste; Termo complexo: unidade formada por composição sintagmática, ou seja, por um grupo de lexemas e morfemas gramaticais (palavras nocionais e gramaticais) não ligadas por hífen, também independente do processo de formação dos termos; Termo composto: unidade terminológica formada por dois ou mais lexemas que se encontram em situação de não-autonomia representada graficamente pela utilização do hífen.

Em Pottier (1978) a nomenclatura utilizada é *lexia*<sup>69</sup>, que é a menor unidade funcional e significativa do discurso, seja ele de forma oral ou escrita. Para o pesquisador, a *lexia* nasce da relação associativa entre seus elementos. Quando utilizamos um termo em determinado contexto, por meio da inserção e permanência desse léxico novas palavras serão internalizadas na língua que, por ser um sistema dinâmico, passa a ser enriquecida com neologismos. Assim, no que compete aos estudos de Pottier, o pesquisador apresenta como modelo três tipos de *lexias*, sendo elas simples, compostas e complexas (CAMPOS, 2007).

As *lexias* simples<sup>70</sup> são conhecidas como a menor unidade lexemática ou palavra tradicional, que junto de outras *lexias* simples formam outras unidades lexemáticas, conhecidas como palavras compostas. Na *lexia* complexa ocorre uma sequência de palavras em grau maior de complexidade, chamado de lexicalização. Esta seria quando um sintagma se torna uma unidade lexical autônoma. Consequentemente, Genouvrier & Peytard (1974) esclarecem melhor as *lexias* complexas de Pottier, expondo, em outras palavras, que elas são formadas pelo agrupamento de *lexias* simples com classes gramaticais diferentes que resultam em expressões generalizadas e estereotipadas (CAMPOS, 2007).

Vejamos, nesse contexto, a análise do termo “Urucum Vermelho”.

<sup>69</sup> *Lexia* é nome geral para qualquer unidade lexemática nos estudo de Pottier (1978).

<sup>70</sup> Vale ressaltar que Cabré (1993) no aspecto da forma também classificou os termos de acordo com os números de morfemas existentes na palavra, assim classificava-os em simples para um morfema e complexo para dois ou mais morfemas. Os complexos eram ainda subdivididos em termos derivados e termos compostos.

## TERMO 11 - URUCUM VERMELHO

Fotografia 32 – Urucum Vermelho



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

Fotografia 33 –Folha do Urucum Vermelho



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

Quadro 11 – Ficha terminológica do termo Urucum Vermelho

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Urucum Vermelho</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Sintagma terminológico feminino</i>
<b>Co</b>	Contexto	<i>...é uma planta ... não ela é caseira é clima frio ... a folha é grande é form... e redonda formatu dum coração ... a semente dela, ela coloca a ah ... o copinho a caixinha dentro da caixinha tem a sementinha bem redondinha ... bem miudinha a sementinha dela ... a flor é um rosiozinho ... é rosu claro ... é um ... ela é pequena uma flor média num é grande nau e nem tão (sita) ... o caule vai depende... é dumaaa ... ele sendo bem bem bem velho bem maduro o caule dele é assim dum uns dois palmos di ... grussura em roda ... tem tens uns que ate dessa grussura ((fazendo gestos com as mãos)) da duas mãos cheia ... tem umas que da até três metro ... vai depender da... tem umas que dá ... olha ela ... ela serve assim ... ela é tempero serve pra temperar comida e também serve pra colesterol ... colesterol ela gente pega faz o vinho das sementinhas dela é das sementes faz o vinho e toma em jijum ela linima o colesterol ... e só da sementi ... a gente pega semente agente abre a pega a cachopinha abre ela tira a semeti amassa um pouco com agua ai coa e toma em jejum pra curar o colesterol ...</i>
<b>Fc</b>	Fonte do contexto	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	Usada a sementinha encontrada no “copinho” da planta, retirar o vinho da semente.
<b>Fu</b>	Formas de uso	Serve para dar a cor avermelhada na comida é um tempero, para o colesterol é feito o vinho da sementinha.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal e Alimento
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	É uma planta medicinal e usada também como condimento.
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, 2014.

O “Urucum Vermelho” é uma planta usada nos alimentos e com propriedades medicinais, principalmente relacionadas à problemas com o colesterol.

*[...] ela é tempero serve pra temperar comida e também serve pra colesterol ... colesterol ela gente pega faz o vinho das sementinhas dela é das sementes faz o vinho e toma em jejum ela linima o colesterol ... e só da sementi ... a gente pega semente agente abre a pega a cachopinha abre ela tira a sementi amassa um pouco com agua ai coa e toma em jejum pra curar o colesterol [...]. (informação verbal)<sup>71</sup>*

Considerado em sua estrutura como termo complexo, o Urucum Vermelho é formado pela composição sintagmática de duas palavras independentes entre si. Porém, juntas, formam uma nova palavra, com nova significação. No estudo gramatical do termo Urucum Vermelho, o elemento base é o substantivo “Urucum” que vem seguido pelo adjetivo “Vermelho”, indicativo de uma característica própria da planta. Verificando os aspectos da estrutura dos termos observemos, na sequência, a análise do termo “Erva de Passarinho”.

## 5.12 ERVA DE PASSARINHO

Segundo Cabré (1993), os termos compostos são denominados também como sintagmas terminológicos, que podem ser formados por uma construção sintagmática mais complexa, que pertencem a classe de palavras diversas.

Diante das explanações sobre a estrutura do termo notamos que tanto Barros como Pottier apresentam semelhanças nas explicações. No entanto, Barros acrescenta ainda que os termos compostos podem passar pelo processo de aglutinação ou justaposição. Nesse sentido a pesquisadora expõe que

*A composição é, a nosso ver, um processo que pode marcar a formação tanto de termos simples quanto de termos complexos (sintagmáticos). Por esse motivo, é temerário distinguir de modo categórico termos simples, complexos e compostos quando se trata dos tradicionais processos de aglutinação e justaposição sem hífen (BARROS, 2007 p. 400).*

Com tais fundamentos, analisamos os termos sobre as plantas de uso medicinal da comunidade de Pimenteiras na estrutura morfossintática e léxico-semântica de alguns termos catalogados. Observamos que, na maioria dos casos, não há a presença do hífen na

---

<sup>71</sup>Transcrição Grafemática do termo “Urucum Vermelho”, descrito pela senhora Domingas, ano 2015.

composição dos termos compostos, que ocorreram expressivamente através do processo de aglutinação ou justaposição. Assim observemos o termo “Erva de Passarinho”.

## TERMO 12 - ERVA DE PASSARINHO

Fotografia 34 – Erva de Passarinho



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

Fotografia 35 – Folha da Erva de Passarinho



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

Quadro 12 – Ficha terminológica do termo Erva de Passarinho

Lx	Lexema	<b>Erva de Passarinho</b>
Cg	Classe Gramatical	<i>Sintagma Terminológico Feminino</i>
Co	Contexto	<i>...ela é uma erva mermu ( ) ela dá em cima nus galhu dus pau ( )...da outras arvris é...na::: é...éh ela é rastera ela ela é si agarra ali nu galhu né dali ela vai vai aumentandu a tendência deli é matar ela ( ) até qui as vez quandu ela si ela si apropria mermu muito na arvri ela mata a outra arvri ela mata...é nãu ela é nativa...porque us passarinho qui é assim nãu sei como é né mais us passarinho qui veim qui faz u cocô ali dali nasci a sementinha ali nu galhu du pau i dali forma a erva di passarinho uns diz qui é assim eu nãu sei porque porque ela é nativa ela nasci assim...qui podi ter a sementi i nasci...é porque é porque ela nasci ai eu eu vi falar assim agora eu nãu sei si também nasci ali du limu né né limu porque ela sempri dá na arvri ela num é nunca eu vi dá nu chão é ela dá nu limoeiru ela dá na cueira ela dá na na nu nu na laranjera ela dá em toda essa arvri assim ela dá...é ela dá é...achu qui é em qualquer momentu qualquer arvri qui ela si apropriar qui ela gostar né ela dá i aí a ( ) ela tem os galim dela em forma di um cipó é assim us galhu dela i a folha dela também ela é media uma folha assim também qui ela num uma folha seca nã é uma folha sempri assim cheinha...gordinha issu...ela é média também ela num é tãu piquinininha nãu nãu é daquelas folha...u formatu dela é assim mermu é quasi igual assim meia compridim meia redonda ela num tem formatu assim di otra coisa nau...é uma folha é...é tipu uma folha di jambreru é um pocu maior di que essi ai né...nãu dessi aqui dessi aqui né...sim issu...( ) maior tem umas qui da maior tem umas qui dá maior porque ela dá igual...tem vez qui quandu ela nasci muito qui ela vai aumentandu aumentandu assim né ai tem vez que porque a minha mãe sempri dizia</i>

		<i>assim ó bora tirar essa erva di passarinho porque si não ela vai matar uma laranja uma cuiera ela da nu cafezal nu cafeeru também ela da nu limoeru ela dá... ela dá nu da outra é é com certeza...ela mata é vai depender di ela...a folha a folha...é::: i juntu com certeza ela né uma folha assim num é bem redonda mas tambeim num é tãu comprida ela é uma assim uma folha larga beim larga...ela tem umas bajezinhas também ela bota umas bajezinhas bem muiditinhas também uns carocinhos...nãu eu da nunca vi si é uma erva di passarinho eu da nunca vi mas diz qui eli si alimenta daquela sementinha...é::: usada em chá pra quem sofri demais daquela canseira qui chama cansaço né que é a asma ai a genti faz u chá dela pra dá pra criança tomar u chá...a minha vó dizia qui quem toma u chá dela nunca a di saber qui diz qui quem toma remédiu pra asma a pessoa não podi saber né teim qui tomar assim meu iscondidu pra num saber u qui é qui si não num faz beim aí a minha vó sempri ela dizia assim ó a erva di passarinho é bom para cansaçu qui naqueli tempu era cansaço mas quem toma nunca a di saber porque si nunca vai ficar bom teim qui tomá iscondidu si perguntá u qui é olha diz qui é otra coisa pra nunca eli saber u qui é...</i>
<b>Fc</b>	Fonte do contexto	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	As folhas são usadas para “cansaço” asma.
<b>Fu</b>	Formas de uso	Faz-se o chá das folhas.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	O chá deve ser tomado sem a pessoa saber para que sirva e que planta é feito o chá.
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, 2014.

O termo “Erva de Passarinho” possui uma estrutura composta por dois radicais relacionados pelo aspecto da preposição. Sendo uma planta que se hospeda em outras plantas para viver, é o alimento preferencial dos pássaros; daí a relação associativa com a função que o nome possui. No trato medicinal a planta é usada em pessoas com cansaço, porém, segundo a crença de seus antepassados, a pessoa toma o chá sem saber o que é nem para que serve. O termo é assim descrito pela senhora Domingas:

*[...] usada em chá pra quem sofri demais daquela canseira qui chama cansaço né que é a asma ai a genti faz u chá dela pra dá pra criança tomar u chá...a minha vó dizia qui quem toma u chá dela nunca a di saber qui diz qui quem toma remédiu pra asma a pessoa não podi saber né teim qui tomar assim meu iscondidu pra num saber u qui é qui si não num faz beim aí a minha vó sempri ela dizia assim ó a erva di passarinho é bom para cansaçu qui naqueli tempu era cansaço mas quem toma nunca a di saber porque si nunca vai ficar bom teim qui tomá iscondidu si perguntá u qui é olha diz qui é otra coisa pra nunca eli saber u qui é...(informação verbal)<sup>72</sup>*

Observamos que cada termo possui uma definição particular a cada planta, as formas de uso, os contextos em que ocorre a variação, as relações associativas, as crenças em torno

<sup>72</sup>Transcrição Grafemática do termo “Erva de Passarinho”, descrito pela senhora Domingas, ano 2015.

da cura e as composições formativas dos termos apresentados. Alguns termos vieram de gerações passadas, outros entraram no contexto da comunidade de Pimenteiras através de novos saberes. Diante de tudo que foi exposto, é importante percebermos que a compreensão da linguagem de especialidade pode ocorrer com o entendimento de que os termos não são isolados. Segundo Cruz (2014, p. 104), os termos “nem derivam sua existência apenas de um arcabouço lógico-conceitual, mas se manifestam, circulam e exercem sua função em situação, em uso efetivo”.

Para que o pesquisador possa se familiarizar com seu objeto de pesquisa é necessário realizar leituras prévias sobre o assunto e manter discussões com profissionais da região pesquisada. Particularmente, no que diz respeito às plantas de uso medicinal, compreendemos que durante muitos anos o homem sempre utilizou os recursos naturais para sua sobrevivência e bem estar na terra e é por meio das plantas que surgem os mais diversos produtos indispensáveis à vida humana em todas as épocas.

No que concerne ao uso dessas plantas na medicina tradicional, hoje os medicamentos obtidos a partir de substâncias ativas vindas das plantas são utilizados na medicina complementar<sup>73</sup>. Diante disso, é importante salientar que as populações que vivem em regiões pouco povoadas e com restrição das necessidades fundamentais, como saúde e educação, fazem dos recursos naturais os mais utilizados possíveis, a fim de garantir os cuidados necessários com o bem-estar do corpo e da alma.

Culturalmente, as práticas com o uso popular de plantas medicinais são uma realidade em muitas comunidades que as têm como alternativa para a conservação da saúde. Entretanto, a continuidade desse saber é ameaçada pela interferência de fatores externos relacionados ao dinamismo social, como a exposição das comunidades e de sua cultura diante das facilidades da sociedade moderna: a destruição dos recursos naturais, a invasão de novos elementos culturais que desmotivam a vida tradicional e o conhecimento empírico, que é patrimônio de valor inestimável às futuras gerações. Além disso, os estudos científicos direcionados às plantas utilizadas pelas comunidades tradicionais são, ainda, insipientes. (HOEFFEL, 2011).

Boa parte do conhecimento popular está mantido em fontes orais, isto causa certa insegurança e desconfiança nos dados a serem transcritos. Porém, o contato direto com os moradores e seus saberes nos fez crer que as histórias orais são fonte de vida e que, de acordo com a história, transpõem gerações e eternizam os novos conhecimentos. A verdade é que as

---

<sup>73</sup> Uso de medicamentos feitos a partir de substâncias ativas das plantas, isto ocorre em tratamentos de doenças crônicas devido aos efeitos colaterais dos medicamentos potentes.

ameaças à biodiversidade não tem precedentes na história da humanidade, diversas espécies nunca estiveram tão ameaçadas de extinção. Junto a isto, a cultura dessas comunidades também sofre mudanças constantes que as fazem perder a identidade social que as compõem.

A perda dos elementos naturais e da cultura identitária dos conhecimentos tradicionais empobrece cada vez mais nossa cultura em geral, nossa saúde e nossos saberes. Diante disso, é premente que busquemos alcançar esses povos para conhecer, registrar e preservar saberes importantes para a sociedade em geral. Nesse contexto, a comunidade remanescente de quilombola de Pimenteiras é um exemplo a ser observado por agregar valor em seus aspectos regionais, culturais e de saberes sobre o poder medicinal das plantas. É na comunidade e nos seus moradores que se veem a necessidade de conhecer, registrar e preservar o conhecimento tradicional que fora repassado entre as gerações. Sabendo disso, buscamos por meio dos estudos socioterminológicos analisar os termos catalogados sobre as plantas de uso medicinal da comunidade. Tais saberes, de grande valor para o conhecimento científico, são preservados pelos relatos orais de moradores remanescentes de quilombo.

O conhecimento sobre as plantas medicinais pode ser observado pelo trabalho diário que os moradores possuem na comunidade com as plantas. Esse processo vai desde a plantação até a venda dos produtos obtidos por meio da manipulação das plantas. Os cuidados com o solo, a água, o sol, os horários adequados para a colheita das plantas, as partes a serem usadas como as folhas, raiz, entrecasca, flor, galhos, sementes, fruto, seiva e, também, o tratamento dado as plantas para a venda de produtos feitos pelos moradores tais como a garrafada, a multimistura, pomadas e óleos, tudo é parte do contexto de saberes que os moradores possuem sobre as plantas medicinais.

Finalizamos, assim, observando a forte relação existente entre os termos sobre as plantas medicinais com o contexto social no qual estão inseridas, com os saberes adquiridos no passado e no presente, com a cultura, com a Língua e, por conseguinte, com a origem negra que os moradores da comunidade de Pimenteiras possuem, marcando, assim, a identidade do povo quilombola.

## 6 CONCLUSÃO

Este trabalho dissertativo se propôs na análise dos termos sobre as plantas de uso medicinal da comunidade remanescente de quilombola de Pimenteiras – PA, localizada na cidade de Santa Luzia do Pará, na Rodovia BR 316 (Pará – Maranhão), região do Rio Caeté. A partir das considerações sobre os termos catalogados pelos moradores quilombolas, pudemos observar e perceber que os saberes transmitidos entre as gerações permanecem fortes no seio da comunidade, de forma que todo o conhecimento sobre as plantas medicinais tem caráter identitário ao povo de Pimenteiras.

Conhecemos cada termo catalogado a fim de perceber as influências da cultura negra na linguagem popular e especializada sobre as plantas. A presença do gênero feminino nesse contexto de conhecimento foi determinante para conseguirmos identificar as espécies, coletar as imagens de cada planta e catalogar os termos sobre as plantas medicinais registrados pelos moradores.

Todos nós pensamos, falamos, lemos e escrevemos as palavras que herdamos em meio aos saberes coletivos já consolidados no tempo e espaço. Por meio da nossa Língua, as palavras são transmitidas e enredadas em significações. É através dessa herança com os vocábulos que a língua abrange os saberes coletivos, culturais e de significados produzidos nos contextos de fala. Ao nomearmos, classificarmos, categorizarmos e registrarmos as experiências vividas nós, seres humanos, criamos palavras e sintaxes ao contarmos e recontarmos nossas histórias.

Por meio da Língua, fundamentamos nossa identidade; é pelas palavras que organizamos nossas crenças e nomeamos nossos valores: um saber que continua em crescimento e transformação através do conhecimento da linguagem que herdamos e transmitimos para as gerações porvindouras. Assim, ressaltamos que as definições descritas sobre os termos analisados, sua variação nos termos na linguagem representada nos saberes, sua motivação, sua estrutura e suas relações associativas, constituíram-se relevantes para percebermos as analogias da língua com a cultura popular transmitida, entre as gerações, sobre as plantas medicinais da comunidade de Pimenteiras.

Levando em consideração que os termos sobre as plantas medicinais fazem parte de uma especificidade da linguagem e que, no caso em especial, analisamos o termo na sua estrutura socioterminológica, entendemos que o conhecimento popular proveniente das atividades tradicionais dos moradores quilombolas na região foi o percurso trilhado para nos

conduzir nesse trabalho dissertativo, de forma a considerar as abordagens socioterminológicas de grandes pesquisadores. Os estudos sobre a variação nos termos sobre as plantas medicinais também foi fundamental para analisarmos cada palavra dentro de um contexto de uso social, histórico e cultural, com a finalidade de conhecer, e até resgatar, os termos no âmbito sociocultural no qual estão inseridos.

A metodologia utilizada no decorrer do trabalho de campo nos proporcionou melhor conhecimento sobre a comunidade em estudo, pois do ponto de vista etnográfico é preciso estar lá para aprofundarmos sobre os saberes da comunidade e interagirmos *in loco* para compreendermos a dinâmica do trabalho e da vida, a partir da qual o homem do campo constrói seus saberes. Os dados catalogados sobre as plantas medicinais nos fizeram conhecer mais profundamente os saberes sobre as plantas que apresentamos no repertório terminológico coletado, composto por quarenta e dois (42) termos catalogados, com suas respectivas imagens.

Além dos termos catalogados, foi necessário registrar os dados orais ocorridos durante as diversas entrevistas da pesquisa de campo, utilizando os recursos computacionais, como o Transana, para efetuarmos a transcrição Grafemática das entrevistas realizadas. Isto foi indispensável para compreendermos melhor os aspectos que contornam o termo e, também, para a definição descritiva de cada termo catalogado, pois no contexto discursivo podemos entender melhor cada palavra e suas significações no estudo socioterminológico.

No percurso desse trabalho, buscamos não apenas a interpretação ou análise dos termos catalogados, mas, também, observar a construção dos saberes dos moradores como um aspecto marcante na identidade da comunidade quilombola. Essa nova visão sobre os termos nos trouxe um perfil sócio-linguístico-cultural, mostrando as influências da cultura negra na linguagem de uso particular sobre as plantas medicinais.

É por meio da Língua que os moradores quilombolas de Pimenteiras refletem as características da identidade cultural entre a planta e as características que especializam cada espécie, mas é na variação da língua que os termos se relacionam com as áreas de conhecimento que os moradores possuem sobre as plantas medicinais. O movimento constante da linguagem atribui o princípio fundamental da língua, que é a comunicação, presente no contexto dos saberes de um povo e manifestado na preservação da linguagem através da valorização por seus falantes.

Nesse sentido, quando associamos o saber especializado ao contexto de campo das ciências e das técnicas temos no termo uma feição terminológica, na qual ele assume uma dimensão linguística e cognitiva no comportamento lexical especializado e na manifestação

desse conhecimento. Notamos, assim, que o termo é parte do componente linguístico, de tal modo como é uma unidade terminológica e um elemento constitutivo da produção do saber. Portanto, ao referirmos as plantas de uso medicinal da comunidade de Pimenteiras, percebemos que o domínio estudado pertence ao campo da medicina caseira, como consta na Norma da ISO 1087, explicando que o domínio é definido por um ponto de vista particular no qual os limites são definidos pelo saber particular da moradora Domingas.

Ao verificarmos a definição descritiva dos termos, a senhora Domingas expôs de acordo com seus saberes uma relação associativa entre a planta com o objeto nomeado. Nas explicações de Faulstich (1995, p. 36) o conhecimento é construído de forma individual e coletiva, num processo de interação entre o sujeito, a realidade, as pessoas, e o ambiente sociocultural, revelando que a Socioterminologia é desenvolvida no cunho funcionalista de natureza social. Nos casos em que ocorrem caracterizações de conceitos e definições para um mesmo termo, Faulstich lembra que ocorre a variação terminológica em que um novo termo, um novo conceito, traz uma nova definição.

Com respeito à relação associativa na forma ou na função das plantas medicinais, esta faz parte da natureza e concepção dos termos estudados. Notamos que a estrutura morfossintática e léxico-semântica do termo, apresentado também como unidade terminológica, foi explanada por alguns autores, tais como Araujo (2006), que verificou os termos em sua estrutura léxico-semântica com uma constituição simples, contendo a presença de apenas um radical, e uma composição composta e complexa, quando apresentam dois ou mais radicais. Andrade (1998), por sua vez, explica que na estrutura do termo composto temos a presença do hífen, diferenciando-se do termo complexo, que não possui o hífen. Porém, haverá processos de composição formados pela aglutinação ou justaposição das palavras. Com base nos estudos dos autores citados, vemos que os termos catalogados sobre as plantas de uso medicinal da comunidade de Pimenteiras possuem, na sua estrutura, formação simples, com apenas um radical; formação complexa, com a presença de mais de um radical; e composta, nos quais ocorre o processo de aglutinação e justaposição.

Nossa análise foi constituída por doze (12) termos de plantas de uso medicinal catalogadas pelos moradores quilombolas de Pimenteiras, de um total de quarenta e dois (42) termos. As apreciações desses dados da pesquisa passaram por diferentes estudos sobre o termo: levamos em consideração não apenas as características gramaticais que o compõe, mas, principalmente, analisamos as definições descritivas da senhora Domingas, utilizando para isso o modelo de ficha terminológica de Faulstich, para melhor visualização dos elementos constitutivos do termo.

É nessa compreensão sobre o que motiva ou associa a nomeação dos termos que vemos a reflexão sobre o conhecimento que os moradores possuem da própria linguagem, suas relações com a natureza, as influências e transferência de saberes entre as gerações e as características marcantes que tornam a comunidade de Pimenteiras única em sua identidade como lugar das plantas medicinais.

Perante tudo que foi explanado sobre a pesquisa efetuada na comunidade de Pimenteiras, acreditamos ter dado um grande passo neste estudo fascinante e envolvente sobre a história, cultura e saber de um povo; um povo que desperta nosso desejo de conhecimento, de buscar outros caminhos nos estudos Socioterminológicos e em muitos outros estudos científicos que reconheçam e valorizem os saberes e cultura da comunidade de Pimenteiras.

Os termos analisados neste trabalho dissertativo nos trazem resultados interessantes quanto às influências da cultura negra, que por longos períodos da história sofreu, e ainda sofre, retaliações e preconceito por conta da escravidão, pois ainda hoje um preconceito mascarado sobrevive. Brookshau (1983, p. 12) expõe que “o negro mesmo antes de ser escravizado tinha um defeito que para muitos serviu de justificativa para sua escravidão, e esse defeito era sua cor.” A cor negra na cultura ocidental sempre teve uma conotação negativa em oposição ao branco, que é definido com o sentido de limpo e puro. A presença dos africanos em nosso país contribuiu não só na nossa cultura, mas também na formação do tipo físico brasileiro. Somos um povo diversificado na cultura, na dança, no biotipo físico, no sincretismo religioso, nas comidas típicas, na influência indumentária, no gênero forte da mulher, no uso das plantas e, conseqüentemente, na língua.

Tanta influência sucedida do negro contribuiu muito para a formação da nossa nacionalidade. Segundo o antropólogo Arthur Ramos (1942), é inocente e sem base científica querer caracterizar a questão racial no Brasil, pois todos nós somos formados de contatos humanos que se processaram no país que não se limitaram apenas aos grupos de negros, brancos e índios, somos derivados deles. Nossa língua, em especial, é o reflexo de nós mesmos, por manifestarmos e expressarmos nossa própria existência. Assim, ainda que carregados de dificuldades e escravidão, o negro trouxe-nos a força e riqueza de sua cultura que, hoje podemos dizer, é um dos pilares da nossa identidade nacional.

Diante de tantas riquezas sobre as influências do negro da comunidade de Pimenteiras, esperamos que o estudo em questão seja útil àqueles que se interessem pelo assunto e queiram conhecer melhor o universo que envolve essa cultura popular e socioterminológica das plantas medicinais da comunidade, pois não poderíamos deixar ocultada a sabedoria popular sobre as plantas medicinais, precisávamos conhecê-la, observá-la, analisá-la, prestigiá-la e repassá-la

para aqueles que buscam não apenas saber mas, sobretudo, valorizar a sabedoria tradicional preservada na linguagem como identidade dos moradores quilombolas de Pimenteiras.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner B., **Terras de Quilombo, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto:** terras tradicionalmente ocupadas. Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, Manaus: PPGSCA-UFAM; Fundação Ford, 1998. (Coleção Tradição & Ordenamento Jurídico, 2), p.101-132.

\_\_\_\_\_, Alfredo Wagner B. Os quilombos e as novas etnias: é necessário que nos libertemos da definição arqueológica. In: O'DWYER Eliane Cantarino (org.). **Quilombos:** identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. 296p. Encontro da Associação Brasileira de Antropologia, 1998. Mimeografado.

ALMEIDA, António Manuel Passos. **Epistemologia do conhecimento em Michel Foucault:** os museus e as suas coleções, Ensaio e Práticas em Museologia. Porto: Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP, 2012. v. 2, p. 37-56. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10515.pdf>>. Acesso em 10 set. 2014.

ANDER-EGG, Ezequiel. **Introducción a lãs técnicas de investigación social:** para trabajadoressociales. 7.ed. Buenos Aires Humanitas, 1978.

ANDRADE et al. **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998.

ARAÚJO, Vera Maria Araujo Pigozzi de. **Documentação, terminologia e Lingüística:** uma interface produtiva. 163 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) –Programa de Pós-graduação em Letras, Instituto de Letras, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2006. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/termisul/biblioteca/dissertacoes/dissertacao\\_2006\\_ARAUJO.pdf](http://www.ufrgs.br/termisul/biblioteca/dissertacoes/dissertacao_2006_ARAUJO.pdf)> Acesso em 15 jan. 2014.

BADKE, Marcio Rossato. **Conhecimento Popular sobre o uso de Plantas Mediciniais e o cuidado de enfermagem.** 92 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Maria, 2008. Disponível em: <[http://coral.ufsm.br/ppgenf/dissertacoes2008/MARCIO\\_ROSSATO\\_BADKE.pdf](http://coral.ufsm.br/ppgenf/dissertacoes2008/MARCIO_ROSSATO_BADKE.pdf)>. Acesso em 22 maio 2015.

BARBIERI, M. P. **O Bioenergético e as Plantas Mediciniais,** 2008. Disponível em: <[http://www.biblioteca.ajes.edu.br/arquivos/monografia\\_20110916182109.pdf](http://www.biblioteca.ajes.edu.br/arquivos/monografia_20110916182109.pdf)>. Acesso em 05 mar. 2014.

BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I. M. **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. 2 ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001. Caderno de Terminologia, p. 23-46, v.1.

BARROS, Lidia Almeida. Estruturas morfossintáticas e léxico-semânticas dos termos da Dermatologia. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (org.) **As Ciências do Léxico**. Campo Grande: UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007, p.397- 407, v.3.

\_\_\_\_\_, Lidia Almeida. **Curso básico de Terminologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1988-89. 2.v.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm)>. Acesso em 18 out. 2014.

BORDA, O. F. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, CarlosRodrigues (Org). **Pesquisa participante**. 4ª ed, São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 211.

BUNGE, Mário. **La ciência, su método y su filosofía**. Buenos Aires: SigloVeinte, 1974 a. Cap.1.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología: teoría, metodología, aplicaciones**. Barcelona: Antartida / Empuries, 1993. 529 p.

CAMPOS, Paula Jeorgea de Souza. **Uma terminologia do discurso neoliberal**. Cuiabá: 2007.280p.

CARVALHO, Manuel. **A identidade luso-canadiana**. In: SATÚRNIA 50 anos. Disponível em:< [www.manuelcarvalho.8m.com/identidade.html](http://www.manuelcarvalho.8m.com/identidade.html)> 2003.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010. p.127.

CASTRO, E. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: DIEGUES, A.C. (org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção nos trópicos**. São Paulo: Annablume, 2000. p. 165-182.

CHAGAS, Miriam de Fátima. A política do reconhecimento dos “remanescentes das comunidades dos quilombos”. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v.7, n.15, p. 209-235, jul, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v7n15/v7n15a09.pdf>>. Acesso em 09 mar. 2014.

CHAMBOULEYRON, Rafael. UFPA. Escravos do Atlântico equatorial: tráfico negreiro para o Estado do Maranhão e Pará (século XVII e início do século XVIII). **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v.26, n.52, p.79-114, dec. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882006000200005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882006000200005)>. Acesso em 28 abr. 2015

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CHASSOT, A. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

COELHO, Lidiane Pereira; MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. **Língua, cultura e identidade**. ENTRELETRAS, Araguaína, TO, v.4, n.1, p.24-34, jan./jul. 2013

CRUZ, Cleide Lemes da Silva. **(Re) Aplicação do constructo de Faulstich: regras de formação das unidades terminológicas complexas na área da Engenharia Civil /Cleide Lemes da Silva Cruz** . 2013. p.32.

\_\_\_\_\_, Cleide Lemes da Silva. A variação terminológica em co-textos linguísticos e em contextos discursivos. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2012, Uberlândia, v.2, n.1, **Anais**, v. 2, n.1, Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em: <[http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume\\_2\\_artigo\\_075.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume_2_artigo_075.pdf)>. Acesso em 12 fev. 2014.

\_\_\_\_\_, Cleide Lemes da Silva. **O constructo de Faulstich para a variação das unidades terminológicas complexas**. Universidade de Brasília/2014.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru: Ed. da Universidade do Sagrado Coração, EDUSC, 1999.

CUNHA, A.P. **O emprego das plantas aromáticas desde as antigas civilizações até o presente** (2007). Disponível em: <<http://antoniopcunha.com.sapo.pt/>>. Acesso em 20 fev. 2014.

DIAS, Cláudia Augusto. Terminologia: conceitos e aplicações. **Ci. Inf., Brasília**, v. 29, n. 1, p. 90-92, jan./abr. 2000.

DIEGUES, A.C. **O mito moderno da natureza intocada**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

\_\_\_\_\_, Antônio. C. et. al. In: BRASIL. Ministério do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos da Amazônia Legal. Coordenadoria da Biodiversidade. Núcleo de pesquisas sobre populações humanas e áreas úmidas. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: MMA, 2000, p. 31. Disponível em: <[http://www.mma.gov.br/estruturas/chm/\\_arquivos/saberes.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/chm/_arquivos/saberes.pdf)>. Acesso em 16 mar. 2014.

DICKMANN, I; DICKMANN, I. **Primeiras palavras em Paulo Freire**. Passo Fundo: Battistel, 2008.

ESTUDOS lexicais em diferentes perspectivas [recurso eletrônico]. Organizado por Ieda Maria Alves... [et al.]. São Paulo: FFLCH; USP, 2010.

FAULSTICH, E. **À propôs de la catégorisation de la variation en terminologie**. Conférence. Université Laval, Le CIRAL, Le LaSIC, 1999. p. 13.

\_\_\_\_\_, E. A Socioterminologia na comunicação científica e técnica. **Ciência e Cultura**, v. 58, n. 2, p. 22-26, 2006.

\_\_\_\_\_, E. Formação de termos: do constructo e das regras às evidências empíricas. In: FAULSTICH, E. e ABREU, S. P. **Linguística aplicada à terminologia e à lexicologia**. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, NEC, 2003.

\_\_\_\_\_, E. **Metodologia para projeto terminográfico**. Brasília: UnB/IBICT, 1990.

\_\_\_\_\_, E. **Proposta metodológica para a elaboração de léxicos, dicionários e glossários**. Brasília: LIV, 2001. p. 54.

\_\_\_\_\_, E. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 3, 1995.

\_\_\_\_\_, E.. **Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação**. Brasília: Centro Lexterm, 1995. 31p.

\_\_\_\_\_, E. Variação terminológica. Algumas tendências no português do Brasil. **Ciclo de conferências 96-97**. Lèxic, Corpus i Dictionaris. Barcelona: IULA, 1998, pp. 141-154.

\_\_\_\_\_, E.. **Variantes terminológicas: princípios linguísticos de análise e método de recolha**. Actes Réflexions Méthodologiques sur le Travail en Terminologie et en Terminotique dans les Langues Latines. Realiter, Université de Nice-Sophie Antipolis, Nice, 1996, pp. 15-20.

\_\_\_\_\_, Enilde. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. In **Trad. Term**, 7, p. 11-40, 2001. Disponível no site: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/viewFile/49140/53222>. Acesso em: 11 mar. 2014.

\_\_\_\_\_, Enilde. Natureza epistemológica do lexema e do termo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS, 23, 1994, [S.l.]. **Anais...**, 1994. v.1.

\_\_\_\_\_, Enilde. **Variantes terminológicas: princípios linguísticos de análise e método de recolha**. Actes Réflexions méthodologi ques sur le travail en terminologie et en terminotique dans les langues latines. Realiter / Université de Nice Sophia Antipolis, Nice, 1996, p. 15-20.

\_\_\_\_\_, Enilde. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. **Cienc. Cult.** [online]. 2006, vol.58, n.2, pp. 27-31. ISSN 2317-6660.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREITAS, Décio. **Palmares: a guerra dos escravos**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1982.

FREITAS, Patrícia Helena; COITO, Roselene de Fátima. Foucault: conceitos chaves. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA: Figurações na Nacionalidade no Texto Literário, 5, out. 2005. Disponível em: [https://44feb093addb30960bf7dab9252f4c8c2794c37c.googledrive.com/host/0B8LhzCII\\_HM8c2JLYjNwbklqYTg/VSEMINARIO/foucault\\_conceitos\\_chave.pdf](https://44feb093addb30960bf7dab9252f4c8c2794c37c.googledrive.com/host/0B8LhzCII_HM8c2JLYjNwbklqYTg/VSEMINARIO/foucault_conceitos_chave.pdf). Acesso em 21 jun. 2014.

GALLOIS, Dominique Tilkin (org.). **Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas**. São Paulo: Iepé, 2006.

GALVÃO, E. **Santos e visagens**. São Paulo: Editora Nacional, 1955.

GAUDIN, F. **Socioterminologie**: Des problèmes semantique saux pratiques institution nelles. Rouen: Université de Rouen, 1993.

GENOUVRIER, E.; PEYTARD, J. Lingüística e ensino do Português. Coimbra: Almedina, 1974. p. 302-304. IN: CAMPOS, Paula Jeorgea de Souza. **Uma terminologia do discurso neoliberal?** Cuiabá, 2007. 280p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto de Linguagens. Campus Cuiabá.

GONÇALVES, Eliane. Pensando Gênero como Categoria de Análise. In: ROCHA, Maria J. P. et al. **Estudos de Gênero**. Goiânia, Universidade Católica de Goiás, Programa Interdisciplinar da Mulher, 1998. p. 51.

HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Valle. **Estrutura social, mobilidade e raça**. Rio de Janeiro: IUPERJ Nertice, 1988. p. 144-182.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Tradução de J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HOEFFEL J. L. de M. et al. **Identidade, saber popular e riscos ambientais** : conhecimento e uso de plantas medicinais nas Apa's do sistema cantareira (SP) e Fernão Dias (MG), 2011.

ISO (Internacional Organization for Standardization) ISO 1087: Terminology – Vocabulary / Terminologie – Vocabulaire. Genève, 2000.

KOCH, Ingedore G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997, p.61-64. A natureza da fala. (Caminhos da lingüística).

\_\_\_\_\_, Ingedore Villaça. **A Inter-ação pela Linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992. p.73.

KOVALSKI, Mara Luciane, et al. Artigo.**Diálogo dos saberes**: o conhecimento científico e popular das plantas medicinais na escola. 2010, sem paginação.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004. p. 40.

\_\_\_\_\_, Maria da Graça. Terminologia: uma entrevista com Maria da Graça Krieger. **ReVEL**, v. 9, n. 17, p. 443-452, 2011. Disponível em: <[www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br)>

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia científica**. 2. ed., São Paulo: Atlas, 1991.

LARA, Marilda Lopez Ginez de. Diferenças conceituais sobre termos e definições e implicações na organização da linguagem documentária. **Ci. Inf., Brasília**, v. 33, n. 2, p. 91-96, maio/ago. 2004.

LEIRO, Eliana M. Virgili Filgueiras. **Linguagem, cultura e identidade**: uma leitura intertextual de Paulo Freire e Mikhail Bakhtin. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos\\_Graduacao/Doutorado/Letras/Cadernos/Volume\\_5/linguagem\\_cultura\\_e\\_identidade.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Doutorado/Letras/Cadernos/Volume_5/linguagem_cultura_e_identidade.pdf)>. Acesso em 03 fev. 2015

LEITE, Ilka Boaventura. Os Quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Etnográfica**. Portugal, v.4, n. 2, p.333-354, 2000. Disponível em: [http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol\\_04/N2/Vol\\_iv\\_N2\\_333-354.pdf](http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_04/N2/Vol_iv_N2_333-354.pdf). Acesso em 26 abr. de 2014.

\_\_\_\_\_, Ilka Boaventura. **Território Negro em área rural e urbana**: algumas questões. Florianópolis: NUERIUFSC. p. 51, 1990. (Textos e Debates. v. 1, n. 2.). Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/126236/Textos%20e%20Debates%20No%202.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>. Acesso em 16 ago. 2014.

\_\_\_\_\_, Ilka Boaventura. Comunidade de Casca: territorialidade, direitos sucessórios e de cidadania. **Lauda Antropológico**, [S.l.], NUER/UFSC, dez. 2000.

\_\_\_\_\_, Ilka Boaventura. Quilombos e quilombolas: cidadania ou folclorização? **Horizontes Antropológicos**, n. 10, p. 123-150, 1999.

\_\_\_\_\_, Ilka Boaventura. **Negros no Sul do Brasil**: invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

LEOPOLDO, Dayana Francisco; MORAIS, Vitor de Castro. Artigo. **Território e Territorialidade**: estudo de caso na comunidade Quilombola de São Pedro de cima. 2005, p.3- 4.

LEVIS-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

LOPES, A. R. C. **Conhecimento escolar: ciência e cotidiano**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p.106.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 6. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed. 2001.

MARCONI, Marina. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

\_\_\_\_\_, Marina; LAKATOS, Eva M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. Lugar do Modo de Vida Tradicional na Modernidade. In: \_\_\_\_\_ **O Campo no Século XXI: território de vida, luta e de construção da justiça social**. São Paulo: Casa Amarela, Paz e Terra, 2004.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATOS, Lúcia Helena Lopes de. **A língua e o conhecimento: um passeio pela memória**. [Rio de Janeiro]: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro: [e-f@bulations / e-f@bulações ] dez. 2011. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9278.pdf> Acesso em 04 nov. 2014.

MOREIRA, Thami Amarílis Straiotto. Um Percorso Historiográfico sobre o Nome. **Artifícios, Revista do Difere**, v.2, n. 3, ago. p. 1-22, 2012. Disponível em: <http://www.artifícios.ufpa.br/Artigos/D%20thami.pdf>. Acesso em 19 jul. 2015.

MOTA, Ednacelí Abreu Damasceno; PRADO, Guilherme do Val Toledo; PINA, Tamara Abrão. Buscando possíveis sentidos de saber e conhecimento na docência. **Cadernos de Educação**, Pelotas: FAE, PPGE, UFPel, p. 109 - 134, jan./jun. 2008.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, Cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. In: QUINTAS, Fátima (org). **O negro: identidade e Cidadania**. Anais do IV Congresso Afro-Brasileiro, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Editora Massangana, 1995.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O Negro no Brasil de Hoje**. São Paulo, Editora Global, 2006.

NEWALL C. A, ANDERSON, L.A. PHILLIPSON, J. D. **Plantas Medicinas**: Guia para profissional de saúde. Ed. Premier, 2002.

PELAES, Maria Lúcia Wochler. Resenha Descritiva: O conceito de Cultura para Brandão. 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/resenha-descritiva-o-conceito-de-cultura-para-brandao/50573/#ixzz42LgElZhj>>. Acesso em 10 jul. 2015.

PERINI, Mário A. **Sobre Língua, linguagem e Linguística**: entrevista organizada por Antonio Carlos Xavier e Suzana Cortez para a Revista ReVEL, vol.8, n.14, 2010. ISSN 1678-8931. Pesquisado no site: [http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel\\_14\\_entrevista\\_perini.pdf](http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_14_entrevista_perini.pdf). Acesso em 07 jun. 2014.

PESSANHA, José Américo Motta (org.). **Sócrates**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

PINHEIRO, D. Os riscos das terapias alternativas. **VEJA on-line**, n.1749. maio, 2002.

PLATÃO. **Diálogos**: Teeteto, Crátilo. Belém: UFPA, 1973.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. (Estudos Históricos) Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 215, 1992.

POSEY, D. A. Manejo da floresta secundária, capoeiras, campos e cerrados (Kayapó). In: RIBEIRO, Berta (Org.). **Suma etnológica brasileira**. São Paulo: Vozes: FINEP, 1987. (Etnobiologia), p. 173-185. V.1.

\_\_\_\_\_, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. In RIBEIRO, B. **Suma Etnológica Brasileira**. Etnobiologia. Petrópolis: Vozes, FINEP: 15-25, 2ª Ed. 1987.

POTTIER, B. **Linguística Geral**: teoria e descrição. Rio de Janeiro: Presença, Universidade Santa Úrsula, 1978.

ROBIN, R. **Linguística e história**. São Paulo: Cultrix, 1977.

RODRIGUES, Priscila Freire. **Gênero e saberes na Amazônia: Reflexões sobre saúde e conhecimentos tradicionais**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero. Corpo, Violência e Poder, 2008, Florianópolis. Anais Seminário Internacional Fazendo Gênero. Corpo, Violência e Poder. Florianópolis: Editora Mulher, 2008. v. 1.

RODRIGUES, Elias Maurício da Silva. **Glossário Socioterminológico da Cultura da Farinha**. Tese (Mestrado em Linguística). Instituto de Letras e Comunicação da Universidade do Pará, Programa de Mestrado em Letras, Área de Concentração: Descrição e Análise do Português na Amazônia. Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, 2010.

RONDEAU, G. **Introduction à la terminologie**. Paris: Gaetau Morin Editeur, 1984.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará: sob o regime da escravidão**. 2. ed. Brasília: Ministério da Cultura, 1988.

SANTOS, Liberato Silva dos. **Questões sobre Terminologia, Linguagem e Produção do Conhecimento**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. 2010, p.6.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

\_\_\_\_\_, J. **Une théorie du savoir**. Paris: Vrin, 1978.

SILVA, Carmem Lucia da Costa et al. (org.) **Teorias do discurso e ensino** [recurso eletrônico] Dados eletrônicos. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. 263 p.

SILVA, Joseane Maia Santos. **Comunidades quilombolas, suas lutas, sonhos e utopias**. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/artigo-cqlutassu.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2015.

SILVA, R. B. L. **A etnobotânica de plantas medicinais da comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-AP, Brasil**. 2002. Dissertação (Mestrado em Agronomia) Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2002.

TELLES, Norma. **De Bruxas e feitiçeras**. Artigo. In: FUNARI, Pedro Paulo A.; RAGO, Margareth (org.), ANNA BLUME, outubro de 2008.p.181. (Coleção História e Arqueologia em Movimento)

TESAURO, Eurovoc. Volume 1. Apresentação alfabética permutada, parte A. Edição 4.2. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias 2006, 286 p.

TOMAZZONI, Negrelle RRB, Centa ML. Fitoterapia popular: a busca instrumental enquanto prática terapêutica. **Texto & Contexto Enferm**. Florianópolis 2006; 15(1):115-21.

TOSI, Lúcia. Mulher e Ciência: A Revolução Científica, a Caça às Bruxas e a Ciências Moderna. **Cadernos PAGU**, Campinas: Núcleo de Estudo de Gênero, UNICAMP, n.10, p. 369, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WAGLEY, C. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos**. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

ZUBIRI, Xavier. **Natureza, História, Dios**. 5. ed. Madrid: Editora Nacional, 1974.

**APÊNDICE A – Questionário utilizado na entrevista com a senhora Domingas Alves do Nascimento**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – PA  
CAMPUS DE BRAGANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E SABERES NA AMAZÔNIA  
FICHA DE ENTREVISTA COM OS MORADORES REMANESCENTES DE  
QUILOMBOLA NA COMUNIDADE DA PIMENTEIRA - PA**

**A) Entrevistado**

1. Nome:.....
2. Data de nascimento:...../...../..... Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino
3. Endereço:
4. Idade:.....(anos)
5. Quantas pessoas habitam a casa:
6. Naturalidade:
7. Ocupação principal:
8. A Principal fonte de renda:
9. Escolaridade:
10. Vive na comunidade a quanto tempo ?
11. Seus pais/ avós já moraram ou moram na comunidade?
12. De onde vieram? (Cidade - UF)
13. Tipo de habitação:
14. Há quanto tempo mora aqui?
15. Como era aqui quando a família ou você chegou?
16. Qual a sua origem? De onde veio?

**B) Termo Quilombola**

1. Como descobriu que tens descendência de Quilombola?
2. O que é ser Quilombola? Qual o significado dessa palavra para você?
3. Qual o significado de ser Quilombola para sua comunidade?
4. Qual sentimento tem pela palavra Quilombola?
5. Houve algum tipo de discriminação sobre a descendência Quilombola?
6. Reconhecem os direitos que possuem sobre ser Quilombola?
7. Existe alguma Associação na comunidade? Fale sobre essa Associação.
8. O que acha da comunidade da Pimenteira?
9. Tens orgulho da comunidade da Pimenteira? Por quê?

**C) Ervas e Plantas Medicinais**

1. Faz uso de Plantas Medicinais? ( ) Sim ( ) Não
2. Quem passou o conhecimento sobre a utilização de plantas?
3. Quando tem problema de saúde e decide procurar ajuda, a quem você recorre?
4. Como obtém as plantas que utiliza?
5. Quais são as plantas mais utilizadas pela sua família?
6. Quais partes são utilizadas?
7. Qual a melhor forma de preparo para cada planta?

8. Como se usa?

**D) Dados sobre o manejo do quintal**

1. Quais espécies de plantas e ervas cultiva em casa e por quê?
2. Como denomina o espaço próximo à sua casa?
3. Quem cuida desse espaço?
4. Quais plantas você tem em seu quintal?
5. Você consome as plantas que cultiva?
6. Você realiza alguma atividade de compra e venda dessas plantas?
7. Você compartilha essas plantas com alguém?
8. Se você não as tem, onde você vai procurar?
9. O que está faltando em seu quintal?
10. O que o quintal representa para você e para sua família?

**E) Dados sobre o conhecimento e a transmissão do mesmo**

1. As plantas que você têm em seu quintal servem para quê:  
( ) alimento ( ) remédio ( ) ritual – religioso ( ) decorativo ( ) brincadeira ( ) outros
2. Com quem você tomou “gosto” por plantas. Onde aprendeu o que sabe?
3. E você ensina isso para alguém?
4. Quais plantas são mais usadas?
5. Para que utiliza estas plantas?
6. Faz uso de medicamentos das farmácias? Sim( ) Não( ) Às vezes( ) Nunca( )
7. Quais? E por quê?
8. Possui alguma doença? Sim ( ) Não ( )
9. Qual (is)?
10. Já ocorreu algum caso de doenças curadas pelo uso das ervas e plantas?
11. Você acredita no poder das ervas e plantas ou nos remédios de farmácia? Por quê?
12. O que é a Garrafada?
13. Para que serve a Garrafada? Quais as propriedades de cura que proporciona?
14. Como é o preparo da Garrafada? E que ervas possuem dentro?
15. Com quem aprendeu a fazer a Garrafada e outros remédios caseiros?

**APÊNDICE B – Transcrição grafemática da senhora Domingas Alves do Nascimento,  
entrevista do dia 19 de outubro de 2014**

L1: data de nascimento?

L2: dia vinte e oito (de outubro)

L1: ( )

L2: dia vinte e oito

L1: JÁ? ... aqui a gente pode dizer qual é o endereço?

L2: ...pode

L1: ((muitos ruídos de vento)) ... então, hoje a senhora tem quantos anos

L2: (cinquenta e um) ... não/ cinquenta e/ cinquenta neh?

L1: hoje a senhora tem cinquenta

L2: cinquenta

L1: quantas pessoas ... moram na sua casa?

L2: ... somos seis

L1: ... seis ... a senhora ... é:: paraense ... qual é sua naturalidade?

L2: paraense

L1: paraense mesmo ... qual é a sua principal ocupação (no) trabalho?

L2: agricultura

L1: qual a principal fonte de renda? ... com que a senhora ganha dinheiro?

L2: ahh (assim) ... com a minha atividade ... é:: ... (arrancar) malva ( ) com a malva ou do açaí é uma ( ) muito (dessa aí) e meus trabalhos de ( ) ... pra mim mesmo o que eu estou fazendo é esse neh?

L1: hum rum

L2: ( ) bastante .... é muito encomendado

L1: ... e remédio caseiro?

L2: remédio caseiro

L1: ... a senhora tem que escolaridade? até que série a senhora estudou?

L2: só a primeira

L1: primeira série?!

L2: ... que no meu tempo era muito difícil neh? a gente morava aqui ... aí eu daqui com uma légua ... quando quando eu comecei a estudar eu tava com:: QUINZE anos ... eu com dezesseses (eu me ajuntei)

L1: hum rum

L2: aí pronto meu marido lutou lutou mas eu ... pra mim foi muita dificuldade/ eu já ... sou dona de família/ ia deixar a minha casa pra mim andar essa distância todinha aí eu não quis ... ele pelejou pelejou meu sogro não .... não se eu (tivesse) na casa do papai tudo bem aí:: tava ruim/ ele trabalhava me/ e eu sai/ eu tinha que sair seis horas da manhã que é daqui lá na beira do rio/ é uma légua de ... aí:: não tinha como eu preparar o almoço neh? chegava de tarde cansada e ... aí eu não estudei mais ( ) e era muito difícil muito difícil ... meus irmãos nehnum ... só tem eu neh? meus irmãos só tem um que tem a quarta série ... um ou é dois (por causa da dificuldade)

L1: a senhora vive na comunidade ... há quanto tempo?

L2: ... e ... eu nasci e me criei aqui ... assim/ EU NASCI aqui/ eu não nasci aqui mas foi aqui perto neh? ... depois que tá com/

L1: [ então desde ... recém nascida a senhora mora aqui?

L2: hum rum

L1: ... tá ... (palavras dirigidas a terceiros) ... é:: os pais da senhora ... (voz de terceiro) ou os avós ... eles já moraram ou moram na comunidade ... eu quer/ quero que a senhora conte a trajetória deles. .... eles já moraram? ... aqui/ como é? como foi?

L2: não! assim é:: eles já moraram/ essa minha mãe é falecida/ só meu pai dessas dessa ... dessas turmadadas só meu pai que ainda ... ainda é vivo neh? ... eles assim/ eles moram ( ) quando eles/ na juventude deles eles moravam na outra comunidade

L1: (narcisa?)

L2: narcisa sim ... aí de lá eles casaram. meus primeiros irmãos nasceram lá ... e/ eu já foi ...

L1: hum rum

L2: até o quarto irmão ... nasceu lá ainda ... do outro lado do rio guamá. ( ) do outro lado. aí quando eu vim de/ assim lá a ge/ era muita gente aí eles botavam o (roçado) não tinha mais como o produto ... neh? e naquele tempo não tinha/ esse negócio de adubo não existia ... aí por aqui era mato que eles caçavam. aí meu avô disque queria ... vir botar um roçado pra cá aí parece que os vizinhos já ficavam dizendo lá que a mata tava pouca/ a capoeira já não dava muita ... produção. aí eles andavam na mata disse que vinham botar um roçado pra cá mas como ... era assim ... a mata ... não tinha/ ele foi lá em ourém ... pegou um papel ... fez um requerimento pegou um papel aí:: lá com a assinatura lá/ nesse tempo tinha feito não sei de quem é lá mais lá/ aí ... foi falou para o genro dele/ era três: ... genro que ele tinha/ ele só tinha um filho e três filhas/ nem vi/ as filhas todas casaram ... (netinho) já tava pro/ ... prosperando família ... aí ele chegou lá e disse bem se vocês quiserem botar um roçado pra mata para o (centro) ( ) agora a gente vai porque ... a gente tá com a autorização na mão. aí eles vieram botar o primeiro roçado aí acharam MUITO longe tá indo e vindo ... indo e vindo todo dia neh? ... aí eles fizeram um barracão pra eles todos. fizeram um barraco ... aí já traziam a família pra ficar mais PERto pra fazer o almoço pra ajudar ((tosse)) pra ajudar porque a gente trabalha também no roçado neh? ... aí veio/ vinha primeiro::/ a vovó sempre ficava lá neh? ... que era a mais velha ficava lá com os outros netos e vinha as filhas com uns ... uns/ ajudar os maridos. aí nisso aí foram se acostumando se acostumando e a ... a produção foi aumentando/ assim a renda eles gostaram muito do do (canto) aí pronto já foram fazendo casa pra morar ... aí foi que eles vieram .... veio ... veio quatro família. meu avô com os três filhos ... que vieram. ( ) fizeram o barracão dele lá a casa lá .... depois já foram aumentando ... fazendo a separação da casa que aquele tempo era no barro neh? fazia ... primeiro era a casa de palha/ que é é/ esse matinho aí ó ... tubim ... pois é. esse tá/ cobriu a casa com esse daí ... mas é uma excelente cobertura que é frio que só. aí faziam a tapação ... repartida de barro neh? ... aí cada quase já moravam no seu ... no/ na na sua ... propriedade/ localidade ( ) barracão na sua casa ... aí daí que foram ... foram chegando os netos foram crescendo ... foram procurando família e foram ... casando ... fazendo casa ... perto que eu tenho ... dois ... um primeiro meu irmão casou fez a casa ... l'perto do papai ... depois o segundo ... casou fez perto também e a minha irmã que é comadre ( ) que é a mais velha casou ... o marido dela também ... não levou ela para o lugar dele/ ELE foi pra cá neh? ... aí ... a família foi aumentando. ... a minha mãe tá com dez anos já falecida.

L1: de onde eles vieram? ... assim a origem dos dos seu pais

L2: ... a minha mãe ela veio de origem do negro dos escravos neh?

L1: não/ eu digo assim ... o estado? ... eles são paraenses?

L2: eles são paraenses

[

L1: todos eles?

L2: todos eles são paraenses

L1: não tem nenhum?

[

L2: não não ... de mistura não. que eu saiba não. se ...se tem mas não chegou no meu conhecimento que a ... a mamãe ela contava muita história assim a minha vó .... muita história assim de quando eles eram criança ... de quando eles eram ... ado/ adolescente jovem ... mas eles ... nunca disseram que era ... que era de outra ... assim sempre ( )

L1: e:: ... na/ qual era o tipo de habi/ de ... de habitação ... que eles tinham ... que a senhora

falou? ... qual era/ como era a casa?

L2: deles?

L1: hum rum

L2: ...era sempre assim/ dessa palha a cobertura ... e ... ao redor era empalhada também ... só que eu não cheguei a conhecer assim ... empalhada não. do barro eu ainda me lembro muito bem ... a cobertura também ... agora ... empalhado da mesma ... mesma coisa neh? que eles faziam assim ... mas eu ... não me lembro não. mas a minha mãe contava que era assim.

L1: a cobertura era empalhada?

L2: a cobertura era da (alvim) e ao redor também pra fazer a separação neh?

L1: era alvim?

L2: da alvim também. era cercado com alvim assim ... feita a separação. sim .... pelo menos o quarto da onde dormiam neh?

L1: hum rum ... mas ... em volta não era barro era assim empalhado neh?

[  
L2: hum rum. era empalhado  
era

L1: então há quanto tempo ele/ eles ... o seu pai ainda é vivo?

L2: é. papai é

L1: há quanto tempo moram aqui?

L2: eu tô com:./ aqui neste lugar ou assim?

L1: aqui na pimenteira

L2: na pimenteira. tá com umas ... umas faixa de uns quarenta anos

L1: ... quarenta?

L2: ...assim/ quando veio da narcisa/ logo quando veio da narcisa? ...

L1: sim

L2: ah tá com seus cinquenta porque ... mais de cinquenta quase seus sessenta porque eu tô com cinquenta e um ... e eu já ... já sou da:: ... da quarta filha que nasceu aqui já. só que não era pra esse mesmo lugar neh? era aqui o cajueiro mas é mesmo ( ) ... a gente se mudou quando eles vieram de lá ( ) lá. papai não gostou muito de lá porque esse tempo ele criava ... umas vacas ... que era amarrada assim na corda ... e lá é muita (acidentado) dá mais de que aqui neh? ... aí ... tinha um ... um homem que morava bem ali assim ... aí era muito colega do papai e aí/ aqui esse tempo ... um tempo veio uma/ tinha uma casa que que davam aula ... era bem aí chamavam o carro da prefeitura aí a mulher foi embora/ a professora foi embora aí ficou desocupada aí esse homem cedeu para o papai/ seu Raimundo ... lá na pimenteira ali adonde perto de onde eu moro uma pertença ao ... ao terreno de vocês por quê que não vai embora pra lá ... aí foi que nós viemos de lá do cajueiro mas fica aqui próximo neh? aí fizemos a abertura ... aí daí

[  
L1: então vocês são os primeiros moradores aqui?

L2: somos. meu pai é primeiro morador

[  
L1: como/ eles/ ele conta como era aqui quando a família veio? ... quando vocês chegaram aqui? como era? como era essa aqui? essa área toda?

L2: aqui aqui mesmo eu me lembro já quando eu cheguei aqui quando nós viemos do cajueiro pra cá eu me lembro. eu já me lembro ... eu acho que eu estava com uns sei/ cinco a seis anos mas eu já me lembro ... aqui era todo ... tudo capoeira! .... que a mata era logo bem aqui próximo ... nossos primeiros roçados foi muito próximo de qualquer uma criança ia lá no roçado tirar o milho ... tirar ... buscar uma melancia/ qualquer um que queira era muito perto. a mata era próxima. isso era capoeira. isso aqui tinha só um .... uns caminho que os meninos iam ... às vezes para o roçado um/ uma coisa ... era tudo era sombra ... não tinha ... não era/ não tinha essa abertura aí ... esse garapé era a coisa mais linda do mundo era esse

garapé ... que a gente toma banho ... porque era capoeira neh? era capoeira era ... era sombra aí ... aí a gente ia tomava banho ... quando nós era criança nós tomava aí quando tava ... um tempão de chuva assim nós já ficava alegre porque sabia que ele ia crescer e nós gostava muito de tomar banho na água grande. e aí quando passava a chuva nós pedia pra o papai e pra mamãe e nós ia .... tomava muito banho. agora não ... agora não presta pra tomar banho nenhum porque ( ) daí da da daqui da boca dele até quase na cabeceira desse jeito aí não presta mais pra tomar banho.

L1: ... a::: a sua origem mesmo é paraense. a senhora veio de lá. a senhora veio da narcisa ... aliás a senhora nasceu na narcisa?

L2: não não. eu já nasci ali no

[  
L1: no cajueiro?

L2: hum rum

L1: certo. veio da narcisa ...moro/ morou um tempo no cajueiro e agora?

[  
L2: ( ) no cajueiro e ( ). ( ) porque assim ... ( ) bem pertinho daqui/ não dá dois quilômetros daqui lá

L1: ... tá. agora vamos ... é/ ter/ ... quando foi ... que a senhora descobriu ... que tem uma/ a descendência de quilombola?

L2: porque a minha vó di/ dizia neh? ... a minha vó contava pra nós que ele/ ela é... ela vinha dessa descendência que os avôs delas ... AVÔ da minha avó ... era os escravos.

L1: como ela soube? como ela/ como ela sabia disso?

L2: porque ( ) contavam pra ela neh? ... a mãe dela contava ... pra ela/ aí ela ... a mãe dela já passava pra ela e ela já passava pra nós. porque euu ainda me alembro muito da minha vó. ela/ mamãe contava ( ) MAIS era ela que contava que ela dizia que ela ... os avós dela contavam que ... (eram) dquele tempo de de ... ficar amarrado ... de ser açoitado neh? aí::: ela ia repassando pra nós

L1: os avós dela passaram por isso? ... viveram esse período?

L2: não! os avós dela é que contavam que os outros ates dele neh?

[  
L1: antes/ os antes dele que ( )

L2: an ram/ é. isso.

L1: então é:: são os seus tataravós (digamos assim)

L2: isso. acho que ism

L1: que ... viveram essa época da escravidão?!

L2: hum rum

L1: mas essa época da escravidão aqui? ... nessa região não?

L2: não! não era aqui

L1: onde?

L2: ... isso aí eu não sei dizer adonde era não. não me alembro/ se ela disse mas eu não sei ... ( ) se era na narcisa ... se era noutro (canto) não sei não ( ). sei que eles eram dessa dessa ... dessa descendência mas eu não sei dizer da onde é.

L1: .... dona Domingas ... o que é ser quilombola? ... qual o significado dessa palavra pra senhora?

L2: e eu/ essa eu não entendo muito bem ... muito bem eu não entendo por isso que eu queria que o ( ) tivesse aqui que ele entende mais/ melhor do que eu. ele já fez ( ) estudo/ ele ( ) mais do que eu neh? que ele passou ... ele passou seis anos assim presidente da associação ... parte que ele tem mais conhecimento/ mas não ( ) ele tá pra rua ... mas ser quilombola ... acho que é ser::: ... vem dessa descendência ... e: assim das (coisas)/ tradicional ... as coisas da natureza. aprender ... e viver com a natureza. eu acho que é porque eu ... eu assim ... fiquei ... sempre assim vendo os índios. porque os índios ele vive muito da natureza/ das coisas natural ... e eu

acho que ser quilombo é a mesma coisa também. é viver da natureza. aprender (viu?) o clima da natureza porque ... a gente sendo assim/ parando pra pensar ... a natureza ensina as coisas pra gente neh? ... a gente ... a gente ficar no silêncio da gente a gente aprende as coisas com a natureza. eu acho que é isso que vem de/ de quilombola porque aquele tempo dos dos ... dos negros eles não tinham conhecimento de nada de leitura. (nada nada) MAS ... com a natureza eles aprendiam alguma coisa.

L1: ... qual é o significado de ser quilombola ... pra comunidade? ... o que a comunidade pensa? a senhora sabe dizer?

L2: ... não! também não ... não sei dizer não ( ) ... eu eu só sei dizer ... que é é é::: é é uma/ um tipo ... que eles/ quase juntocom o índio/ com os índios eles descobriram o Brasil ... neh? ... porque ... quem descobriu o Brasil mesmo foi os índios neh? ... e já como aquele pessoal naquele tempo ele já viviam também ... acho que eles ... ajudaram os índios descobrir o Brasil também .... acho que ... ( ) só um ... só sei dizer que ... os negros ele/ ele é (federal) neh?

L1: ... humrum

L2: ele é (federal) ele ... ele tem todo direito ... com certeza ele tem o direito ... (estremo). só que só aqui até hoje ... a gente não tem ( ) ainda ... o conhecimento de tanto direito que a gente tem. tem muitas coisas ainda escondido ... por debaixo do tapete que ainda não chega no conhecimento de muita gente/ que às vezes ele é quilombola ele é NEGRO mas ele ainda não tem conhecimento dele ser negro ... ele ainda fica dizendo que ele não é negro porque pra/ tem gente assim que pensa ... que dizer negro é aqueles escravos daquele outro tempo/ ah:: negro já/ tempo de negro já passou era aquele tempo aí não ... aqui mesmo na minha comunidade tem gente assim. porque ele é negro é da mesma família é da mesma/ mas ele ainda não pensa ... dizer que ele é negro. porque ainda ... ainda tá na mente dele que o negro é ... daquele outro tempo

[

L1: ... é aquele negro escravo

L2: aquele negro escravo. aquele negro ... pobre daqui que não tem nada. como ainda tem na mente deles ... mas não é. o negro é/ ele foi ... muito reconhecido neh? ... e tem muito/ é só que eu/ eu disse pra o (Isaldo). (Isaldo) tu tem muito mais conhecimento. no dia que a Edilene vir eu precisava que tu tivesse lá porque eu sei que ele tem MAIS esse conhecimento. (tem) que agora no dia vinte de novembro a gente vai fazer uma atividade aqui neh? ... (ontem eu fui) dizer pra Nazaré/ Nazaré eu queria que cê fosse pra cê dá uma palestra lá na (tal) comunidade saber ... muita gente saber que (é negro) e eu quero aprender também mais e tem muita gente que não sabe nem um pouquinho o tanto que eu sei ( ). a gente vai fazer no dia vinte de novembro ... é::: a nossa ( ) é só neh? (a santa já veio) aqui em casa aí:: ... a gente pensou/ ia ser/ era pra ser amanhã ... dia vinte de novem/ de outubro. aí eu fiquei pensando e disse Isaldo PORQUE/ porque o Isaldo era presidente/ era meu irmão mas eu ... eu me comunico muito com ele. tudo que eu quero fazer eu ... pergunto pra ele. Isaldo porque nós num:: ... num faz no dia .... no dia vinte de novembro? que é o dia da consciência negra neh?... aí ele disse não sei não vai ( ) no dia de semana? eu digo ( ) meio de semana mas é ... é feriado/ pra nós é feriado. e po quê que a gente não faz?... aí ele disse será que vai dá alguém ? digo a gente convida outra comunidade quilombola ... neh? que venham participar junto com nós. aí fizemos uma reunião/ por isso que eu digo que de vez em quando nós estamos reunindo é ... é por causa disso neh? aí fizemos uma reunião aí joguei a proposta aí todo mundo aceitou. mas só meu marido que não porque ele quer ( ) como é que uma pessoa vem que é meio de semana? digo vem sim ( ) se falado com o tempo ... ageitam um carro neh? a gente tá chamando/ querendo chamar os ( ). (olha) que eu já passei com o Dinho ... que é secretário ... de cultura neh? ele já veio aqui. logo quando ele ele ... ( ) secretário ele veio aqui ... aí ele procurou qual era ... a atividade/ qual era ... qual era as (futuras) ( ) dizendo pra ele aí ele disse que quando fosse dessa só anda ... ele queria pra mim participar com bem tempo antes ... antes ele queria ... ele ia (ajudar) da maneira que ele pudesse. mas isso aí tem ...

fevereiro parece ... março. (aí quando foi) essa semana eu passei com ele/ ele::: disse que já correu atrás de umas ( ) pra ajudar neh? aí ... tem aquele outro ... Anderson também ... ele ele ... sempre ele liga pra cá diz que ele quer ajudar também ele quer vir aqui ... ( ) PRA AJUDAR ... E A GENTE TÁ ... VENDENDO ASSIM ... REUNINDO PRA VÊ COMO É QUE NÓS VAMOS FAZER sobre alimentação ... porque quando foi ontem nós tava nessa reunião/ nessa reunião vem vária/ vem ... gente de várias comunidades quilombola. porque vem tipitinga ... vem (presidente de lá) vem jacaréquara ( ) vem da mariana que é noutra .... município mas vem também neh? ele faz parte da rede bragantina. E AÍ EU/ QUANDO eu lancei a proposta lá na reunião ... todo mundo (quer vir) ... pra cá.tipitinga quer vir ... jacarequara quer vir ( ) quer vir/ agora eu já tô imaginando é alimentação. como é que nós vamos fazer pra alimentação desse povo? de querer vir eu quero aí já fica pensando neh? ... aí a mulher ( ) dona Maria disse que vir também ... aí ... amanhã não ( ) pode ter muita gente/ eles disseram que não ia dá niguém nós temos muita gente que quer vir aí nós vamos pensar como é que nós vamos fazer. ( ) que é o dia da consciência negra/ tem muita gente aqui que não sabe ( ) assim neh? ( )

L1:  
convida tá?

[  
a senhora me

L2: já tá convidada ( ) (risos) já tá convidada. a gente tem uns convites ali neh? ... que a gente preparou uns convites aí:: ... ficou pra mim sentar na comunidade vê como é que vai ser pra gente entregar os convites. mas (a senhora) não esqueça já anota aí (eu lhe aviso) dia vinte de novembro.

L1: vai ser o dia todo?

L2: é o dia todo. porque assim ... tá na programação. primeiro ... porque a gente/ todo ano faz a reza neh? primeiro uma ... pequena ... procissão. pega a santinha numa casa se organiza aí vai quando chega na igreja reza ... tem ano que nós reza aqui ... tem ano que ( ) o pessoal gostam porque é mais ventilosa neh? aí eles vem aqui. aí reza daí serve o almoço ... daí se tiver um leilãozinho ... leilão/ um bingo. aí a tarde é partida de futebol. como os meninos tem essa ajuda aí capoeira eles vão apresentar capoeira. a Andresa ela disse hoje: ah mãe eu vou ajeitar as meninas pra nós apresentar um ... uma dança lá/ uma dança de (carimbó). aí a gente tá:: vendo assim ... ( ) ser um dia festivo. um dia de ... todas as atividades/ se quiser outros grupos doutra comunidade se tiver um grupo que queira apresentar alguma coisa vai ter também ... espaço.

L1: vou dá uma ideias depois. qual sentimento ... assim SENTIMENTO sentimento ... o quê que a senhora sente quando/ pela palavra/ por essa ... por essa palavra que que ... que fala ... quilombola?

L2: assim o meu sentimento?

L1: hum rum

L2: eu gostar. eu gosto ( ) me se se sinto muito bem

L1: se sente

[  
L2: ( ) bem ... com certeza

L1: .... tá. essa pergunta também é um pouco/ ... já houve algum tipo de des/ discriminação?

L2: já

L1: sobre a sua descendência? sobre a palavra quilombola?

[  
L2: já

L1: o que foi?

L2: é ... agora que não agora já ... recente que não neh? mas antes quando a gente (informava) ... ( ) a a associação aqui ...quilombola/ quando descobriram/ porque isso aí veio ... veio assim descobrir que era ... que era quilombola ... porque na narcisa lá e é a ... a matriz neh? ... como

a minha mãe veio pra cá ... aí lá formaram a associação aí o meu meu ... primo ficou dizendo: olha ... tem mais gente/ porque assim ... quilombola é assim ... adonde cê tem parente porque nós tem irmã ... no guajará ... cigano aqui pro/ pra ... paragominas (não)... ipixuna neh? mas a hora que eles chegar aqui o lugar deles tão aqui. aí esse subrinho da mamãe ficou dizendo: olha eu tenho uma tia que ela mora aqui/ que era aqui na pimenteira/ ela mora daqui não sei quantos quilômetros ... se um dia ela vir pra cá tem lugar dela aqui? disse tem. com certeza. o lugar dela tá aqui. ela não nasceu aqui? .... aí tudo bem. quando foi um dia ele veio passear aqui aí ele foi disse pra mamãe que se ( ) contou lá a situação neh? aí eu disse que tem ... que ... que cê tem/ que cês tão pra cá mas (você fazem parte lá da narcisa) o dia que cê quiser ir lá/ aí a mamãe disse: não! pra lá eu não vou lá. se um dia elas quiserem vir aqui/ esse pessoal quiserem vir aqui pra gente conversar ( ) ... conversar a gente conversa aí ... num belo dia de domingo chegou três ... umas quatro pessoas ( ) aí chamaram a mamãe e ele:: perguntaram se a mamãe queria ir pra narcisa ... a mamãe disse que não. aí se ... (mas) a mamãe fazia parte do ... quilombOLA da da ... da associação lá da narcisica ... AÍ:: só que (naquele) tempo tinha celebração aí o (código) que ficava com ( ) neh? ... ficava muito na frente assim ... aí ela disse que aqui não formava porque quilombola é uma pessoa ... é negro que sabe contar o que vem das tradição de primeiro. e esses que tavam na frente assim ... era ... era gente branca e sabia que eles não sabiam/ não tinham nada com/ a ver com quilombola ( ) neh? aí ( ) daqui. aí o (chaga) disse/ eles não disseram aqui pra nós disseram lá pra o chaga. ah chaga lá parece que vai ser difícil formar uma associação de quilombola porque ... lá quem tá na frente mais são os brancos. e lá não tem nada a ver com... com negro. a gente faz pergunta eles não sabem nada ( ). mas aí no decorrer do tempo a gente foi ... foi pegando conhecimento (eles vieram aqui)/ mas naquele tempo a gente era muito criticado ... naquele tempo ( ) muito criticado bem dizer assim ... ah bora entrar na associação ( ) ah! ( ) entrar na associação pra ser negro/ eu não quero ser negro! vocês querem ser/ diziam neh? ... ( ) às vezes ... assim ... (minhas cunhadas). querem ser negro? eu não quero ser negro! eu não vou entrar na associação negócio de ser negro/ negro neh escravo? aí ... eles começavam assim... fazer caçoagem ... diziam ... pra ser ... pra ser pobre mais de que era às vezes eles diziam neh? ser negro pra ser pobre mais de que é/ nós já somos pobres ainda ser mais pobre ( ) não era assim não. aí desse tempo agora ... agora recente não ... a gente não vê mais essas coisas mas logo no começo a gente via. dizia que negro era aquele um que andava ... sujo. que andava com a unha suja. que andava com o cabelo sem pentear neh? ((risos)) ... tinha gente que dizia aí eu já ouvi muito. agora não! agora esses tempos ... não ouvi mais. acho que já chegou no conhecimento neh? ... aquele que não tinha nada pra comer ((risos)) ...

L1: é:: ... com relação aos direitos dos quilombolas. a senhora conhece? ... reconhece que vocês tem esse direito/ direitos?

L2: eu conheço um pouco

L1: quais?

L2: ... assim ... a gente tem direito ... ((pigarreio)) assim numas pro/ porque assim .... eu não sei quase lê neh? ... mas do pouquinho que eu sei a gente pega o estatuto aí/ um estatuto que que foi tirado em on/ em Belém ... foi feito um estatuto neh? ... a gente tem vários direitos. a gente que AINDA NÃO CONHECE bem qual é os direitos que a gente tem. e aí quando a gente faz reunião sempre eu digo: gente a gente tem que pegar aquele estatuto pra gente lê pra gente descobrir qual é o tanto direito que a gente tem. nos/ nós tem tanto direito mas nós veve escondido. lá nós veve/ ainda não tá no conhecimento ... nosso ... pra saber o tanto direito que a gente tem. porque se a gente descobrir o tanto direito que a gente tem/ o direito que a gente tem .... é um direito muito grande neh? É MUITO

L1:

[  
vocês tem o estatuto?

L2: tem

L1: hum. pra comunidade toda?

L2: isso

L1: quem é que ... que ler esse estatuto? fica na mão de quem?

L2: aqui em casa. tá aqui. mas sempre quando eu digo assim: olha bora fazer uma reunião pra lê o estatuto. pra todo mundo. mas sempre é naquela correria mai/ a gente vai lê custa muito bora cuidar nas outra coisas ... no que tem fazer ... aí

L1: como vocês conseguiram esse estatuto?

L2: ... nós:: nós fizemos assim neh? ... da comunidade/ na comunidade. escrevemos. o que era que nós queria dentro da comunidade. qual era as leis que nós ia botar aí ... foram escrevendo e levaram pra registrar.

L1: ah! .... é o estatuto ..

L2: da associação.

L1: da comunidade?

L2: da comunidade sim. da associação.

L1: ah da asso-ci-a-ção da pimenteira?

[ [

L2: da associação. isso. hum rum

L1: dos quilombolas da pimenteira?

L2: isso

L1: ... hum::: ... não! eu digo assim/ o estatuto que eu falo é da da ... da ... de quem é quilombola.

L2: não

L1: esse a senhora não conhce?

[

L2: não não. esse daí não

L1: hum. agora sim. existe alguma associação ... na comunidade. e eu queria que a senhora falasse da associação.como foi que veio essa ideia da ... da associação? como foi que surgiu? como foi que ces criaram? por que criaram?

L2: .... é é ... essa aí começou ... a gente ... a gente tinha ... já era comunidade neh? antes da associação era comunidade. aí veio um ... um professor ... da universidade/ era até cardoso o nome dele ... aí ele/ aí começou (entrar) pequenos projetozinho assim pra cá ... mas assim feito já:: assim pouquinho não era que nem ... primeiro fez um projeto do ... numa casa de farinha através do/ da pastoral da criança. não não.... não existia associação. foi um pequeno projeto. ( ) da pastoral da criança... aí depois ... um projeto de ... nesse tempo da casa de forno veio um ... um caititu pra ralar mandioca e um ... motosserra. aí depois um pequeno projeto pro gado ... mas tudo da pastoral da criança neh? a gente faz aquele grupo de mulheres de pessoas pra ... pra fazer um grupo ... e fazer as várias assinaturas pra ... ir pra lá e o projeto vir. mas não era associação. ninguém tinha nada de associação estatuto nem ata nem nada. ai depois ... veio um .... zinho de ... do pimental/ um pequeno pimental neh? umas estaquinhas assim ... pra gente formar um (feijoalzinho). aí foi/ esse tempo foi que o professor cardoso veio começar ( ) ele era técnico neh? pra dá assistência e aí ele começou a dizer: olha porque vocês num .... num formam uma associação ( ) (vocês devem formar uma associação) que se vocês formarem uma associação vocês tem ... vocês tem mais força pra puxar as coisas. mais/ aí ... a gente começava a perguntar ... assim/ nesse tempo o ( ) ele ... ele era muito bem introsado aqui com nós/ agora não. agora ele separou-se neh? .... teve uma desavença aí ele nunca mais participou de nada aqui ... aí ele ... a gente começava a fazer pergunta pra ele/ professor como é que faz a associação? é ... pra gente formar. AÍ ELE começou a incentivar a gente olha ... a gente faz/ a gente começa a fazer umas pequenas reuniÃO ... na reunião a gente ... depois que já po/ já tiver ... um bom conhecimento da reunião a gente vai escolher ... o o ... presidente ... o secretário ... o tesoureiro. aí vai dá uma mensalidade que é pra gente fazer a ATA QUE É PRA REGISTRAR essa ata e ... a a associação fica registrada e foi aí que nós começamos neh? sentava aí/ bora discutir como é que nós vai fazer? ... pra nós ter ...

ter segurança pra gente ... ficar mais junto aí ... fundemo ... a associação. foi aí/ isso aí que eu tô dizendo que tem o estatuto desse tempo neh? aí quem é o ... o presidente/ tal dia nós faz a reunião pra escolher o presidente ... aí foi ... foi meu irmão que foi a primeira vez e eu fiquei como tesoureira e ... o ( ) era secretário e aí ... fomos formando ... a associação quando a gente já tinha conhecimento (do que) era quilombola aí ... aí aa Nazaré com Vicente já tava muito bem ... colocado .... conhecimento neh? aí eles ... eles foram ... ajudando nós. até agora ainda ... ainda somos muito mais que parceiro. ( )

[  
ela

L1:

hoje tem c-n-pj?

L2: a nossa comunidade?

L1: não. a associação?

L2: tem

L1: tá tudo ok?

L2: tá não. isso aí que eu digo que tá atrasado neh? ... ai tá atrasado. até:: a gente pagava/ ficou pagando .... vários anos. quando foi nessa ... nessa mudança/ porque assim ... na nossa/ no nosso estatuto ... ela ( ) nenhum presidente podia passar quatro anos neh? aí passou os quatro anos fizemos a eleição de NOVO ... foi ele DE NOVO ... ( ) ... assumiu de novo. aí depois venceu os quatro anos aí .... comecemos ... e pensar quem é que fica? aí fica naquela confusão eu não quero ... outro também: ah eu também não quero. aí pronto vamos ( ) duas vezes por ano/ duzentos reais pra nós pagar lá anual neh? ... aí nisso aí fomo esquecendo ... fomo esquecendo de de ... de pagar os nossos débitos ... aí quando EU ... fizemos a eleição de novo aí foi eu. AÍ PRA nós ... reconhecer essa ... essa ... essa ATA ... da nossa nova diretoria passou mais de ano. essa multa já tava lá neh? passou mais de ano só pra reconhecer. quando nós fomos reconhecer tivemos dinheiro PRA:: reconhecer a ata mas não tivemos pra nós pagar ... a nossa ... a nossa cnpj lá ... na ( ) e nisso aí foi indo. e aí agora eu já corri com esses documentos pra ... pra fazer ... saber ... pra ... pra/ a gente saber quanto é que nós deve/ quanto é que a:: nossa pendência o valor ... ainda não ... foi descoberto. tem várias coisas que a gente ... é uma multazinha dum canto é uma multazinha do outro e a gente ainda não descobriu e hoje temos ... falta do recurso neh? aí a gente já até:: sentou uma vez pra ... pensar pra:: tirar uma madeira neh? (vender) pra poder ... fazer os pagamanetos dessas ... dessa ... dessa ... desse cnpj. ( )

[

L1: há quanto tempo a:: ... a associação existe? ... desde quan/ do dia que ela foi criada?

[

L2: é ... é/ isso aí. ela foi criada em:: ... em abril de dois mil e cinco. parece que foi em dois mil e cinco. NÃO, MAS ela foi registrada em dois mil e seis. nós/ nós formemos dois mil e cinco neh? aí passou aqueles tempos todo a gente se organizando daqui ela foi registrada em dois mil e sete. ... uma coisa/ a gente montar uma coisa a gente faz várias reunião neh? ... dá certo pra tal dia? dá certo ( ) dia? aí faz uma reunião às vezes falta o presidente falta o:: ... o o ... o secretário aí não tá bora ... deixar outro dia aí nisso o tempo vai passando ... mas ela foi registrada em dois mil e ( )

L1: vocês já conseguiram alguma coisa através da associação?

L2: já

L1: o que?

L2: ... já ... já conseguimos ... um açude. primeiro essa ... saber/ primeiro foi o açude neh? foi um projeto esse açude. foi/ só que foi assim ... em parceria. foi aqui e jacaréquara. porque o tempo que formou aqui formou jacaréquara aí a gente ... foi feito um projeto só para as duas comunidades ... a a aqui ... aqui foi um açude lá nem sei o que foi. esse açude a gente/ ele ( ) fazer ... fez muito bem cada cada ... um um ... um mês/ um dia fica na responsabilidade de um

neh? pra colocar os ... tratar dos peixes ... mas sempre fica aquilo sempre ... tem um sócio que ... que não/ nem li::ga pra ele tanto faz. a gente trabalhar em comunidade negócio de associação é é:: meio pesado é meio difícil carece da gente ter muita paciência. ... aí:: vai com a gente ia ... (despescar) o açude neh? a gente:: juntava todo mundo iam pra lá e:: era uma danação de menino/ sei que pegava os peixes a gente repartia ... nós ainda fomos umas três vezes ainda em santa luzia ... ( ) neh? ... aí::

L1: esse açude é aqui próximo?

L2: não! ele fica aqui ele ... ele secou ele esbandalhou. deixa eu contar o restinho dele/ aí neh? ... quando dava chuva ele/ a gente tinha que ter um cuidado lá porque ele tapava a boca do cano carece da gente tá limpando lá. quando se descuidava ele vazava por cima quando não ele queria ... estourar. aí ... quando foi num dia fomos pegar peixe quando terminemo de pegar o peixe que eles terminaram lá lá vem o tempão. foi chuva que entrou pela noite. chueu (ainda). aí o meu irmão esse (Isaldo) ainda ficou lá lutando pra tapar neh? e gente bora ficar aqui ... passar essa chuva aqui porque nós não vamos dá conta desse açude ele já tava muito cheio ... mas os outros nem:: ... quase se incomodaram. estavam mais ... ( ) neh? ... e aí ele ainda lutou lutou mas ele não deu conta que quando foi de manhã ele amanheceu estourado. ESTOURADO mesmo. grande grande que ... assim aí nós ainda fizemos vários motirão pra nós ir lá ... manual ... braçal. era homem era mulher era menino ... tentemo tapar ele mas não firmou quando veio a chuva ( ) foi manual mesmo neh? aí não firmou. estourou.. tá lá estourado. a gente já pediu várias vezes assim ... fazer outro projeto pra gente (reconseguir) mas ainda não deu certo não. aí com nós/ com essas pendências que nós tem ... e agora que nós tava... nós fizemos um projeto ... que veio um projeto daqui/ não sei se vocês tinham conhecimento daquele (fundo) ( )?

L1: ... não. ( ) fundo?

L2: fundo do (dema) neh? eu tenho um ... um::: projeto que ( ) especificamente com a ... indígena e quilombola neh? ... a gente fez mas a té hoje a gente não tem segurança se foi aprovado por causa dessa tendencia que a .... associação tá pendente.

L1: ... hum rum ... dema neh?

L2: fundo dema

L1: ... agora seguindo aqui ... o que a senhora acha da pimenteira? da comunidade da pimenteira?

L2: ... assim que eu acho assim de de ... de de melhoria? de ( )

L1: não. o quê que a senhora acha assim ... pensa da comunidade. gosta? não gosta? ... o quê que a senhora ... o que pensa daqui?

L2: não. eu gosto! gosto acho bom ... só tem um::: uma coisa que não ... que:: não gosto muito ... é:: é sobre obediência aqui neh? que nem todos/ às vezes ... os sócios mesmos desobedecem alguma coisa que a gente ... às vezes conversa na reunião ... anota tudo bonitinho aí a pessoa passa por cima da lei que a gente coloca. que nem ... assim ... porque assim aqui é é ... nós se diz coletivo neh? ... nossa terra é coletiva. a gente/ num tempo desse que é o tempo é a evocadora do açai a gente fica dizendo olha gente ... pra nós ter o máximo cuidado de:: com açai:: aquele quando subir naquele/ naquela árvore/ naquele cacho que tá verde a gente ( ) deixa lá que o outro vem e tira. mas ainda tem gente que às vezes só ... tá verde ele joga pedra joga no chão. aí nem ele nem o outro. isso aí nós tem ... toda nossa reunião a gente fala mas ainda não conseguimos. isso aí eu não gosto disso daí não. outra é é:: no veneno no garapé neh? nós já lutemos muito já pelejemos/ bora deixar de botar aqui ... botavam timbó neh? no no garapé a gente ( ) esse daí tá quase eliminado esse daí tá ... mais ou menos ... não tá muito neh? ... ainda tem gente que coloca mas vem de outra comunidade no escuro de noite aí:: bota o pessoal vão lá é só peixe morto mas não é da nossa. (tem) o garapé aí ... vem gente doutro canto que a gente não sabe nem ... quem é. ( ) agora o açai é da própria comunidade. é nós mesmos os próprios ( ) são assim. nós aqui pra nós nós tira quase só pra tomar aqui dessa/ desse ... desse coletivo. nós tira pra tomar/ ALGUMAS vezes que a

gente vende agora ... pra vender assim/ nós tem o nosso terreno particular neh? que:: fica há dois quilômetros daqui/ pra vender sempre eles tiram de lá. tempo da ... colheita de murubru que a gente vende também neh? ...é outra ... outra ... é outra/ é quase que nem o (murumuru) QUE NEM o açaí. um já vai entra na área do outro ... outro já vai disque/ teve um tempo que carregaram até o::/ já tinham deixado juntado ... o outro foi lá ... carregou (risos) e a gente fica dizendo: gente bora ... bora ver a área é grande .... eu quando/ porque qaundo foi ... pra ... se cadastrar no murumuru só eu e o Isaldo que se cadastramo neh? aí eu já tava na área ... coletiva que era só nós/ depois que todo mundo quase aqui se cadastrou eu não ajunto mais. nós ajunta do nosso terreno. eu já deixo aqui ... pra eles ... porque os outros não tem terreno particular. só é:: ... eu e o meu irmão que tem outro ... (outro) terreno particular. o resto tudo ... tudo atividade deles é dentro dessa ... dessa área. coletiva neh?

L2: hum rum

L1: e a gente sempre fica dizendo: olha bora escolher uma área que fique ... mais perto da nossa roça da nossa casa pra tu ir. deixa daquele outro pro outro. mas eles sempre eles ainda ficam entrando na ... na área. ninguém tem terreno de dizer esse aqui é o meu mas a gente deve respeitar neh? ....a área o ... que fique mais perto da casa do outro MAS ... não acontece isso ... e é uma coisa/ isso daí eu não gosto também ... porque num/ fica desrespeitando ... SÓ QUE ... num dá briga não dá assim .... confusão mas ... ´as vezes ficam dizendo: ahh eu tinha ttal coisa assim e assim quando eu fui olhar rapaz já tinham levado meu cacho de açaí/ foi olhar em tal ... açaízal assim já tinham levado. eu passei lá ... no no tal açaízal assim assim/ porque cada qual tem os seus nomes assim/ passei lá adonde não sei adonde ... rapaz lá é um estrago de açaí estrago de açaí que tava cada cacho ... grande! ... jogado lá no chão. mesma coisa é os ( ) daí neh? ... que não é bom. e é:: gente daqui mesmo. próprio. são sócio da ... não é doutro canto não da... da associação da comunidade.

L1: tens orgulho da comunidade?

L2: tenho

L1: por que?

L2: ... porque ela é reconhecida! ( ) é reconhecida... ela é muito falada nessa comunidade ... muito muito mesmo. ... muita gente já já ... já veio aqui muita gente ... e através da associação eu já fui também ... vários canto. fuui muito encontro em Belém ... já foi no ... em Acará município de Acará. já fui em Tomé açu ... através da associação. é por isso que eu tenho orgulho

L1: ok. agora a gente vai pra uma outra etapa. uma etapa ... da sua área. faz uso das plantas ... medicinais? a senhora utiliza também?

L2: com certeza

L1: quem passou esse conhecimento? ... sobre a utilização das plantas?

L2: hum rum

L1: pra senhora?

L2: ... a minha vó e a minha mãe. ... minha vó da parte da minha mãe ... da/ os meus avós da parte do meu pai não conheci nenhum. agora da parte da minha mãe conheci todos dois.

L1: quem tem problema de saúde e decide procurar ajuda ... quando a senhora tem um problema de saúde ... é::: e decide procurar ajuda a quem recorre?

L2: ... olha ... eu mesmo/ quando/ a saúde ... problema meu mesmo?

L1: [ sua [ sua

L2: eu recorro a eu mesmo ... até agora. graças à Deus ainda não ... ainda não deu deu ... recorrer a ninguém eu mesmo neh? com meus ...

L1: médico?

L2: ... até agora não. até agora eu já:: fui na mão de médico pra cirurgia ... pra ... me operar neh? não ter mais

[

L1: de que?

L2: pra não ter mais ...

L1: filho?

L2: hum rum. a minha caçula eu ... eu queria ser operada aí:: foi mas ... de lá pra cá ... FOI A ÚNICA VEZ que até agora tô com cinquenta e um anos mas num ... ÀS VEZES faço umas consultinha assim quando a doutora/ vinha uma doutora aí ( ) às vezes ela passava um remédinho mas ... eu quase nem tomava. não chegava assim a tomar

L1: ok ... como obtém as plantas que utiliza? como é que a senhora consegue? essas plantas

L2: como é que eu consigo?

L1: hum rum

L2: ... é/ às vezes é arrumando com outro colega ... trocando neh? às vezes eu não tenho daquela ... daquela planta ... às vezes eu ... consigo ( ) troco. como a dona Nazaré ... a dona Nazaré ela ela tem muita planta. ela tem muita ... ela é muita chegada neh? ... aí a gente ... se ela não tem da marca que eu tenho eu já dou daquele que eu tenho ela já me... ( ) aquele um que tem. que agora a gente tá fazendo um monte de mistura não sei se vocês tem conhecimento da ( ) mistura neh?

L1: hum rum

L2: aí:: a gente tá fazendo assim ... ela lá ela ... ela tem a semente de girasol ... e o farelo MAS ela tem o farelo do ... pó do arroz. aqui na ... na comunidade eu já levo a a ... a o pó da casca da ... da maca/ da folha da macaxeira .... da ... o gengili ... aí de lá a gente já faz todo junto já mistura ... já é uma troca neh? que a gente .... ( ) e aí é muito bom que ela a ... dia vinte e sete vinte e oito de ... setembro nós tava num encontro do ... alimentação alternativa .... aí era um doutora clara ... ela é:: japonesa do japonês ... e aí ela tava dizendo quem come alimento ... tá comendo ... alimentação e tá comendo remédio porque já tá comendo aquela alimentação que já saiu do remédio já tá ... ( ) mistura que ela ensinou neh? ... e aí ela ficou ensinando várias coisas que nós temos aqui ... que a gente deixa ... se perder aí ... joga fora e ela disse que enquanto vocês tão comendo aquilo vocês já estão se prevenindo.. vocês já tão comendo remédio. num carece vocês tá lá na farmácia ... comprando remédio pra vocês. vocês já tão comendo tão se alimentando e tão ... e é ... como é muita mistura. ela ensinou ... tucupi que ela ensinou que o tucupi é muito bom. todo tipo de verdura... ela ensinou e a gente ... a gente tá fazendo essa essa experiência com a nazaré ... e aí ... tá dando certo até agora. muita mistura nós tamo fazendo ela tá vendendo MUITO MUITO muito.

L1: ok. quais são as plantas mais utilizadas pela sua família?

L2: ... é ... o elixiparigó. arruda ... a catinga de mulata ... a babosa também ... mastruz ...

L1: hum rum

L2: corama ...

L1: hum rum

L2: ... (risos) vamos correr agora daqui em?

L1: parece

L2: essas são as plantas as

[

L1: são as que mais usam neh?

L2: hum rum. isso. não tem aquele ... amor crescido também ( )

L1: quais são as partes ... da planta ou:: das ervas que a senhora mais utiliza? são utilizadas?

L2: é:: é assim é das ... é as folhas e as casca. mas dessa ... dessa uma que eu tô dizendo toda é a folha. dessas uma que eu disse agora ( ) pequenas só dá de usar ... as coisas ( )

[

L1:

a

maioria são folhas e cascas?

L2: isso

**APÊNDICE C – Questionário utilizado na entrevista com a senhora Maria de Nazaré Reis**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – PA  
CAMPUS DE BRAGANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E SABERES NA AMAZÔNIA  
FICHA DE ENTREVISTA COM A SENHORA NAZARÉ**

**A) Entrevistado**

1. Nome:.....
2. Data de nascimento:...../...../.....      Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino
3. Endereço:
4. Idade:.....(anos)
6. Naturalidade:
7. Ocupação principal:
8. A Principal fonte de renda:
9. Escolaridade:
10. Há quanto tempo vive em Santa Luzia do Pará?
11. Tens envolvimento com algum órgão, filantropia ou associação? Qual?
12. Qual a sua origem? De onde veio?
13. Como conheceu a comunidade de Pimenteiras e há quanto tempo?
14. Qual seu envolvimento com a comunidade?
15. O que pensas da comunidade de Pimenteiras?
16. Que significado ou representação a comunidade de Pimenteiras possui para a senhora e para o CEDENPA?
17. Como está o processo de titularidade da terra de Pimenteiras?
18. Quais benefícios a comunidade ganhará com a titularidade da terra?
19. Na sua visão, o que marca a identidade da comunidade?
20. Qual sua relação com a comunidade e com os moradores da região?

**B) Termo Quilombola**

1. Como ocorreu o descobrimento sobre a descendência quilombola dos moradores de Pimenteiras?
2. O que é ser Quilombola? Qual o significado dessa palavra para você?
3. Na sua concepção como os moradores da comunidade receberam a informação de que sejam descendentes de quilombolas?
4. Nos relatos dos moradores, houve algum tipo de discriminação contra eles sobre a descendência Quilombola?
5. Com relação aos direitos dos quilombolas, os moradores reconhecem os direitos que possuem sobre ser Quilombola?
6. Existe alguma Associação na comunidade?
7. A senhora contribuiu de alguma forma para criar a associação na comunidade? Fale sobre essa Associação?
8. O que acha da comunidade da Pimenteira?
9. Tens orgulho da comunidade da Pimenteira? Por quê?
10. Como procede a prova de ser ou não quilombola? Tem relação com preservação da cultura para ser reconhecido?

11. Houve grupos que desistiram do processo de identificação devido a ausência das características culturais?
12. Em Santa Luzia do Pará quais comunidades são consideradas quilombolas e quais possuem a titulação da terra?
13. O que caracteriza um quilombola?
14. Qual o significado de reconhecer comunidades quilombolas? Suas origens?
15. Ser quilombola traz ainda característica de discriminação? Desigualdade racial?
16. Quais outros direitos, sem ser o da terra, são legítimos aos quilombolas?
17. Com relação às Universidades, quais contribuições podem ter para as comunidades tradicionais?

### **C) Plantas Medicinais**

1. A Organização Mundial de Saúde (OMS) incentiva o uso de medicamentos vindos de produtos naturais, devido a maioria da população não ter acesso aos medicamentos de farmácia. Nesse contexto, a senhora acha que as ervas são importantes?
2. As ervas e as plantas servem para quê?
3. Na sua concepção, porque tantas pessoas são atraídas pela prática de uso medicinal das plantas?
4. A senhora faz uso de chás para o tratamento de doenças?
5. Muitos médicos não apoiam o uso de medicamentos caseiros? Qual sua opinião?
6. Há comunidades que trabalham com o uso das ervas medicinais?
7. Como soube do uso das ervas pelos moradores de Pimenteiras?
8. Na sua concepção o que marca a identidade da comunidade de Pimenteiras? São as plantas medicinais? São os remanescentes de quilombolas? Há outra característica?
9. A senhora faz uso das plantas medicinais?
10. Sobre a catalogação dos termos sobre as plantas medicinais, qual sua relação ou influência nesse contexto?
11. Como ocorreu o processo de catalogação dos termos e por quê?
12. Há moradores da comunidade de Pimenteiras que participam da cooperativa e produção de medicamentos caseiros? Como é esse processo?
13. A senhora realiza alguma atividade de compra ou venda das plantas e produtos caseiros?
14. A senhora conhece algum caso de cura de doença através do uso caseiro das plantas?
15. Acredita no poder das plantas?
16. Quanto aos produtos das farmácias, o que pensa?
17. O que é a garrafada e a multimistura?
18. Qual a relação com a moradora Domingas? E os trabalhos que ela mesma produz?
19. O que é o trabalho com o bioenergético e porque acabou?
20. Qual envolvimento da associação com as plantas medicinais?
21. O trabalho com as plantas medicinais é praticado apenas pelas mulheres? Os homens não se envolvem? Por quê?

**APÊNDICE D - Transcrição grafemática da senhora Maria de Nazaré Reis, entrevista no dia 26 de setembro de 2014**

L1: seu nome?

L2: ...Maria de Nazaré Reis de ( )

L1: data de nascimento?

L2: vinte e cinco do sete de mil novecentos e cinquenta e dois

L1: endereço?

L2: rua tiradentes ... sessenta e dois

L1: idade?

L2: sessenta e dois

L1: naturalidade?

L2: belém do Pará ... Brasil

L1: a sua ocupação principal?

L2: eu so::u ... a minha prof/ eu sou formada neh? como engenhira agrônoma e a minha ocupação é acessoria aos grupos produtivos. grupo de mulheres. grupos de associações cooperativas de agricultores familiares dentro da rede bragantina.

L1: então é:: em que trabalha essas ( )?

L2: ... como?

L1: em que trabalha?

L2: é::: principalmente na área alimentar. na área de ... nutrição. na área de ( ) na área de ... organização popular. na área de ... de incentivo a produção (agroecológica).

L1: há quanto tempo mora em santa luzia?

L2: santa luzia? ... dois mil e cinco para dois mil e catorze/ nove anos neh? a parti da data que eu casei fiquei aqui ((risos))

L1: tens ... contatao com::: algum órgão ou filantropia?

L2: sim!

L1: qual?

L2: órgão é::: centro de estudo de defesa do ( ) do Pará. a::: filantropia tem obras sociais da diocese de Bragança. tem (imenso) neh? ... vários ((risos)) melhor dizendo não é imenso não ...vários.

L1: qual a sua origem? de onde ... de onde a senhora veio?

L2: eu sou de Belém. nasci e me criei em Belém ... mas desde que me formei sempre trabalhei em comunidades rurais. agricultura familiar. (me formei) em mil novecentos e sessenta e seis.

L1: como conheceu a comunidade pimenteira e há quanto tempo?

L2: eu ... (queria) nove anos neh? quando/ eu conheci a partir de quando eu vim morar pra cá ... aliás foi até antes de nove anos porque ... como temos a escola neh? a escola de alternância para os jovens agricultores ... em dois mil:: ... no ano dois mil quando a gente iniciou ... teve dois alunos da pimenteira que foram aluno da escola ... hum ... e aí já cheguei ... dentro da/ da prática da pedagogia da alternância ... nós visitamos as famílias desses alunos na comunidade. então a partir daí eu conheci a comunidade.

L1: qual é o seu envolvimento com a comunidade?

L2: como acessoria neh? nos grupos produtivos como eu falei que a::: ... a associação ela faz parte ... ela integra a rede bragantina da ( ) solidária ... e::: ela ... dentro dessa integração ...a gente ... é é ... como acessoria dentro do do/ por ela ser uma comunidade quilombola ... tem um:: ...uma referência dentro do centro de estudo e defesa do meio do Pará ... que eu represento aqui na região ... neh? ... então ... através do sedenpa a gente faz essa acessoria ... viabiliza alguns ... alguns momentos/ projeta políticas públicas que são disponiveis ... específicas para essas comunidades.

L1: o que a senhora acha da comunidade de pimenteiras?

L2: em que sentido?

L1: é::: o quê que ela o quê que a::: ... comunidade traz? assim na representação? ... o quê que ela::: representa assim pro sedenpa? o quê que ela representa pra senhora assim? ela tem algum significado?

L2: olha ... ela::: a comunidade ela ... ela é::: significativa ainda em biodiversidade ... neh? a gente tem rio ... tem ... ainda uma floresta ainda tem modo de produção... ((tosse))é é ... ainda tem o modo de produção muito assim ... pro próximo da produção ... sustentável ... neh? então é muito significativo nesses aspectos que ... vamos dizer/ se afinam com o projeto que o sedenpa defende que a escola ( ) defende neh? o projeto ... de sustentabilidade ... é::: tendo como ator e protagonista os::: agricultores e as agricultoras familiares.

L1: então a senhora tem orgulho da comunidade?

L2: sim. ela é::: realmente uma comunidade que ... vale a pena investir. o convívio também (eu dou só apoio) lá para eles ((risos))

L1: e como está::: o processo de titularização da terra?

L2: o processo tá em andamento neh? ainda nem::: a gente sabe

L1: [ não finalizou?

L2: ainda não finalizou. a gente sabe que é muito demorado neh? e::: agora no final do mês de agosto ... a gente enviou uma carta pra associação/ nós juntos JUNTOS com a associação neh? ... a a ... entregamos uma/ protocolamos uma carta no incra ... pra que eles viessem na comunidade pra dizer em que pé está o processo. porque ... o assédio/ sobretudo nessa época de roçado/ muito grande. os fazendeiros estão confinante ... colocam fogo. o fogo entra na mata ... neh? muitas vezes gente da própria comunidade que não tem ... assim ... é é tem a cabeça do opressor neh? como Paulo Freire costuma dizer/ aí querem fazer negociação com terra ... ainda bem que a comunidade tem lideranças fortes neh? ... que ... consegue ... enfrentar e freiar. mas ... realmente as titulação é uma uma ... uma questão assim muito ... latente que ... é é facilita essas ... esses desvios neh? de de ... de pessoas da comunidade querendo vender terra onde ... confinantes que ... pretendem ... de uma form ou de outra tentar enfraquecer a comunidade ... expulsar ... enfim

L1: o que a comunidade vai ganhar ... com essa ... titularização?

L2: eu acho que ganha principalmente a confiança neh? de de ...a confiança de ser donos legais da terra e de/ já se/ já se sentem donos da terra. mas hoje ... tudo ... tudo você tem que ter papel neh? ((risos)) então eu acho que isso vai ser muito positivo pra eles neh? quando ... tiver essa titulação.

L1: e::: o que marca assim::: ... a identidade ... de pimenteira assim na sua visão?

L2: na minha visão é a:::

L1: quando fala em pimenteira assim?

L2: lembra::: assim ... como eu já falei pra você neh? a biodiversidade. O USO dessa biodiversidade .... neh? embora que::: já tivesse um pouco assim ... sendo ... relegada neh? pelos in/ pelas ... pessoas do locais ... devido a essa ... essa ausência de incentivo. ausência de políticas públicas neh? agora que começam despertar pra valorizar o artesanato que essas pessoas produzem. ah::: o que existe na mata ... que eles podem ainda ... tá utilizando como ... pra sua saúde pra seu alimento ... então isso dá::: dá marca a pimenteira neh? e::: graças à deus a gente tá conseguindo resgatar com o apoio da rede bragantina do sedenpa ... da escola. através da formação e de curso e de pessoas que a gente traz aqui. eles participam. as mulheres os jovens os adultos. isso tem ajudado eles ... perceberem que eles estão no meio ainda de uma ... RIQUEZA neh? ... que ... ainda tem viabilidade ... sustentabilidade ... as gerações que ali nascem ... enfim.

L1: ... qual é a sua relação com os moradores? ... da comunidade?

L2: como assim?

L1: como é o/ a:::contato ...se tem um contato ... direto ... se é um contato ...

L2: [ olhe [ é:: ... o contato a gente procura sempre canalizar via associação ... via liderança por aqui pra não individualizar. é:: a gente cê sabe como é a as pessoas/ o ser humano tem tendência a se aproximar dialogar sentar com aqueles com que eles se afinam. aqueles que a gente não simpatiza a gente nem olha ((risos)) pelo contrário neh? ... então:: a gente procura ... fazer ... TER como (ouvir) isso é ... é problemático quando isso acontece neh? ... você conhece lá a comunidade você sabe que ali tem lideranças que ... ao longo dos anos sempre ... ficaram assim se/ tipo coman-dan-do a comunidade neh? ... e:: que inclusive não são ... não são da do da ... da .... da raiz ... das pessoas que chegaram lá não são da da ... da família tronco dos ... dos negros neh? dos afrodescendentes que eles estão ... mas que tinham o controle muito grande. era uma celebração era fazia um fazia outro neh? ... e: ... isso ... ainda é:: ... é preocupante neh? então a gente procura ter como referência a associação. a gente não manda um ... o convite ... ou chama ... fulano/ presidente ( ) da associação vem aqui não.ó isso aqui é pra associação/ AHH ASSOCIAÇÃO então tá se referindo ao conjunto das pessoas que estão ali organizadas ... neh? é claro que na comunidade alguns não estão participando da associação mas pra nós ... a referência é a associação. esses que estão fora/ olha tão fora por que querem ... por sua livre e espontânea vontade também não é obrigado a entrar ... até porque foram vocês que criaram PORÉM ... a referência pra nós é a associação. eles tem sido ... até dificultoso porque infelizmente no órgão no no ... nas/ no no ... nos órgãos públicos neh? ... seja do município seja do estado ... muitas vezes se cria essa relação ... pessoal. pega aquela liderança neh? ahh::: então a gente fica sempre batendo olha é associação. é associação ... mas é/ não é fácil. ((risos))

L1: como descobriu que:: os moradores de pimenteira eles tem descendência quilombolas?

L2: bem a gente ... em princípio eles contaram a história deles neh? ... que eles tem uma/ eles são uma parentela da narcisa ... neh? ... que se desmenbrou e ... andando nas terras vieram parar aqui ... tanto que eles são muito vizinho/ são parente mesmos neh? ... e:: depois quando eles começaram ... quando ... foi instituída ... instituída não/ quando foi ... colocada em prática neh? o artigo cento e sessenta e oito da constituição ... neh? pelo presidente Lula ... aí:: se começou a .... ver a saber:: sim nós tem uma história essa história tá sendo esquecida tá sendo ... relegada neh? e o próprio incra neh? por ... vamos dizer assim por uma exigência de titulação ... a própria fundação palmares eles fizeram neh? o levantamento antropológico na comunidade entendeu? então eles constataram que realmente eles tem uma ... um passado ... neh? que foi dessa ... desse refúgio dos negros neh? pras beiras dos rios ... pras matas. pra:: criar suas moradias e manter suas ... suas tradições.

L1: o que é ser quilombola? ... e qual o significado dessa palavra pra senhora?

L2: pra mim neh ... pra mim o que é ser quilombola pra mim ó/ pra mim acho que ser quilombola ... é:: principalmente ... conhecer a sua história ... assumir a sua história/ trazer a sua história para o presente neh? ... e::: colo/ evidenciar essa história. seja ... através da ... das suas práticas do seu jeito de ser neh?

L1: ...é na sua concepção como os moradores ... da comunidade receberam a informação de ser quilombola?

L2: com estranheza neh? porque ... ser quilombola como eu falei pra você é assumir sua ... sua identidade sua história neh? então essa história não é contada na escola ... os livros não trazem isso neh? as ... as figuras que tem no livro é sempre a figura da menina loirinha .... neh? não é a figura da ... pra ensinar: o alfabeto É A UVA NÃO É O CARÁ que eles conhecem de LONGOS anos neh? e por aí vai. então eles receberam assim::: neh? alguns já se apresentam dizendo eusou fulano de tal ... moro na comunidade quilombola tal mas é/ alguns ... neh? diz eu sou fulano de tal moro na pimenteira. neh? significa que ... ainda tem um coisa que eles não/ não que eles façam de propósito mas que eles ainda num ... neh? conseguem neh? ... assumir/ colocar isso/ AFIRMAR isso significa pra nós uma afirmação ... que nem todos

fazem mas a gente entende porque ... eles ... passaram e sofreram toda essa ... essa história/ NÃO SÓ eles como negro no Brasil sempre teve vergonha de ser negro. por uma sociedade brasileira que ... neh? entre aspas se diz que não é racista mas que tem um racismo. hoje a gente tá vendo neh? sendo provocado sendo questionado na sociedade a gente vê claramente neh? posições racistas ... na nossa sociedade.

L1: com relação aos moradores ... eles relataram algum tipo de ... discriminação com relação a descendência deles?

L2: sim! lá ... e aqui nas escolas. inclusive o caso aqui das escola ... eles me ... é ... me trouxeram conhecimento do caso ... aí nós fizemos uma carta pra diretora da escola daqui ... pelo sedempa assinamos. (porque) o sedempa ... estadual: ... e mandamos pra diretora pra que ela tomasse providência ... porque senão a gente ia ter que tomar providências legais e as providências legais todo mundo sabe neh? que racismo é crime ... neh? eu acredito que depois/ pelo menos as meninas de lá: em geral isso só ... só é denunciado por pessoas que já tem uma ... uma certa consciência. não sei/ claro que talvez ainda tenha caso de racismo na escola mas que todo mundo fica calado neh? assume aquela ... aquele aquela ... aquele GESTO como normal como uma questão de infe/como ser inferior ... aí num ... é assim.

L1: e::: com relação aos direitos ... os moradores reconhecem? eles ... conhecem os seus direitos? como quilombolas?

L2: ... sim aos poucos a/ a medida que:: as questões vão ... vão surgindo por exemplo tem uma questão da terra olha ... quilombola tem direito a terra legalizada eles conhecem neh? ... a medida que as políticas públicas aproximam do dia a dia do concreto deles ... eles vão tomando esse ... esse conhecimento. não é dizer que eles cohecem tudo ... não! ... neh? porque tem coisas que ... agora por exemplo vestibular das cotas neh? ... que é recente ... quer desligar? ((risos))

... ((corte de gravação))

L1: então voltando a pergunta ... o que acha é::: com relação aos moradores como é que eles reconhecem? se eles reconhecem a:: a questão dos direitos possuem sobre ser quilombola?

L2: pois é como nós estávamos ... é colocando neh? é/ eles reconhecem a medida que eles vão ... sentindo na prática ... vendo na prática neh? seja a questão da terra às vezes eles escutam na televisão .... mas como/ se eles não vão atrás ou se eles não se colocam como ... detentores daquele direito isso parece que é o processo mais demorado neh? ... o exemplo é agora o vestibular das cotas ... neh? ... que:: da pimenteira teve só um ano que fez uma menina daqui que ela morava aqui em santa luzia neh? ela é filha de dona Domingas ... e agora esse ano ... tem:: uma que tá fazendo neh? ... aliás que tá querendo fazer mas ontem até ... dei uma bronca um pouco nela porque eles/ às vezes eles querem .... priorizar festa em vez do estudo ... e::: a a:: ... no caso da educação neh? que assim mais .... é assim:: muito ... fazer cumprir ... exige um grau de mobilização e até de articulação. no início do ano por exemplo ... a professora da comunidade lá do do broca que tem/ a turma parece que dá ... não sei/ tem algumas turmas que vão/ o ônibus leva ela para o broca ... neh? esse pessoal tava quarenta e poucos dias porque não teve transporte ... aí:: a professora me ligou e disse: olha o pessoal da pimenteira tá sem aula ... eles tem direito a educação ao transporte e eles não tão (vindo) pra aula. eu digo: ah é ... liguei. mas o que é que tá acontecendo que vocês não procuraram ... não a gente vai vai ... vai atrás mas ... eles ficaram de mandar o transporte/ se não não chegar essa semana a gente vai sabe ... muitas vezes é uma acomodação. pprincipalmente no caso do:: ... da educação ... neh? que a gente vê não é só lá na cidade/ educação em santa luzia tem um ... tem um retrocesso assim ... horrível neh? ... e::: por ai vai. se eles/ eles sabem que tem o direito neh? ... alimentação escolar eles sabem que tem o direito ... de vender até com:: ... com o valor superior ao .. neh? para os quilombolas dentro do programa nacional da da alimentação escolar. por lei eles tem direito ... a um valor mais alto na me/ na alimentação escolar neh? ... mas ... eles não vão atrás ... quando o gestor fa/ tem sensibilidade dá. quando

não tem ... diz que tem que ser igual pra todo mundo ... como é que tá acontecendo agora. então é assim muito ... muito difícil porque ... isso exige uma grande mobilização organização neh? ... que é um processo educativo contínuo. o pessoal vem de uma história de ... de sempre ficar relegado e acha que vai ficar a vida inteira relegado. mesmo que tenha políticas públicas que tenham ( ) direito seus ... neh? e que realmente não é fácil só pra eles. só pra:: ilustrar neh? ( ) ... sei que você vai transcrever a gente tá ... numa luta que a gente ficou desde do da ... da saída do prefeito louro a gente ficou com:: ... sem receber dos produtos que a gente entregava para alimentação escolar neh? ... que até hoje tá na justiça ainda. mas isso a gente tem que ir atrás de advogado de um e de outro numa comunidade não é fácil. se não for acessoria dificilmente eles vão atrás disso ... então daí uma ... uma questão assim que não é ... NÃO É SÓ que depende ... dependa só deles ... neh? mas que depende de todos ... um ... uma relação social que eles possam construir ... e que essa relação social possa ... neh? ... ajudá-lo nessa:: nessa luta. por isso que eu perguntei pra você: olha a gente vai precisar da tua ajuda. tem que somar força com a gente nessa história porque se não ... difícil.

L1: é:: a senhora contribuiu .... de alguma forma para criar a associação na comunidade

L2: sim!

L1: fale um pouco sobre essa associação.

L2: então ... a associação ... eles tinham algum (embrião) de associação que não era assim vamos dizer legalizada ... então pra eles darem prosseguimento a ... que não era também:: criada como associação quilombola. era associação que:: foram assim ... acho que incentivadas antes de chegar aqui ela já tava por lá com:: a questão de (FNO) essa coisa toda ... neh? DEPOIS ... pra ele se legalizarem como quilombola ... o:: tinha um programa em Belém o programa raízes neh? que eles elaboraram mais ou menos com o apoio de advogados no estatuto padrão ... que pudesse orientar ... quais os termos que deveriam ter no estatuto neh?... que que ... é é ... passariam por um processo legal pra depois ser levado para cartório pra um e pra outro ... então a nossa contribuição foi muito nesse sentido ... de mostrar olha ... a resolução um meia oito ... da ... da constituição/ resolução não ... o artigo um meia oito da constituição brasileira ele fala isso e isso ... alguns desses pontos tem que tá constando aqui ... não ... citando a a ... a/ o decreto ... o artigo lá da constituição ... mas coisas que tão/ citam lá que são ... direitos. (principalmente) na questão da da ... dos recursos naturais ... da da da venda da terra enfim. então a ajuda foi mais nesse sentido de ajudar eles entenderem a questão legal neh? ... juridicamente legal ... pra poder encaminhar registro ... pra ... porque depois esses documentos ... no caso vão pra incra vão pra interpa quando é o caso de terra do estado ... vai para fundação palmares pra poder obter a certificação. então a contribuição foi muito ... nesse campo mais legal da da ... legalização.

L1: hum rum. e:: mais assim ... como é a:: questão de ... de provar ... que é quilombola? ...

isso é difícil? é:: uma situação que ... AH eles tem uma característica quilombola ou ... eles são quilombolas? mas aí pra/ o processo de ( ) é muito é muito difícil pelo que eu percebo

L2: a titulação da terra?

L1: sim

L2: é porque depende do estado neh? no sentido mais amplo. lá no caso é órgão federal ... a área neh?

L1: hum rum

L2: as outras comunidades que tem aqui ... foram área do estado... então cê sabe que ... o estado tem uma esfera burocrática muito pesada neh? e aí vai ... tem que vir antropólogos pra fazer a ... o levantamento histórico da família pra vê quais foram as histórias enfim pra ter esse ... reconhecimento. não é só ... assumir

L1: aí:: no caso ... pra:: pra provar essa questão de quilombola neh? ... com relação a preservação da cultura

L2: hum rum

L1: isso ajuda no sentido do reconhecimento?

L2: ajuda porque quando:: eu nunca fiz um levantamento antropológico até porque não sou antropóloga mas ( ) eu fiquei sabendo de outras comunidades .... e também:: ouvindo assim uma uma ... pessoa que teve aqui da fundação palmares ... e::les fazem todo esse:: traço todo esse perfil ... da CULtura ... dos santos que valorizam das ladainhas que ainda fazem ... entendeu? então tudo isso:: ... tá presente na:: na identificação neh? ... na identificação e e:: reconhecimento ... da ... da comunidade como sendo afrodescendente.

L1: hum::: devido a isso a senhora tem conhecimento de algum:: grupo que tenha desistido do processo de identificação? ... por perceberem ... que não tem mais assim essas características?

L2: hum::: nã::o ... bem aqui ... não tenho esse conhecimento ... tem alguns que ainda tão:: um (bocado) deles ainda tão na luta pela terra neh? mas eles já tem essa identidade assumida neh? eu não tenho não ... algum que tenha desistido.

L1: é::: com relação a uma ... fora

L2: ((risos))

L1: mas assim com relação quilombola quais quais comunidades aqui ...em santa luzia são comunidades consideradas quilombolas?

L2: pimenteira. jacaréquara. tipitinga e três voltas que já estão vamos dizer assm com o processo ... praticamente concluído. tipitinga jacaréquara já com a titulação neh?

L1: já estão com a titulação?

[  
L2: já estão intitulados. três voltas ainda pendende. é::: pimenteira também ... tá ainda pendente. das que eu sei são essas.

L1: o que caracteriza um quilombola hoje?

L2: ... hum hum ((risos)) é:: ... é uma ... é uma mistura neh? porque ... é:: as pessoas vão incorporando hábitos da sociedade (mais geral)... porque ele não tá isolado neh? ele tá no meio. o meio externo influencia comportamento hábitos neh? então ... a ... a cultura ... é acho que é uma coisa que::: ... ajuda mais a identificar. os hábitos alimentares ... e a cultura. o uso dos recursos como a gente tava falando. então foi ... por ai que a gente tá trabalhando esse projeto de fortalecimento ... com as mulheres. de valorização da cultura. eles chegavam ... aqui/ o cará por exemplo é um alimento que todo mundo tem não é só em comunidade quilombolaque tem neh? ... mas as pessoas tinham vergonha de chegar aqui pra oferecer um quilo de cará ... que é um alimento neh?

L1: hum rum

L2: as pessoas tinham vergonha de:: usar ... um chá uma erva (ia) para o posto de saúde ... neh? então a gente ... tá procurando ... valorizar essa cultura justamente naquilo que ... dói na barriga ou dói no corpo ... neh? pra que eles possam

L1: por que reconhecer quilombos? ... qual é o significado de ... reconhecer essas comunidades?

L2: eu penso que é um signi/ é um significado importante:: ... para o Brasil ... neh? ... que a população brasileira é ... foi formada por esse ... por esse povo que foi trazido pra cá ... que teve toda essa miscigenação ... que ainda tem as suas raízes muito assim:: latente ... na religiosidade popular ... neh? embora tenha sido muito ... quebrada neh? com o catolicismo romano mas ... que eu acho que é importante ... pra população brasileira neh? reconhecer a sua origem a sua história a sua cultura. mesmo os que tão na cidade são ... tem uma boa parte que são negros ... negros neh? ... então não pode esquecer essa história. o povo que esquece sua história ... ((ruído)) é um povo fadado a ficar:: mercê de qualquer vento ... neh? e hoje a:: devido esse processo de ... de colonização pesada que teve não só aqui no Brasil ...mas acho que no mundo inteiro ... as pessoas começam a ... até um parênteses fecha ai teu ... teu gravador que não é:: coisa assim da da pesquisa ...

L1: hum rum

L2: que esses ... islã neh? esses grupos mulçumanos que tão ... ( ) eu fiquei assim horrorizada

que eles postam assim na internet neh? eu ( ) a facebook mas a gente abrir esse messenger e ... aí outro dia tava passando aqui na tele/ na tv Brasil que a gente assistiu muito aqui neh? e tava falando que::: esse povo eles:::/ pra eles cultu/ política ... é::: religião economia uma coisa só. eles não fazem distinção como é no Ocidente. cultura ocidental não é::: não tem a ideia ... desagregada neh? ... então isso não foi a toa essa desagregação ... não foi a toa. essa fragmentação cultural ... e hoje esses ... grupos que são ... minorias ... tão procurando reconstituir isso neh? e muitas vezes ... usando da violência usando da força a gente fica chocado mas quan-tos anos ele vem sofrendo de ... neh? de colonização eu-ropeia colonização dos Estados Unidos massacre e tudo mais. aí esses grupos hoje estão ... atrás dessa identidade muitas vezes ... a pessoa vê violência pela violência não vai atrás da HISTÓRIA que ... que gerou aquela violência neh?

L1: a origem

L2: a origem enfim. então acho que ... tem um pouco ... tem um paralelo que dá pra pintar neh? L1: aí nesse nesse ... nesse aspecto a gente chama neh? um pouco a questão da desigualdade racial?

L2: é

L1: e::: então é um ponto também que ... traz ... essa perspectiva do ... do fato de ser quilombola também ter ... a margem neh? essa essa

L2: hum rum

L1: essa característica neh?

L2: isso

L1: nesse aspecto como é que a senhora vê ... essa questão da desigualdade ... mesmo racial?

L2: é::: algo assim que ... ainda vai se passar por um processo histórico que tem um fundamento principalmente na ... na educação neh? ...se::: nós tivermos educação ... que possa ... é é começar a desmistificar essa desigualdade ... neh? esse racismo. seja pelo cor seja pela opção religiosa seja pela opção ... sexual. isso ajuda. mas a escola ainda ... se se ... esse debate (não é presente) neh? ... aí o::: o debate que você vê o ... não é debate neh? a televisão talvez mostrando (aquele) racismo ... neh? é homossexual ... que foi espancado que foi ... mor-to ... então ... um negro que foi preso ... neh? ... enfim ... então até que ... isso ... realmente ... mude essa configuração eu acredito que só um processo educativo ... amplo. infelizmente o processo educativo mesmo com toda a discussão que tá hoje colocada ... mas ainda é o processo educativo do do ... do letramento neh? o processo em discussão pra formação de cidadania. então ... se não tem esse processo educativo ... nessa perspectiva ... do ser cidadão aí ... ainda temos que ... passar por muitas gerações ... pra poder chegar uma neh? uma sociedade sem racismo. ( ) sem desigualdade.

L1: que tipo de ... outro benefício é legítimo sem ser o da terra

L2: hum rum

L1: pa-ra os quilombolas?

L2: além do da ... da terra temos a questão da educação ... a prioridade ...em determinadas ... questões de saúde pública neh? tem um ... um caso que é muito ...muito/ quase que específico embora aconteça no ( ) da::: anemia ( ) neh? ... que::: eles tem que ter tratamento diferenciado. acesso diferenciado a saúde. mas talvez muitos por não conhecer não sabem ... muitas vezes nem sabe que tem o problema ... neh? que é a anemia ( ). então acho que esses direitos tem que ... o direito também do do ... dos terreiros neh? os terreiros sempre foram demonizados ... e que é uma ... uma expressão da religiosidade ... neh? mas ... são direitos que::: não vão ser fácil de serem conquistados porque se vc tem uma comunidade que ... tá reconhecida como quilombola aqui ... essas pessoas tem relação de vizinhança que outras comunidades que não são quilombolas ... neh? então se elas estão fazendo lá um terreiro ... os ... os que não são quilombola podem até ir lá frequentar pedir um chá pedir uma ... uma reza na cabeça MAS nós sempre ... colocar neh? como/ não aquilo ali eles fazem ... cruz ( ) neh?

L1: hum rum ( )

L2: penso que é isso neh? seus direitos

L1: e com relação ao papel da universidade ... como se ... se:: a senhora vê essa contribuição da universidade sobre as comunidades tradicionais?

L2: ... ahh ... o papel da universidade é ... muito importante. mas como a gente tava dizendo ... a pouco. tem:: a diversidade também dentro da universidade neh? a universidade em constituição de ensino. só pra te dá um exemplo acho que ainda tenho ai ... um caso assim:: horrível de racismo que teve na universidade federal do Pará ... com uma/ só não lembro se ( ) é professor de lá/ a Cristina Chaves não sei se tu conhece?! ... aí ela ... ficou assim ... tão chocada mandou carta a gente ... enfim. ( ) nessa hora ( ) mobilização vai passando carta um pra o outro neh? ... eu não sei te relatar assim mais ... mas foi com o professor até neh? ... teve/ tinha uma discussão com os alunos E ... o professor claramente (externalizou) ... posição de racismo. então a universidade ... ela tá formando ... neh? e:: tá! tá formando profissionais ... mas dentro desses profissionais se esse debate também não é levado as pessoas entram lá ... vindo da escola ... da educação básica neh? ... sem essa formação neh? então ... se ela chega na universidade e a universidade não procura pelo menos ... é:: vê ou colocar na ... nessa questão neh?... aí:: é complicado neh? vai continuar o cidadão ou cidadã ... com essas práticas. **MUITO IMPORTANTE** então o papel da universidade nesse processo. **AS COTAS** por exemplo parece que o ... os últimos estado deles do sistema de cotas foi aqui o Pará. neh? ... e olha que nem ( ) passado mi/ teve uma menina da narcisa que fez a prova ... neh? ela foi selecionada que ela é até professora na (comunidade) é uma moça muito aplicada ... e:: ... eles vem aqui neh? a gente foi/ fez a inscrição da Francisca e tal ... a Francisca foi selecionada. ela voltou comigo para fazer o negócio da declaração neh? que eu digito ...claro que não sou eu que assino. quem assina é a ( ). ai fizemos a declaração, mandamos. no dia que essa menina foi se inscrever chegou lá ... E **DEIXA** estar que a menina lá do sedempa da ( ) tinha me avisado: ahh Francisca passou! ahh que bom! porque às vezes a gente fica sem ... comunicação aqui de internet neh? aí me disseram a nota que ela tinha tirado ... ela passou. foi classificada. Francisca tu passastes. no dia que essa moça foi pra Bragança fazer a matrícula dela/ olha chegou lá ... nã::o num passou. Francisca tu passastes nã-o arreda o pé daí pelo amor de deus. grande favor que tu vai me fazer ... tu vai enfrentar esse povo deixa ... aí tá. por azar nesse dia ... mal a gente conseguia mandar mensagem por esses telefones aqui de santa luzia. liguei para a professora Georgina/ você conhece neh? ... a professora Georgina: olha ( ) eu tô em Belém aqui me consultando ... mas diga pra ( ) número ligar ... liga pra não sei quem. uma hora da tarde eu acho que ele viu que ela ficou lá e não arredou o pé ... encontraram lá não sei quem. depois que fui saber que não era só o caso dela. a professora ( ) tava com uma lista de gente que ela tava tentando resolver por conta de ... eles inventavam um inventavam outra pra não matricular sabe? ... eu disse: olha ( ) a luta do negro é essa ... pensa que já acabou a discriminação ... a desigualdade tu tá vendo na prática. não abre mão! fica aí! nós vamos pertubar ... enfim eles vão/ a tua vaga tá garantida. tu passastes menina. tu fostes classificada! ... entendeu? sei que graças a deus ela tá lá na UFPA em bragança neh? ... tem dois do tipitinga também que tão lá ...tem dois do jacarequara. esse ano tem uma turma maior ... por ... por coincidência ((risos)) agora ... o sedempa e a (malu) conseguiram ... na casa da linguagem ... que é da fundação curro velho ... professores eles vão fazer três pólos de PRE-paração e redação por isso que/ desculpa/ por isso que eu te perguntei ... mas tu já chegasse ((risos)) que é a moça que eu tô esperando ela chega agora meio dia que ela me ligou ontem disse: olha eu vou no ônibus das nove eu digo: tá tudo bem! ela vai ficar ... sábado e domingo na escola só::: treinando essa turminha em redação. pra eles fazerem o seletivo. mas eu tô dizendo pra eles ó vocês tem que lê:: o ano inteiro vão lendo vão treinan::do. os alunos da escola ... que ainda tão fazendo ... o primeiro do EJA neh? eles não são obrigados a fazer mas a gente tá até incentivando pra eles verem como é a prova ... neh? a fazerem a prova e tudo. há uma dificuldade mas tem ... tem que/ então é isso neh?:: desculpa que eu falo muito acabo até me perdendo (não sei se tô respondendo o que tu tem:)

- [
- L1: não tá sim.
- L2: hum ( )
- L1: hum rum
- L2: mas a desigualdade neh? nesse campo aí é:: bem presente. quando eles vão ... tentar (essa) universidade ... hum:: se preparem. eu digo: olhem se preparem pra brigar ((risos)) se vocês não brigarem não vão esperar só que... o sedempa mande carta que a professora Zélia ( ) VOCÊS TEM:: também que brigar junto gente. senão não tem combate
- L1: verdade. agora a gente vai pra um outra:: característica da entrevista que é com relação as ervas e plantas
- L2: hum rum
- L1: ( ) então a gente sabe que a organização mundial da saúde ela:: ela ... incentiva o uso desses produtos neh? desses produtos naturais. porque a maioria da população ela não tem acesso a:: medicina de farmácia
- L2: hum rum
- L1: ai nesse contexto a senhora acha que as ervas elas são importantes?
- L2: e::u digo ... as ervas e o saber neh? num tem como dissociar ... o saber ... sobre o uso das ervas. então acho que eles são ... são realmente importantes... e são::/ é muito importante que a gente faça valer esse esforço isso que a gente tá fazendo VEM fazendo ... pra que as pessoas ... voltem a valorizar porque ... tá sendo mui-to ... ( ) mais comum. a pirataria tá dentro ... neh? e a apropriação desses saber também tão muito forte. a gente tem um exemplo aqui no:: município na região da natura neh? que ... compra desse pessoal (murumuru) ... neh? que a gente sabe que ... compra. nós fizemos em:: dois mil e dez há quatro anos atrás um projeto que se alchama/ chamava ... alfabetização e negritude ... pra alfabetizar ... adultos que ainda num:: não sabiam ler nem escrever ainda neh? e aí foi um projeto pequeno que o sedempa conseguiu recur-so ... aí veio uma amiga nossa ... treinamos as monitoras/ inclusive essa menina que passou foi umas das treinandas neh? ... e:: ... enfim fizemos com muito es-for-ço neh? os recursos era pequeno ... sabe? a menina veio essa professora que também é uma professora muito comprometida ... trabalha em Belém. e a gente vinha e ela vinha e tá ... passado ... recom/ ... graças á deus conseguimos. tem depoimentos assim interessantes de pessoas que se alfabetizaram neh? que hoje ... CONTInuaram estudar neh? tão num ... MAS .... eu digo sempre: olha ... vocês tem que abrir o olho a natura nunca deu um lápis. UM LÁPIS pra essas comunidades ... pra ajudar nesse processo. vai lá ... tirar os recursos que tem e pronto. neh? no nosso caso aqui é murumuru mas a gente tem casos por ai que eles estão mandando o pessoal plantar priprioica ... (esturaque) sabe? ... agora já tão aqui procurando outras coisas. eu digo: olha ... só vou entrar ... só vamos entrar se for pra sentar na mesa e discutir de igual pra igual. se não for ... eu aconselho vocês não irem. mas se vocês quiserem ir não posso proibir neh? se vocês acharem que é só o olhar do dinheiro vão mas se vocês acharem que também ... passa por um reconhecer aquilo que vocês fazem aquilo que vocês tem que vocês/ vocês guardaram de gerações ... aí a história muda. neh? a história muda a gente senta com eles mas de igual pra igual esse negócio de vir aqui raspar e tudo e ... não darem nada de retorno ... então não é por aí. ENTÃO É IMPORTANTE ... é é ... é necessário que ... outros profissionais se engajem no sentido de mostrar a importancia dessas ervas ... agora dia vinte e cinco de julho vinte quatro e vinte cinco de julho nós fizemos uma oficina sobre oo uso de fitoterápicos ... neh? aquelas/ até pra fortalecer o trabalho ... desse grupo de mulheres neh? ... e:: enfim ... a (bolsa cortou) assim vários casos sobre isso.
- L1: as er-vas e as plan-tas ... elas servem pra que?
- L2: ah! só você perguntando pra elas ((risos)) elas vão te dizer assim um LE-QUE neh? ((risos))
- L1: um leque ( )
- L2: é. um leque!

L1: por que tanta gente ela é:: é atraída neh? pra essa prática?... de uso da ... das plantas das ervas?

L2: às vezes por estar mais próximo. às vezes por uma:: ... um passar de informação neh? entre ... famílias entre ... parentes vizinhos neh? ... que ... que começam a usar a partir dessas informações. acho que a importância ... é por aí.

L1: é::: ... o que a senhora acha do uso de chás no tratamento das doenças?

L2: é bom neh? ... às vezes as pessoas usam pela indicação do saber popular. agora com a questão do:: que tá sendo ...colocada ... da do ... do ministério da saúde da anvisa neh? ... já se precisa ter:: determinados cuidados ... MAS a gente vê que é um comércio que só cresce neh? olha por exemplo elas fazem aqui a garrafada ... tem um/ ... parece que dois produtos que elas colocam que não tem aqui e a gente tem que comprar... naquelas casas de ervas em Belém neh? então eu quando vou pra Belém eu dô esse apoio. eu fiquei horrorizada de vê ... o quanto ... aumentou o número de caso e vendendo essas ervas ali em Belém. e::: ... uma vez eu tava lá esperando que tinha muita gente pra ser atendido ... aí a mulher perguntou: mas ( ) a vendedora que vai receitando ... ahh minha nossa senhora ((risos)) ... então ... só tá crescendo esse esse ... uso dessas plantas neh? dessas ervas enfim ( )

L1: [ talvez por isso existem médicos hoje que:: não apoiam não:: dizem que não fa/ não é bom ...

L2: é.

L1: ... no caso desse uso não ser (nada)

L2: [ hum rum.discriminado. algumas vezes ... a a formação deles é totalmente elitista neh? que dis/ não reconhece ... que ... o saber não é só o saber acadêmico dele neh? mas tem que saber ... o das pessoas neh? e tudo isso que dicer/ de certo modo vai ... encontra ... de encontro neh? a ... a uma prática de dominação ... de mais de quinhentos anos ... cau-sa::: is/ não só estranheza mas também causa::: essa divulgação contrária ... neh? vocês/ não sei se vocês assistiram eu não assistir ... até porque essa rede globo eu não assisto embora algumas vezes passe alguma coisa que preste ((risos)) a gente não pode generalizar neh? ... mas que aquele:: ... Bruno Varela neh? EU fiquei sabendo porque eu faço ... bioenergético em Belém ... neh? ... eu durmo em Belém ( ) já faço há mais de... quinze anos de bioenergético. eu faço meus exames ... clínicos neh? com o médico (omeopata) que ele ... ele vou lá com plano de saúde e faço exames de sangue fezes e urina porque eles não podem me ... guardar isso eu tenho que ser o/ se não tivesse teria que fazer particular. e aí nesse dia que eu fui no bioenergético elas tavam comentando que ele acabou com a babosa. mas colo/ fez .... uma propaganda assim horrível neh? eu digo meu deus do céu um veículo de comunicação que é a rede globo ... tu imagina a repercussão que isso teve?! quer dizer que se você não tem pessoas pra ir contra isso ... neh? aí pronto a rede globo que diz é verdade o que ela tá passando. sabe? então tá por trás dele a multinacional que patrocina a rede globo. tá por trás ENes neh?... é::: uma rede poderosa de de de:: controle ... neh? controle econômico controle político que: patrocina tudo isso neh? então ... não é fácil.

L1: existe outras comunidades que trabalham .... com o uso de ervas?

L2: assim de forma sistemática aqui na re-gi-ão não conheço mas no dia a dia com certeza. que trabalhe e usam ervas. PARTiciparam desse curso que eu falei pra você dessa oficina as outras comunidades que são daí de bragantina ... de ViSEU ... de augusto côrrea não. de viseu e de cachoeira do piriá. elas estiveram aqui neh? aí a gente começou olha bora ... começar botar em prática assim de forma mais estruturada e tudo elas disseram que vão começar a fazer aqui na comunidade mesmo neh?

L1: hum rum

L2: vê se vão ...

L1: como a senhora soube do uso das ervas pelos moradores da pimenteira?

L2: a gen-te:: conversando neh? às vezes tão lá e:: ahh isso aqui é um chá/ às vezes mesmo chegaram agora ahh isso aqui é uma planta/ É isso aqui é uma planta. e aí ela ... na conversa muitas vezes espontânea elas vão falando. aí quando a gente começou esse trabalho na pimenteira ... nós dissemos: bora fazer: ... do ... do bioergético neh? ... bora fazer um inventário ... um (herbário) do que tem aqui? umbora. aí uma amiga minha .... de Belém era bióloga/ ela tava formada ela não tava trabalhando. era uma pessoa muito disponível neh? aí eu falei com ela ela disse: ahh ( ) ela veio ficou uns três dias na pimenteira ... só ao redor ela não andou a comunidade toda. ela fez um registro de oitenta plantas. plantas medicinais. a gente até tem esse ... esse herbário neh? digitado tudo direitinho. no herbário ... a identificação das plantas ela anota/ aí elas ão ... olha isso aqui é isso. serve pra isso sabe? (bons) tempos. é sim ... a gente ficou.

L1: na sua concepção ... a ... o que marca a identidade da ... comunidade pimenteira?... são as ervas? são os quilombolas? ... por que? há outra característica?

L2: eu digo que são a ... a biodiversidade que tem lá presente neh? ... e dentro dessa biodiversidade estão as ervas ... neh? estão as ervas. está o açaí enfim porque eles vivem dessa biodiversidade/ acho que isso que marca. ainda é uma comunidade ... que ... tem uma ... uma sustentação ainda muito... assim vinculada ... a biodiversidade que tem lá. e lá você tem o solo tem o rio ... tem as ervas neh? ... tem:: a floresta onde eles ... enfim ... é esse ainda é. é claro que/ hoje todos os comunidades ... tem gente que ... é funcionário público (talvez) lá não tenha ninguém da comunidade. porque a dona neném é agente de saúde mas ela não é da comunidade. tem:: tem bolsa família. tem aposentados mas ainda é uma comuni/ que marca é ... a biodiversidade que ainda é muito forte lá dentro ... tá?

L1: a senhora faz uso das plantas medicinais?

L2: faço. lhe mostrar minha receita ( ) de energético ((riso)) as minhas garrafadas que eu tomo também ...

L1: é:: qual é a sua relação o::u:: (fluência) nessa catalogação ... dos termos ... quando eu falo termos eu falo das ervas das plantas

[  
L2: das ervas

L1: dos nomes ... delas neh? sobre as plantas (medicinais) pelos moradores

L2: assim ... é::

L1: como ocorreu esse processo?

L2: ess/ especifi/ ... a gente iniciou como eu falei para você neh? no início do trabalho em dois mil e:: ... oito/ foi o primeiro mandato do governo Lula que teve o projeto a gente começou a ... neh? teve o apoio pra fazer isso nós começamos a fazer. aí o nosso ... o nosso incentivo o nosso trabalho PRIMEIRO ... tentar ... dá uma ... uma visibilidade ... mas uma visibilidade assim com certo ... com certo grau de informação. aí por exemplo/ deixa eu pegar aqui pra te mostrar ... a dona Domingas faz lá:: a tintura de de de... deixa eu pegar aqui ... ( ) lá de Belém (quando a gente sai do serviço compra lá mesmo) ... ( ) então ... apre/ uma apresentação do produto mesmo que ele seja mas ele tá ... numa embalagem adequada ele tá identificado neh? a garrafada neh? aí a gente coloca produto ... fitoterápico artesanal ... o que tem aqui dentro a composição ... a data que foi fabricada e aqui o nome neh? centro popular mil saúde ... das mulheres da associação ... remanescente quilombo da pimenteira. coloca os contatos ... sabe? ... que as pessoas ligam ou pra ... dar sugestão ou pra pedir como já aconteceu ( ) uma queria ... uma garrafada personalizada ... outra ((risos)) tem todas essas ... esses detalhes neh? então ... a contribuição é nesse sentido pra que esse produto chegue ao consumidor num grau de confiabilidade pelas informações que tem:: dizendo quem faz entendeu? o endereço pra contato ... então é muito assim. ali na associação tem mais ... das ervas todinha.

L1: existem moradores na pimenteira que participam ... da cooperativa com a produção dos medicamentos? com as ervas? ...como é esse processo?

L2: tem a aí só:: um detalhe neh? a associação neh? ( ) na cooperativa neh?

L1: hum

L2: é: ... eles contribuem neh? com a:: ... às vezes identificando por exemplo tem uma planta lá que no início desse trabalho ... a gente identificou que é o bacuri ... e:: eles disse que é bom pra:: glaucoma. e também o médico neh? amigo nosso disse: realmente essa planta ela tem esse poder neh? ... e aí ela ( ) faz um colírio antigamente assim assim assim ... só que tá acabando MEU DEUS do céu aí depois ela ( ) esse morador. ELE/ esse homem ele veio pra cá ... ela tá aqui na cidade agora ( ) esse homem lá neh? que a gente ( ) no carro levou até lá de carro ( ) ele tentar ( ) porque ela disse que ela não sabe ( ) ele sabe neh? ... aí ela disse nós temos que ir lá com esse homem. aí quem/ além de identificar esse capim sabe lá saber se esse homem não tem que a gente não pode deixar ... se perder. inclusive viu Edileuza (da outra vez que tu vir) com a gente ... é assim ... a gente tá querendo criar ... a casa do ( ) ... ( ) no no no na linguagem ( ) é:: aquele idoso que transmite as histórias ... ( ) pra outros neh? ( ) aí a dona Maria do Carmo que tamb5ém é afrodescendente ... ela ... do lado tem uma fézinha fui lá em ( ) ahh bora fazer. o seu Severino que você conhece neh? lá do ... do tipitinga ... ele tem o sonho de fazer a festa de são miguel ... que lá eles fazem (nossa senhora de sant'ana) ( ) religiosidade ... catolicismo neh? aí: ele disse: bora Cilene bora ver o que a gente faz ... é em setembro só que sem/ ah não eu acho que é amanhã dia de são miguel vinte e nove neh? ... amanhã não é por esses dias ... vamos fazer. nós vamos começar se reunindo os ... os ( ) a velharada toda ((risos)) falei assim pra ele ... mas pra isso tem que ter um carro pra pegar esse povo ... pegar lá na pimenteira ... pegar num canto pegar no outro pra ir pra o cristo ... agora fiquei sabendo que padre (quebrou o feno) ... aí ... vamos (vê) esse pessoal todinho ... porque tem que ter um carro pra levar e trazer eles ou ... ou ( ) a gente pode se ( ) passo lá ... na ... num ... no tipitinga ou algo ... enfim mas o importante é reunir ... essa (velharada) toda pra ... ouvir as histórias dele animar não deixar eles ... assim só O IDOSO QUE tá precisando de cuidado de ( ) tomar o remédio na hora certa ... mas que ele se sinta um idoso ainda útil ... pra sociedade pra vocês pra comunidade neh? ... mas não foi possível fazer esse ano por conta de milhares de compromissos neh? tudo isso neh? quantas vezes tu me ligasse eu tava ... acompanhando também o trabalho da doutora Kiara Brandão nas comunidades aqui ... e:: ... mas ... mas ainda não saiu esse plano da nossa cabeça neh? de fazer essa ( ) ... não sei se a gente vai fazer .. setembro do ano que vem mas a gente tem que (começar) ( ) o importante que a gente comece ... a pegar esse pessoal e tentar neh? ... o pai da dona Domingas que tava te falando ... é só ela ... aí ela nem participa mas agora ela tem que cuidar dele que ele já tá muito idoso e tudo ... TEM PESSOAS que ... daqui há um tempo pode ser até que a gente faça nossa viagem antes dele mas a gente sabe neh? que de repente não vai mais contar com eles. pronto vai embora um patrimônio ... toda uma história um saber que ficou pra traz neh? e isso nas comunidades quilombolas é importante às vezes o pessoal me perguntA mais tem/ olha vão lá pergunta pros idosos que estão lá porque ... eu não tenho (todo) ... neh? eu ajudo ... eles na... a tentar resgatar essa história escrever essa história mas eu não tenho todas as informações até porque ... eu não faço só isso eu tenho MIL compromissos ((risos)) de ... de trabalho pra fazer neh? ... então se você puder contribuir com a gente nesse aspecto acho que vai ser bom.

L1: com certeza. ... é::: a senhora realiza alguma atividade de compra e venda? das plantas?

L2: como rede bragantina a gente faz neh? a compra ... dos produtos e a venda. no caso fito/fitoterápico e elas produzem ... a rede bragantina só faz a comercialização .... neh? elas mesmos traz as ervas elas preparam aí o que que a gente faz aqui? embalagem ... neh? é::: identificação. quando a:: gente .... quer ... botar mais informações ou até qualificar mais aquele material ... a gente entra em contato com profissionais pra que eles possam ( ) como é o caso desse ... dessa oficina que teve de fitoterápico neh? que (veio) uma farmacêutica de ... Macapá neh? que ela trabalha no instituto (tumucumar) que é também no ( ) de Macapá e aí só que ...dois ou três dias com a gente foi assim:: maravilhoso. eu saí encantadad neh? com muita informação que ela passou ( ) a contribuição é quando a gente comercializa.

L1: você já conhece algum caso assim de doença ... de cura ... através das ervas?

L2: das ervas? ... elas conhecem neh? elas me falam de um bocado não sei de ... se me lembro agora neh? MAS EU praticamente ... eu me trato com as ervas graças a deus nunca tive uma doença assim grave neh? mas ... ( ) eu me sinto bem

L1: hum rum

L2: neh? o (vicente) também mesmo ele sendo europeu ( ) a gente faz junto esse ...

bioenergético ... aí ... a gente toma aqui em casa direto ... é:: fitoterápico.

L1: então a senhora acredita no poder das ervas e das plantas?

L2: sim sim

L1: ma ... MAS ... OU ele se igualaria a... a questão das farmácias?

L2: assim ... eu num digo acreditar porque acreditar é uma questão de fé neh? e isso não é religião. é uma ... é um fato neh? ... então eu uso e me sinto bem neh? é:: não sou muito de ( ) até meu pai neh? e-le usava muito ... ervas, acho que se a gente tem na ... na história da gente na história de vida e eu uso ... e:: assim ... a palavra como eu disse acreditar não é muito ... adequada porque acho que crê ou não crê é uma questão de fé neh? é uma questão de ... ( ) a gente usa e dá certo. acho que é um pouco isso neh? esses dias a gente estava aqui com a doutora Clara Brandão e ela ... vinha de longos anos falando sobre o uso da multimistura neh? não sei se vocês já ouviram neh? falar na multimistura AÍ ... ela tava ... ano passado ela veio fez oficina com o grupo ... esse ano a gente chamou esse grupo/ foi até quarta feira que você disse que ... chamamos o grupo que teve ano passado e ... mais outras novatas neh? que ainda não tinham assistido palestra com ela. e aí a gente ... ( ) ano passado deu testemunho se usaram não usaram tudo ... não só a multimistura mas tudo que elas ... colocaram em prática a partir daquilo que/ olha ... teve depoimentos assim estarecedores no sentido assim ... perplexo bonito no sentido de que deu certo de que funcionou ... mudarem o hábito alimentar adotaram multimistura sabe? ... a economia doméstica que fizeram que passaram a consumir de uma certa maneira e ... de um certo modo foi ... assim ( ) se perdeu neh? ( ) uma oportunidade do trabalho ((risos))

L1: então no caso... o que é a garrafada e o que é a multimistura?

L2: ó tem que perguntar pra ela ((risos)) dona Maria tá logo ali nós vamos lá e tu pergunta pra ela ... tá bom? ... da garrafada? a multimistura é:: complemento alimentar ... de:: feito a base de produtos ... tem valor nutricional ... alto. disponível principalmente para os mais pobres ... porque ... agora não principalmente na nossa região mas o a/ a base dela é o farelo de arroz ... a folha da:: da macaxeira neh?... e:: o gerginlim. a folha da macaxeira é riquíssima em vitamina A ... ( ) se tu quiseres eu te mostro

L1: an ram

L2: a::: o gerginlim é riquíssimo em cálcio ... neh? ... aí quando ... ( ) olha tem ( ) gerginlim preto ... ai eu fui levei lá pra ela ..ele é mais rico até do que o branco ...ainda tem todo o material desse projeto aí na ( ) a doutora Clara produziu ... e a fundação banco do brasil publicou ... (a gente) fez o material. infelizmente ... olha ... essa aqui é a tabela nutricional ... tem abóbora arroz (colido) ... (as pessoas acham que pode comprar melhor) ... ( ) que tanto ele tem de calcio? ... neh? ela compara sempre com o leite da vaca. então ele leva esses três produtos aqui ... a vitamina C ...

L1: hum rum

L2: e a vitamina A que tá presente em valor altíssimo na folha da mandioca ... neh? o calcio que tá presente altíssimo no gerginlim ... ferro também ... e ( ) olha que o tanto de ... ferro que tem no farelo além da vitamina do complexo B ... neh? B1 B2 ( ) assim com toda ... complexo B neh? essas três ... quando a gente mistura ela é basicamente essas três produtos aqui ... então ele é complexo alimentar ele não é um remédio ... neh? e:: é::: tem casos assim do resultado dele que nem tava dizendo/ a FILHA DELA ... ela passou numa aí que ela tinha ido ali no postinho aquele que tem ali naquela rua ... neh? ( ) aí a gente tava lá e ele disse: (Léia) tem multimistura? tem. (quero um pouco) de multimistura eu disse: (ela já tava

perto) de ter neném ... a:: a Gêssica ...e agora eu tava (dando) depoimento ... que a ... a doutora Cláudia tava falando neh? olha trabalho de parto sangramento quem usa multimistura não tem isso ... neh? e ela disse: olha minha filha ... duas horas de trabalho de parto ... ela teve. teve sangramento? não! teve não sei o que? não! ... sabe? ... E EU ... assim ( ) só ela tomou dois meses antes só ... e eu acredito que foi essa mulher que disse neh? EU ACREDITO que foi muito da alimentação dela que começou a controlar. essa senhora pra te ter ideia quando eu convidei ela ano passado neh? ... ( ) só fala em doença neh? ... aí disse ... ( ) olha a doutora Cláudia Brandão vem aqui vai ter uma oficina expliquei neh? aí ela disse assim: ah eu vou vê e começou a choradeira neh? ... aí (eu insisti) tá bom ( ) eu sei que realmente você não pode porque também neh? ... (continuei) insistindo ... eu sei que ... isso ano passado neh? ... a ( ) me ligou. OI/ olha ( ) ah que ótimo! acho que você não vai se arrepender. e eu vou já lá. a a é:: quarta feira agora neh? dois dias atrás ela disse que não tinha se arrependido de não ter ido ... deu o depoimento dela tudo que ela tem. o que aconteceu com a filha dela até convidei ela pra me ajudar a fazer ali no bairro neh? pras mulheres novatas que foram. então assim a multimistura ela tem esse ... potencial dentro dessa composição que ela tem neh? e:: doença degenerativa eu sei ( ) doutora Clara neh? setenta e dois anos ... com três ou quatro cabelos brancos ((risos)) em toda disposição só tem um problema ... no joelho neh? que ela anda assim puxando ( ) que de vez em quando ela tem que tá sentada. mas uma disposição que nem eu tô tendo mais ((risos)) já tá me fazendo inveja. ontem eu tava uma caco porque essa semana foi assim pesada pra organizar tudo neh? ainda fui com ela pra Belém agora ... ela fica em Belém até aman/ até domingo. domingo ela já retorna ... pra Brasília que ela mora em Brasília.

L1: ah

L2: que a mistura ... a multimistura é tudo isso. além de produto ela tem que contar neh? como é que as pessoas que usam ... tá se sentindo. e a garrafada você pergunta pra ela ((risos)) melhor fonte.

L1: a garrafada eu conversei com a Domingas

L2: foi?!

L1: porque ela faz neh? ela produz a garrafada pra ... pra associação neh?

L2: isso

L1: então na na:: pimenteira ... o:: símbolo digamos assim .... que que trabalha com ervas que produz .... que faz esse .... esse trabalho é a ... a Domingas?

L2: a Domingas. os outros também é assim

[

L1: ( ) pessoa?

L2: olha é isso que eu tava lhe dizendo eles devem usar sim em casa um chá um remédio ... mas assim já produzindo com certo ... padrão com uma certa orientação ... era um grupo de três ... quatro neh?

L1: hum rum

L2: uma foi pra Paragominas por problemas familiares ... a outra eu digo que tá cuidando do pai mas digo que ela não tá. Nica quando tu puder tu vem não vai ficar de fora ( ) e... e a ... Irma a outra llá que ... às vezes tem problema de de ... de desentendimento neh? que que desentendeu mas não ( ) pelo menos eles se falam. eles brigam mmas depois se entendem por llá neh? aí

[

L1: foi ... foi por causa disso que acabou ... o bioenergético na (comunidade)?

L2: não!eu acho que não ... não foi por conta disso. foi porque ... é:: a filha dela se interessou ... mas assim às vezes ele ... esse pessoal tem dificuldade de de ... dar um comando quando é uma coisa assim ... mas acho que não foi por isso não. tão paradas neh? ... quando/ que quando o pessoal vai lá elas fazem ... pessoal dali da ( ) inclusive eu tô incentivando ela retomar consulta ... mas só que ( ) voltar treinar gente de novo ... entendeu? porque o pessoal

vai lá se consultar. o pessoal das (bandeiras).

L1: eu tinha até falado pra ela da:: irmã ... Edna. em Capanema

L2: hum rum

L1: se ... tinha a possibilidade da irmã Edna ir na comunidade ... falar sobre o projeto

L2: ah que bom!! você conseguisse isso ( ) porque elas fizeram com um grupo de Belém

L1: [ ela

diisse que vem sim

L2: vem? pois é se você puder trazer vai ser ótimo. porque eu tô insistindo pra ela retomar porque ... ela tá vendendo muita garrafada na redondeza ... pomada ... neh? que ela fazia pomada de cabacinha de uma certa maneira quando vinha essa farmacêutica ... ela tá fazendo de uma outra maneira e tão vendendo assim bastante a pomada de:: andiroba com cabacinha

L1: e:: todos estão aqui na na ... na associação

L2: [ estão ai na associação. ((risos)) estão ai na associação então a ... dona Domingas temos que retomar as consultas porque/ porque tinha que ter um horário planejado e às vezes na comunidade ... elas tinham dificuldade pra marcar um horário elas ficavam lá/ eu digo: ó mas vocês tem que ter paciência tem que habituar o povo neh? tem que treinar as pessoas neh? que às vezes tem a ( ) que não esperam são elas que vão ajudar. tem a roupa que tá lá no igarapé elas que vão lavar. ( ) vocês fazem um horário uma vez só por semana ... neh? e vamos tentar vamos retomar porque vocês estão com o espaço construído TUDO reconstruído ... não dá pra abandonar que não fica bem ... nem pra vocês nem pra quem patrocinou. o ( ) olha a minha cara ... até eu mas a de vocês também ((risos))

L1: então a a ... o trabalho com as plantas é uma característica praticamente ... da mulher?

L2: da mulher

L1: os homens não se envolvem?

L2: não se envolvem. tem os homens que sabem neh? por exemplo lá em tipitinga tem um que é ...

L1: nem na produção?

L2: aquela ... aquela tes/ não. não na produção das plantas sim. eles conhecem ... eles guardam mas é mais assim ... é:: um perfil mesmo da mulher. uma especificidade da mulher. no tipitinga tem um:: um senhor um homem que ele benze ele reza ... mas eu acho que ele tem vergonha de se expor. ainda não tive tempo de me dedicar lá com eles e dizer não olha ... nós vamos lá o senhor tem que assumir sua .. sabe? ... seu saber ... neh? o senhor pode ouvir das pessoas enfim ... ainda não tive tempo de sentar com ele ...

L1: no caso no jacarequara não tem neh? essa característica de trabalho com as plantas neh?

L2: não. não tem. elas até participavam do encontro só que ( ) comunidade e vejam se tem alguém que quer fazer isso ... e aí vocês ... se quiserem a gente tá aqui pra apoiar pra começar a defender os passos .... tem a/ o grupo da pimneteira junto com o grupo que tá na (outra vila) que já tá mais adiantado pode ir lá com vocês enfim dá os primeiros passos. SE VOCÊS quiserem fazer lá façam lá se não aqui tem uma infraestrutura melhor em termos de material ... de local de fogão de panela de um e de outro ... vocês podem fazer aqui como ela vem ... uma vez na semana ela vem e faz aqui a pomada ... a garrafada enfim

L1: a dona Domingas vem ... pra

L2: fazer aqui. às vezes ela faz lá

L1: an ram

L2: mas ... a grande parte do que é vendido aqui que é levado pra Belém el vem fazer aqui ...que ela ( ) junto com a dona Maria

L1: [ então ela é a::

L2: é

L1: ( ) articulação

L2: é. ela é articuladora da ( ) dessa produção é;

L1: ô Nazaré brigada

L2: de nada. espero ter atendido neh? a sua ...

L1: com certeza.

L2: ( ) aprofundar esse conhecimento. aprofundar esse ... esse saber e principalmente contribuir com essas comunidades neh? com esses povos que ... precisam mesmo dessa ... desse apoio da academia ... neh? que a gente não fique só na ... um trabalho ... de produção lá. ah tá bonito o seu trabalho pesquisa tal mas que isso possa realmente retornar pr essas pessoas neh? e que elas possam se apropriar cada vez mais com segurança ... de tudo isso

L1: tá. com certeza.

## APÊNCICE E – Oração à Nossa Senhora do Livramento

### Ladainha a Nossa Senhora

Nossa Senhora do Livramento,  
Mãe de Deus, nossa Mãe  
e padroeira de nossa Paróquia.  
Com o olhar confiante vos contemplamos.

Como exemplo, guia e protetora dos filhos devotos.  
Dirigimo-nos a vós como filhos,  
porque necessitamos do vosso auxílio.  
Só em pensar que temos Mãe junto de Deus, sentimo-nos reanimados,  
apoiados e guiados pela mão materna.

Renovai-nos espiritualmente  
para que saibamos enxergar a vida mais bela.  
Levantai-nos para caminhar sem medo  
nas tribulações da vida. Dai-nos vossa mão  
para que acertemos o caminho da salvação eterna.

Nossa querida Mãe,  
Nossa Senhora do Livramento,  
abençoei-nos e guardai-nos junto de vosso coração,  
e conduzi-nos ao coração eterno e amoroso do Pai. Amém!

“Nossa Senhora do Livramento  
Livrai-nos de todos os perigos do corpo e da alma”

Senhor, tende piedade de nós.  
Jesus Cristo, tende piedade de nós.  
Senhor, tende piedade de nós.  
Jesus Cristo, ouvi-nos.  
Jesus Cristo, atendei-nos.  
Pai Celeste, que sois Deus, tende piedade de nós.  
Filho Redentor do mundo, que sois Deus, tende piedade de nós.  
Espírito Santo, que sois Deus, tende piedade de nós.  
Santíssima Trindade, que sois um só Deus, tende piedade de nós.  
Santa Maria, rogai por nós.  
Santa Mãe de Deus,  
Santa Virgem das virgens,  
Mãe de Jesus Cristo,  
Mãe da divina graça,  
Mãe puríssima,  
Mãe castíssima,  
Mãe Imaculada,  
Mãe intemerata,  
Mãe amável,  
Mãe admirável,  
Mãe do bom conselho,

Mãe do Criador,  
 Mãe do Salvador,  
 Virgem prudentíssima,  
 Virgem venerável,  
 Virgem louvável,  
 Virgem poderosa,  
 Virgem clemente,  
 Virgem fiel,  
 Espelho de justiça,  
 Sede da sabedoria,  
 Causa da nossa alegria,  
 Vaso espiritual,  
 Vaso digno de honra,  
 Vaso insigne de devoção,  
 Rosa mística,  
 Torre de David,  
 Torre de marfim,  
 Casa de ouro,  
 Arca da aliança,  
 Porta do Céu,  
 Estrela da manhã,  
 Saúde dos enfermos,  
 Refúgio dos pecadores,  
 Consoladora dos aflitos,  
 Auxílio dos cristãos,  
 Rainha dos Anjos,  
 Rainha dos Patriarcas,  
 Rainha dos Profetas,  
 Rainha dos Apóstolos,  
 Rainha dos Mártires,  
 Rainha dos Confessores,  
 Rainha das Virgens,  
 Rainha de todos os santos,  
 Rainha concebida sem pecado original,  
 Rainha assunta ao Céu,  
 Rainha do sacratíssimo Rosário,  
 Rainha da Paz,

Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo, perdoai-nos Senhor.  
 Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo, ouvi-nos Senhor.  
 Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo, tende piedade de nós.

Rogai por nós, santa Mãe de Deus,  
 Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

Oremos. Senhor Deus, nós Vos suplicamos que concedais aos vossos servos perpétua  
 saúde de alma e de corpo; e que, pela gloriosa intercessão da bem-aventurada sempre  
 Virgem Maria, sejamos livres da tristeza do século e gozemos da eterna alegria. Por  
 Cristo nosso Senhor. Amém.

## APÊNDICE F – Informações gerais do termo “Algodão Roxo”

Fotografia 36 –Algodão Roxo, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 13: ALGODÃO ROXO

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Algodão roxo</b>
<b>V</b>	Variantes	Algodão Branco ou Algodão Preto
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Substantivo masculino</i>
<b>Df</b>	Definição	<p><i>... o algodão rocho ele serve é pra ( ) pra moragia pra remautismo também faz o chá tintura dele tal de efusão é fazer a tintura né ... todo jeito se quiser fazer o chá faz a tintura que usa gotinhas isso e pra moragia é tira o sumo da folha pra moragia da folha e uma é a há aquela dentro da sementinha dela da dentro da sementinha tem tipo uma lanzinha assim dentro da sementinha pode quebrar a sementinha dela hurum mas só que é um pouco maiozinha não porque assim dentro da semente do algodão a gente tira ele tem dentro da sementinha dele a gente passa passa a sementinha tem uma uma lanzinha assim tipo uma lanzinha né ... é o próprio olho dele é o próprio adonde nasce sim aquilo alí é bom pra febre ele é bom pa pa febre instestinal crianda do algodão isso tanto faz ele ser o roxo como ser o branco como ser ele é bom para isso também febre do algodão ele é um ele ele cresce te acho que tí três volta de quatro metros de altura ele ele é na terra que se dá bem ele fica bastante compundinho assim há a folha dele não não é aí ele tem de três três cor tem o branco tem um que é meio roxinho tem algodão branco algodão roxo algodão preto ((tosse)) da folha da folha da folha é ela é mais roxeada o algodão branco a folha dele é branca o algodão roxo a folha dele é é roxeada e o algodão preto ele é mas preto é mas escuro hurum isso a folha a folha é os frutos é é só mesmo mesmo jeito a flor é só um jeito também hurum a cor isso isso serve mas o bom é o algodão roxo e o algodão preto que o melhor de todos mas quando não tem esses outros esses uns serve o algodão branco né ... é o chazinho a gente tira aquela sementinha parte a semente dele dentro da sementinha não tem cumo assim que nem uma lanzinha iai quando parte bota pra ferver e dá o chazinho só é uma febre instestinal dá no intestino ele é ele é uma folha assim... o meio dela arendodada e tem três de três bicos grande os bicos delas são mas é é trepadeira mas isso é não isso é uma arve...</i></p>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante

<b>Pu</b>	Partes de uso	São usadas as folhas e o algodão que está dentro da semente.
<b>Fu</b>	Formas de uso	Usada para hemorragias (fazer a efusão com as folhas para tirar a tintura), o mesmo processo serve para reumatismo; o algodão dentro da semente é usado em chás para febre intestinal.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	Há espécies de algodão branco e algodão preto, a cor da folha é determinante.
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE G – Informações gerais do termo “Arichi de Parigó”

Fotografia 37 – Arichi de Parigó, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 14: ARICHI DE PARIGÓ

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Arichi de Parigó</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Substantivo masculino</i>
<b>Df</b>	Definição	<i>... é éh uma planta que ela dá ela dá assim ela não dá muito alta ela dá quase assim tipo rasteira mas num é bem rasteira ela bota muito assim os galhos os galhos cae assim forma moita a folhinha dela é penem folha de canala um mesmo a folhinha de canela iai ela é boa também pra fazer tintura pra achar quem não gosta de usar tintura porque a tintura leva o álcool toda tintura tem que ter o álcool né ... tem que ter não é feita só no álcool os que não gostam da tintura usa o chá não da folha a gente pega tira a a tintura a gente pega assim pego o álcool tá qui e pega a folha tritura tudinho coloca aqui dentro do álcool com quinze dias passando quinze dias o álcool não vai estrogar aí fica muda muda certeza aí depois coa brota no seus vidrinhos pra usar as gotinhas () quando ela estiver com mal está uma comida que faz mal tiver assim com estomago cheio tem comida né ... ai bota a água comu o uso da da farmácia tem tem é o caseiro é não não sei não é isso que eu tava dizendo é o erichi de parigoré né ... é assim se comeu sentiu que a comida faz mal a assim empachada conquea mal de gases é fazer isso num quiser fazer o chá das folhinhas usa a tintura porque por isso eu em casa uso a tintura porque assim eu eu faço deixo ali quando tá no ponto eu cou tudo ajeito tudinho e boto no vidrinho de gotinha né ... que nos a gente tem vidrinho de gotinha e bota lá se alguém precisar já tá pronto...</i>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	Utilizar as folhas para mal estar no estômago.
<b>Fu</b>	Formas de uso	Chás da folha, tintura (deixa de molho no álcool por 15 dias) para estômago empachado tanto o chá como gotas da tintura.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE H – Informações gerais do termo “Babosa”

Fotografia 38 –Babosa, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 15: BABOSA

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Babosa</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Substantivo feminino</i>
<b>Df</b>	Definição	<i>...((SORRIU)) éh por causa da baba e ela é antiinflamatório é essa mais éé aquela goma aquela gosma tem né ... a gente pega ela tira aqueles coise assim aquela goma dela aquela coisa a parte de dentro você essa pode usa na garrafada pode usar e no chá fazer chá da folha assim se num quiser butar a folha inteira pode tirar essa baba pode tomar usar em ferimento tiver um ferimento em golpe uma ferimento pode pegar bater aquiloali butar tipo um plasticozinho alí pra disiflamar sim e pode tomar tanto bote em cima pode tomar é ela é muito boa pra cabelo também né pra fazer o cabelo da gente desenvolver a babosa né ... ela é boa também é pra é câncer () ela é muita boa também pra cura o câncer a babosa...</i>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	Usar a baba da folha para inflamações, ferimentos, garrafada, câncer, crescimento do cabelo.
<b>Fu</b>	Formas de uso	Utiliza-se a baba em chás, garrafada ou direto na área inflamada.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE I – Informações gerais do termo “Batatão”

[não há registro da imagem]

### FICHA TERMINOLÓGICA 16: BATATÃO

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Batatão</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Substantivo Masculino</i>
<b>Df</b>	Definição	<p>...nãu eli é ambiendi fechadu abertu mas eli nãu é di vasu...eli é du chãu du chãu assim...nãu eli é eli é un cipó eli nasci aqui aqui eli cresci ( ) du maracujá maracujazeiru eli vai si agarrandu aqui vai tendu matu aqui eli via indu por cima matu i vai indu vai caminhandu até ondi...porque na a a batata deli é un batatãu é uma batata mermu forma duma mandioca forma duma batata doci assim que é ai por issu colocar u nomi batatão...é a batata...nãu nunca vi falar das folha é a batata aquela batata a genti vai lá nu pé deli i arranca eli cava qui eli qui eli dá bastanti profundu eli nãu é só assim da genti chegar i puxar tem qui cavar com uma enchada pra tirar a batata eu já vi até uma até dessi tamanhu assim né aí aquela batata a genti veim...em pois é ela eu já vi uma até qui a minha cunhada arrancou era bastanti grandona ela lá aí a genti fatia ela a rodelinha e bota pra secar aí depois qui tiver seco a genti bota no liquidificador nu pilãu pisa i faz aquela tapiocinha pra usar é ou nu mingau ou qui seja na comida ou si quizer pra fazer arreaçãu é a genti toma eli mais avutadu né, faz um chã bem forti toma eli faz arreaçãu mas essi dai eu nunca vi a minha vó qui dizia que fazia mas eu nunca fez eu mesma né mas a minha vó dizia qui elis faziam u batatãu i quando a genti tá com problema nu sangui a genti toma assim us pocu por que eli tantu eli::: pru sagui da genti eli faz assim normaliza u sangui da genti si a gente tiver com sangui fraco demais eli aumenta si tiver forti é uma erva qui eli normaliza u sangui da genti pra mulher qui tá grávida é muito bom tomar tambeim eli faz limpeza nu sangui da genti eli faz limpeza nu sangui tem muito genti assim criança que tem muita assim qualquer coisinha dá aquelis fermentus né qui á a criança tem problema nu sangui á entãu é muito bom tomar qui eli faz a limpeza nu sangui eli purifica u sangui...tem folha tem flor a folha dela é quasi qui neim assim u formatu dum coraçãu assim pu pesinhu da folha é larguinhu i pá pontinha da folha é beim istreitinho... nãu ela é pequenininha média ela é média ela é menas di qui a folha da vaca menor aí... nãu nãu qui neim folha de batata qui nem uma folha di batata né batata doci ela é daqueli formatu só qui sempri a folha da batata é três três dedu três sepraçãu três parti ela é só uma pu pesinhu da folha é largu pá pontinha ela é estreita a flor dela...sim a flor dela ela coloca a flor aqui aí a flor abri a flor é assim uma flor tipu quasi qui nem a flor du maracujá tambeim ela fica uma flor por aqui eu nem sei neim dizer comu é qui é a flor dela mais ela fica ela abri assim ai fica dentru fica aqueli miolinhu assim ai ela bota aqueli fica tipo a du girassol assim qui é a florzinha dela né nu formatu du girassol...sim issu...ela é meiu amarelada assim uma cor parda i sempri eli bota flor sempri nu verãu também quando eli bota...ela é du verãu ela nasci aqui nu invernu aí ela vai crescendu quando ela tá crescendu a batata dela tá verdi aí quando ela é que nem o cará quando ela vai morrendu é qui a batata tá boa di arrancar nu verãu tá...boa é porque nu verãu é qui ela tá é qui ela ta madura a batata dela qui é pra genti arrancar por que nu inverno ela ( )...i isso isso seca as folhas seca e aí a batata ta madura boa di arrancar...</p>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	A raiz é usada para purificar o sangue, hemorragias, fraqueza.
<b>Fu</b>	Formas de uso	A raiz é seca e triturada em pó para usar como massa em minguaus ou o chá bem forte da raiz.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal e Alimento
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	O nome vem do tamanho da raiz que é no formato de batata com dimensão grande.
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE J – Informações gerais do termo “Capitiú”

Fotografia 39 –Capitiú, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 17: CAPITIÚ

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Capitiú</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Substantivo masculino</i>
<b>Df</b>	Definição	<i>((sorriu)) o capitiú é uma arve nativa ela não é uma planta ela é nativa ela é () no cerrado éla a folha dela é grande ela é quem a arve do café é grande a folha é do mesmo modelo da folha de café aí pra do de cabeça tiver aquela dó de cabeça enjoada que não passa qualquer doe a cabeça do nada tem gente que tem muita dó de cabeça eu graças a Deus num so muito assim não mas tem gente né ... hô minha cabeça dô so serve com dó de cabeça isso a gente pega ela monte de folha quebratudinho bota pra ferver deixa no cereno quando é de manhã banha a cabeça muito bom pra tirar aborrecimento aquela dozinha esse outro é chá mas não é pra tomar o chá e só pra lavar a cabeça é o banho de cabeça que a gente chama né é só pra isso que eu sei a serventia eu sei pra isso que nós fazia capitiu é por assim ele é um pitiu num é cheiro so se panha assim e cheirar tu vai dizer que o banho dele vai ficar daquele emo jeito mas muda o cheiro dele crú é um jeito mas depois que ferve ele muda o cheiro dele ele crú e pitíú já tá dizendo capitiu é assim um cheiro de peixe sei lá um cheiro assim ele é pitiu mesmo mas o cheiro dele depois de cozinhado ele não fica ele muda pode banhar a cabeça que ele fica assim sempre recedendo o cabelo da gente...</i>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	As folhas são usadas para dor de cabeça, enjoo e enxaquecas.
<b>Fu</b>	Formas de uso	Chás para banhar a cabeça (depois de ferver as folhas deixar no sereno da noite, lavar a cabeça na manhã cedo)
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	A planta na forma natural tem cheiro muito forte, pitíú.
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE L - Informações gerais do termo “Carrapicho Agudo”

Fotografia 40 –Carrapicho Agudo, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 18: CARRAPICHO AGUDO

Lx	Lexema	<b>Carrapicho Agudo</b>
Cg	Classe Gramatical	<i>Sintagma terminológico masculino</i>
Df	Definição	<p>... esse um eli tem eli eli cresci assim até um metru i meu di altura assim eu já vi né mais eli vai até uns certus tempu eli eli si acaba também eli num é num é uma arvri que permaneci ali por certus tempu não ... eli eli sempri eli nasci nu períodu da chuva aí quando vai chegandu u secu eli eli já vai si acabandu eli começa a botar flor botar as sementinhas daí a tendencia deli é morrer cai aqueli um pra nascer otru di novu eli eli é nativu também né eli num fica eli num fica uma arvri eli permaneci doi um ano dois só uma arvri não eli morri aqueli um nasci otru di novu ele é uma arvri qui eli cresci i eli bota uns galinho ele fica todú espalhadinhu assim os galhu deli na ponta dos galhu é qui eli bota a sementinha deli tipo uma uma esporinha por aqui tem com certeza qui tem assim por essa nessa invasão né eu tenhu certeza tenhu toda certeza qui tem esse matu ... é a folha deli é uma palmazinha .. é é assim uma folha assim aí ela é toda repartidinha toda repartidinha toda ... uma samambaia sabi u qui é samambaia ela é daqueli formatu di samambaia é toda repartidinha isso toda toda partidinha assim a folhinha dele ( ) bota folha daí tem sai pedacim pra todo canto assim a folha deli a flozinha deli é quando antis deli abrir us carrapichim fica abertinha é amarelinha ( ) u miolim da flor é amarelim né a depois qui qui ela abri qui ela fica assim ( ) ela bota florzinha agora assim é aquelis carrapichim qui é tudu agarradu quando agenti qui eli tá maduru agenti passa assim eli já si agarra na ropa da genti aquela isporinha nu fimzim daqueli coizinha tem aquela esporinha qui si agarra na genti ... é na folha na flor dela é a sementi aquilu é a semente u carrapichu qui agenti chama é a sementi né qui aqueli qui cai no chãu qui nasci otru ... nãu é da raiz da avre é da raiz é da raiz ... arranca eli aí lava rapa alguma qui seji e cuzinha i faz o chá... nãu eli é assim qui nem na grussura dum dedu eli até qui eli é uma avre assim quando assim a terra é boa qui é uma terra assim bem né eli eli dá um tamanhu assim dum metru i meio por aí assim né quando é aquela terrinha meia meia cansada meia meia batida meia dura assim eli eli cresci pequenu mas eli cresci eu já vi assim já vai dependê da terra... ela é uma achu qui ela é uma erva uma erva ... ela é du fri du friu porque até quando chega a época du verãu ela morri né ela nasci ( ) um tempu dessi du verãu qui já si passo u verãu lá você passava lá ela tava toda mortinha assim só os carrapichim dentro agora com a chuva qui ta dandu ela já ela já caii agora ela vai nascer ela ela vai nascer tudim quando aí ela crece ali aí aí quando ir che chegando o verãu é época qui ela vai morrer di novu qui o carrapichu dela cai nu chãu daí ele nasce outro vem outro vem ... nativa é ela é nativa...</p>

<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	É usada a raiz da planta.
<b>Fu</b>	Formas de uso	Usada na forma de chás para Icterícia (amarelo da pele nas crianças)
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE M – Informações gerais do termo “Catinga de Mulata”

Fotografia 41 –Catinga de Mulata, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 19: CATINGA DE MULATA

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Catinga de mulata</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Substantivo feminino</i>
<b>Df</b>	Definição	<i>... tem eu acho muita cheirosa é catinga de mulata num sei porque mulata é uma coisa que mulata né já sabe é caatiga de mulata é o contrário pra dizer cheiro de mulata ((sorriu)) por mim se fosse eu que fosse colocar num colocar num colocava catinga é ela tem um cheiro forte pois é se fosse no meu caso fosse butar nome não ia dizer catinga a dizer cheiro de mulata mas é catinga de mulata é é pra varas coisas também é pra febre dó de cabeça dó de estomagu isso ela é uma planta é não ela faz mas não e muito disiflamatório que eu tenho conhecimento dele ser desiflamatório não ela é assim pra bo despachar gases dentro da gente bom pra isso pra dó de cabeça também é bom pra tudo isso também ela é pequena desse modelo catinga de mulata desse moledo dessa grande ai sim não desse outro lá come é o nome estoraque né ... isso ai manjericão ele é pequeno só a folhinha dela é maiozinha um pouquinho mas arendondada um pouquinho um poquinho mas é esse modelo é não mas se tu não conhece assim se nem conhece a planta num vai conhecer pelo cheiro porque esse aqui esse aqui é mais é mais durinho a catinga de mulata ela é mais ela é mais copada e mais assim comué que eu quero dizer assim é mais frágil o galhim dela pra quebrar ela é assim mais ragadinho mais assim é delicado sim é esse daqui não a gente ve que ele ele é tipo uma madeira tipo assim né ... bem assim mas durinho e a catinga de mulata ela é mas quanto mais ela é adubada que ela fi mas ela fica é ((sorriu)) eu acho que porque ela é muita dengosa a catinga de mulata ((sorriu))...</i>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	As folhas, caule e raiz são usados para febre, dor de cabeça, no estômago, desinflamatório e gases estomacais.
<b>Fu</b>	Formas de uso	Chás.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	A planta tem cheiro agradável, catinga seria o antônimo de cheirosa.
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE N - Informações gerais do termo “Cibalena”

Fotografia 42 –Cibalena, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 20: CIBALENA

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Cibalena</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Substantivo feminino</i>
<b>Df</b>	Definição	<i>... éh éh uma planta que nem a cidreira do mesmo modelo da cidreira tudo do um a cidreira folha os galhos dela ela e brom bom pra febre pra febre pra dó ela é do mesmo jeito também hurum o chá o chá é da folha do mais é das folha das folhas das arve ( ) não também não...</i>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	As folhas são utilizadas para dores de cabeça, febre e dores em geral.
<b>Fu</b>	Formas de uso	Chás.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE O – Informações gerais do termo “Coramina”

Fotografia 43 –Coramina, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 21: CORAMINA

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Coramina</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Substantivo feminino</i>
<b>Df</b>	Definição	<i>... éh uma erva ... ela é na não ela é caseira ... ela e do frio ... do frio éh ... ela essa daí eu não sei dizer muito bem o formato dela é e e ... a minha vó dizia que era muito pro problema de coração ... tivesse sofrendo do coração ... probremas aqueles agonia aquelas coisa ... fizesse o chá dela pra tomar mais só que eu não conheço bem essa planta não já ... nu sei dizer isso aqui é o coramina só qui a minha vó dizia assim o coramina é bom pra quem tem o problema de coração ... aquelas ferruaduras num tem ... dar umas dor ... umas ferruada ela dizia que era muito bom pra ... só sei que é bom pra isso pra coração ... olha com certeza ...</i>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	As folhas para problemas no coração.
<b>Fu</b>	Formas de uso	Na forma de chás para dores no coração.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE P – Informações gerais do termo “Crista de Galo”

Fotografia 44 – Crista de Galo, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 22: CRISTA DE GALO

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Crista de galo</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	Sintagma terminológico feminino
<b>Df</b>	Definição	<i>... esse daí eu não vou dizer com garrafa porque eu nunca fez aquilo que eu nunca fez num tenho assim um uma segurança pra remédio assim é é assim que os outros diz né ... coquei ele como remédio porque os outros que me indicaram ele é bom pra coração que tem problema de coração coração de bate acelerado bate num se que ele é bom pra fazer o chá da crista da da flor da flor mesmo hurum mas só assim foi indicado por o outra pessoa assim que também tem conhecimento néw aí diz também ela é que nem uma crista de galo ela dá assim () uma os pezinhos dela agora aqui ela faz tipo um folhinho uma coisa assim né ... espanhadinho e aí tem uns pénhinhos assim no pezinho da folha tem uns pénhinhos isso isso hurum não eu tenho é assim que os outro já me indicou...</i>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	É utilizada a flor da planta que tem formato de crista de galo, para coração acelerado ou problemas do coração.
<b>Fu</b>	Formas de uso	Pode ser feito o chá da flor ou usado na garrafada
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE Q – Informações gerais do termo “Ervão”

[não há registro da imagem]

### FICHA TERMINOLÓGICA 23: ERVÃO

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Ervão</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Substantivo masculino</i>
<b>Df</b>	Definição	<i>...é uma erva nativa... eli...ele é do baixo do alagado...ele nunca da assim no seco não...sempre ele dá no lugar que é molhado...umidu...clima molhado é...mas se tiver...ela precisa da quele ambiente que esteja molhado que ta assim com aquela parte da lama daquela agua grossa...ela não é da terra seca da terra limpa assim...e num so da em agua...da na quela agua que esteja misturado com aquela terra...com aquele limu que ela gosta...ela é pequena...ela é fina também assim o caulizim dela ela sim é de quina tem umas quinalzinho a folha dela é cumpridinha estreita e ela é boa pra tomar ela nunca fez ela é boa pra dor de cabeça...fazer o chá...faz o cha da folha...pega tudim ele...bota pra cozinhar e deixa no sereno e di manhã banha a cabeça vai usando assim diretamente...tem umas dor de cabeça encravada...a minha cabeça nu passa nu sei o que...uma dor de cabeça enjuada é fazer isso aí...não sei porque desse nome de ervão não sei porque é uma erva...ela num é tão grande pra ser ervão...ela num é tao grande ela tem uma florzinha bem pequenininha...bem roxinha...bem piquinininha...mas é folha...mais tem um tem que ela tem as florzinhas bem piquinininha bem roxinha...</i>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	As folhas são usadas para dores de cabeça e enxaqueca
<b>Fu</b>	Formas de uso	O chá das folhas e depois repousando no sereno da noite, a cabeça é lavada com o chá.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE R - Informações gerais do termo “Eucalipto”

Fotografia 45 –Eucalipto, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 24: EUCALIPTO

Lx	Lexema	<b>Eucalipto</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	Substantivo feminino
<b>Df</b>	Definição	<i>... ele é uma arvenha também ele não da muito do que eu conheço num sei se tem uns é não ela não é muito pequena ela é médio ela num é muito pequena não ela é boa pra febre a gente usa ela pra febre o chá comu eu tô dizendo eu assim uso mas as tintutas eu gosto de fazer mais as tinturas pra febre pode o chá isso pode pode fazer o chá e pode usar a tintura pra febre é e pra febre é não não também num sei não nunca ví flor dela nunca vi só só folhas compridas bem compridi compridinha comprida assim com a ponta fina ela é estreita ela não é largona não ela é estreita pezinho da não ((sorriu)) hurum conhece a vinagreira conhece vinagreira () só que ela é pouco diferente só uma folha da vinagreira dela do eucalipto num tem uma folha aqui que compara mas ela é assim olha assim cabeça assim e a ponta dela é mais fina o pezinho dela é mais larguim e pontinha dela é () ((sorriu))...</i>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	Utiliza as folhas para febre em geral
<b>Fu</b>	Formas de uso	Chás e tinturas para febre
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	O termo encontra-se no feminino devido a moradora referir-se à árvore.
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE S – Informações gerais do termo “Geniporana”

Fotografia 46 – Geniporana, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 25: GENIPORANA

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Geniporana</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Substantivo feminino</i>
<b>Df</b>	Definição	<i>... um nós já fazemos tudo isso em ((sorriu)) será que nu tá adoçado ((sorriu)) é um uma arve nativa é ( ) e ela é também assim modelo do café da arve do café ( ) é a mesma coisa também a folha dele é assim isso aí ele é bom pra picade di inseto cobra de copião essas coisas néw tiar o sumo da do caulhe dele tirar assim tirar aquela casca o entrecasca é bom o entrecasca aquele do de cima ela não não a gente tira o sumo a gente faz assim tira o entrecasca dela dá uma raspada assim assim meio pra sair tipo uma bucha assim ai bota uma água isso ((sorriu)) é acho que ((sorriu)) é hurum é divide ser é u acho é eu acho metade dessa coisa é assim os índios que descobriu esse nome né ... que os índios para ( ) é os índios que que sabe porque esse nome porque assim os meu irmão que eles aprenderam com meu pai porque meu pai tem sangue indígena ele fazia ( ) ( ) aí meus irmão eu aprendia com meus irmão papai ensinava né ... ai ele aprendia ele fazia porque assim você pega uma vara uma varinha assim você enrola ele aqui o tanto você podir não quebra não fica do mesmo jeito do arco do índio aí eu acho que ele tem relação com os índios que colocaram esse nome talvez né ... porque esse daí eu sei assim ele não quebra né ... você pega aqui ele num quebra ele é ele é isso vai depender da grussura dele também né ... horrível hurum isso hurum pra cortar o veneno ((sorriu))...</i>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	Utilizados a folhas, entrecasca e caule para picadas de insetos, cobra, escorpião.
<b>Fu</b>	Formas de uso	Do caule é retirado o sumo (colocado de molho na agua)
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE T – Informações gerais do termo “Hortelanzinho”

Fotografia 47 – Hortelã Neném, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 26: HORTELANZINHO

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Hortelanzinho</b>
<b>V</b>	Variante	<i>Malvarisco</i>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Substantivo masculino</i>
<b>Df</b>	Definição	<i>... oh hortelanzinho é desse eu chamo pra esse hortelam sim porque assim tem tem uma parinca que é hortelam também é o grande aí tem desse pocha então hortelam pimenta hortelam roxo e tem o hortelanzinho que é o hortelam nenê que é o hortelam nenê hortelam nenê e esse é o hortelanzinho que eu chamo porque depois desse daí ( ) hortelam sim grande é a folha dele grande é o mesmo malvarisco isso é sim e tem o hortelam nnê é o menor de todas isso isso essa daí tanto faz se da outra dessa daí serve para tomar chá serve pra butar nu suco ela serve pode pegar o suco de qualquer coisa de limão sei lá du que for e bater uma folhinha dele junto fazer charope é e memu coisa de hortelam nenê o nenê ele é proprio pra nenê mesmo criança mesmo é do tamanho e da cor porque o hortelam nenê ele é branquinho ele num é roxinho ele é assim não a folha tudo que nem essa arve que tá aí disse daqui não o hortelazinho ele é roxinho isso ele é roxinho o hortelam nenê é tudo assim é folha é o galhim dele é tido assim é isso o hortelam grande já é maior as folha dele é tido assim é tem é é maior a folha dele é mais grossa a folha dele é bem grossa e serve também pra o comu tempero comu por enquanto agora eu tenho hurum é né o hortelam grande é daquele mesmo modelo o hortelam grande é eu acho que num sei não num sei e num sei dizer cume se tem doutro tipo tipo né ... eu só conheço essa três tipo agora num sei se muda o nome desse mesmo do hortelanzinho é a mesma pimenta num sei não ( ) não...</i>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	As folhas são usadas nos chás e sucos.
<b>Fu</b>	Formas de uso	Chás, xaropes e em sucos.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	Também conhecido pela variante malvarisco.
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE U – Informações gerais do termo “Hortelã Neném”

Fotografia 47 – Hortelã Neném, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 26: HORTELÃ NENÉM

<b>Lx</b>	Lexema	<b>HortelãNeném</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Sintagma terminológico feminino</i>
<b>Df</b>	Definição	<i>... porque ele é mais miudim do que todas do que os outros é ela é mais a folha dele é do mesmo mesmo formato desse mesmo modelo só que ele é miudinho ele bran sim só que ele é miudinho e é já ele é roxinho esse daqui é roxinho esse um é branco também hurum mas ndem é não é hortelam ela é mais pequenininha ele é todo assim branquinho assim essa folha dessa coisa assim ele não é roxinho assim não eu tenho lá em casa é fazer chá pra bebe recenacido quando faze gripado tossindo injuado é bom fazer chazinho pra dá charope é isso né ... tosse com certeza é mesma coisa hurum é eu acho que ela é própria pra criança pra bebê mesmo pra bebê éh quela é...</i>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	As folhas são utilizadas para gripes e tosses em recém-nascidos.
<b>Fu</b>	Formas de uso	Chás e xaropes.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE V – Informações gerais do termo “Jambu Roxo”

Fotografia 48 –Jambu Roxo, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 27: JAMBU ROXO

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Jambu roxo</b>
<b>Va</b>	Variante	Jamburana
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Substantivo feminino</i>
<b>Df</b>	Definição	<i>... planta rasteira, do molhado, de clima úmido ... é a mesma coisa que agente comi no tacaca ... que faz eh a cor ... ela é nativa de tempu umidu ... ela serve pra do de estomagu figadu quando com algum problema no figadu ... assim cuando consegue almoça e num consegue janta ... aquilo parece que num desfaz parece todo tempu cheio ... é problema nu figadu tem de faze o cha é de folha de flor com raiz com tudo o importante é lavar bem lavadim e botas pra ferver com tudo e toma o cha ... a flozinha e amarelinha ... bem amarelinha mais do que o outro, é bem amarelinha quase roxinha é um poco menorzinha ...</i>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	São usadas as folhas, flor, raiz, tudo bem lavado.
<b>Fu</b>	Formas de uso	Utiliza-se o chá para dores no estômago, problemas de digestão e no fígado.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	A cor da flor amarela bem forte diferencia as espécies.
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE X – Informações gerais sobre o termo “Jenipapo”

Fotografia 49 – Jenipapo, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 28: JENIPAPO

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Jenipapo</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Substantivo masculino</i>
<b>Df</b>	Definição	<p><i>... éh uma arve muita grande nativa também ela nativa ela é grande tem fruto e do fruto que a gente faz ela é o u o genipapo ele é rico em vitamina pra anemia agora que é difícil achar uma gente que diga que gosta num gostei não o cheiro dele é muito forte do fruto dele é forte o cheiro aquele cheiro é um cheiro forte mesmo assim comu coisa assim tava comu assim um litro de cinquenta e um assim que é o cheiro dele tem gente que num gosta daquele mas ele é rico em vitamina pra quem tá anêmico pra ele é muito bom () ele é assim deste tamanho laranja isso quando ele tá verde ele é duro quando cai ele é mole ele fica é o suco pega ele é expreme bota açúcar e pra tomar o suco dele tirando disso fazer o licor também eu uso lá em casa mas pra fazer licor a gente bota no álcool no cinquenta e um aí mas é mas mas aí depois a gente faz uma garrafa de açúcar diminui e diminui isso aí é pra bebida isso bebida pra quem gosta de () o fruto o suco do fruto pra remédio é também assim ce tiver é uma rasgadura uma qualquer coisa porque num sei se tu já viu criança que fica assim cum umbigo grande assim a gente coloca o dedo a gente coloca o dedo a gente sente que aquele que rasgado um vai lá na arvore do jenipapo a arve dele tando vivo verde tira um tampinho da casca e vai aperta três vezes no imbgo da criança e vai coloca la dentro tampinho no mesmo canto aí aí conforme aquele tampinho vai colocando vai sarando ali ai vai diminuindo a a rasgadura na inbigo isso aí eu tenho poque eu fiz pro meu filho ficar bom hoje ele éh rapaz num tem quem diga o que ele era nunca passei com médico pra dizer doutor me diga o que é o que é o que isso nunca não foi isso remédio que ensinavam não rí sim tú vai lá um tampim assim né ... vai uma comparação té mede o tamanho do imbigo aqui e vai mede lá no no quarto tira o tamanhinho que é e vai aperta três vezes aquele pedacinho de casca no umbigo e vai cola lá de novo bota no mesmo cantim deixa lá ficar coladinho aí aquela casca vai cola de nova e colando alí a ela ela assadura vai colando vai diminuindo né ... eu fiz com meu filho me ensinavam né ... e eu fazia hurum...</i></p>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de	Casca para problemas no umbigo e frutos para bebidas

	uso	
<b>Fu</b>	Formas de uso	O fruto maduro é usado para fazer licor (açúcar e bebida alcoólica), uso da casca para rasgadura, problemas no umbigo.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE Y – Informações gerais do termo “Mamão”

Fotografia 50 – Mamão, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 29: MAMÃO

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Mamão</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Substantivo masculino</i>
<b>Df</b>	Definição	<i>... uh mamão tanto ele é vitamina né ... ele é rico em vitamina o mamão ... pra criança pra idoso pra tudo ... eh como a semente dela é muito bom agente faze eh remédio pra coloca verme cum a sementi dele, pega a sementi dele seca bem sequinha ... assim bem sequinha agente torra ela bem torradinha ai soca bem...ai bota um poco de...massa de trigo de farinha de trigo ai da uma misturadinha ai faz um modelo dumas piulinha eh muito bom pra...fazer as piulinha pra tomar pra verminose ...</i>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	A fruta é consumida como alimento e as sementes são trituradas para uso medicinal.
<b>Fu</b>	Formas de uso	As sementes são trituradas, misturadas com trigo e feitas as pílulas contra as vermes em crianças.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE Z – Informações gerais do termo “Mangueira”

Fotografia 51 – Mangueira, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 30: MANGUEIRA

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Mangueira</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Substantivo Feminino</i>
<b>Df</b>	Definição	... a mangueira ela é bem grandi éh ... uma planta também ... ela é caseira agora ela é muito boa de nascer todo quase caroço dela nasce né ... e nu clima frio éh num frio é ... folha comprida estreita ... bem comprida e estreita ... a semete é uma semente bem grande que que ta ... que ta dentro do fruto né ... é assim um pouco chata a manga é a manga éh ... tem tem tem flor dela flor ela coloca assim ... uma assim tipo uma bage uma coisa assim uma flor assim ... assim uns pivãozim né e vai colocando as flor dela e ... a flor dela é bem piquinhinha as depois o fruto nasce dali da flor ele vai crescendo ... éh ela é uma arvore bem grandi ... cauli bem grosso ... é muito grande ela uns cinco metros ... acho que até mais de cinco metru ela é bem grande ... nós usa ela praa diarreia ... quando ta com muita diarreia e eh fazer o cha da do entre casca pra diarreia e pra tosse também fazer o lambedor ... é do entre casca ... tirar aquele entre casca do caule por que aquela casca de cima não serve pra nada, ai ... ah madeira também é o entre casca ai tira e faz o lambedo ela é travosa é travosa é ... ela é menos travosa que uh uh cajoeiro ... é amarela ... o cajoeiro é vermelho ... tomu cha ou então faz o xarope o lambedo como diz o xarope ... o xarope é um pouco mais grosso a gente tira o entre casca ... se tira ele bem limpinho se tiver o cuidado num carece lavar se sair um sujinhuh tem que lavar e bota pra cozinhar ... as depois que tira agua que para éh ... coa ele e colocao mel o açúcar que é pra ele ficar assim tipo dum xarope ... vai apurando ai tira coloca num vidro bem limpo e fica tomando isso é pra criança quando ta gripadu ... com tosse o xarope e pra diarreia é o chá ... faz o cha dele e toma nois usa ...
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	Para diarreia e tosse é usado o entre casca,
<b>Fu</b>	Formas de uso	Para diarreia é feito o cha do entre casca, para tosse e gripe é feito o “lambedor”, o xarope é feito do cozimento do entre casca com o açúcar.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal e Alimento

<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE AA – Informações gerais do termo “Maracujá”

Fotografia 52 – Maracujá, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 31: MARACUJÁ

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Maracujá</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Substantivo feminino</i>
<b>Df</b>	Definição	<i>... maracujá é folha é a fruta é a flor tudo serve ... é uma planta ... ela é caseira ... maracujá ela da em todo todo clima mas é melhor ... é no frio ... mais ela da em todos todo tempo ... ela sempre ela dá ... a folha é redonda ... é assim num é redonda não tem três parte a folha dela do maracujá ... ela é bem grandi tem três partes ... três separação assim ... três dedo como nois diz assim ... ela não é redonda três biquinho tudo junto com certeza ... é uma folha média e a sementinha dela é chatinha ... éh dentro do fruto ... bota o fruto e dentro uma sementinha ... a folha dela é bem grandi ... afror dela é bem grandi assim ... éh ...rouxinha assim ... aberandu o branco e por ... dentro do miolinho éh rouxinho ... cabeludinho ... o caule é fino éh um cipó ... ela dá assim ... ela é grandi por que se ela pegar uma planta sobe inté de acordo com a planta ... ela vai botando os galhos ai ela vai subindo ... ela serve pra ... éh pressão auta ... ela ela é calmante ... o maracujá ... ela é calmante ... e tanto faz ser a folha comu a flor ... Comu uh suco dela a fruta ela é calmante ... qualquer parte ... se não tiver o fruto pra genti tomar o suco ... fazer o chá da folha ... se tiver a fror pode fazer o chá que ela é calmante ... pra quem ta com estressi pra quem ta com falta de sonu ... a gente pode usar de tudo além disso de tem muita vitamina no suco e muita genti que tem muito estressi ... muita pressão alta pode usar o chá ... pode usar o suco diretamente ... eu digo isso por que eu gosto muito e o chá é o suco que eu mais gosto in até agora eu to com cinquenta e dois anos e nunca aumentou minha pressão graças Deus não tenho pressão ... alta ah eu gosto muito é o suco que eu mais gosto ela da sempre ...</i>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	Folhas e flores são usadas como calmantes, baixar a pressão alta e diminuir o estresse.
<b>Fu</b>	Formas de uso	Os chás das folhas e da flor como o suco do fruto.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal e Alimento.
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	O termo encontra-se no feminino devido a informante referir-se a planta.
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE BB – Informações gerais do termo “Mastruz”

Fotografia 53 – Mastruz, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 32: MASTRUZ

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Mastruz</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Substantivo Masculino</i>
<b>Df</b>	Definição	<p>... olha eli é du ele é du friu...mais eli é du friu mas eli num é aquela aquela qui gosta muito du friu eli gosta du friu mais eli gosta tambem bastanti da quintura...dus dois é ele num é eli é tem a sementinha deli...não eli dá em qualquer ambienti eli dá nu vasu eli dá chão nu abertu nu fechadu nu quintau fora du quintal nu nu como é...nu vazú em todú jeitu eli dá u mastruz é em todú jeitu pega eli joga a sementi aqui eli nasci daí eli vai crescer si eli eli tem bastanti duraçãú eli dura um ano mais di um anu né só qui é assim cai a sementinha deli também aquele um já morreu vai ficandu velhu vai morrendu e u otru já vai nascendu aqui u mastruz eli eli é assim é na terra qui eli si dá é difícilmenti eli eli si acabar porque nasci a sementinha deli assim é bem pequenininha bem pequenininha mais eli antis daqueli sementinha cair eli já nasci aqui eli já nasci demais ai...ela é alta muita alta nãú mas ela dá por aqui assim ela dá até um metru menus dum metru um poquinho né as vez ela ela bota galinhu também por todú cantu as vezis quandú é uma terra boa ela fica bonita...nãú ela é planta caseira ela num é nativa nãú ela é caseira...é compridinha a folha dela é compridinha é só uma folinha i tem uns dedínhus assim qui sai uns biquínhus assim uns bordadínhus né na folinha dela...a flor dela eu nunca vi a flor dela bota sementinha a flor dela eu nãú sei comu é qui é né tem a sementinha a sementinha é agarradinha tudu ali pela galhu dela pelu nu tronquinhu da folha dela ela já bota aquele galinhu i é aquele galinhu já vai botandu a sementinha a sementinha dela é bem pequenininha bem uma coisinha muita muidinha mesmu( )mastruz eli tem dois nomi mastruz i erva santa maria né...erva santa maria nãú nós aprendemos assim pelu livru eu conheci por mastruz mesmu aí depois quandú veiu um livru qui era pra gente estudar erva-santa maria erva santa maria a genti foi ver tava lá a fotu deli i conhecemus qui é o mesmu mastruz...</p>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	As folhas são usadas para machucados, anti-inflamatório.
<b>Fu</b>	Formas de uso	As folhas são amassadas e colocadas no local do ferimento, ingerido ou o chá das folhas.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal

<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE CC– Informações gerais do termo “Melão de São Caetano”

Fotografia 54 – Melão de São Caetano, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 33: MELÃO SÃO CAETANO

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Melão São Caetano</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Sintagma Terminológico Masculino</i>
<b>Df</b>	Definição	<p>...esse aí é nativo é uma ver...ele é um cipozinho beim ...do tipo uma trepadeira ele vai a donde tem uma arvi...ele se apodera pra ele sobre pra lá onde tem uma arvore...ele se pega também ele é do clima frio...do inverno...mais no verão ele sempre somi ele é nativo tambei ele num é uma planta assim ele é nativo no roçado quando a gente botou no roçado pra genti plantar assim gosta de nascer aí ele é assim ver uma arvore assim ele se apodera pra subir ele é um cipozinho bem fininho...vive junto com a planta ...não não ele é muito durativo vai vai um certo ponto quando o verão acocha muito ele fracassa...é ele fica assim bem fraquinh...ele é assim...o jeito dele e que nem maxixe assim...quando ele tá pegando o maxixe...quando agenti planta nu nu geral ele fica que ele rama assim...é o melau são caetano as folhinha dele é pequena menor que a folha de maxixe...redondinha é é...redondinha...os galinhu del...o cipozim é bem finin me dá aquele cipó é bem mais fino que o cipó do maracujá muito bem mais fininho...fininho mesmo é é...ela bota uma florzinha amarelinha só uma florzinha amarela ( ) aí depois o frutinho dele...ele bota um frutinho pequeninho é é assim peludinho que nem uns picozinhos quem nem maxixe redondinho assim...também me...té agora num sei dizer se serve pra alguma coisa faz o remédio da folha...é o chá...eu uso na garrafada...servi...pra inframação tudo...todo tipo de inflamação...aí eu pego ele...eu seco e bem sequinho na sombra aí eu uso na garrafada...na garrafada que eu uso...por isso eu digo as mias garrafadas todo tipo de remédio eu coloco lá...que serve pra uma coisa...ser pra outra...o frutu...quando ta maduro é amarelinhu...quando ta verdi parece maxixe...quando tá ele amadurece fica amarelinhu...sim...amarelo melau são caetano...não sei dizer...</p>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	As folhas são usadas na garrafada para inflamações.
<b>Fu</b>	Formas de uso	O cha das folhas para inflamações e também as folhas secas são usadas na garrafada para todo tipo de inflamação.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.

	Informante	
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	Quando a planta esta verde tem aparência de maxixe, quando maduro na cor amarela tem aspecto de um melão pequeno.
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE DD – Informações gerais do termo “Mortinha Miúda”

Fotografia 55 – Mortinha Miúda, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 34: MORTINHA MIÚDA

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Mortinha Miúda</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Sintagma terminológico feminino</i>
<b>Df</b>	Definição	<p>... éh ... ela é parente da mortinha peluda ... porque é nativa que nem a outra ... ela é nativa ela num é uma planta que a genti planta ... ela nasce sozinha ... até eh ... éh uma erva ... ela é nativa ... ela é medicina ... por isso que eu digo que é uma erva ... uma erva nativa ... ela dá assim ... ela gosta de todos os climas ... clima frio ... clima quente ... porque lá perto de casa tem uma arvi ... eh todo tempo tau so um jeito ... ser verão ou seja inverno ... sempre no inverno ela muda um pouquinho por que claro né num seca ... mas dá éh ... todo clima ela gosta ... mortinha miúda é porque ela é bem piquinininha ... a folha dela ... chama mortinha miúda porque ela dá mortinha folha mais miudinha que existi é ela ... é menor ainda que a erva do jabuti ... menor ainda ... ela é uma folhinha ela ela éh meia compridinha ela num é bem ... redondadinha não ... ela é compridinha a folha dela é bem miudinha ... agora ela sim ... ela é mortinha porque é uma arve tão bonitinha ... a genti cuidando dela ... ela é uma arve bem bunitinha porque ela dá meio baixa ... ela é copodinha ... formatu duma arve de jambreiro ... ela toda cheinha tem flor ... a flor dela é bem miudinha ... miuditinha (risos) não sei nem bem dizer é porque assim ... bem pequenininha é ... pequenininha a florzinha dela ... acho que tem sementi ... ainda não prestei atenção ... mais com certeza ela tem ... sementinha ... a mortinha miúda é lisa a folha dela é menor ela é liso éh essa outra mortinha peluda dá mais alto essa é muito baixinha ... a mortinha peluda é maior ... a folha é maior o olho dela quando ta sim ... que ela brota o olho novo é bem rosiozinhu da peluda ... essa uma não é toda só verdinha ... la perto da minha casa tem uma grande dessa arvore ... dessa arve eu já perguei um filhim dela ... assim ... assim que ela nasce ela brota o filho dela eu tirei plantei bem pertinho de casa ... ta bem bonitinho ... nois aprendemus com a minha avó quando uma mulher ganhava nenén né ... que não tinha aquele coiso de trazer pro hospital ... e tudo ... elas fazia o chá pra tomar ... porque a mortinha miúda faz a limpeza do utro da mulher ... por dentro da mulher né aí ela fazia o chá aí durante assim um ... éh quinze dias ... vinte dias ela ficava fazendo o chá ... só não era só dela pegava um monte de ervas ... pegava a mortinha, pega gengibre ... pegava um monte de coisas assim que elas sabiu e fazia u chá e nisso ficavam tomando ... planta que desinflamasse isso, ela fazia só só que eu ... faç u chá dela ela num é tão travoso assim ... mas ela tem esse poder de desinflamar a pessoa ... e eu conheci muito a minha mãe que a minha vó quando a</p>

		<i>mamãe teve os filhos que eu já me lembrava que depois de mim ela teve cinco filhos depois de mim né ... e nesse um eu via ela fazer esses chá, todo dia ela fazia o chá ... too dia ... num era o negocio de botar ... nesse tempo nem existia geladeira ... nu exista né ... aí a minh'vó era assim quando a minha mãe ganhava filho cada uma hora que ela ia... comer antes da refeição ela tomava o chá ... de manhã ... meio dia e de tarde e a noite ela fazia aquele chá antes da refeição ... feito da folha ... pegava assim tipo uns galinho bem fininho também ... ele tirava aquele galinho quebrava colocava tudinho na panelinha e cozinhava e dava ... e sempre nois era curiosa e perguntava vó pra qui é isso ... pra que servi, quando ela tava fazendu ... uma uma velinha muita paciente a vovó ... minha filha isso que é pra mulher que tem filho tem que tomar isso ... tem que tomar isso que é remédio pra fazer limpeza ... nois via ela fazer só do resguardo ... quando tava de resguardo essa outra mortinha peluda fazia assim um problema di di menstruação né ... qui eu disse naquele dia pega assim aquelas folhas bem vermelha folha dela novinha é bem vermelha ... enrolava nas folhas colocava embaixo da cinza quando já tivesse mole espremia e tirava aquele suco ... aquele caldo e colocava um pouco de cachaça e tomava pra normaliza ... já conheci por mortinha ... nunca perguntei ... ela tinha a mortinha miúda ... esse nome de mortinha é porque ela é bem miudinha ... tão insensivelsinha ... ela é tão ... eu acho... essas outras ... porque todas elas é mortinha né ... mortinha de morte (( risos))...</i>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	As folhas são utilizadas para o pós-parto e regular menstruação.
<b>Fu</b>	Formas de uso	Usar o chá para limpeza do útero e diminuir o sangramento na menstruação tirando o sumo da folha e misturando na cachaça.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	O termo mortinha está relacionado ao tamanho da planta, que é bem delicada.
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE EE – Informações gerais do termo “Mortinha Peluda”

Fotografia 56 – Mortinha Peluda, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 35: MORTINHA PELUDA

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Mortinha Peluda</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Sintagma Terminológico Feminino</i>
<b>Df</b>	Definição	<p>... nãu nãu é a morti essa uma é a vida num é a morti nãu erraru né pra butari a vida butaru mortinha...é mais achu qui é ela é nativa também ela é uma arvri mais já já bastanti maior... é uma arvri... ela trepa bastanti grandi a arvri dela u cauli dela eu já vi ate dessa grussura assim né té dessa grussura assim ela dá na capueira também assim numa capueira ela dá na mata assim eu sei qui ela é nativa mais eu nunca vi ela na mata veju é na capueira... não menor dá menor é eu já vi menor num sei si ela teim... é nativa nativa... é qualquer clima di qualquer ambienti ela nasci podi ser baxu podi ser terra seca ela dá... a folhinha dela é compridinha também compridinha larguinha i a flor eu da nunca vi a flor dela eu nãu sei dizer eu nãu sei dizer né sei qui ela assim u olhu dela assim qui ela brota qui ela tá renovada u olhu dela assim bas é bem vermelhu u olhu dela assim aquela folha nova é beim vermelhinhu beim vermelhu vermelhu mesmu... mortinha peluda... porque ela é cheiu di pelinhu uma uma us galhinhu a a os galhu dela assim aquelis galhinhu ( ) é cheiu di pelinhu... nãu num é a folha... é é us talinhu us talinhu assim... umrum issu... nãu nau nau... é é lisu é lisu... é pá folha qui é peludinh... é teim aquelis pelinhu mais é pouquin né por issu qui chamu mortinha porque ela teim varus tipu ai pra pra mudar ai butaru mortinha peluda mortinha( ) qui dá beim piquininhinha mermu qui a folinha deli é qui neim aqueli mato ali ai teim di otra mortinha qui é a vaúna qui teim aquela qui bota uma frutinha bem... vaúna qui chama criança gosta di comer dá muito nu pastu negociu di pasto assim di juquirá é vaúna a criançada comi qui ela ela dá qui neim num teim azeitona essas bicha aqui comé... nau... nãu eu nunca vi nãu nunca vi a frutinha dela mas com certeza ela bota porque assim ela ela é nativa as veiz genti num vai lá vê naquela época ela ta... sim num acompanha ai por issu qui é mortinha peluda porque tô dizendu assim tem varus tipu di mortinha i cada uma teim um nomi a mortinha peluda a mortinha essa outra qui é a lisa qui é a vaúna qui eu to dizendu né as folha dela... as folha dela são igual... é... é muita... muita muita folha muita ela é uma arvri assim qui ela dá qui ela ispalha galinhu pra todú cantu pra todú cantu ela sai galho dela assim ai( ) i aí ela é ela é uma arvri travosa ela é travosa ela presta tantu pra mulher é fazer banhu di assei u né ela é bom... issu... travosu sim... nãu num é... normau é é a folha nova dela aquela folha du quandu brota aquela folha nova qui ela</p>

		<p><i>fica assim beim vermelinha i pra assim mulher quando tá na menopausa qui as veiz passa dá assim passa du dia da menstruaçãu dela passa assim por que assim teim mulher quando tá im menopausa assim sempri assim passa assim né mais dia ai assim ai minha mãi sempri fazia assim ó i ensinava pega aquelas folhinha da mortinha peluda i lava ela beim beim lavadinhu i embrulha numa folha di guarimã i bota numa cinza dibaixu da cinza assim pra quilu assim amulecer nãu secar pra ficar assim pra depois qui tiver ali sequinha qui tiver moli qui tiver cozinhadu tira dali espremi i bota um pocu di cachaça i toma...ela solta ela ela solta ela depois dela tá ali né com aquela suou qui ela ta ali abafadu ela soa ela amoleci ai bota um pocu di cachaça i toma tinha genti qui ía na casa da mamãie i dizia assim qui tava com essi poblema né as veiz era menopausa i as mulhé nãu tinha essi conhecimentu qui era menopausa aí elas ficavu afrontada pensava assim qui já era um começu di hemorragia issu tudo né ( ) conversandu ( ) ai eu aprendi cum a mamãi quando foi certus tempus né ( )... issu é... aí um tempu tá cum mas ou menus um anu i pocu eu tinha uma minha colega tava assim colega da minha minina inte filha da parenti ali du antoniou froz ali neta du finadu antoniou froz né ela procuro ela mando i a dominga eu to passandu mau ela morava nu broca ela ligo si eu num sabia di um remédiu por que ela já tinha tomadu tanta da garrafada qui a mãi dela tinha feito i ela tava com essi poblema mais ela é nova mulher du primeiru filhu ela tá cum vinti dois anus pareci ela tá cum essi poblema ichi to seim coragi pra nada si eu num sabia ensinar um remédiu eu dissi a ( ) nãu eu nãu sei ensinar remédiu a tua mãi porque a mãi dela trabalha com garrafada também né a a mamãie fez uma garrafada pra mim eu fez foi piorá apiorá mais dominga eu to até com medu i eu num quiria ir negociu di cirurgia eu num quiria di jeitu nenhum nãu queru mi consultar ai eu peguei ensinei vou ensinar um remédiu qui a mamãi ensinava pra mulher ai eu peguei fez uma garrafinha né i mandei pra ela mandei u remédiu i feiz uma cartinha ensinandu comu ela fazia dissi adriani nãu vou fazer aqui porque pra mim fazer aqui tu mora longi ela morava nu broca aí eu mandei pelu carru di alunu ai depois qui eu vi ela dissi dominga graças a deus aquela remédiu foi em primeiru lugar pra mim será qui feiz beim feiz beim qui ichi eu neim foi neim mi consultar aquela remédiu ela mi dissi né... ela fazia assim quando us otru ensinavu pra ela né ai ela já aprendeu com vó com a mãi dela e aí ela fazia... nãu... é issu é ela fazia cum eu achu qui ela já aprendeu com a vó dela cum a mãi ai prantu ela já faziu aquela remédiu dava certu aí elas iam so passandu di vó passar pra mãe mãi passar pra filhu filhu já passa prus netu aí já vai...</i></p>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	As folhas para problemas com a menstruação, hemorragia e menopausa
<b>Fu</b>	Formas de uso	Utiliza-se a folha embrulhada na folha da guarimã esquentando no fogo, depois é espremida e colocada na cachaça.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	Existem vários tipos de mortinha, a planta com a folha lisa é chamada Vaúna.
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE FF – Informações gerais do termo “Pata de Vaca”

[não há registro da imagem]

### FICHA TERMINOLÓGICA 36: PATA DE VACA

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Pata de vaca</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Sintagma terminológico feminino</i>
<b>Df</b>	Definição	<i>... éh abertu, amplu é ... ela é é mais du friu ... ela é uma forma di pata de vaca memu ... ela dá assim né ela assim aí ela reparti uma folha ela tem dois divisão uma forma duma pata di vaca mermu ... ela éh média ela nãu éh tãu pequininha mas nãu éh tãu grandi também éh média ... eu nunca vi a flo dela porque eu essa arvre lá diabe lá nu nossu setor ela duro pocus tempu ela nãu duro tantus tempu nãu ela nãu chego a bota flo ... éh essi um eli num era tãu piquinihu mais eli num era tão grossãu diabet eli era porque ela ela foi num era era uma arvri nova porque é comu eu contei qui meu irmão elimino ela antis du tempu meu irmãu num sei u qui aconteceu or mininu cortaru ela num chegó a si forma eu num sei dize u tamanhu dela a grussura dela i eu diabet da nunca vi ela im otru cantu pra mim dize ó isso aqui eu vi essa uma lá im casa qui foi té um meu colega qui levo pra casa i deu um galhu pa minha irmã aí ela plantô i aí ela tava já um bom tamanhu aí agenti num tinha um diabetete di qui ela era assim tão assim valiosa né eli eli chegó diabetete assim ó diab aqui é remédiu mais eli num disse pra qui era i pra quê nãu naqueli tempu agenti num tinha ainda muita diabetete di assim fazê iab assim essi tipu di trabalhu remédiu garrafada essas coisa aí ela plantô lá i só sei qui iab sei qui lá a folha dela é assim () i ela ela creceu numa boa altura agora achu qui aquilu inda nu era u tamanhu dela assim diabetete né achu qui ela inda ia crecê mais ... ela é média ... é uma planta é ela é uma planta ... é média é média cum certeza ela é uma planta média ... nãu só o cauli a folha isso agente usa a folha dela pra remédiu i a casca pra fazê u chá pra diabetete né () me diabet qui ela é boa pra diabetete ela é folha i casca...</i>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	São utilizadas as folhas e o caule para Diabetes.
<b>Fu</b>	Formas de uso	Na forma de chás.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	O nome tem relação com o formato da folha (pata de vaca)
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE GG – Informações gerais do termo “Pé de Galinha”

Fotografia 57–Pé de Galinha, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 37: PÉ DE GALINHA

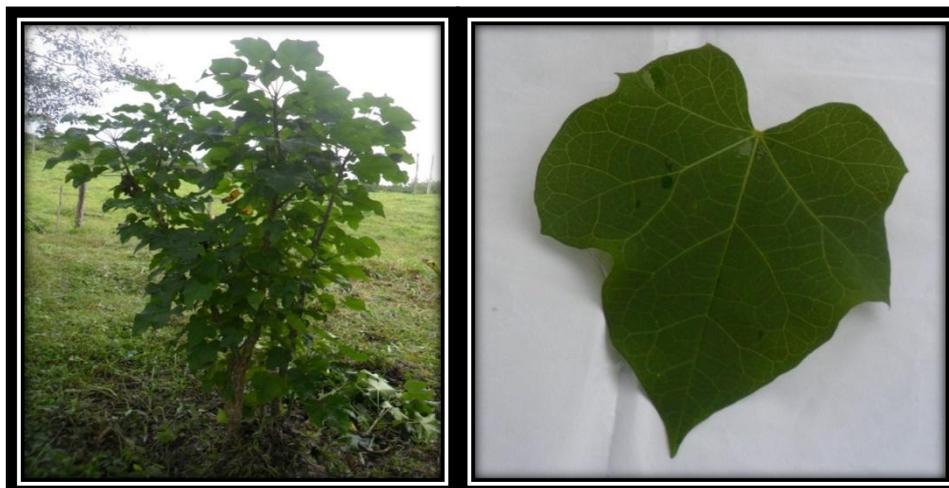
Lx	Lexema	<b>Pé de Galinha</b>
Cg	Classe Gramatical	<i>Sintagma Terminológico Feminino</i>
Df	Definição	<p>... ela é uma erva ela é uma erva... ela é nativa ela dá nu pastu assim né tipu um capim ela é um capim( ) só qui ela dá u formatu di um pé di galinha mermu... ela nasci aqui u pezim deli ali ela ispalha mais naquela a dondi ela espalha ali us pezim é qui ela bota a sementinha uma pequena semetinha também beim piquenininha... ela é mais ou menus meu palmu assim... beim miudinha... teim sim sim ela bota o caulizinho qui é u pé di u formatu di uma perna di galinha mermu u formatinho né bota aquela caulizinho ai na pontinha deli qui ela espalha u pezinhu aquelas folinha prum ladu i pra otu fica nu formatu di um pé di galinha... é é issu... é nu invernu é eim qualquer tempu é qualquer cantu ela dá... achu qui é por causa du formatu... nós conhecemus também cum ela né cum ela qué dizer quandu otra pessoa tava com dor di denti ela mandava fazer u chá assim quandu tava com aquela dor di denti assim cum inchaçu aí ela mandava fazer u chá faz u chá du pé di galinha pra fazia u chá esfriava i tomava ali ( ) porque naquela tempu edilene era difícil assim ah qualquer coisa ir pru hospital qualquer coisinha aquela tempu não tinha á cê ési nãu tinha aqui era muito difícil pra genti vir aqui pra pá né uma consulta uma coisa a minha vó a minha mãi num foru acostumada assim qualquer coisinha tá nu hospital qualquer coisinha sentia uma dor di cabeça ah eu vou pru hospital vou pru hospital di jeitu ninhum num era dessi jeitu nãu a minha vó eu conheci ela qui eu tô com cinquenta anu cinquenta i dois anu eu nunca vi ela dizendu assim eu queru ir pru hospital eu tô cuma dor di cabeça eu tô cuma dor di barriga eu tô com uma diarreia eu queru é ir pru hospital nunca ouvi nunca nunca nunca sabi comu eu nunca vi... só remédiu caseru... agora fossi na casa dela né ela ( ) uma panelinha di barru qui ela usava panelinha di barru aí di manhã ela preparava ela pegava é denti di alhu quandu nãu tinha u denti era casca du alhu um bucadu di coisa mastruz botava lá aí cozinhava nós chegava lá qui nós era curiosa né...vovó pra qui é issu aqui é pra mim beber mais u qui é que sê tem vó nada meu filhu issu é remédiu mermu mi deu na cabeça deu fazer as vezes ela dizia assim eu amanheci assim com uma dozinha nu meu estômagu uma coisa um ventu uma coisa assim quasi naquilu eli si curavu naquilu ela nunca foi eu nunca vi ela num hospital nãu assim dizendu eu queru ir eu vou mi consultar mi levu pra mi consultar nunca eu mais saudia era ela quandu adoeceu foi pra morrer velhinha já quandu ela adoeceu</p>

		<i>foi pra morrer i ela foi assim ela caiu aí si bateu né ai u titiu ainda ainda quis levar ela pra consulta pru hospital ela num quiz ir di jeitu nenhum ela dissí qui nãu adiantava ela ir qui ela sabia qui ela nãu ficava boa era tempu dela morrer i ela já tava velha di idadi ela já andava devagarinhu u titiu anda feiz umas consulta assim pra ela foi consultar i trouxe umas injeção mais ela nãu ficou boa mermu mais nãu...</i>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	As folhas são usadas para dor de dente e inchaço na boca.
<b>Fu</b>	Formas de uso	Faz-se o chá das folhas para dores de inchaços nos dentes.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	A planta tem aspecto de um pé de galinha.
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE HH – Informações gerais do termo “Peão Branco”

Fotografia 58 – Peão Branco, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 38: PEÃO BRANCO

Lx	Lexema	Peão Branco
Cg	Classe Gramatical	Sintagma Terminológico Feminino
Df	Definição	<p>...é uma planta é caseira clima tantu faz ela gosta...lugar que ele...ela ela gosta tantu faz éh a...ela é bem resistente inverno verão verão ela é resistente ela sim... a folha...dela é media ela é redonda...folha dela verdi...o fruto dela...ela...bota assim tipo...hum::: tipo caixinho ai dentro da da daquele cachu da a... sementi né...bota as sementinhas e quando a genti pega dentro aquela caixinha tem sementinha dela...que a gente abre o remédio e a sementi dela que éh o remédio ela da o cacho bota o cacho assim...as pontinhas daqueles coisinhos assim...bota o fruto ai dentro do fruto daquelas daquelas cachopinhos parte que tá a sementinha a sementinha preta dela ela bem...éh a sementi que usa no caso do peau... a folha dela é remédio pra...no caso ta com dor de cabeça uma ma tontura mucha a folha dela a folha do peão branco mucha um pouco no fogo passa um pouco de alho e coloca na testa e pra tontura... né...minha vó fazia cuando alguém com tontura fazia isso...aí o leite dele que a genti corta assim o caule dele sai dele uma aguazinha é e também muito esse nódia se pegar na roupa da genti tem que ter muito coidadu usar o leiti...ele aí si tiver criança que tiver ferida na boca antau dor de denti muito celente pra usar o leiti corta o leitizim dele bota numa esponjinha de algodão e coloca no denti ferida na também é bom também agenti pega apara o leiti dele bota um pouquim de sal e coloca na boca da criança...a sementi dele...a genti pega a semnetinha dele aquela sementi num éh tao pequenininha ela é muito bem maior que a sementi de urucumbem maior...a genti pega ela...eh uma criança tiver com tosse...tiver eh...problema daquela asmaela servi pru bucado de coisas as veis febre as veis farti a criança num quer comer...se pega ele assim parte aquele sementinha tem o coidado de tirar a folhinha porque agenti fica olhando assim agenti percebi a folhinha dele que ta dentro daquela sementinha...uma folhinha dentro...assim pra nascer né...aquela folhinha assim quando ela ela agenti parte já percebi a folhinha já ta li aquela folhinha agenti tem que tirar tudinhu na mim...pega uma faca tira tudinhu e pega aquela sementinha...ela é que nem uma coco que nem um coquinho assim né...aquela massinha ai pega faz um...bota ela pra assar...bota...ela fica amelinha...ai pega pisa pisa e da pra criança pouco também né...muito não porque se der muito ele da um acesso de vomito que é forte éh...isso aí é remédio mas né todo mundo que sabe fazer e é difícil de ensinar pro outra pessoa fazer remédio caseiro tem essa ciência né...purque a genti não sabendo fazer...agenti até evita de ensinar pra uma pessoa porque ele não tem costume de fazer...ele tem</p>

		<i>ciência remédio caseiro...tem chá que a genti pode beber o tanto que fornãõ ta nem ai...mas agor...tem remédio caseiro...o peão...o peão é muito...a minha mãe fazia pra nois agenti começa a tossir...nois era muito né...uins tussindu as veis gripadu ela tirava...ela tirava aquela folha...pegava uma pontinha da faca... eh...mae o que é isso no criança curiosa sabe coma é ne...eh olhe isso é afolha que tem que tirar se comer com essa folha morre ela dizia né...é veneno essa folha tem que tirar e assava so as bandinhas ela pegava um espetinhu fazia uns espetinhos bem fininhu botava pra assar so na quentura depois ela moía assim...dava para nois comer...quando dava certo ela misturava com qualquer coisa...quando dava certo quando não dava assim... quando nois já era entendido...por meus filhos eu nunca fiz...eu já comi...mais eu nunca fiz nuca cheguei a fazer eu sei fazer...eu sei preparar do jeito que minha mãe fazia pra nois nunca dava nunca dava mais de uma sementi...com a folhinha muito coitado com aquela folhinha de dentro da sementi...</i>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	As folhas são usadas para dores de cabeça e tontura. Do caule é retirado um leite para dor de dente, feridas na boca. A semente é usada para febres e vômitos.
<b>Fu</b>	Formas de uso	Faz-se o chá das folhas para dor de cabeça, para tontura a folha é esquentada com um alho e colocada na lateral dos olhos. O caule tem um leite que é retirado para colocar com um pouco de sal nos casos de dores no dente, ou feridas na boca. Dentro da cachopinha da planta tem a sementinha que é assada e triturada para acessos de vômitos e febres.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	Dentro da sementinha da planta existe uma folhinha bem pequena que deve ser retirada para o preparo do remédio, segundo seu saber a folhinha é venenosa, por isso nem todos sabem preparar a medicação.
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE II – Informações gerais do termo “Quebra Pedra Branco”

Fotografia 59 – Quebra Pera Branco, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 39: QUEBRA PEDRA BRANCO

Lx	Lexema	<b>Quebra Pedra Branco</b>
Cg	Classe Gramatical	<i>Sintagma Terminologico Feminino</i>
Df	Definição	<p>... é uma erva uma erva... ela é ela achu qui pertenci um poquinho friu um poquinho quenti ela também dá assim ela também dá nessa época assim di nãu muita chuva nãu muito sol... sempri ela ela gosta di dá i ai também ela... ela é nativa também ela nasci assim também pelu quintau nu canteru... sozinha ela nasci e ai quando chega u verãu qui é u verãu aperta muito aquela verãu di novembru dezembru ela morri ela si acaba... nãu ela é assim num teim u cuminhu di planta u cuminhu di planta já viu u cuminhu di planta nãu nãu.. sim sim sim () aquela cuminhu qui a genti planta nu canteru né pois é eli é daqueli jeitu é u formatu da di cuminhu... sim sim sim pois é... nãu mais quando a genti dexa eli crescer eli da sementi... é eli num cresci porque quando chega aquela época a genti tem qui arrancar pra planta otu pra genti vender daqueli jeitu né mais deixandu eli sementa i a a quebra pedra eli fica na formatu di дума arvri di cuminhu di planta i ai eli a folha deli é beim miuditinha eli é eli é uma avre assim pequeninha também e a a folha deli é bem miuditita assim... a folhinha deli... mais ou menu... é a folhinha... dá muita piquininha também mas dá florzinha dela beim miuditita ela... teim teim teim... nãu nãu não... não é uma plantinha piquininha mas é uma planta é qui neim qui neim u cheiru verdi qui nem u cheiru verdi eu nunca vi u cheiru verdi assim di flor né mas eu já vi mas eli é qui neim u cheiru verdi assim a avrinha deli ai dá dá us galhinhu dá as folhinhas beim miuditita assim... porque eli distrói as pedra di rim né achu qui é por issu qui u nomi deli é quebra pedra quebra pedra... eu aprendi nu livru também nu livru foi qui eu aprendi... issu... foi a minha mã i minha vó a minha mã i minha vó qui muitas dessa essa daí agenti sabia dessi nomi quebra pedra agora nãu sabia a importância qui eli tinha mas u nomi a genti já sabia... por que ela é branquinha a a folha porque teim di duas marca tem du roxu i teim du branquinhu... i u bom... é o que é... branquinha piquininha i branquinha... i du roxu eli é du mesmu formatu mas só qui eli é roxinhu também... é a folha é a folha a raiz i assim a genti arranca ela tudu i lava i bota pra fazer u chá deli completu folha cum raiz cum tudu...</p>
Fd	Fonte de Definição	A informante
Pu	Partes de	As folhas são usadas para problemas renais

	uso	
<b>Fu</b>	Formas de uso	Na forma de chás contra as pedras nos rins, e na garrafada.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	O nome da planta tem relação com a função.
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE JJ – Informações gerais do termo “Salsa”

Fotografia 60 – Salsa, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 40: SALSA

Lx	Lexema	Salsa
Cg	Classe Gramatical	Substantivo feminino
Df	Definição	... nãu a salsa di remédiu é otra... ela é du ela tantu faiz pra ela ela gostu du du mais ela é du ambiendi mais friu um tempu dessi( ) ela ela podi passar u verãu mas ela num morri mais nãu ela fica assim meia fraquinha amareladinha mais ela num morri quandu chega u invernu ela renova tudim ela fica toda renovada e ai a folha dela é bastanti grandi também é assim num formatu dum coração também ela só qui ela é mais grandi e é é um cipó também ela é cipó... quandu quandu dá certu dela subi ela sobi mais ela é du chãu... du chãu é du chãu ... nãu nãu... é sobi é é si ela ver otra otra planta ela sobi i aqui ela já bota u cipó ela já já sobi aqui se der certu prela descer i ela vai dandu cipó i vai dandu raízes nu cipó i vai i pegandu vai indu ela num é aquela raiz só nu pé dela nãu ela vai botá nu u cipó i vai i vai raizandu... issu daí eu num sei dizer eu conheçu por essi nomi ( ) ... é porque... nãu é ela é nativa é é nativa... té nu lugar qui ela dá qui ela nasci é difícil ela até si acabar... nãu... só salsa é... é é porque a du temperu ela é qui neim cheiru verdi né du mesmu jeitu du cheiru verdi a salsa du temperu i essa uma nãu ela é um cipó ela dá assim... pertu di casa teim uma a genti luta pá acabar... essi comê di rola ô ô essi que dá eli dá mais nu roçadu... é elas vãu... a salsa teim muito lá pertu di casa ela chega nu terreru eu cortu eu arrancu só qui ela é difícil dela si acabar ela fica escondidinha ela fica to dizendu nu verãu ela fica amarelada só qui ela num si acaba pa dizê morreu não nós arranca nós corta ela...
Fd	Fonte de Definição	A informante
Pu	Partes de uso	As folhas são usadas em alimentos.
Fu	Formas de uso	Usam-se as folhas como cheiro verde, serve para dar sabor no alimento.
Fn	Finalidade	Tempero
Di	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
Dp	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
Nt	Nota	
Dc	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.

## APÊNDICE LL – Informações gerais do termo “Vassourinha”

Fotografia 61–Vassourinha, com detalhe da folha



Fonte: Dado registrado durante a pesquisa, 2014.

### FICHA TERMINOLÓGICA 41: VASSOURINHA

<b>Lx</b>	Lexema	<b>Vassourinha</b>
<b>Cg</b>	Classe Gramatical	<i>Substantivo feminino</i>
<b>Df</b>	Definição	<p><i>...ela é nativa ela nasci também nu pá assim terreru nu quintal sempri a vassorinha sempri ela gosta mais assim assim du molhadinho du úmidu... é mais nu verãu ela é bastanti resistenti também nu verãu... é com certeza... é nãu uma arvrizinha também uma arvri piquinininha mas ela é arvri num é rastera nãu num é grama ela é formatu duma vassora bota arvrinha aqui daqui espalha us nasci us galinhhu né ela espalha aí teim a folha dela é qui neim a folha di mastruz ela é mais menas mais é u mesmu formatu da folha di mastruz assim é uma folinha... uma folinha com com um frizadinho assim só qui pequena é menozinha um pocu du qui a folha di mastruz i aí a sementinha dela é beim pequenininha também dá umas bolinha assim umas bolinha qui neim um pirulituzinhu uma coisa só qui é beim piquininha né aí ela bota a sementinha dela também... sim a florzinha dela é assim meia roxinha beim piquininha a florzinha dela bem piquininha assim meia roxinha, branquinha, assim um roxozinhu claru... eu aprendi com a minha vó também com us meus tiu inté quando quando eu tinha um tiu vinha a ser tiu da mamãi a genti considerava qui neim avó eli eli benzia dor denti aí quando eli chegava uma pessoa lá à eu vim aqui pra oce benzer meu denti eli tá doendu num sei u quê eli mandava vai apanhar uma vassorinha um galhinhu di vassorinha pra mim com aqueli cum aqueli galhinhu di vassorinha qui eli fazia u trabalho deli assim benzia né ai agenti aprendeu aí as depois ai tinha veiz qui eli fazia eu fazia aqueli trabalho ai depois as veiz eli dizia olha au chegar na tua casa pega dois dois três pontinhas di folha di vassorinha i pisa com pouquin di sal i coloca quando u denti tinha aqueli coisa né aquela furadu né bota um pouquin di sal i coloca ai genti fazia era u remédiu qui eli mandava i ficava bom ai conheci por vassorinha porque a vovó também dizia qui era era um vassorinha porque é é pa ensinar criança pequenu tira um galhu di vassorinha i meti nais costa dessi safadu por qui galhu di vassorinha num dói muito é pra ensinar criança pequena né aí tinha qui dizer assim ai também antigamenti ar mulher faziu vassora pra varrer... da planta apanhava dondi tinha muito né apanhavu ela i amarravu assim aqueli flexu aqueli monti i botavu num cabu di pau i faziu vassora pra varre dondi num... nãu nãu ela é beim ela é beim uma uma beim cheinha é uma plantinha pequenininha mais ela é cheia ela é quasi qui neim u mastruz( ) ...é u mastruz eli espalha mais eli eli eli cresci assim mais grandi eli</i></p>

		<i>bota mais assim eli fica maió a a vassorinha ela é um formatu di uma arvri di jambreru só qui é piquininha mais é naqueli formatinhu qui ela é di jambreru... nativa... é pra alergia também é banhu fazer u banhu dela qui é pra...</i>
<b>Fd</b>	Fonte de Definição	A informante
<b>Pu</b>	Partes de uso	As folhas são usadas para dor de dente
<b>Fu</b>	Formas de uso	Pega-se a folhinha amassa com sal e coloca em cima do dente.
<b>Fn</b>	Finalidade	Medicinal
<b>Di</b>	Dados do Informante	Domingas Alves de Sousa, 53 anos.
<b>Dp</b>	Dados do Pesquisador	SALOMÃO, A. E. M. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA – PPGLSA)
<b>Nt</b>	Nota	A planta era usada como vassoura pelas mulheres por ser bem encorpada, além disso usava para disciplinar as crianças e também em rezas pelo tio.
<b>Dc</b>	Data da Coleta	04/02/2014

Fonte: Dados catalogados durante a pesquisa, ano 2014.